

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

I.1 Introdução

Concluídas uma licenciatura em Estudos Portugueses e a parte escolar do mestrado na mesma área, não cheguei, em todos estes anos de leituras, a perscrutar o universo literário da minha região. Naturalmente, o curso investe em dar aos seus alunos o cânone literário e os instrumentos para que possam posteriormente criar a sua própria Biblioteca. Será esta a oportunidade para alargar os horizontes e proceder ao levantamento da produção literária no Algarve, dando início à sua Biblioteca Literária.

O denominador comum desta Biblioteca é o meio através do qual foi produzida, possibilitando a sua perpetuação: a tipografia. Indagar-se-á, por um lado, o reaparecimento da arte tipográfica no Algarve, as suas motivações e a sua evolução; e, por outro lado, buscar-se-á a constituição de um *corpus* literário aqui impresso, pretendendo desvendar textos, autores e movimentos literários.

O nosso objecto condiciona, portanto, as balizas temporais em que o estudo se inscreve: estaremos circunscritos ao momento da reaparição da tipografia na província – século XIX – e ao momento do seu declínio – século XX¹.

A investigação reporta-se a este período e foi pautada por várias questões, às quais tentamos dar resposta nos capítulos II e III. Como ressurgem na região as oficinas tipográficas? Quais são os seus objectivos? Qual é a sua produção? Como evolui a actividade tipográfica? Quem são os seus proprietários e os seus artistas? Quem são os autores que insuflaram a vida literária da região? Quais são os textos que produziram? Quais as relações que estabeleceram com as oficinas onde os deram a compor e a imprimir?

O primeiro livro impresso em Portugal saiu do prelo de Samuel Gacon, que teve a sua oficina instalada em Faro, onde imprimiu o *Pentateuco*, a 30 de Junho de 1487. Porém, esta oficina não teve, ao que se sabe, continuidade. Somente no ano de 1833, em pleno clima de confrontos entre liberais e absolutistas, o Algarve voltou a receber os prelos da Imprensa, através de uma “Imprensa do Governo”, onde foi impresso a *Chronica do Algarve*, um prospecto que anunciava um jornal da facção liberal.

Com o fito de nos documentarmos devidamente para levar a cabo esta empresa, rapidamente nos demos conta de que a bibliografia da história do livro em Portugal não

¹ Incluem-se as oficinas fundadas com material tipográfico, ainda que actualmente já tenham feito a transição para o sistema off-set.

é abundante e, se passamos o limiar do século XX, essa circunstância agudiza-se². Por outro lado, a história da tipografia moderna também se encontra praticamente por fazer, pelo que são raros os estudos para este período³. No que à actividade tipográfica algarvia concerne, a bibliografia reunida não passa de pequenos artigos, de índole memorialista, em periódicos regionais. Esta actividade não foi ainda objecto de estudo, embora se avancem com dados essenciais para a sua reconstrução nas obras de José Vieira Branco, *Subsídios para a história da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*⁴, e na de José Carlos Vilhena Mesquita, *História da imprensa do Algarve*⁵, obras determinantes para este trabalho, na medida em que proporcionaram um primeiro diagnóstico das oficinas existentes na região⁶.

O primeiro dos autores teve no início da sua vida profissional uma incursão no mundo da tipografia, embora tenha seguido a carreira militar. No entanto, o gosto pela letra de forma ficar-lhe-ia gravado na memória, assim como o desejo de esboçar a história da imprensa algarvia, sendo o primeiro autor a fazê-lo. Este estudo, editado postumamente em 1938, está organizado por concelhos, inventariando-se para cada um deles os jornais aí publicados e as tipografias onde foram impressos. A estas informações, o autor acrescenta notícias várias, quer sobre as publicações, quer sobre a vida das respectivas oficinas, mas sem critérios definidos.

De 1988, data o primeiro volume assinado por José Carlos Mesquita Vilhena, cujo objectivo foi a constituição de: “um inventário e uma súmula da importância histórico-cultural de toda a Imprensa Algarvia”⁷. O inventário, como o autor revela, visa

² O trabalho da Biblioteca Nacional, coordenado por Diogo Ramada Curto, é ilustrativo visto que termina precisamente no século XIX: CURTO, Diogo Ramada (coord.), com a colaboração de Paula Gonçalves, Dulce Figueiredo, Manuela D. Domingos e Luís Farinha Franco, *Bibliografia da História do Livro em Portugal: séculos XV a XIX*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2003.

Para o século XX português, poder-se-á ainda assim encontrar uma tese de mestrado da autoria de Susana Soares Branco Durão que durante três anos estudou *in loco* a actividade tipográfica em Lisboa, mas numa perspectiva etnográfica. Cfr.: DURÃO, Susana Soares Branco, *Os últimos tipógrafos, a arte negra e o seu fim: 1940 – 1996: a Antropologia nas tipografias de Lisboa*, dissertação de mestrado, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1999.

³ Durante a investigação bibliográfica, deparamo-nos apenas com o levantamento levado a cabo por Gil do Monte nos seus *Subsídios para a História da tipografia em Évora nos séculos XIX e XX*, vol. II, Évora, s.n., (Gráfica Eborense), Mar./1980.

⁴ BRANCO, José Vieira, *Subsídios para a história da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*, Faro, ed. de autor, 1938.

⁵ MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da imprensa do Algarve*, 2 vols., Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve e Direcção-Geral da Comunicação Social, 1988/1989.

⁶ Inicialmente pensámos em abordar somente as oficinas que tivessem impresso obras literárias. Todavia, o confronto com a árida realidade bibliográfica nesta área, surgiu-nos como um belo desafio a que podíamos meter ombros. Assim, se decidiu levar a pesquisa um pouco mais longe e tentar fazer um levantamento de toda a actividade tipográfica no Algarve.

⁷ *Op. cit.*, nota 4, p. 13.

completar e corrigir o seu precedente, mantendo o mesmo sistema organizativo (por concelhos), embora apresente critérios definidos que proporcionam uma descrição analítica das espécies inventariadas.

Ambos os estudos se centram na imprensa periódica e não na livreira, fazendo um levantamento dos jornais e das revistas impressos no Algarve, desde 1833, e abordando de forma marginal a actividade tipográfica.

No que à actividade literária algarvia diz respeito, existem alguns estudos sobre as obras de Cândido Guerreiro, João Lúcio, Emiliano da Costa, António Aleixo, Bernardo de Passos, Teixeira Gomes, António Ramos Rosa ou Lídia Jorge. Mas não existe qualquer levantamento bibliográfico da produção literária impressa no Algarve.

Deste modo, pretendemos contribuir para colmatar estas lacunas na história da cultura algarvia, convocando necessariamente conhecimentos da História Literária, da História do Livro e da Bibliografia.

O nosso quadro metodológico foi também desenhado a partir dessas três disciplinas. O primeiro passo foi o da pesquisa de bibliografia regional que pudesse fornecer dados sobre a existência de oficinas tipográficas e, simultaneamente, sobre autores, ou textos impressos na região. Revelaram-se de extrema importância as já citadas obras de José Vieira Branco e de José Carlos Vilhena Mesquita, as quais permitiram um primeiro levantamento das oficinas⁸, assim como a obra de Mário Lyster Franco⁹, determinante para a constituição do *corpus* literário apresentado. Para além deste diagnóstico inicial, encetámos a consulta aos acervos da Biblioteca Nacional, da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, da Biblioteca da Casa do Algarve, das Bibliotecas Municipais de Lagos, Portimão, Silves, Albufeira, Loulé, Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, da Biblioteca do Arquivo Distrital de Faro, do Centro de Documentação de Loulé, do Centro de Documentação da Região de Turismo do Algarve e da Biblioteca da Universidade do Algarve. Outras fontes cruciais foram as colecções privadas, nomeadamente, a Biblioteca de João Tavares, o espólio de

⁸ Ao longo deste trabalho teremos oportunidade para proceder à análise crítica das informações avançadas por estes dois autores, por forma a estabelecer a existência das várias oficinas.

⁹ Refiro-me à *Algarviana: subsídios para uma bibliografia do Algarve e dos autores algarvios*, vol. I A-B, Faro, Câmara Municipal, 1982. Para além deste volume editado, foi possível consultar a documentação ainda inédita que constituirá os restantes volumes, depositada no Centro de Documentação da Região de Turismo do Algarve.

Mário Lyster Franco e a colecção da Livraria Simões, assim como os periódicos regionais, onde se obteve grande parte da informação que agora damos a conhecer¹⁰.

Para o levantamento da actividade tipográfica, deparámo-nos com algumas dificuldades, tendo em conta a nossa impreparação para conciliar o trabalho de campo¹¹, com o da investigação nas bibliotecas e arquivos.

Assim, organizámos a nossa pesquisa por concelhos, orientada de Barlavento para Sotavento e começámos precisamente pela consulta bibliográfica: consultámos o respectivo arquivo histórico e a biblioteca municipal para nos dotarmos de bibliografia sobre a história do mesmo e eventualmente sobre a sua actividade tipográfica; para recolhermos informações biográficas sobre autores e tipógrafos e ainda em busca de estudos de toponímia¹², essenciais para o período em causa. Depois partimos para a Biblioteca Nacional, tantas vezes quantos os concelhos tratados, para consultar a imprensa periódica correspondente. Tratámos a informação recolhida e encetámos, finalmente, o trabalho de campo com visitas às oficinas ainda existentes, onde recolhemos os testemunhos biográficos e profissionais e onde contactámos com os materiais e as técnicas tipográficas.

A investigação visou determinar o período de laboração da oficina, legal ou não, o seu fundador e restantes proprietários, a sua localização, o seu percurso legal, o seu quadro e o seu parque tipográficos, as fases de produção dominadas, os géneros impressos e, finalmente, quando possível, determinar a sua relação com o espaço envolvente e com os clientes que a frequentavam¹³. Não obstante, nem sempre foi possível determinar todas estas informações e, por vezes, tivemos apenas notícias de que a oficina A ou B existiu. Não foi por isso que o obliteramos e aqui deixamos o registo de todas as oficinas das quais obtivemos notícia. Naturalmente, existiram outras,

¹⁰ É verdadeiramente de lamentar que não exista por parte das Câmara Municipais algarvias o gosto por possuir os respectivos periódicos. Apenas Loulé foge a esta regra, tendo diligenciado para adquirir fotocópias junto da Biblioteca Nacional. A existência das suas colecções em bibliotecas algarvias determinará, estou certa, uma outra dinâmica aos estudos da região. Por outro lado, é também lastimável o avançado estado de degradação em que se encontram muitas das colecções de jornais algarvios na Biblioteca Nacional, algumas já irrecuperáveis. Da conservação destas espécies depende, no fundo, a possibilidade de recuperarmos a nossa história.

¹¹ A primeira vez que tive oportunidade de realizar trabalho de campo, entenda-se entrevistas, aconteceu no seminário de História do Livro II, incluído no mestrado que me encontro a finalizar.

¹² Ao longo da investigação deparámo-nos com uma outra lacuna nos estudos algarvios: a escassez de estudos toponímicos, que permitam a localização contemporânea. Esta lacuna fez-nos demorar frequentemente mais do que seria razoável, para tentar determinar com utilidade a localização geográfica das tipografias.

¹³ No que concerne ao concelho de Olhão, mais especificamente à Tipografia da Editora Olhanense, Lda. (v.), os dados encontrados sobre a relação da oficina com o espaço envolvente e com os seus clientes, revelaram-se de tal forma surpreendentes e importantes para o estudo em causa, que optámos por incluir o subcapítulo II.I.8.12.a, intitulado “*Correio Olhanense*: um órgão promotor da cultura algarvia”.

mas o seu carácter ou de “casa de obras”¹⁴, ou mesmo de instalação ilegal¹⁵, foi razão para que delas não exista rasto.

Verificámos, com frequência, uma proliferação de designações para a mesma oficina. Assim, optámos por estabelecer como entrada a primeira designação conhecida, colocando as restantes em entradas remissivas.

Os dados obedecem a uma organização geográfica, de Barlavento para Sotavento, conforme já referimos, e dentro de cada concelho preside o critério cronológico.

O catálogo teve por base a elaboração de fichas descritivas para cada espécie¹⁶, das quais partimos para as entradas bibliográficas. Simultaneamente, foi criada uma base de dados no programa Microsoft Excel a fim de registar todas as edições encontradas para o período estabelecido. Esta base é composta por vários campos¹⁷, susceptíveis de fácil actualização e possibilitando filtrar informação por qualquer um deles. Os critérios perfilhados na preparação do catálogo são os que se encontram expostos à sua entrada.

Esta dissertação organiza-se em torno de quatro eixos que se complementam. Num primeiro momento (capítulo II), apresentam-se os resultados da pesquisa sobre a actividade tipográfica no Algarve e seguidamente procedemos à sua caracterização. Num segundo momento, debruçamo-nos sobre o catálogo (apêndice I), que constitui o terceiro eixo de interesse, para inferirmos algumas conclusões sobre a actividade literária que caracterizou o Algarve e, finalmente, num quarto momento, apresentamos os dados biográficos possíveis dos tipógrafos, dos industriais das artes gráficas e dos autores que animaram a província durante estes dois séculos.

¹⁴ “Casa de obras” é a designação dada pelos tipógrafos para se referirem às oficinas centradas na produção de trabalhos comerciais, como cartões, facturas, recibos, etc..

¹⁵ Muitas oficinas foram instaladas ilegalmente. O tipógrafo comprava uma máquina impressora e algum material de composição e instalava-se numa pequena oficina à experiência. Se o negócio se mostrasse rentável, tratava posteriormente da sua legalização, caso contrário, encerrava portas e para todos os efeitos nunca tinha existido. Esta forma de trabalhar foi-nos relatada por vários tipógrafos.

¹⁶ As fichas são compostas pelas seguintes informações: Encabeçamento (género, autor, tradutor ou prefaciador, capista ou orientador gráfico); Pé de Imprensa (editor, data e local de impressão, depósito legal); Colação (paginação, tipo de letra, formato do livro, gravuras, papel); Texto (folha de ante-rostro e folho de rosto); Para-texto (dedicatória, prefácio, epígrafe, marcas de posse); Encadernação (tipo, capa, contra-capas, badana); Fontes (exemplares conhecidos); Observações.

¹⁷ Os campos definidos são: número de registo, data, autor, título, número de edição, capista, colecção, número da colecção, tipologia documental, editora, designação da tipografia, colecção proprietária, localização (cota), data de consulta e observações.

CAPÍTULO II

II.I A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO ALGARVE

DURANTE OS SÉCULOS XIX E XX

II.I.1 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE LAGOS

II.I.1.1 Tipografia de Francisco Xavier Baptista Xula (1840 – ?)

A actividade tipográfica é um dos factores que comprovam a efervescência do concelho de Lagos durante o século XIX, o segundo a conhecer a luz da imprensa, mas o primeiro de iniciativa privada, uma vez que os prelos que inauguraram a arte no Algarve, mais precisamente em Faro, pertenciam à Imprensa do Governo (v.).

A existência da Tipografia de Francisco Xavier Baptista Xula (v.), no ano de 1840, situada na rua de Santa Maria, n.º 131 (actual rua 5 de Outubro), foi comprovada por José Carlos Vilhena Mesquita, que encontrou na Torre do Tombo um folheto impresso nesta oficina¹⁸. Presentemente, é possível consultá-lo no fundo do Ministério do Reino: Autos de Aclamação, Felicitações e Juramentos, caixa 59, Maço 2, macete 11, Lagos.

O macete é constituído por um manuscrito de António Correia de Mendonça Pessanha, representante do círculo de Lagos para a eleição de deputados, que serve para o mesmo se apresentar enquanto representante e para justificar os erros tipográficos:

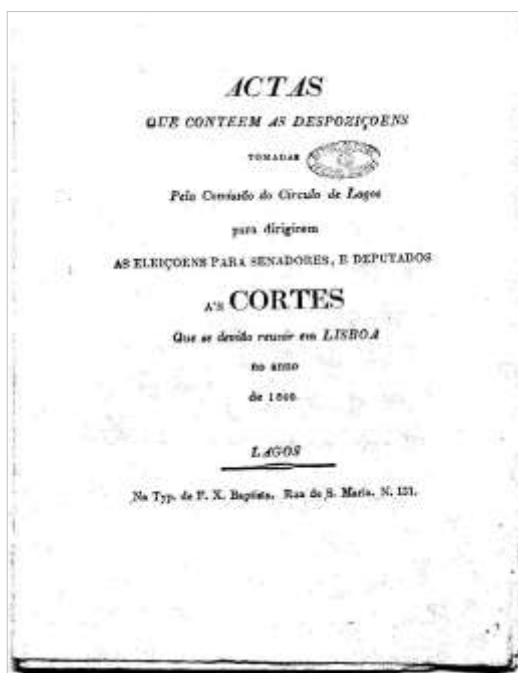
“Tenho portanto a honra de ser o intérprete dos sentimentos da dita Comissão para com V. Ex.^a, tendo também a rogar-lhe que se digne desculpar, não só este arrojio, como os erros tipográficos que aparecem na impressão **por ser esta ainda nova e é um particular que a dirige.**” (subls. meus).

O manuscrito está datado de 22 de Junho de 1840 e tendo em conta as declarações acima citadas, poderá indiciar que a oficina tenha sido instalada na cidade nesse ano. Como anexo ao manuscrito, encontra-se o folheto de 18 páginas, não numeradas, in-8.º (21x16 cm):

ACTAS / QUE CONTEEM AS DESPOZIÇOENS / TOMADAS / Pela
Comissão do Circulo de Lagos / para dirigirem / AS ELEIÇOENS PARA
SENADORES, E DEPUTADOS / ÀS CORTES / Que se devião reunir em LISBOA /
no anno / de 1840 // LAGOS / Na Typ. De F. X. Baptista. Rua de S. Maria. N. 131 //

¹⁸ Cf. MESQUITA, José Carlos Vilhena, “A Verdade Nua”, in *História da imprensa do Algarve-I*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve e Direcção-Geral da Comunicação Social, 1988, pp. 651 e 652.

Para além deste folheto, a Tipografia de Francisco Xavier Baptista Xula compôs e imprimiu o jornal *A Verdade Nua*, cuja existência é provada pelas Actas da Câmara de Lagos: “na sessão de 19 de Maio de 1840, registou-se um agradecimento a António Marques de Mendonça Ramos, pela publicação do jornal *A Verdade Nua*, que fundara e dirigira os interesses daquele concelho.”¹⁹. Tal como o próprio Francisco Xavier Baptista Xula, António Marques de Mendonça Ramos, fundador de *A Verdade Nua*, advogado, também era adepto do constitucionalismo e foi pronunciado na Devassa de Lagos, no ano de 1828, após o que fugiu do Algarve, só regressando com a restauração do Regime Constitucional em 1834²⁰.



Deste modo, embora os dados biográficos dos indivíduos que rodearam esta oficina sejam escassos, podemos perceber perfeitamente que eram ambos adeptos do regime constitucionalista e que, provavelmente, a oficina foi fundada para difundir esses ideais.

Não inventariei qualquer outra produção para esta oficina e, lamentavelmente, não me foi possível apurar outros dados nem sobre a vida da oficina, nem sobre o seu proprietário.

Ilustração n.º 1: Frontispício das Actas que contêm as despozições...

Fonte: IANTT, fundo do Ministério do Reino: Autos de Aclamação, Felicitações e Juramentos, caixa 59, Maço 2, macete 11, Lagos.

II.I.1.2 A Tipografia Lacobrigense (I) (1864? – 1873?)

A Tipografia Lacobrigense (I) esteve em funcionamento desde, pelo menos, o ano de 1864, data em que imprimiu *O código de posturas do concelho de Lagos*.

Em 1869, o proprietário era António Correia. No entanto, não posso garantir que tenha sido ele o fundador, visto que o anúncio publicado no n.º 27, de 07/03/1869, do

¹⁹ *Op. cit.*, p. 652.

²⁰ *Op. cit.*, p. 651.

Echo do Algarve (09/09/1868 – 23/05/1869?), segundo periódico lacobrigense e impresso nesta oficina, faz questão de sublinhar que António Correia era o seu “único” proprietário, o que poderá querer dizer que a oficina pertenceu a outros, ou foi inicialmente fundada por vários sócios, entre eles António Correia. Leiamos o anúncio:

“Nesta tipografia, completamente reformada tanto no pessoal como no material, imprime-se com a maior brevidade qualquer obra que lhe seja encomendada, assim como se vende procurações, precatórias, bilhetes de tonelagem, despachos gerais, matrículas de equipagem, etc., etc.. Toda a correspondência deve ser dirigida, franca de porte, a A.[ntónio] Correia, único proprietário da mesma tipografia.”

Neste mesmo ano, a oficina teve melhoramentos, quer ao nível do quadro tipográfico, quer ao nível do seu parque. Todavia, esse investimento não foi suficiente para colmatar as dificuldades técnicas apresentadas pelos seus “tipógrafos”. A tal ponto que José Teixeira Simões, redactor do *Echo do Algarve*, se vê impelido a justificar a “salsada” tipográfica que o jornal apresentava e que exigia de si uma atenção permanente à composição e impressão do periódico. Leiamos as palavras de José Teixeira Simões que são elucidativas quanto à arte tipográfica na província:

O *Echo do Algarve* tem um só e único redactor, que acumula as funções de administrador, revisor, e até já compôs como tipógrafo!

É impresso numa tipografia, que foi fundada por um cavalheiro, que ainda até então, não havia visto uma imprensa! O jornal é composto por dois tipógrafos, *inventados* pelo seu redactor e instruídos pelo dono da tipografia, - um **alfaiate** e um **carpinteiro**, e mais dois rapazes aprendizes já destes, **não tendo aqueles, de sua vida, visto se quer um tipo!**

Dos **impressores** não falamos; **foram recrutados pelo mesmo sistema.**

(...)

Aconteceu que o redactor teve de estar ausente no dia consagrado à revisão, que faltando um dos tipógrafos foi o jornal em grande parte composto pelos rapazes; resultado final – a salsada, de que pedimos desculpa; fazendo todo o possível para que se não repita.”²¹ (subls. meus).

Deste modo, creio que a renovação de pessoal de que fala o anúncio diz apenas respeito a um aumento de operários e não a uma renovação qualificada do quadro.

O amadorismo referido pelo redactor, administrador, revisor e compositor não foi, porém, a única dificuldade por que esta casa passou. O jornal desencadeou inimizades tais que, em 23 de Janeiro de 1869, a tipografia foi assaltada e a edição deste

²¹ *Echo do Algarve*, n.º 33, 18/04/1869.

dia, em grande parte composta, foi destruída e empastelada, razão pela qual o periódico saiu no dia 24, apenas com duas páginas.

Sobre a sua produção, foi possível inventariar *O código de posturas do concelho de Lagos*, impresso em 1864, *O Echo do Algarve*, o primeiro periódico a veicular ideias republicanas na província, editado entre 09 de Setembro de 1868 e 23 de Maio de 1869, e, em 1873, publicou a *Memória dos desastrosos acontecimentos de Albufeira por ocasião da invasão dos guerrilhas em Julho de 1833*, da autoria de Manuel José de Paiva Negreiros, a quem uma testemunha presencial real relatou os acontecimentos.

Quanto à localização da oficina, não foi possível identificá-la.

A partir de 1873, desconhece-se qualquer produção da tipografia, assim como informações que garantam a sua sobrevivência.

II.I.1.3 Tipografia De António Joaquim Correia Júnior (1869 – 1873)

A Tipografia de António Joaquim Correia Júnior (v.) estava instalada em Lagos no ano de 1869, data em que o seu proprietário editou a *Revista do Algarve* («Folha Política e Noticiosa»), afecta ao Partido Regenerador.

As informações sobre a vida da oficina são muito escassas. Apenas se sabe que imprimiu a *Revista do Algarve* e o *Diário do Algarve* (Dez. 1872 – 1873), ambos propriedade de António Joaquim Correia Júnior. Lamentavelmente, não se encontrou qualquer exemplar da *Revista* e, quanto ao *Diário*, a Biblioteca Nacional possui um único número, o 42, datado de 15/02/1873. Tendo em conta estas publicações, a oficina devia estar razoavelmente bem preparada para poder imprimir um jornal diário.

O jornal era composto por quatro páginas de três colunas e apresenta uma impressão deficiente. É curioso e importante para este estudo, visto que a terceira e quarta páginas são compostas pela publicação de um livro que ia no capítulo XXIV, “Entre o fogo e a água”, pp. 325-332. Desconhece-se, todavia, o título ou o autor do livro.

Esta oficina é, com efeito, um marco na história da actividade tipográfica algarvia, uma vez que imprimiu o primeiro periódico diário da província. Se nos lembrarmos das elevadas taxas de analfabetismo que caracterizavam a província, é, de facto, uma surpresa o surgimento de um jornal com esta periodicidade. É, todavia, de lamentar que não existam estudos sistemáticos sobre a vida comercial e industrial de Lagos, durante o século XIX, para nos ajudar a compreender com maior realismo as

circunstâncias que originaram a edição de um periódico diário e talvez não tivéssemos tantas razões para nos surpreendermos.

Em 1873, António Joaquim Correia Júnior arrendou a tipografia a Domingos Leonardo Vieira Júnior (v.) que a instalou em Portimão, sob a designação Tipografia Portimonense (v.).

II.I.1.4 Tipografia Da *Gazeta Do Algarve* (1872 – 1883)

A Tipografia da *Gazeta do Algarve* foi expressamente fundada para imprimir o jornal *Gazeta do Algarve*, editado entre 01 de Janeiro de 1873 e 25 de Dezembro de 1877. Era seu proprietário e redactor principal Augusto Feio Soares de Azevedo (v.) que a 09 de Novembro de 1874 transferiu os cargos que acumulava para Pedro Telo, o qual conduziu o jornal até ao seu termo. Casimiro Dantas e Anes Baganha foram colaboradores assíduos desta publicação semanal, assinando vários folhetins.

Quanto à localização da oficina não foi possível apurar quaisquer dados através do periódico; no entanto, por motivos abaixo indicados, creio que estava instalada na Praça do Poço, n.^{os} 16 e 18.

Para dar início à actividade tipográfica, Augusto Feio Soares de Azevedo contratou um tipógrafo de Lisboa, Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa (v.). Esta contratação deveu-se naturalmente à ausência de mão-de-obra qualificada na região, já atestada por José Teixeira Simões, redactor do *Echo do Algarve*, que estivesse preparada para compor e imprimir um jornal como a *Gazeta*. Posteriormente, Francisco Lisboa formou escola, pois, em Março desse mesmo ano, a tipografia pedia “um rapaz para aprender a compositor que tenha doze a catorze anos de idade.”

Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa trabalhou nesta casa durante um ano e sete meses. Despediu-se no início do mês de Agosto de 1874 e iniciou actividade no dia 09 em Portimão na Tipografia da *Liberdade* (v.). Após a sua saída, também Francisco de Paula Marreiros Baptista (v.), seu aprendiz, se demitiu e se empregou na *Liberdade*. Esta transferência causou celeuma entre as duas oficinas e deu origem a esclarecimentos públicos. Para superar esta ausência repentina de pessoal, a *Gazeta* foi auxiliada pelo *Correio do Meio-Dia* (v.), casa Portimonense, que ofereceu o seu tipógrafo para ajudar às segundas e terças-feiras na composição da folha Lacobrigense.

Entretanto, desde Junho de 1873 que Jaime Quirino Chaves (v.) era compositor desta oficina. Provavelmente, veio na mesma altura que Francisco Lisboa, mas é só em Junho que conseguimos comprovar a sua presença no Algarve.

No ano de 1877, a tipografia tinha como tipógrafo responsável José Nunes Pinto (v.).

No que diz respeito à sua produção, a oficina apresenta uma iniciativa editorial que não é comum às diversas estudadas. Aliás, parece centrar-se mesmo numa função editorial. Foi fundada para dar à estampa a *Gazeta do Algarve* e, em Maio desse mesmo ano, apresentava-se a outro desafio: a produção da “Biblioteca do Algarve”, da responsabilidade de Luís Quirino Chaves (v. autores), tradutor das obras a editar, e de Jaime Quirino Chaves que assumia a responsabilidade comercial. Este projecto consistia primeiro na angariação de assinaturas que garantissem o sucesso da publicação para

depois, semanalmente, serem impressas “cadernetas” de 16 páginas. O aliciamento dos subscritores fazia-se de duas formas: antes de iniciar a publicação com um brinde para quem se inscrevesse antes da edição da primeira “caderneta”;



Ilustração n.º 2: Publicidade à Tipografia da Gazeta do Algarve.
Fonte: *Gazeta do Algarve*.

depois de iniciada a publicação, seria brindado com um exemplar quem angariasse seis assinaturas.

O primeiro texto a publicar era o romance francês *O Pirata* de Luís Reybaud. Desconheço se esta “Biblioteca” foi realmente constituída uma vez que não existem mais dados sobre ela na *Gazeta do Algarve* e não se encontrou qualquer exemplar desta colecção.

Outra das iniciativas da *Gazeta* era a edição de romances através dos folhetins publicados semanalmente, os quais, depois de devidamente cortados, seriam dobrados e cosidos, formando um volume. A própria oficina utilizava esta estratégia, colocando o livro posteriormente à venda. Foi o caso do texto *Aventuras d’um Rapaz Solteiro* (v. catálogo, n.º 2), de Octave Feuillet, que parece ter tido muito êxito no Algarve, uma vez que foi transformado em texto dramático e levado à cena no Teatro Lethes, a 26/09/1876, pela Sociedade Dramática de Curiosos. Segundo a publicidade inserida no

n.º 139 (25/08/1875) da *Gazeta*, o livro *Aventuras d'um Rapaz Solteiro* era constituído por 247 páginas, in-8.º e vendia-se ao preço de 200 réis. Outros foram publicados nas mesmas circunstâncias, conforme se pode confirmar no nosso catálogo.

A *Gazeta do Algarve* extinguiu-se a 25 de Dezembro de 1877, mas garantiu quer a continuidade da tipografia, quer a continuidade da actividade jornalística, através de um novo jornal, o *Notícias do Algarve*: “Assim temos atingido o duplo fim a que mirávamos. Não deixar esta cidade sem um jornal e desempregados os que nos auxiliaram.”²².

A oficina foi comprada pela empresa Vilarinho & Sobrinho, cujo sócio maioritário era Salvador Gomes Vilarinho (v.), que lhe atribuiu um nome mais comercial: Tipografia União.

A 23 de Janeiro de 1878, surgiu o periódico que deu continuidade ao trabalho dos tipógrafos da *Gazeta*, o *Notícias do Algarve* («Folha Popular») que se prolongou até Julho de 1883. O novo jornal era propriedade de António Augusto Lobo de Miranda²³, que o administrava. O seu redactor principal foi Joaquim João Serpa (v. tipógrafos e industriais gráficos); a partir de Janeiro de 1881, Bartolomeu Salazar Moscoso (v. autores) surgia na ficha técnica como redactor literário, e Lobo de Miranda como redactor político.

O local de redacção e impressão do jornal situava-se na Praça do Poço, 16 e 17, (actual Praça Luís de Camões), onde creio que também funcionasse a *Gazeta do Algarve*. Três anos depois da aquisição da oficina, em Janeiro de 1881, houve um investimento na casa. A oficina mudou de instalações para “outra casa mais apropriada e mais central” da cidade, desconhecendo-se a localização exacta, e publicitou a necessidade de mais um tipógrafo e de dois aprendizes para reforçar o quadro de pessoal da empresa.

No que diz respeito à sua actividade editorial, é difícil tirarmos conclusões definitivas, visto que os exemplares disponíveis na colecção da Biblioteca Nacional são escassos. Ainda assim, foi possível verificar no n.º 157 (22/01/1881) a publicação das últimas páginas do *Código de posturas de Aljezur*, composto por 18 artigos e 56 páginas, dado à estampa nas mesmas condições que os folhetins da *Gazeta*. Depois de

²² *Gazeta do Algarve*, n.º 261, 25/12/1877, p.1.

²³ António Augusto Lobo de Miranda, desde 1869, esteve ligado ao comércio do livro em Lagos, sendo agente da Livraria Enciclopédia de Lisboa, a primeira livraria a aparecer neste concelho, de acordo com os dados até agora apurados.

completa a impressão do volume, os leitores deveriam ter recortado as páginas saídas semanalmente, dando-as então a coser e a encadernar.

A 26 de Julho de 1883, o jornal *O Liberal*, fundado na cidade a 26 de Abril do mesmo ano, noticiava a extinção da actividade da Tipografia União: “A folha que com este título [*Notícias do Algarve*] se publicava nesta cidade suspendeu. A tipografia, que pertence aos Srs. Vilarinho e Sobrinho, retira para seus donos.”

II.I.1.5 Tipografia União – V. Tipografia Da Gazeta Do Algarve

II.I.1.6 Tipografia Moderna (1883 – 1890)

A Tipografia Moderna foi instalada na rua Triste, n.º 60 (actual rua 1.º de Maio), no ano de 1883. Creio que o seu proprietário foi Joaquim João Serpa (v.), que a fez deslocar de Portimão, onde, entre 1880 e 1882, deu à estampa *A Independência* (que deu nome à respectiva oficina, v.) e *A Ordem*.

Em Janeiro de 1883, a oficina deu provas da sua capacidade com a publicação do periódico *A Folha Democrática* («Semanário Republicano») (18/01/1883 – 01/03/1883), redigido por Bartolomeu Salazar Moscoso (v. autores) e, em 26 de Abril de 1883, vê a luz do dia *O Liberal* («Folha Semanal») (26/04/1883 – 15/10/1889), propriedade de Joaquim João Serpa, seu redactor principal, que abriu as páginas do jornal à mulher, Maria da Piedade Bastos Serpa, responsável pela redacção dos folhetins.

A oficina montada sob o impulso de um novo jornal, conforme se depreende das palavras do seu redactor²⁴, parecia estar bem preparada e incluía, pela primeira vez, trabalhos de encadernação para oferecer ao público:

“Novamente montada esta tipografia satisfaz a todos os trabalhos da arte, como livros, facturas contas, rótulos, recibos, participações, jornais, programas, cartas, bilhetes de visita, modelos oficiais, etc., etc..

Neste estabelecimento há encadernador que trabalha em todos os géneros: dourar por folha, seda, veludo, cetim, etc., etc.”²⁵

²⁴ “Aos nossos assinantes e leitores em geral, pedimos desculpa da demora do aparecimento do nosso periódico que estava anunciado para o dia 7 do corrente, não podendo ter lugar o cumprimento do que tínhamos prometido em virtude de dificuldades concernentes ao material tipográfico.” *A Folha Democrática*, n.º 1, 18/01/1883.

²⁵ *Ibidem*.

Em Junho de 1883, a oficina sentia necessidade de aumentar o seu quadro de pessoal e solicitava “um ou dois rapazes que queiram aprender a arte tipográfica”.

Em Julho de 1884, mudou de instalações e transferiu-se da rua Triste, n.º 60 (actual rua 1.º de Maio), para a rua Direita n.ºs 8 e 10 (actual rua 25 de Abril).

O seu parque tipográfico era composto por um prelo alemão, G. Sirgl, 12 caixas com tipo comum, 10, n.º 4, da Imprensa Nacional, e respectivos cavaletes.

Em 1890, Joaquim João Serpa colocou a sua oficina à venda, através da publicidade em alguns dos jornais da província e partiu rumo a Lisboa, onde permaneceu até à morte.

II.I.1.7 Tipografia De Afonso Cañet De Castro (1891 – 1893?)

Em Fevereiro de 1891, foi fundada uma nova tipografia, propriedade de Afonso Cañet de Castro²⁶ (v.), na rua da Oliveira, n.º 55, para imprimir o jornal *O Echo de Lagos* («Jornal Puramente Literário e Noticioso») (07/02/1891 – ?), de que Afonso Cañet de Castro era proprietário, redactor e editor. A 05 de Abril do mesmo ano, este recente periódico foi substituído pelo *O Lacobrigense* («Folha Semanal») (05/04/1891 – 19/07/1891?), cujo director e editor foi José Joaquim Nunes, conhecido filólogo português. A publicação deste segundo jornal correspondeu certamente a um investimento maior nesta actividade. O estabelecimento da tipografia tinha sido complicada “devido às grandes dificuldades de instalação e às formalidades de habilitação”²⁷ e dois meses depois a oficina dava indicações de uma maior estabilidade. Mudou de instalações para a rua da Amargura, n.ºs 37-39, substituiu o tipo velho por outro mais recente, contratou um aprendiz de tipógrafo e começou a publicitar os seus trabalhos: “impressos para repartições, facturas, participações de casamento, bilhetes de visita”²⁸.

Em Janeiro de 1892, iniciou-se a publicação de *O Imparcial* («Semanário Dedicado à Defesa dos Interesses do Algarve»), fundado por José Joaquim Infante e redigido por Joaquim João Serpa (v. tipógrafos e industriais gráficos). Francisco de Paula Soares assumia o cargo de redactor. No ano de 1893, segundo o Capitão José

²⁶ Embora a propriedade da tipografia não seja explícita, nomeadamente, nos jornais aí publicados, Afonso Cañet de Castro chama para si os melhoramentos materiais de *O Lacobrigense*, assegurando a substituição do tipo existente por outro “mais moderno e agradável”, o que nos leva a inferir que era o seu proprietário.

²⁷ *O Echo de Lagos*, n.º 1, 07/02/1891.

²⁸ *O Lacobrigense*, n.º 1, 05/04/1891.

Vieira Branco²⁹, também aqui foi impresso *O Porvir*, jornal de feição literária, de que só saíram dois números. Não obstante esta notícia, não encontramos qualquer número deste jornal nas várias bibliotecas e arquivos frequentados.

Penso que esta tipografia, sem ter alcançado uma autonomia que fosse além da composição e impressão dos jornais, não teve uma vida próspera. Através d' *O Imparcial*, pode perceber-se que a casa era administrada pelo tipógrafo que entregava 20 por cento dos lucros contabilizados ao proprietário. A 20/05/1892, no n.º 20, o tipógrafo Pedro Antunes Paiva (v.), “com bastante prática de composição e impressão de jornais”, querendo transferir-se para uma outra cidade do Algarve, colocou um anúncio neste periódico. Simultaneamente, surgiu outro anúncio a solicitar um “tipógrafo que se responsabilize pela composição e impressão deste jornal [*O Imparcial*]”, remunerado com 3\$000 réis. Julgo que se tratou da saída do tipógrafo-chefe e recrutamento de um outro.

A Biblioteca Nacional apenas guarda este exemplar pelo que não foi possível aferir se o jornal e a oficina tiveram continuidade.

II.I.1.8 Imprensa Minerva (1891)

A notícia da existência de uma tipografia com a designação Imprensa Minerva chega-nos pelo periódico *O Lacobrigense* («Folha Semanal») (05/04/1891 – 19/07/1891?), cujos números 10 a 13 foram aqui impressos.

Estava situada na Travessa da Espera, n.ºs 12-14.

Não me foi possível apurar quaisquer outros dados sobre esta oficina.

II.I.1.9 Tipografia Guadiana (1894 – 1897)

A Tipografia Guadiana foi fundada em Lagos (v.), na rua da Laranjeira, 22, em 1894, por Joaquim António Socorro Júnior (v.) que aí deu à estampa o semanário *Pró-Lagos* («Semanário Popular – Independente») (23/09/1894 – 18/04/1894?), propriedade do mesmo e redigido por Bartolomeu Salazar Moscoso (v. autores). No entanto, esta oficina teve a sua origem em Vila Real de Santo António, com uma designação

²⁹ BRANCO, Capitão [José] Vieira, *História da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*, Faro, ed. de autor, 1938, p. 76.

homónima (v.), onde inaugurou a actividade tipográfica no concelho e a imprensa periódica com a edição de *O Petiz*.

Retomando a vida lacobrigense da casa, posso afirmar que os anos nos quais aí esteve instalada, entre 1894 e 1897, foram anos de verdadeira ascensão e expansão para esta empresa familiar. Na verdade, e em comparação com as oficinas anteriores, esta é a que dá provas de um verdadeiro amadurecimento comercial. Montada algum tempo antes da fundação do jornal *Pró-Lagos*, o suficiente para dar “pleno conhecimento de alguns trabalhos feitos nesta tipografia”³⁰, iniciou a publicação a 23 de Setembro de 1894, entendido como “um simples factor de civilização e de progresso.”³¹

O 1.º número dá mostras do vigor com que desde o início a oficina laborou, anunciando que “não muito usados e bem conservados compram-se nesta redacção toda a qualidade de tipos e seus correspondentes espaços, quadrados, quadratins e quadrilongos, assim como também se compram vinhetas, linhas de enfeite, entrelinhas, filetes, cantos e ornatos, sinais diversos, clichés, etc.” e que admite “dois a três rapazes de 10 a 13 anos que saibam ler e queiram aprender a arte tipográfica”. Quanto à produção, esta varia entre “mapas para escritórios e repartições públicas, recibos, avisos, editais, programas, facturas, menus, bilhetes de loja e de teatro, rótulos para garrafas, memorandos, participações de casamento e nascimento, prospectos, cartões de visita, etc.”. Saliente-se o facto de a tipografia estar também associada aos “ateliers de relojoeiro e gravura em borracha e metal”, situados em anexo e que integravam sempre a sua publicidade.

Segundo o jornal de Olhão *O Futuro* (n.º 213, datado de 23/06/1895), o *Pró-Lagos* extinguiu-se em Junho de 1895, tendo como continuador *A Semana de Lagos* («Semanário Popular Independente») que iniciou publicação a 04/07/1895. Teve como administrador, mais uma vez, Joaquim António Socorro Júnior, como redactor principal Joaquim João Serpa (v. tipógrafos e industriais gráficos) e como secretário Costa Reis.

Entretanto, a 10/05/1895 já tinha iniciado a composição e impressão de *O Monchiquense* («Folha Imparcial»), embora sob a recente designação Tipografia Rocha. Creio que a alteração do nome se deveu à participação activa de M. A. Rocha Socorro (v.), que se deve ter tornado sócio, o que permitiu um investimento material na oficina: uma máquina de impressão e novos e diferentes tipos.

³⁰ *Pró-Lagos* («Semanário Popular-Independente»), n.º 1, 23/09/1894.

³¹ *Ibidem*.

Com a nova designação, M. A. Rocha Socorro assumiu a administração do projecto jornalístico seguinte, *O Correio das Províncias* (01/01/1986 – 01/01/1897?), e Joaquim António Socorro Júnior redigiu alguns dos artigos, assim como o folhetim. Na verdade, Socorro Júnior teve, desde o início, uma prestação jornalística muito activa, a par da sua responsabilidade de administrador da oficina, neste caso, da Guadiana.

O Correio das Províncias («Órgão do Clero e do Povo») foi fundado pelo Reverendo Bernardo Luís, ainda que este nome não conste no cabeçalho do jornal, e Domingos Rocha Roldan assumia as funções de secretário.

A página quatro do periódico era dedicada à publicidade, quase na totalidade ocupada pela da oficina e relojoaria Rocha, empregando diversos tipos e ilustrações.

A constante renovação de material é também comprovada através do jornal: anuncia-se a venda de um prelo, apto para a impressão de jornais, e simultaneamente a compra de uma guilhotina e de uma máquina Minerva.

Desconheço a data de extinção do jornal, visto que a Biblioteca Nacional apenas possui o n.º 1 e o n.º 46, datado de 01/01/1897, que é o número comemorativo de um ano de publicação. Aquando da saída deste número, M. A. Rocha Socorro já residia em Portimão, o que me leva a crer que tenha aí também instalado uma Tipografia Rocha (v.) onde imprimiu *O Eco Militar* a 15/08/1897.

II.I.1.10 Tipografia Do Pró-Lagos – V.

Tipografia Guadiana

II.1.11 Tipografia Rocha – V.

Tipografia Guadiana

II.I.1.12 Tipografia Lacobrigense (II)

(1905 – 1927?)

A Tipografia Lacobrigense, que imprimiu a *Folha de Annuncios* («Semanário Grátis de Larga Distribuição»), ao contrário do que alguns estudiosos já indicaram, não foi a tipografia que havia dado à estampa, na década de 60 do século XIX, *O Echo do Algarve*. Trata-se de uma nova oficina, fundada em 1905, por Artur Baptista Galvão (v.) e por Francisco José Ramos (v.), que estava situada na Rua Triste, n.º 32 (actual rua 1.º de Maio).

Em 1907 fez um investimento considerável, adquirindo uma máquina alemã Solo, variados tipos e material diverso de composição, quer de origem nacional, quer de

origem internacional. Foi nesta data (03/10/1907) que começou a imprimir a *Folha de Anuncios*, a qual foi publicada até 10/11/1927.

Em 1910, houve uma reestruturação na casa, que se passou a designar Empresa da Tipografia Lacobrigense, a qual passou a ser representada por José Nunes de Sousa e João Vitorino Marques.

Não foi possível apurar outros dados, visto que o jornal, centrado nos anúncios, não nos dá outros elementos acerca da vida da oficina onde era impresso. Desconheço também se a extinção do jornal correspondeu à extinção da tipografia.

II.I.1.13 Tipografia Ferreira (192-? – 1960)

A Tipografia Ferreira, provavelmente propriedade de António da Costa Ferreira (v.), esteve em funcionamento desde, pelo menos, o ano de 1925, ano em que imprimiu *O Intruso* (15/11/1925 – 25/11/1927), na Rua Cândido dos Reis, n.º 72.

Imprimiu, durante os anos 20, quatro títulos da imprensa periódica: *O Intruso* («Quinzenário Humorístico, Literário, Desportivo e Noticioso») (15/11/1925 – 18/09/1927) *O Cometa* (20/02/1927 - ?), o *Jornal de Anúncios* (01/12/1927 – 26/03/1931), e o *Jornal de Lagos* (02/04/1931 – 30/04/1968)³², os quais têm um elo em comum: Francisco da Conceição Paula (v.). Este era tipógrafo e foi distinguido pelos seus trabalhos num número especial d'*O Intruso* em favor da Santa Casa da Misericórdia:

“Francisco da Conceição Paula. Este nosso amigo e hábil tipógrafo que tomou por arrendamento a Tipografia Ferreira, desta cidade, compôs e imprimiu este número com especial cuidado e muito gosto, contribuindo assim para o seu brilhantismo.”³³

No n.º 30, datado de 01/05/1927, Francisco Conceição Paula inaugurou o cabeçalho do periódico como proprietário e administrador do jornal, dando assim um rosto à empresa que o antecedeu enquanto proprietária, apenas designada por empresa d'*O Intruso*. Ainda que o nome de Olegário Encarnação surja como director do periódico, era Francisco Paula quem era tratado por director nas colunas do jornal, o que nos faz perceber a sua influência real.

³² Imprimiu até ao n.º 34. Depois passou a ser impresso na Tipografia Lacobrigense (III).

³³ *O Intruso*, n.º 19, 15/11/1926.

O Intruso teve, ao longo da sua história, alguns obstáculos que o fizeram mudar de configuração e de nome, embora mantivesse a numeração. Assim, durante os primeiros meses de 1927, houve problemas assinalados com a censura, o que provocou a saída conjunta de dois números por edição e que culminou, a 1 de Dezembro de 1927, com a alteração da designação do jornal assim como da sua conotação. Transformou-se num autêntico *Jornal de Anúncios*, como de resto se passa a chamar, “por motivos que julgamos desnecessário apontar”, conforme tenta justificar o director aos seus leitores.

A 02/04/1931, tendo Francisco Paula como proprietário, director e editor, o jornal retomou uma configuração mais próxima do projecto inicial, embora melhorado, e passou a denominar-se *Jornal de Lagos*. Com o n.º 326, de 26/04/1934, o *Jornal de Lagos* começou a ser composto e impresso na recente criada Tipografia Lacobrigense (III) (v.), propriedade de Francisco da Conceição Paula que abandonou a Ferreira para constituir o seu negócio próprio. O jornal teve o seu último número a 30 de Abril de 1968.

Entretanto, a 20 de Fevereiro de 1927, surgiu um novo periódico, propriedade de Jorge Coutinho Neves, impresso na Tipografia Ferreira, muito próximo do que era *O Intruso*: era *O Cometa* («Quinzenário Humorístico, Literário, Teatral e Noticioso»). Pela primeira vez, o nome de Francisco Conceição Paula surge associado a um jornal, constando no cabeçalho do mesmo. É apresentado como secretário da redacção. No entanto, d’ *O Cometa* apenas saiu o primeiro número, como atestou o colega *O Intruso*, desconhecendo-se as razões que levaram a não prosseguir a publicação.

Quanto ao funcionamento da tipografia, foi possível apurar pouca informação. Os jornais são parcos na publicidade à oficina; desconheço o seu parque gráfico ou o seu quadro de pessoal. Em Março de 1927 entrou em obras e em Setembro de 1927 acrescentou aos serviços de tipografia e encadernação o de “fábrica de carimbos e gravuras – borracha, metal e madeira, cunhos, sinetes, monogramas, tintas e etiquetas, placas numerações”³⁴.

Após a administração de Francisco Conceição Paula e de a oficina ter volvido aos proprietários, imprimiu a revista *Costa de Oiro* (Jan./1935 – Jun./1940), muito bem colaborada, com artigos de fundo sobre a história de Lagos e sobre o Turismo, e sobejamente ilustrada, propriedade da casa impressora.

³⁴ *O Intruso*, n.ºs 35 e 36, 18/09/1927.

José dos Santos Pimenta Formosinho, colaborador assíduo da *Costa de Oiro* na secção histórica, imprimiu nesta casa, a partir de 1935, vários estudos:

1935, *Duas lápides inéditas*, Lagos, Separata da *Costa de Oiro*;

1939, *Igreja de Santo António e Museu Regional de Lagos*;

1945, *Lagos – Sagres – Cabo de S. Vicente*;

1960, *Lagos e o Infante D. Henrique pelo Dr. José Formosinho*;

Este elenco mostra que a tipografia laborou até, pelo menos, 1960.

Em data que não consegui precisar, o parque tipográfico foi vendido à Empresa Tipográfica Lumen, Lda. (v.), de Portimão.

II.I.1.14 Tipografia Lacobrigense (III) (1933 – 2008)

A Tipografia Lacobrigense foi fundada em 1933 por Francisco da Conceição Paula (v.). Com o seu falecimento, a oficina passou para os seus herdeiros, Maria da Glória Vieira de Santa Paula, esposa, Amândio Francisco de Santana Paula e Eduardo de Santana Paula, filhos. Amândio Francisco de Santana Paula (v.) foi quem assumiu a administração da oficina após o falecimento do pai, garantindo a sua continuidade até aos dias de hoje.

Esteve inicialmente situada na Rua Cândido dos Reis, 7-9, transferindo-se posteriormente para o n.º 94 R/C da mesma rua, local onde actualmente labora.

O seu proprietário trabalhava, desde há algum tempo, na Tipografia Ferreira (v.) da mesma cidade, onde já possuía uma máquina impressora sua, que utilizava aos serões, como forma de ganhar mais algum dinheiro. No entanto, tinha o sonho de possuir uma oficina própria aquando do nascimento do seu primeiro filho, o que veio realmente a suceder, pois o primogénito nasceu em 1934.

Em 1925, Francisco da Conceição Paula iniciou-se nas lides jornalísticas, através do jornal *O Intruso*, composto e impresso na Tipografia Ferreira. Pouco tempo depois, avançou com um projecto jornalístico próprio, *O Jornal de Lagos* (02/04/1931 – 30/04/1968), o periódico com maior longevidade do concelho e cuja história se confunde com a própria vida do proprietário. O número que inaugurou a Tipografia Lacobrigense na impressão de jornais, o n.º 326 (26/04/1934), apresentou uma publicidade com bastante destaque à nova oficina. São anunciados trabalhos de tipografia – a tricomia, rótulos de luxo, trabalhos comerciais, mapas de pequenos e grandes formatos, impressões sobre seda, obras literárias e estatutos, cartões de fantasia

– e de encadernação. É apresentado “o mais completo sortido de tipos nacionais e estrangeiros, satisfazendo assim, o cliente mais exigente. O atelier gráfico mais completo do barlavento.”

A tipografia garantia quatro fases de fabricação, a composição, a impressão, a encadernação e a venda (através da Papelaria Paula).

O “atelier” foi inicialmente composto por uma máquina impressora, uma guilhotina e um cavalete, adquiridos a uma tipografia de Loulé. Nos anos 40, o parque foi reforçado com uma guilhotina Krause, comprada a Manuel Reis Morais & Irmão, no Porto; na década seguinte, foi adquirida uma nova máquina de impressão, uma Victoria, comprada a Polónio Basto & C.^a, no Porto, e nos anos 60 foi adquirida uma Heidelberg. O material que serviu de base à fundação da oficina, a guilhotina Krause e a impressora Victoria, foi doado à Câmara Municipal de Lagos para constituição de um núcleo museológico. Actualmente, a oficina está equipada com cinco cavaletes de tipos, um computador, duas impressoras Heidelberg, uma impressora Minerva, um duplicador Riso, uma máquina digital Minolta e uma guilhotina.



Ilustração n.º 3: Quadro da autoria de Amândio Paula, exposto na Tipografia Lacobrigense.



*Ilustração n.º 4: máquina de impressão a pedal.
Fonte: parque da Tipografia Lacobrigense.*



*Ilustração n.º 5: guilhotina.
Fonte: parque da Tipografia Lacobrigense.*



Ilustração n.º 6: máquina de impressão para pequenos formatos.

Fonte: parque da Tipografia Lacobrigense.

Do quadro tipográfico da oficina fizeram parte José Maria da Piedade Barros (v.), José Eduardo Pereira (v.), José Francisco (v.), José Basílio da Conceição Vicente (v.) e Luís Manuel Gaspar Guerreiro (v.). Manteve, em média, seis artistas.

O Jornal de Lagos foi sempre o símbolo desta casa; no entanto, a partir de 1970, e não obstante a perseverança de Amândio Paula para dar continuidade a essa herança do pai, tornou-se inviável garantir a sua publicação.

Nessa mesma década, José Vieira Calado (v. autores), emigrado durante um longo período, regressou definitivamente a Lagos e à actividade editorial da sua obra literária. Escolheu esta oficina para dar à estampa três dos seus títulos. Aquando do primeiro, *Poema para hoje* (v. catálogo n.º 14), deparou-se com um problema: não existia papel para o imprimir, pois estávamos no período pós-25 de Abril, o que dificultava a importação de papel. Amândio Paula sugeriu-lhe que se deslocasse a Lisboa, mas José Vieira Calado resolveu o problema mesmo ali. Reparou na existência de uns rolos de papel de embrulho acastanhado e foi nesse que surgiu o folheto de poemas, que rapidamente se esgotou. Quanto aos dois outros livros, relembra que para *Objecto experimental* (v. catálogo, n.º 15.) realizou ele próprio o trabalho de cortes e recortes da cartolina; regista ainda o facto de *Poemas: o frio dos dias* (v. catálogo, n.º 16.) ter sido impresso em papel almaço, por falta de uma opção mais adequada; orgulhosamente refere que o título foi composto com os caracteres utilizados no título do *Jornal de Lagos* e, curiosamente, a letra “P”, adquirida no conjunto do parque no início de 1930, ainda não tinha sido utilizada na oficina.

Paralelamente, a oficina tem realizado todo o tipo de trabalhos: publicidade, os programas diários do cinema, feitos em zincogravura, quer da oficina, quer do próprio

cinema, que também as possuía. Outro cliente usual era a Torralta, situada em Alvor, que organizava espectáculos ao fim-de-semana e que encomendava na tipografia os programas, cuja tiragem ascendia, por vezes, aos vinte mil exemplares para distribuir por toda a região algarvia. Actualmente, são os trabalhos comerciais os que ocupam o maior volume na carteira da oficina.

Para percebermos a importância da tipografia no seio da família Santana Paula, leiamos o testemunho da neta de Francisco Conceição Paula, Maria da Glória Carriço Santana Paula:

“A Tipografia significa ponto de encontro, base de subsistência, espaço de família e de memória, onde todos colaboraram e colaboram sempre que necessário. Durante as férias dos empregados, era a família quem assegurava a produção de modo a que se pudessem servir os clientes. Aprendeu-se aqui muito do sentido da responsabilidade, noções comerciais e o valor da entajada. Os elementos da terceira geração seguiram os seus cursos universitários e as suas profissões, mas continuam ligados à Tipografia.”

II.I.1.15 Tipografia Paula – V. Tipografia Lacobrigense (III)

II.I.1.16 Artes Gráficas Damas & Vicente, Lda. (1982 – 2008)

A oficina Artes Gráficas Damas & Vicente, Lda. foi instalada na rua Cândido dos Reis, 98, cave, no ano de 1982, logo após José Basílio da Conceição Vicente (v.), seu proprietário, ter saído da Tipografia Lacobrigense (III) (v.). José Basílio da Conceição Vicente criou na altura uma sociedade por quotas com João Celso Viegas Damas, que durou cerca de 2 anos, mas a que a casa ficou a dever o seu nome, ainda hoje inalterado.

O parque gráfico veio da Figueira da Foz e era constituído pelas caixas de tipos, por uma Heidelberg e por uma guilhotina. Depois, a oficina, dedicada principalmente a trabalhos comerciais, foi acompanhando os tempos e a “evolução terrível das máquinas”, de acordo com as palavras do proprietário, o qual se orgulha de ter sido das primeiras tipografias no Algarve a incorporar o computador no seu trabalho. Agora, José Basílio tem no horizonte a adesão à era digital.

José Basílio da Conceição Vicente considera o trabalho actualmente facilitado, comparativamente às horas infundáveis que levavam na altura em que iniciou o ofício, ainda que isso, na sua opinião, tenha sacrificado a existência dos verdadeiros artistas.

Aprecia a abertura sócio-profissional, que também se orgulha de promover na sua casa, ao contrário da experiência que teve na Tipografia Lacobrigense, em que os tempos determinavam um maior silêncio.

II.1.2 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE PORTIMÃO

II.1.2.1 Tipografia Portimonense (I) (1873 – 1879?)

A Tipografia Portimonense inaugurou a actividade tipográfica em Portimão no ano de 1873, na rua da Igreja, n.º 22, sob a gerência do tipógrafo João Baptista Justo (v.).

A oficina foi montada para dar à estampa *O Município* («Periódico Político Industrial e Noticioso do Algarve»), o primeiro periódico Portimonense, propriedade de Domingos Leonardo Vieira Júnior (v.), que era também o seu redactor e editor.

O parque era o da Tipografia de António Joaquim Correia Júnior (v.), de Lagos³⁵, e foi arrendado por Domingos Leonardo Vieira Júnior.

Também de Lagos veio o compositor d' *O Município*, Jaime Quirino Chaves (v.), que iniciou a actividade como encarregado de composição e, em menos de um ano,



Ilustração n.º 7: publicidade à Tipografia Portimonense.
Fonte: *O Município*, n.º 1, 04/08/1873.

passou a administrador da oficina, cargo em que se manteve durante a vida da tipografia.

A oficina pretendia imprimir o jornal duas vezes por semana, no entanto, a ausência de mão-de-obra qualificada rapidamente

destruiu tal desejo, levando o redactor a declarar que: “por

falta de tipógrafo, tal melhoramento ainda não é possível.”³⁶ O fornecimento de papel foi outro dos obstáculos ao trabalho da oficina. Estas eram abastecidas através dos

³⁵ No n.º 2 do jornal, datado de 10/08/1873, declara António Joaquim Correia Júnior: “O Abaixo assinado declara que a empresa do jornal O MUNICIPIO lhe não comprou a tipografia onde foram impressos a REVISTA DO ALGARVE e o DIÁRIO DO ALGARVE, como disse n’uma local o DIARIO POPULAR n.º 2402, mas imprime aquele jornal por contrato feito com o ex.mo sr. Domingos Leonardo Vieira Júnior.

Lagos, 4 de Agosto de 1873.
António Joaquim Correia Júnior.”

vapores que faziam a carreira entre Lisboa e os portos algarvios. As carreiras estavam, todavia, dependentes das condições atmosféricas nem sempre favoráveis à viagem, o que atrasava sobremaneira os abastecimentos. Por outro lado, era frequente, devido à falta de espaço, por exemplo, as encomendas serem remetidas para o vapor da semana seguinte. Esta situação levava a que os trabalhos, nomeadamente, o jornal, fosse impresso em papel de menor qualidade, de cor diferente, ou, quando já era possível, com papel emprestado por outra oficina, como sucedeu em Janeiro de 1874, em que o jornal foi impresso com papel da Tipografia da *Liberdade* (v.), visto que a encomenda feita dois meses antes não havia chegado.

Em Agosto de 1874, Luís Sepúlveda Pimentel Mascarenhas (v.) já tinha adquirido definitivamente a oficina e, sendo responsável pelo jornal *Correio do Meio-Dia* que aqui se imprimia, sentiu a necessidade de se justificar perante os leitores: “A **inexperiência dos nossos operários, a falta de recursos de província** para este género de trabalhos, as **exigências de ocasião que não podem prontamente remediar-se**, tem sido causa de alguns dos nossos números terem saído pouco claros.” (subls. meus)³⁷.

A oficina contratou no ano da fundação um aprendiz e no ano seguinte outro. Em 1875, era já compositor, António Cândido de Mira Escalço Vieira (v.), que tinha entrado como aprendiz. Este, com o director da oficina, Jaime Quirino Chaves, protagonizaram algumas iniciativas editoriais na tipografia, de que falarei mais adiante. A partir de Março de 1878, António da Costa Júnior (v.) era também tipógrafo da casa e com a saída de Jaime Quirino Chaves para Silves, ficou o responsável pela oficina.

Quanto à localização, podemos afirmar que foi deslocada várias vezes: foi fundada, como já referi, na rua da Igreja, n.º 22; mudou de instalações em Outubro de 1874 para a rua Nova, n.º 44; em Abril de 1875, transferiu-se para a rua Diogo Tomé, s/n; e, finalmente, em Dezembro de 1877, deslocou-se para a rua Manuel Dias Barão, n.º 2, a sua última localização.

Também no que diz respeito à denominação da casa, houve alterações. A oficina iniciou a actividade enquanto Tipografia Portimonense; em Março de 1875, passou a ser denominada Tipografia do *Correio do Meio-Dia* e, a partir de Março de 1878, voltou a ter uma designação mais neutra: Tipografia Lealdade. Creio que esta última designação se ficou a dever à entrada de um novo proprietário; no entanto, não tenho dados suficientes que possam garantir esta hipótese. O que posso asseverar é que parte desta

³⁶ *O Município*, n.º 13, 26/10/1873.

³⁷ *Correio do Meio-Dia*, n.º 13, 16/08/1874, p. 2.

oficina, propriedade de Luís Mascarenhas, foi efectivamente deslocada para Silves, em Setembro de 1878 para aí imprimir o jornal *Defesa do Povo*, que deu nome à oficina (v.). Provavelmente, ao longo da sua existência, a oficina aumentou o seu parque e foi adquirida por outro proprietário que lhe deu continuidade após a saída das máquinas de Luís Mascarenhas.

Fundada para dar à estampa o primeiro periódico portimonense, esta oficina imprimiu, entre as usuais facturas, recibos, cartões, bilhetes, anúncios, avisos, talões, mais três jornais, o *Correio do Meio-Dia* (24/05/1874 – 13/01/1878), o *Jornal dos Artistas* (11/11/1875 – 20/09/1877) e *O Algarve* («Órgão do Partido Progressista nas Províncias do Sul») (17/10/1878 – 09/11/1879).

O Município («Periódico Político, Industrial e Noticioso do Algarve»), propriedade de Domingos Leonardo Vieira Júnior, foi aí impresso cedendo o seu lugar ao *Correio do Meio-Dia* («Semanário Político, Industrial e Noticioso do Algarve»), propriedade de Luís Sepúlveda Pimentel Mascarenhas, impresso entre 24 de Maio de 1874 e 14 de Janeiro de 1878. Após a extinção deste, em 14 de Janeiro de 1878, *O Município* voltou a ver a luz do dia, sendo impresso entre 17 de Março de 1878 e 21 de Julho de 1878(?)³⁸, retomando a numeração suspensa em 1874. Entretanto, contemporâneo do *Correio do Meio-Dia*, o *Jornal dos Artistas*, fundado por Domingos Leonardo Domingos Júnior, foi também aí impresso entre 11 de Novembro de 1875 e 30 de Setembro de 1877. A notícia de que se preparava a edição deste jornal originou em toda a província do Algarve um movimento de solidariedade, criando-se por esta altura várias associações de artistas que viam o futuro *Jornal dos Artistas* como um pólo centralizador e o seu principal modo de expressão.

Mal soube do projecto, Gomes Leal manifestou o desejo de ser o seu redactor, ao qual se juntaram João de Deus, José Alexandrino d’Avelar, Luís Mascarenhas, Reis Dâmaso, Teodoro Magalhães, Joaquim João Serpa, entre outros. A edição do primeiro número foi mesmo comemorado com pompa e a ele se agregou a instalação de uma associação de operários na Vila Nova de Portimão. A rua da redacção, rua Direita, foi iluminada; a comissão redactorial foi acompanhada pela filarmónica artística da vila até às duas tipografias que imprimiam o jornal, e daí até à sala do antigo Grémio Artístico, onde o periódico foi distribuído pelos presentes.

³⁸ Esta é a data do último número que a colecção da B.N.P. conserva; no entanto, não apresenta quaisquer indícios que nos levem a acreditar que tenha sido o último número.

Não obstante, o primeiro número motivou desavenças entre as duas oficinas tipográficas existentes. O jornal, cujo 1.º número atingiu os 3600 exemplares não pôde ser totalmente impresso na Tipografia do *Correio do Meio-Dia*, com o qual havia feito contrato de composição e impressão, devido a incapacidade material inicial. Assim, todo ele foi composto na Tipografia do *Correio do Meio-Dia*, mas 1750 exemplares foram impressos na Tipografia da *Liberdade* (v.). Esta oficina, nos 1750 exemplares que imprimiu, substituiu “Tipografia do *Correio do Meio-Dia*” por “Impresso na *Liberdade*”, o que indignou a oficina contratada, acusando a concorrente de má-fé:

“Nesta tipografia [*Liberdade*] cometeu-se porém um abuso, que além de deslealdade é uma perfeita usurpação que não podemos consentir.

É praxe que os trabalhos de cada tipografia levem a marca do estabelecimento e a nossa tipografia que havia feito as chapas do *Jornal dos Artistas*, tinha assinalado com o seguinte dístico tipografia do *Correio do Meio-Dia*. Na tipografia da *Liberdade* para onde elas foram tiraram aquele dístico e substituíram pelo seguinte: Impresso na *Liberdade*.

É certo que a palavra impressão no sentido restrito não abrange o trabalho de composição e paginação, mas é hoje habitual compreender-se na palavra impressão todo o trabalho duma tipografia e o dístico posto na *Liberdade* faz supor que foi lá que se fez o trabalho todo.

Por outro lado, houve intenção na eliminação do nosso dístico, pois que a querer aquele estabelecimento respeitar os nossos direitos e fazer valer os seus, poderia fazê-lo alternando o dístico do seguinte modo: Composição na Tipografia do *Correio do Meio-Dia* e impressão na da *Liberdade*.³⁹

Do n.º 2 até ao n.º 98, datado de 20 de Setembro de 1877, o *Jornal dos Artistas* foi totalmente composto e impresso na Tipografia do *Correio do Meio-Dia*. A 30 desse mês, o *Correio* informava os leitores de que *O Jornal dos Artistas* passaria a compor e a imprimir-se em Lisboa, em busca de melhoramentos materiais.

Quanto ao *Algarve* («Órgão do Partido Progressista nas Províncias do Sul»), periódico que foi propriedade de Luís Mascarenhas, o qual era também o seu redactor principal, iniciou a publicação a 21 de Setembro de 1878 e foi editado até, pelo menos, 09 de Fevereiro de 1879⁴⁰. Foi o primeiro jornal bissemanal a editar-se em Portimão o que mostra que a imprensa periódica tinha já conquistado um lugar certo no seio dos Portimonenses.

Para além desta produção, e sob a iniciativa dos tipógrafos Jaime Quirino Chaves e António Cândido de Mira Escalço Vieira, foram planeadas outras iniciativas

³⁹ *Correio do Meio-Dia*, n.º 79, 21/11/1875.

⁴⁰ Esta é a data do último número que faz parte da colecção da B.N.P., embora nada indique de que se tenha tratado do último número editado.

editoriais. No n.º 132, de 26/11/1876, o *Correio do Meio-Dia* noticiava a fundação de um novo periódico, o *Bouquet Literário* («Semanário Recreativo, Noticioso e Artístico»), propriedade dos dois tipógrafos e com data de publicação para 01 de Janeiro de 1877. Tratar-se-ia de uma publicação inédita no Algarve, sobretudo literária, colaborada por escritores da região e de Lisboa. Teria um formato maior que o de uma folha almaço, custando 100 réis por mês, ou 250 por trimestre. Para garantir a qualidade da sua publicação, os tipógrafos informavam que já tinham encomendado “de Lisboa tipo inteiramente novo e bom papel”, com que o periódico seria “nitidamente impresso”. O jornal, que prometia ser semanal, dependia do n.º de assinaturas inicial, o que, julgo, terá determinado o fracasso do projecto, uma vez que nenhum periódico da altura noticiou o seu efectivo aparecimento. Ainda assim, nas vésperas do dia anunciado, os proprietários advertiram os leitores de que, “em consequência de não ter chegado como se esperava, o tipo novo no vapor de 16, não sai o *Bouquet* amanhã e sim logo que ele chegue, pois esperamos a remessa no próximo vapor.”⁴¹ Após esta informação, não houve novas referências ao anunciado *Bouquet Literário*.

Mais sorte teve o *Almanach Económico para 1878*, também da iniciativa destes dois tipógrafos. Tratava-se de um folheto de 32 páginas, que apresentava o calendário, anedotas, charadas, poesia e encerrava com os horóscopos. Foi impresso em Outubro de 1877 e custava 60 réis.

Em Março de 1878 foi anunciado um livro de Luís Mascarenhas, intitulado *Liberaes e Reaccionários ou catholicismo perante a civilização questões religiosas*. Com cerca de 300 páginas, in-8.º, “em excelente papel e impressão nítida para a qual veio expressamente de Lisboa uma requisição de tipo novo” e a 500 réis o exemplar, previa-se que o livro saísse em Abril dos prelos da Tipografia Lealdade. Desconheço se foi realmente impresso, uma vez que não foi possível encontrar qualquer notícia da sua real edição.

Desconhece-se se a oficina teve continuidade após a impressão do jornal *O Algarve*, extinto em 09/11/1879.

**II.I.2.2 Tipografia Do Correio Do Meio-Dia– V.
Tipografia Portimonense (I)**
**II.I.2.3 Tipografia Lealdade – V.
Tipografia Portimonense (I)**

⁴¹ *Correio do Meio-Dia*, n.º 137, 31/12/1876.

II.I.2.4 Tipografia Da *Liberdade* (1874 – 1878?)

A Tipografia da *Liberdade* foi instalada na rua do Postigo dos Fumeiros, s/n, para, como o próprio nome indica, imprimir o jornal *Liberdade*, que iniciou publicação a 18 de Outubro de 1874 e defendia a ideologia republicana. No entanto, em Agosto desse ano, a tipografia já estava devidamente montada. A colecção da Biblioteca Nacional apenas apresenta dois números, o n.º 9, de 13/12/1874, e o n.º 146, de 29/07/1877, dos quais é difícil obter informações sobre a vida da oficina. Na verdade, são os periódicos da época, quer de Portimão, quer de Lagos, que nos dão algumas informações sobre a vida desta casa.

Desconheço a identidade dos proprietários, embora acredite que tivessem sido os mesmos do jornal *Liberdade*. Em Dezembro de 1877, o *Correio do Meio-Dia* indicou António Francisco Nobre Temudo como o editor responsável, e Luís Mascarenhas num comunicado publicado n' *O Algarve*, em Outubro de 1878, identificou Manuel d'Almeida Coelho de Bívar e o irmão, o Visconde de Bívar, como os responsáveis por este periódico; José António dos Reis Dâmaso foi o seu director e José Paulo Serpa foi o administrador.

Sendo provável que a redacção, composição e impressão partilhassem o mesmo espaço, a oficina localizou-se primeiro na Rua de Santa Isabel e mais tarde mudou-se para a Rua dos Quartéis, n.º 42.

Avancei há pouco que em Agosto de 1874 a oficina já estava instalada porque é precisamente nesta altura que a tipografia contratou o seu tipógrafo: Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa (v.), que tinha sido contratado em Lisboa por Augusto Feio Soares de Azevedo (v.) para gerir a Tipografia *Gazeta do Algarve* (v.), de Lagos. No entanto, no início do mês de Agosto de 1874, Francisco Lisboa despediu-se da *Gazeta* e iniciou actividade no dia 09 em Portimão na Tipografia da *Liberdade*, trazendo consigo o seu aprendiz Francisco de Paula Marreiros Baptista (v.). Esta transferência causou mal-estar entre as duas casas e originou esclarecimentos públicos.

O conflito, graças ao qual podemos conhecer alguns dos seus artistas, é apenas um dos muitos que as duas casas travaram. Também em Portimão as relações entre a *Liberdade* (jornal de feição republicana) e o seu concorrente, o *Correio do Meio-Dia* (jornal de feição progressista) não foram fáceis. Um dos incidentes mais graves foi o que decorreu da impressão do *Jornal dos Artistas*, como já referimos a propósito da Tipografia Portimonense (v.).

Com efeito, são frequentes as alusões à *Liberdade* na imprensa coeva, mas, tendo em conta os exemplares hoje preservados pouco mais se pode adiantar.

Quanto à sua produção, foi possível apurar, para além do periódico, a impressão do *Almanach dos Artistas para 1877*, iniciativa da empresa do *Jornal dos Artistas*. Este almanaque foi impresso em Dezembro de 1876, era constituído por 128 páginas e ilustrado com diversas gravuras da autoria de Alberto e Macedo, vendendo-se ao preço de 200 réis. De acordo com o anúncio publicado na *Gazeta do Algarve*, a 20/12/1876, o *Almanach dos Artistas* apresentava o calendário, biografias dos artistas mais notáveis e os seus retratos, artigos de escritores, a nova divisão das comarcas, as diligências no Algarve, desde Lagos a Vila Real de Santo António e todos os seus percursos, o horário dos vapores do Guadiana de Vila Real a Mértola e de Mértola a Beja, preços de todos os caminhos de ferro, lei do selo, marés no Algarve, eclipses, festas móveis, dias de gala, poesias, charadas, anedotas, etc..

De acordo com um comunicado de Luís Mascarenhas, publicado n' *O Algarve*, n.º 12, a 27/10/1878, dirigido aos responsáveis do jornal *A Liberdade*, podemos constatar que nesta altura ainda se publicava. Não foi, porém, possível apurar a sua data de extinção definitiva.

II.I.2.5 Tipografia De *A Independência* (1880 – 1882)

A Tipografia de *A Independência* foi, como o nome sugere, montada para compor e imprimir o jornal *A Independência* (08/02/1880 – 07/05/1882), propriedade de Joaquim João Serpa (v.). Acredito que para além de proprietário dos dois periódicos que aqui se imprimiram, Joaquim João Serpa foi também o dono da respectiva oficina.

Esteve em funcionamento na rua da Ribeira, n.º 58, entre Fevereiro de 1880 e, pelo menos, Novembro de 1882, data possível para a extinção do jornal *A Ordem*⁴² (18/06/1882 – 19/11/1882?) que substituiu *A Independência*.

Esta tipografia teve como director o tipógrafo Francisco Augusto de Macedo Ferreira (v.), o qual integrou também a ficha técnica do jornal *A Ordem*, enquanto administrador.

⁴² Trata-se de uma data possível para a sua extinção, uma vez que é o último número que compõe a colecção da B.N.P.

Para além da edição dos dois periódicos referidos, não foi possível apurar outra produção desta oficina. A sua publicidade indicava estar preparada para todo o tipo de trabalhos, quer para particulares, quer para a administração pública.

Os dados recolhidos levam-me a afirmar que Joaquim João Serpa deslocou a tipografia para Lagos, onde, em 1883, a instalou com a designação Tipografia Moderna (v.).

II.I.2.6 Tipografia Rocha (1897)

A Tipografia Rocha foi uma das oficinas fundadas pela família Rocha Socorro: primeiro em Vila Real de Santo António com a designação Guadiana (I) (v.), depois com o mesmo nome em Lagos (v.), mudando entretanto a designação para Tipografia Rocha, e, em 1897, em Portimão com esta denominação.

Foi M. A. Rocha Socorro (v.) quem instalou a oficina em Portimão, pois a 01/01/1897 já residia em Portimão. A 15/08/1897 foi publicado *O Eco Militar* («Órgão Militar Independente»), composto e impresso na Tipografia Rocha, de M. A. Rocha Socorro, sem outra indicação que a permita localizar com exactidão. A moldura que envolve o título do jornal é exactamente igual à do *Correio das Províncias* (impresso em Lagos, na Tipografia homónima).

Nada mais foi possível apurar sobre a vida desta oficina em Portimão, apenas que em 1899 estava novamente em Vila Real de Santo António (v.)

II.I.2.7 Tipografia Arade (190-? – ?)

Acerca desta tipografia apenas apurei que estava em funcionamento em 1902, ano em que imprimiu *O Algarve* («Revista Mensal»), dirigida por Jerónimo Negrão Buisel, que foi uma excelente mostra dos trabalhos da casa. A revista, de 16 páginas, foi publicada em formato in-8.º (21,5x14,5cm) e teve quatro números. Cada um deles era dedicado a uma personalidade portimonense, ou muito ligada à cidade, cujo retrato era publicado, fazendo acompanhar-se da respectiva biografia. No primeiro número, datado de Outubro de 1902, o Visconde de Bívar foi a personalidade biografada, no n.º 2 foi o Conselheiro Joaquim José Machado, no n.º 3 foi Frederico Ramires e no n.º 4 a personalidade eleita foi João de Deus.

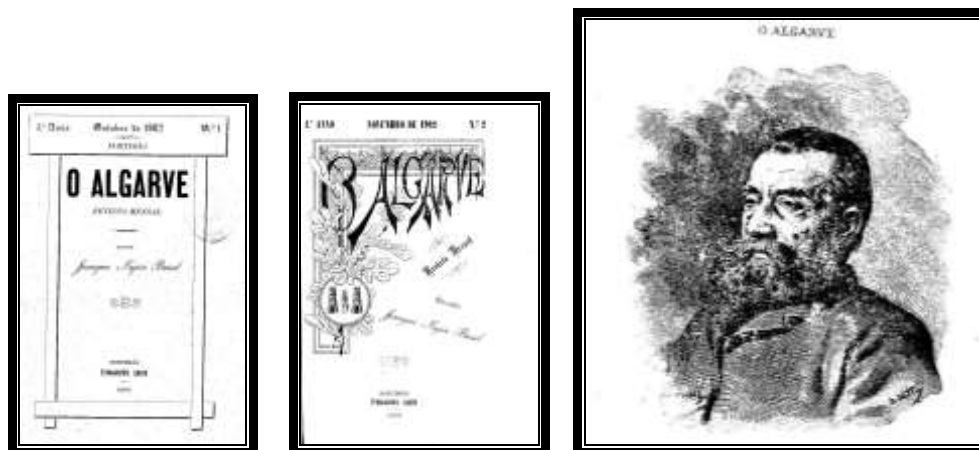


Ilustração n.º 8: O Algarve, capas do n.º 1, n.º 2 e gravura de David Neto a retratar João de Deus (n.º 4).

II.I.2.8 Tipografia Prazeres (1910? – 1928?)

A Tipografia Prazeres, propriedade de Joaquim da Silva Prazeres, foi instalada na Rua de São João, 36 (actual rua João Vitorino Mealha), e, em Julho de 1926, já tinha mudado de instalações para a Rua Miguel Bombarda, n.ºs 91-93.

Em 14 de Abril de 1910, iniciou a publicação d' *O Portimonense* («Jornal de anuncios de distribuição gratuita»), propriedade de Joaquim da Silva Prazeres, que era também o seu director e administrador. O periódico, embora dedicado essencialmente aos anúncios, apresentava-se bem impresso. Foi suspenso no mesmo ano, com o n.º 10 (01/09/1910), e reapareceu a 29/07/1926, com a mesma ficha técnica. Em 31/03/1927 surgiu um novo *Portimonense*, com nova numeração e subtítulado «Semanário de Larga Distribuição». Continuou a ser propriedade e administrado por Joaquim da Silva Prazeres, mas acolheu também textos de Camilo Cordeiro, único colaborador, o qual iniciou no jornal a publicação da sua novela *Faúlhas*, transformada em livro em 1927 (v. catálogo, n.º 19.), e tinha como secretário de redacção Joaquim da Silva Prazeres Júnior. É já um periódico de carácter noticioso e regionalista. Extinguiu-se a 02/02/1928.

No entanto, e como a maioria dos estabelecimentos congéneres, a actividade da oficina, segundo a sua própria publicidade, estava mais centrada nos trabalhos comerciais. Em 1927, a oficina passou a oferecer também trabalhos de encadernação.

II.I.2.9 Tipografia Portimonense (II) – V. Tipografia Prazeres

II.I.2.10 Tipografia Artística Do Algarve (1914 – 1915)

Esta oficina, coeva da Tipografia Prazeres, estava a funcionar em 1914. O proprietário da tipografia, instalada na rua Cândido dos Reis, n.ºs 62 e 64, era Antony Guyonnet, de origem francesa, que editou o jornal *O Arauto dos Interesses Algarvios* («Folha Semanal»), entre 23 de Julho de 1914 e 15 de Julho de 1915. Este jornal tinha como director, redactor e editor João Batista Caleça.

Para além da tipografia, “dotada com material alemão, francês e nacional”, esta casa possuía também serviços de papelaria.

O parque da oficina foi vendido em 1915, a Henrique Martins (v.), que a instalou na rua 5 de Outubro, em Silves, mantendo-lhe a designação (v.). A aquisição da oficina foi motivada pela necessidade de compor e imprimir o jornal *Alma Algarvia*, cujo número 222, foi ainda impresso em Portimão.

II.I.2.11 Tipografia Santos (Década de 20)

A Tipografia Santos esteve em funcionamento nos anos 20 na rua 5 de Outubro, n.º 39, e dedicava-se exclusivamente a trabalhos comerciais. Desconheço quem foi o seu proprietário, pois apenas me foi possível detectar a sua existência através de pequenos anúncios publicados em jornais do Sotavento algarvio.

II.I.2.12 Empresa Tipográfica Lumen, Lda. (1924 – 200?)

A instalação da Empresa Tipográfica Lumen, Lda. na rua Machado Santos, n.º 10, foi concluída a 01 de Outubro de 1926; no entanto, o seu percurso legal iniciou-se meses antes. A empresa proprietária desta tipografia foi inicialmente constituída por José Francisco Cabrita, José Gonçalves Nunes, Manuel Gaspar Patrocínio, Sebastião de Freitas Leal, Amadeu Pereira Gomes, Armando da Silva Correia, Pedro Dias e Augusto de Mira Leal (v.). A 26/06/1925, houve uma alteração no pacto inicialmente acordado e as quotas foram redistribuídas por três sócios apenas: Pedro Dias, que comprou as de José Francisco Cabrita, Luís Moutinho (v.), tipógrafo da casa, que comprou as de José Gonçalves Nunes, e Augusto de Mira Leal que comprou as restantes quotas.

Em Agosto de 1926, a empresa sofreu nova alteração: Luís Moutinho deixou de ser tipógrafo da Empresa Tipográfica Lúmen, Lda., passando a sua quota para o

gerente, Augusto de Mira Leal. Luís Moutinho fundou pouco depois na Rua 5 de Outubro a Tipografia Minerva do Comércio (v.).

Em Março de 1930, Augusto de Mira Leal tornou-se o único proprietário da oficina, conforme declarou:

“todas as máquinas de impressão e restante material que possuo na minha oficina foram adquiridos em segunda mão em meados do ano de 1924 em Loulé, pelos sócios fundadores da antiga Empresa Tipográfica Lumen, Limitada, sociedade que foi extinta em virtude de eu ter adquirido as quotas que na mesma tinham os antigos sócios, a última das quais foi comprada em 25 de Março de 1930. Desde essa data, passei a trabalhar em n/individual e com os maquinismos e material que haviam transitado da primitiva Sociedade.”⁴³

O parque gráfico da oficina foi inicialmente composto uma máquina grande para imprimir, uma máquina pequena, uma guilhotina, uma picotadeira, uma máquina de coser folhetos a pedal e cinquenta caixas com tipos diversos.

A trabalhar tinha um compositor e dois aprendizes.

Em 1940, a Tipografia tinha ao seu serviço cinco artistas e reforçou o parque com duas máquinas de impressão.

Em 1946, os operários eram Augusto de Mira Leal, proprietário e tipógrafo, António Sebastião Gonçalves (v.), tipógrafo oficial, Manuel António Ramos Guerreiro (v.) e Avelar Duarte Reis (v.), ambos auxiliares, e Gilberto Augusto Ventura (v.), aprendiz.

Em 1950, mantinha o mesmo número de operários e o parque tipográfico era constituído por uma máquina de impressão Liberty, uma máquina Ausonia, accionada por um motor eléctrico de 1,75, uma máquina de impressão Victoria, accionada por um motor eléctrico de 1cv., uma máquina de impressão de cartões manual, uma guilhotina, uma picotadeira e uma máquina de coser a arame.

Entre 1952 e 1954, a oficina adquiriu duas Heidelberg e uma outra em 1964. Em 1971, legalizou a aquisição de duas máquinas de impressão Heidelberg, uma máquina de impressão automática Frontex e uma máquina de impressão Augusbuy Plana e vendeu para a sucata a Ausonia e a Victoria e declarou possuir: uma secção de composição com um prelo de provas; uma secção de impressão com uma máquina de impressão de formato grande, uma máquina de impressão de formato médio, três

⁴³ Carta de Augusto Mira Leal dirigida à 5.ª Circunscrição Industrial, datada de 14/08/1940, depositada no Centro de Documentação de Portimão.

máquinas automáticas de formato médio, uma máquina de impressão de formato pequeno; e uma secção de corte com uma guilhotina eléctrica.

Em 1999, a Empresa Tipográfica Lumen, Lda. empregava um operário e três administrativos e estava equipada com duas máquinas automáticas de impressão Heidelberg (uma delas avariada), uma máquina de impressão Frontex, uma máquina de impressão manual, uma guilhotina eléctrica Derby, uma picotadeira eléctrica, uma máquina de agrafar e uma máquina de furar manual.

Em 1945, Augusto de Mira Leal terminou o processo de licenciamento para fins de atribuição de alvará. Foi-lhe atribuído o Alvará n.º 29 234, de 27 de Janeiro de 1945. Em 1958, por morte do proprietário, o alvará foi averbado no nome dos herdeiros, que assumiram a continuidade da oficina: Elvira da Conceição Leal, viúva, Alberto da Conceição Leal (v.), filho, Octávio da Conceição Leal, filho, e Orlando Mira Leal, filho.

Quanto à produção da oficina, identificámos a impressão de cinco periódicos: *O Jornal de Portimão*, *A Cidade Nova* (02/08/1925 – 22/10/1925), *Comércio de Portimão* (11/07/1926 – ?), *O Povo de Silves* (29/11/1925 – 23/06/1927) e o *Jornal de Cinema* (01/01/1932 – 10/07/1932, n.º 10), *Asas Brancas* (Lagoa: 31/12/1932 – 15/06/1934), *Ecos do Além* (Lagoa: Nov. / 1923 – 1934). Imprimiu dois livros de António Luciano Azevedo (v. catálogo, n.ºs 17 e 18); diversos folhetos relativos à vida associativa e comercial da cidade, assim como executou todo o tipo de trabalhos concernentes à arte e necessários à vida comercial e industrial de Portimão.

II.I.2.13 Tipografia De Augusto De Mira Leal – V. Empresa Tipográfica Lumen, Lda.

II.I.2.14 Tipografia Minerva Do Comércio De Luís Moutinho (1926 – 2008)

O fundador da Tipografia Minerva do Comércio foi Luís Moutinho (v.), em Agosto de 1926. O nome comercial da oficina, que nunca foi, de resto, registado, deveu-se a uma homenagem do proprietário a uma tipografia onde tinha trabalhado enquanto aprendiz, ainda na sua terra natal, Idanha-a-Nova.

A oficina foi instalada na rua 5 de Outubro, n.º 45. Amílcar Guerreiro da Encarnação (v.), actual proprietário e aprendiz de Luís Moutinho, descreve-o como um verdadeiro artista, brioso da sua arte, afirmando: “Era capaz de desmanchar tudo, se o resultado final não fosse aquele que ele tinha idealizado”. Não obstante, nos primeiros

anos, a oficina nem sempre tinha obras suficientes que ocupassem o dia inteiro de trabalho, razão pela qual era frequente os funcionários realizarem horas noutras oficinas da terra, como nos deixa perceber o livro de despesas da oficina.

Consultados os livros de receitas e despesas do ano de 1927, podemos apurar



*Ilustração n.º 9:
Livros de Receitas e
Despesas de 1927,
depositados na
Tipografia Minerva
do Comércio.*

que Luís Moutinho tinha inicialmente mais um funcionário, Fernando⁴⁴. Mas a equipa foi crescendo e, posteriormente, foram contratados Francisco da Conceição Paula (v.), Máximo Cinta Xavier (v.) e o irmão, José, que trabalhou apenas alguns meses. Depois Constantino e Alexandre. Em 1968, entrou Amílcar Guerreiro da Encarnação (v.), substituindo Alexandre, que se ausentou para cumprir o serviço militar. Em 1969, a equipa era composta por cinco artistas: Luís Moutinho, tipógrafo oficial, Máximo Cinta Xavier, tipógrafo encarregado, Amílcar Guerreiro da Encarnação, Dagouberto e Daniel. Todos executavam os trabalhos de composição e impressão.

A mudança de proprietários da Minerva do Comércio tem sido feita de forma natural, através de doações. A 29 de Outubro de 1981, Luís Moutinho doou a oficina ao encarregado, Máximo Cinta Xavier e, em 1996, este doou-a a Amílcar Guerreiro da Encarnação, que tem assegurado a continuidade da casa.

No que diz respeito ao parque gráfico, aquele que se pode encontrar hoje no n.º 45 da rua 5 de Outubro é precisamente o mesmo com que a oficina foi criada: uma máquina de impressão Minerva manual, entretanto adaptada para o sistema eléctrico, uma guilhotina com prensa, adquirida em Maio de 1926 ao preço de 2 429\$200, uma máquina de picotar, comprada em Abril de 1928 que custou 1 246\$250, uma máquina de impressão de pequenos formatos manual e três armários com tipos, adquiridos na Imprensa Nacional. As gravuras foram adquiridas na Fotomecânica, Lda., Largo do Conde Barão, 50A, 2.º Lisboa.

⁴⁴ As referências no livro de despesas apenas mencionam os funcionários pelo primeiro nome.

Ao longo dos 81 anos de existência, esta tipografia tem-se dedicado essencialmente à composição e impressão de documentos comerciais e contabilísticos. Ofereceu, em tempos, serviço de encadernação, de que se ocupava Máximo Cinta Xavier; no entanto, após a instalação de um encadernador na cidade, António Luís, os trabalhos foram transferidos para ele.

Após a doação da oficina a Máximo Cinta Xavier, em Outubro de 1981, o quadro de pessoal resumia-se a este e a Amílcar da Encarnação. Quando, em 1996, este recebeu a tipografia, o trabalho já não justificava duas pessoas. A partir daí, tem sido Amílcar Guerreiro da Encarnação, presentemente com 53 anos, quem tem mantido aberta a porta da Minerva do Comércio. Uns dias são dedicados apenas à composição, os outros dedicados à impressão.



Ilustração n.º 10: Momento de composição.



Ilustração n.º 11: Momento de impressão.

Fez obras há pouco tempo, melhorando as condições de segurança e higiene do espaço, mas os objectos e as máquinas com que aprendeu a trabalhar são os mesmos, meticulosamente tratados, limpos e organizados diariamente, como se se tratasse de um ritual ininterrupto que assegurará a longevidade da arte que lhe foi fraternalmente legada. A marca comercial da Minerva do Comércio, da autoria de A. C. Gomes, gravura mandada fazer por Luís Moutinho, é outro dos objectos intocáveis desta oficina, porque “mantém o espírito” do tempo do fundador e nem o seu restauro está para já equacionado.

Amílcar Guerreiro da Encarnação é actualmente o guardião da tradição tipográfica na cidade de Portimão.



*Ilustração n.º 12: Máquina de impressão Minerva.
Fonte: Parque da Tipografia Minerva do Comércio.*



*Ilustração n.º 13: Máquina de picotar.
Fonte: Parque da Tipografia Minerva do Comércio.*



*Ilustração n.º 14: Guilhotina com prensa.
Fonte: Parque da Tipografia Minerva do Comércio.*



*Ilustração n.º 15: Máquina de impressão para pequenos formatos.
Fonte: Parque da Tipografia Minerva do Comércio.*

II.I.2.15 Tipografia De José Dos Santos Roque (195-? – 2008)

Esta oficina foi fundada por José dos Santos Roque, na década de 50. Em 1980, a oficina foi adquirida por Manuel José Borges Rosa (v.) e por António Pedro da Silva

Jacinto (v.), que passou a ser designada por Gráfica Central Algarvia. Estava, então, situada na Rua Mouzinho Albuquerque, n.º 37, onde ainda se mantém. Todavia, António Pedro da Silva Jacinto, principal investidor, acabou por desiludir-se com a sociedade e vendeu a sua quota à esposa de Manuel José Borges Rosa, Maria de Fátima dos Santos Borges Rosa, a 07/02/1984.

Na sequência da saída de António Pedro da Silva Jacinto, Manuel Rosa assumiu as funções de gerência e manteve-se como tipógrafo-chefe da oficina que empregava seis funcionários.

Em 1999, Manuel Rosa passou a sociedade para a filha, Dília Maria dos Santos Rosa Cavaco, e para o genro, Rui Jorge Ramos Cavaco, com os quais a oficina se tem adaptado às novas tecnologias.

Na década de 80, a tipografia estava dotada de duas máquinas Heidelberg tipográficas, seis armários com tipo, uma guilhotina, uma máquina de furar e uma de agrafar. Em 1993, a oficina iniciou a fase de transição para o sistema off-set. Actualmente, o parque gráfico é constituído por uma Heidelberg, uma impressora Fugii 52 off-set, uma impressora Gaestetner, uma impressora digital, uma prensa, uma guilhotina, uma máquina de intercalar, dois computadores e duas impressoras. O quadro de pessoal é constituído pelos dois gerentes, um designer e três impressores, que prometem acompanhar a inovação tecnológica.

Da antiga oficina resta apenas um pequeno mostruário no balcão de atendimento com um componedor, tipos e algumas gravuras.

II.I.2.16 Gráfica Central Algarvia – V. Tipografia De José Dos Santos Roque

II.I.2.17 Tipografia De Alberto Conceição Leal (1960 – 2008)

Alberto Conceição Leal (v.) fundou em Janeiro de 1960 uma oficina própria na rua Dr. João Vitorino Mealha, n.º 7.

A 02/11/1973, a tipografia passou a designar-se Leal & Rosa, Lda., em virtude de Alberto Conceição Leal ter constituído uma sociedade por quotas com o cunhado, Manuel José Borges Rosa (v.), que durou pouco mais de um ano, tendo Manuel Rosa vendido a sua quota à irmã, Maria Isabel Borges Rosa Leal.

A 12/07/1984, a oficina foi adquirida por um ex-funcionário da casa, António Pedro da Silva Jacinto em sociedade com Abel Soares Guedes⁴⁵, tendo Alberto Conceição Leal continuado aí a trabalhar até se aposentar. No ano seguinte, Abel Soares Guedes acabou por ceder a sua quota a Maria Antonieta da Silva Jacinto Marreiros, irmã de António Pedro da Silva Jacinto. Em 1989, Maria Antonieta vendeu 25% da quota a Álvaro Leite Teixeira (v.), que entretanto se tinha contratado na oficina, e os restantes 25% a outro irmão, João Dionísio da Silva Jacinto. Em 1990, Álvaro Leite Teixeira demitiu-se e vendeu os seus 25% a João Dionísio da Silva Jacinto. Nessa altura houve um reforço de capital e António Pedro da Silva Jacinto ficou com uma quota no valor de 25 000,00€, e o irmão, João Dionísio da Silva Jacinto, ficou com outra no valor de 12 500,00€.

A tipografia foi fundada na rua Dr. João Vitorino Mealha, n.º 7; em 1988, foi transferida para a rua D. Carlos I, 42ª; e, em 2005, foi deslocada para a Urbanização Caldeira, rua projectada ao parque das Feiras, lote 22A, cave.

No que diz respeito ao parque gráfico e de acordo com o testemunho de António Pedro da Silva Jacinto, a oficina possuía uma máquina de impressão manual pequena a pedal, uma máquina de impressão manual eléctrica, uma guilhotina, uma máquina de picotar, uma máquina de furar e quatro armários com tipos. Em 1962 ou 1963, adquiriu a primeira Heidelberg e, em 1965, adquiriu a segunda, que ainda hoje é possível observar na oficina. Quando, em 1984, António Pedro comprou a oficina, o parque era praticamente o mesmo, à excepção das máquinas manuais que já não existiam. No ano de 1988, quando a oficina foi transferida para a Rua D. Carlos I, n.º 42A, local com uma área coberta de 170 m², o processo de legalização apresentava a existência de duas máquinas de impressão Heidelberg 26x38, uma guilhotina Polar, uma picotadeira Pernuma, uma máquina de agrafar, uma máquina de fazer zincogravuras em polyester e uma máquina fotográfica Agfa 2100. Em 1992, de acordo com a planta entregue na Delegação Regional de Indústria e Energia do Algarve havia duas impressoras Heidelberg, uma Heidelberg off-set 46x64, uma máquina off-set Gaestetner 211, uma prensa de gravação de chapas, uma guilhotina Mohr 82, uma picotadeira Pernuma e um agrafador. Em 2003, possuía uma máquina impressora Heidelberg tipográfica, uma máquina impressora Fuji off-set 36x52, uma máquina impressora Heidelberg off-set 48x65, uma máquina impressora Lion 2000 off-set, uma prensa de gravação de chapas,

⁴⁵ Abel Soares Guedes era vendedor de papel de uma empresa sediada no Porto.

uma guilhotina polar Mohr 82, uma picotadeira Pernuma, um agrafador e uma máquina de dobrar capas, adquirida à Artes Gráficas Damas & Vicente, Lda. (v.), de Lagos. Actualmente, o parque gráfico é o mesmo.

Em toda a sua história, a oficina trabalhou com cerca de três a quatro funcionários. Nos primeiros tempos de actividade trabalharam Alberto Conceição Leal que era compositor, José Pedro e Manuel, impressores e António Pedro fazia os trabalhos quer de composição, quer de impressão. Nos anos 80, o quadro era constituído por Alberto Conceição Leal, António Pedro, José Manuel e Carlos. De 1985 a 1989, Maria Antonieta da Silva Jacinto Marreiros fez também parte do quadro de pessoal como administrativa e, actualmente, são três os gráficos da Arte Gráfica, António Pedro da Silva Jacinto, proprietário, Sérgio Miguel Conceição Guerreiro, gráfico-impressor, e Hélio Henrique Jacinto Marreiros, designer.

Em toda a sua existência, a tipografia sempre se dedicou aos trabalhos comerciais e contabilísticos, que continua a assegurar.

**II.I.2.18 Tipografia Leal & Rosa, Lda. – V.
Tipografia De Alberto Conceição Leal
II.I.2.19 Artes Gráficas Leal & Rosa, Lda. - V.
Tipografia De Alberto Conceição Leal**

**II.I.2.20 Tipografia De Miguel Paiva, Lda.
(1983 – 2008)**

A Tipografia de Miguel Paiva, Lda. foi fundada na rua do Operário, n.º 43, Bairro Novo da Boavista, em 1983. A tipografia é propriedade de Miguel Arlindo Paiva (v.) e esposa, Natalina Paiva.

A oficina começou a trabalhar com os métodos tradicionais, mas em 1988 adquiriu a primeira máquina off-set. O parque gráfico da oficina foi adquirido em Lisboa e era composto por uma máquina de impressão manual, uma picotadeira manual, uma guilhotina manual e 10 armários com tipos.

Actualmente, a tipografia mantém a máquina de impressão manual, adquiriu uma Heidelberg e três máquinas off-set. A empresa emprega quatro tipógrafos oficiais impressores. O proprietário, Miguel Paiva, tinha como especialidade a de compositor, mas está já reformado.

Quanto à sua produção, tem-se dedicado fundamentalmente à impressão de trabalhos comerciais e contabilísticos.

II.I.3 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE LAGOA

II.I.3.1 Tipografia De João Crisóstomo De Freitas Barros (191-? – 1912)

A oficina inventariada neste concelho era propriedade de João Crisóstomo de Freitas Barros (v.), que exercia, desde 1910, a função de pároco encomendado na aldeia de Porches.

Aqui, mais precisamente na rua da Travessa, montou a tipografia, equipada com uma máquina de impressão adquirida em França, na Bonne Press, e duas máquinas de impressão Minerva.

Sabe-se que o chefe da oficina tinha vindo de Lisboa e que teve como aprendizes João da Aderneira (v.) e José Maria Teodoro (v.). João Crisóstomo de Freitas Barros aprendeu, desde cedo, a arte de Gutenberg, especializando-se na composição, e, quando necessário, trabalhava também na sua tipografia.

Para além de folhetos de propaganda religiosa, a tipografia imprimiu no ano de 1912 o semanário *Boa Nova* («Boletim Semanal das Freguesias de Estombar e Porches»), de que apenas se imprimiram vinte e um números (14/01/1912 – 07/07/1912) em virtude de um assalto de que foi vítima a oficina. Consta que o grupo assaltante foi chefiado pelo administrador do concelho e oficial do Registo Civil, que para além da tipografia, incendiou a biblioteca de João Crisóstomo de Freitas Barros. Este acto violento foi praticado sob a capa da defesa do novo regime, que serviu para justificar muitas acções simplesmente injustificáveis que se praticaram neste período. A agravar os acontecimentos, esteve ainda o facto de João de Freitas Barros ao queixar-se do crime de que fora vítima ao então Governador Civil ter obtido como resposta a detenção.

II.I.4A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE SILVES

II.I.4.1 Tipografia *A Defesa Do Povo* (1878-1880)

O concelho de Silves conheceu o início da arte tipográfica no ano de 1878, para imprimir o semanário *A Defesa do Povo* («Folha Semanal») (15/09/1878 – 08/12/1880), um periódico monárquico dedicado ao Partido Progressista. O seu parque tipográfico era propriedade de Luís Sepúlveda Pimentel Mascarenhas (v.), que o fez deslocar de Portimão para aqui, onde foi instalado na Rua da Mesquita, n.º 326. Tratou-se de um acordo firmado entre Luís Mascarenhas e a casa Vilarinho (v.), que era a proprietária do jornal.

Com a tipografia, vieram também os tipógrafos Jaime Quirino Chaves (v.), tipógrafo-chefe, e António Cândido de Mira Escalço Vieira (v.), tipógrafo, cuja aprendizagem iniciou com o primeiro, ainda em Portimão.

Provavelmente como forma de angariar mais dividendos do que aqueles que o jornal e os trabalhos comerciais proporcionavam, Jaime Quirino Chaves teve duas outras iniciativas editoriais: fundou a empresa *Noites Algarvias*, que pretendia editar uma colecção de romances e o primeiro, *Trinta Anos d'Aventuras* de Fortunato Boisgobey (v. catálogo, n.º 24.), foi traduzido pelo seu irmão Luís Quirino Chaves (v. autores), e saiu em Outubro de 1880. Era publicado semanalmente, em fascículos de 16 páginas e ao preço de 20 réis. As gravuras acresciam o valor em 10 réis⁴⁶. Outra das suas iniciativas foi a edição do *Almanach dos Rolheiros para 1880*, publicado em Janeiro de 1880 e que se vendia em toda a província pelo preço de 60 réis.

No final do ano de 1880, *A Defesa do Povo* foi suspensa e o parque e quadro tipográficos deslocados para Faro, para aí imprimir *O Progresso do Algarve* («Órgão da Política Progressista Algarvia») (08/12/1880 – Jun./1889?), cujo director era Luís Mascarenhas, proprietário da oficina (v.).

II.I.4.2 Tipografia Silvense (1910 – 1912)

⁴⁶ Cf. *A Independência*, Portimão, n.º 38, 24/10/1880, p. 3.

A Tipografia Silvense, com sede na Rua Cruz de Portugal, foi fundada em 1910 para publicar o jornal *O Silvense* («Semanário Independente»). Era proprietário da oficina e do jornal Gregório Nunes Mascarenhas (v.), um dos industriais da cidade que parecia ser garante do sucesso desta empresa, sobre a qual afirmava ser “a mais bem montada de todo o Alentejo e Algarve”. Infelizmente, apenas conhecemos a vida desta casa através do jornal, cuja publicação se iniciou a 27/03/1910 e se extinguiu a 24/06/1911.

O primeiro número de *O Silvense* apresenta-se quase como um catálogo. Papel branco, espesso, dedica a última página (4) à publicidade e é aí que expõe a sua enorme variedade de vinhetas e tipos disponíveis, que a publicidade à Tipografia confirma: “Esplêndidas máquinas alemãs dos melhores autores. Mais de 300 variedades de tipo e vinhetas. Grande colecção de filetes em metal. (...) Impressões em todas as cores, a ouro, prata e sobre cetim.” As suas máquinas estavam preparadas para a impressão de livros, jornais e mapas.

A origem desta oficina esteve provavelmente na ascensão industrial e económica que Silves vinha protagonizando desde os finais do século XIX, suprimindo assim a carência de impressos ligados à actividade comercial e industrial da cidade. Por outro lado, o seu nascimento embrionariamente ligado ao de um jornal supera o domínio da utilidade. Tratava-se de dar voz à cidade, de colocá-la a par dos outros concelhos algarvios, de integrá-la no grande círculo proporcionado por Gutenberg, de que Silves estaria até então afastada e que, no fundo, esta tipografia vinha agora proporcionar. No n.º 3 do jornal encontra-se esta visão plasmada num artigo de homenagem a Gutenberg:

“Com a sua invenção deu asas ao pensamento!
Rasgou enfim o véu opaco e tenebroso que enchia de trevas os cérebros! Podia transitar a Ideia, transpor fronteiras. Podia iluminar todos os espíritos, alentar todas as almas, engrandecer todas as iniciativas!

De então até aos nossos dias tem sido a Imprensa a mais poderosa arma que o homem tem manejado para se nobilitar e para se engrandecer pela Arte e pela Ciência. Poderosa alavanca do progresso, ela vai revigorando e aperfeiçoando as indústrias, transmitindo de um pólo ao outro todas as aspirações, todos os desejos, todas as grandiosas concepções que a inteligência faz brotar no cérebro dos grandes e pequenos lutadores.

A Ciência irradia! A vida ressurgiu! As raças compreendem-se e aproximam-se, e a Imprensa, lançando pelo espaço um enorme traço de união, reúne, amalgama e vai tentando consubstanciar numa só família todo o género humano.”

Este discurso veicula claramente a visão sobre a importância da actividade tipográfica e, como espelho reflector, apontaria certamente ao director do jornal, que tal como Gutenberg “podia iluminar todos os espíritos, alentar todas as almas, engrandecer todas as iniciativas”, ainda que na cidade de Silves.

A instalação da oficina foi de tal forma um acontecimento importante para a cidade, que o jornal chegou a noticiar a partida de Joaquim Marques Freire e Eduardo d’Abreu para Lisboa, os quais tinham estado na cidade propositadamente para assistir à instalação da tipografia. Segundo o jornal olhanense *O Provinciano*, datado de 27/02/1910, houve mesmo uma comemoração do facto: “O Sr. Mascarenhas, para comemorar a criação do jornal e oficina, oferece nesse dia um lunch de setenta talheres aos seus numerosos amigos.”

Gregório Mascarenhas fez, segundo os anúncios, um investimento considerável em material tipográfico, mas acabou por, pouco tempo depois, confirmar o que já era apanágio na arte tipográfica da província algarvia: a falta de recursos humanos qualificados. No n.º 3 apresentava desculpas públicas e desabafava com os seus leitores:

“O *Silvense* tem saído com algumas gralhas e com uma péssima impressão, não por nos pouparmos a despesas, pois não nos falta material de qualquer espécie, mas porque tem estado doente o impressor e isso grande desarranjo nos tem causado. Desculpem-nos os nossos respeitáveis assinantes que tudo vai ser remediado. Custa muito fazer um jornal principalmente na província onde falham a momentos os recursos.”

“Os recursos” são obviamente humanos, pois quanto aos materiais “não nos falta material de qualquer espécie” e para superar a dependência do trabalho num único tipógrafo, em Dezembro, o jornal anuncia a necessidade de mais um compositor ou impressor.

Para além do jornal, a oficina compôs e imprimiu o livro de Pedro Paulo Mascarenhas Júdice, intitulado *Atravez de Silves: I PARTE Sé,*



Ilustração n.º 16: capa de *Atravez de Silves*.

Fonte: Coleção da Biblioteca Nacional.

Castello, Cruz de Portugal e Pelourinho. Tratou-se da compilação dos artigos que o autor publicou n' *O Silvense* e que Armando Nunes Mascarenhas editou⁴⁷.

Em Junho de 1912, Gregório Mascarenhas cedeu a Tipografia Silvense a Álvaro Júdice para imprimir em Faro *O Sul* («Semanário Republicano – Defensor dos Interesses da Região») [v. Tipografia de *O Sul* (II)]. Este empréstimo não durou sequer um ano e, em Março de 1913, a oficina regressou à posse de Mascarenhas Gregório. Foi depois vendida a vários, entre os quais a Tipografia de Eduardo Serafim (v.), de Faro, que comprou duas máquinas de pedal: uma máquina Liberty n.º 5 e uma Diamant.

II.I.4.3 Tipografia Artística Do Algarve (1915-2008)

Cinco anos depois, Silves, animada por um grupo de homens dispostos a defender e a propagar a República, voltou a ter uma tipografia fundada para dar letra de forma à ideologia. Henrique Martins (v.) e Julião Quintinha (v. autores) são os rostos mais conhecidos deste grupo, uma vez que são eles a fundar os dois jornais de feição republicana na cidade: o *Alma Algarvia* («Semanário Republicano») (12/03/1911 – 15/04/1917) e a *Voz do Sul* («Órgão do Partido Republicano Português») (08/10/1916 – 11/11/1968).

É através do *Alma Algarvia*, o qual deveria ter recebido a designação *Voz do Sul*, que temos acesso à data da fundação da Tipografia Artística do Algarve em Silves: Novembro de 1915. O jornal, fundado simultaneamente em Portimão e Silves, teve, no início, o local de composição e impressão em Évora, na tipografia Minerva Comercial de José Ferreira Baptista, rua da República, 73-75. O suplemento ao n.º 222, datado de 08/09/1915 apresenta o local de impressão na Tipografia Artística do Algarve, em Portimão. O número seguinte disponível na colecção da B.N.P. é o n.º 224, de 01/11/1915, 3.ª série, e altera a sua ficha técnica, transferindo a redacção, administração e oficinas para a Rua 5 de Outubro, 10-12, Silves, pelo que se pode concluir que a tipografia começou a trabalhar aproximadamente nesta data.

A neta do proprietário, Gabriela Martins, num estudo dedicado à imprensa no concelho de Silves afiança que a tipografia foi fundada um ano antes, embora o argumento utilizado não coincida com os dados verificados no jornal: “Em Março de

⁴⁷ JÚDICE, Pedro Paulo Mascarenhas, *Atravez de Silves. I PARTE Sé, Castello, Cruz de Portugal e Pelourinho*, Silves, Armando N.[unes] de Mascarenhas, imp. na Tipografia Silvense, 1911. Livro de 144 pp., in-8.º (11x19,50 cm), com capa e contra-capas ilustradas e fotografias dos monumentos da Tipografia “A Editora”.

1914, interrompe a sua publicação [*Alma Algarvia*] para, de novo, aparecer em Abril do mesmo ano, sendo, a partir de então, composto e impresso na Rua 5 de Outubro, n.º 7, em Silves, onde ficava igualmente a sua administração.” Mais adiante corrobora esta ideia: «Em 1914, então com 23 anos, compra em Portimão, a um alemão proprietário da tipografia onde o jornal começou por ser impresso, todo o seu recheio e abre, em Silves, uma Livraria (o primeiro estabelecimento a vender livros nesta cidade) e uma Tipografia, chamadas “Livraria, Papelaria e Tipografia Artísticas do Algarve”»⁴⁸.

Ora, o “alemão” a que se refere Gabriela Martins no seu estudo era Antony Guyonnet, que não era de origem alemã, mas sim francesa, e que possuiu uma oficina homónima, onde imprimiu o jornal *O Arauto dos Interesses Algarvios, Folha Semanal* e o n.º 222 do jornal *Alma Algarvia*, número de transição entre Évora e a instalação definitiva em Silves. Na verdade, a oficina adquirida por Henrique Martins foi a Tipografia Artística do Algarve, que tinha sido fundada por Antony Guyonnet em Portimão (v.), no ano de 1914.

No que diz respeito à existência da papelaria e livraria, pode confirmar-se, pela consulta do periódico, a existência da papelaria:

“Tipografia Artística do Algarve de Henrique Martins / Rua 5 de Outubro, 10-12, Silves / Nesta tipografia, dotada com material estrangeiro e nacional, executam-se todos os trabalho que lhe confiarem, tanto para o comércio e indústria, artes e ofícios, como para associações, repartições públicas, etc., etc.,
Papelaria
Grande quantidade de papéis nacionais e estrangeiros, comercial e de cartas em variadíssimas qualidades.
Vendem-se às caixas e em separado.
Impressos para arrendamentos de casas, foros, etc.,
etc..
Vendem-se nesta tipografia.”⁴⁹

Quanto à existência de uma livraria só encontrei provas da sua existência cinco anos após a sua fundação, a 23/05/1920, no n.º 150 do jornal a *Voz do Sul*, o qual felicita o seu proprietário por esse melhoramento⁵⁰. É também a partir desta data que são publicitadas as listas dos livros recebidos na livraria⁵¹.

⁴⁸ MARTINS, Gabriela, *A Imprensa no Concelho de Silves. De Setembro de 1877 a Junho de 1988. Cento e Onze Anos de Actividades Jornalísticas*. Exemplar dactilografado, depositado na Biblioteca Municipal de Silves.

⁴⁹ *Alma Algarvia*, n.º 228, 3.ª série, 15/11/1915, p. 1.

⁵⁰ “Deve abrir na próxima semana nesta cidade, a papelaria e livraria anexa à Tipografia «Artística do Algarve».

É um melhoramento que se fazia sentir e pelo qual felicitamos o seu proprietário.” (p. 2).

⁵¹ O n.º 162, de 05/09/1920, apresenta a primeira lista: *O Psalterio* [de Mário Artagão], 1\$00; *Na outra banda de Portugal* [de Alberto d’Oliveira], 1\$50; *Espadas e Rosas* [de Júlio Dantas], 1\$50; *Páginas*

Na verdade, a oficina apetrechou-se gradualmente para proporcionar novos serviços à cidade. Foi o caso dos serviços de encadernação, atribuídos a João Iglésias Araújo, que apenas chegaram à casa em 1919:

“Melhoramento importante / Secção de Encadernação / O Proprietário da Tipografia Artística do Algarve desta cidade criou mais um novo melhoramento em Silves, inaugurando uma secção de encadernação onde se executa com rapidez e perfeição todos os trabalhos concernentes a esta arte, tais como: encadernações em todo o género: livros em branco; pastas para escritório, para expediente, para arquivo de correspondência, para amostras de comércio (reclame), etc.

O pessoal encarregado desta secção é dos mais competentes de província, tendo sido contratado para chefe o habilitadíssimo e conhecido encadernador João Iglésias Araújo.”

O seu quadro tipográfico foi composto por António Octávio Valdez Marcelo (v.), que aí trabalhou entre 1915 e 1918; por João José de Pilar Matias (v.) que o substituiu e, em 1920, era o encarregado da oficina Joaquim Gonçalves (v.). Este último constituiu uma sociedade por quotas com Henrique Martins, a 30/11/1920, a Henrique Martins & C.^a, com um capital social de 10.000\$00. Este colocou a totalidade do

Escolhidas, 1\$50; *A Esperança e a Morte* [de Carlos Malheiro Dias], 1\$50; *Seres e Sombras* [de Óscar Lopes], 1\$50; *Sonetos*, \$80; *Cem cartas de Camilo* [de Luiz Xavier Barbosa], 2\$50; *Conversar* [de Augusto de Castro], 1\$70; *A grande Aventura*, 1\$50; *A verdade Nua* [de Carlos Malheiro Dias], 2\$00; *A mulher e os espelhos*, 1\$50; *A correspondência dum Estação de Cura* [de João do Rio], 1\$50; *Gente d’Algo* [de Conde de Sabugosa], 3\$00; *Um serão nas Laranjeiras* [de Júlio Dantas], 2\$00; *Rosas de Todo o Ano* [de Júlio Dantas], \$40; *1023* [de Júlio Dantas], \$40; *O Inquilinato* [Decreto de 12 de Novembro de 1910], \$50; *Turbilhão Vermelho* [de Valeriano de Campos], \$70; *O Descobrimento do Brasil* [de César da Silva], \$30; *Como devemos pensar* [de Edward Green], \$70; *Amor Supremo* [de Óscar Vaudin], \$80; *A Idade de Amar*, \$70; *A Marcha Nupcial*, \$70; *O que devem saber todas as mulheres* [de Dr. A. Q. Rovereito], \$70; *A Arte de ser bela* [da Condessa Olga Patrich], \$30; *O Marquês de Villemer* [de George Sand], \$90; *O modelo vivo*, \$70; *Segredos do Coração* [de Perez Escrich], \$70; *A vida de um rapaz pobre* [de Octave Feuillet], \$90; *O Conde de Farrobo*, 2\$50; *Milionário Artista* [de Eduardo de Noronha], 1\$80; *Audácia, Sensatez e Iniciativa* [de Edward Green], \$70; *A perseverança no Amor* [de Edward Green], \$70; *Segunda mãe* [de Óscar Vandin], \$80; *O Segredo* [de Óscar Vandin], \$80; *O Grilo do Moinho* [de Ponson du Terrail], 1\$20; *A Culpa* [de Augusto de Castro], \$30; *Pó* [de Francisco Costa], \$80; *Figuras do Passado* [de Pedro Eurico, pseud. de Pinto Osório], 1\$00; *Na hora incerta* (1.º) [de António Correia d’Oliveira], \$50; *Na hora incerta* (2.º) [de António Correia d’Oliveira], \$50; *Que vergonha* [de Sousa Costa], \$30; *Adeus* [de José Esaguy], \$60; *Trevas luminosas* [de Cândida Ayres de Magalhães], \$80; *Livro de mágoas* [de Florbela Espanca], \$80; *Torturados* [Augusto Isaac d’Esaguy], \$80; *A vertigem* [de Assis Esperança], 1\$20; *Ressurreição dos Mortos* [de Sousa Costa], 1\$50; *Gambuzins*, 1\$00; *O clarão da Epopeia* [de Mário de Almeida], 1\$00.

No n.º 177, de 25/12/1920, é publicitada nova lista:

D. João Tenório, de Júlio Dantas, 2\$00; *Envelhecer*, de Marcelino Mesquita, 1\$10; *Eurique* [i.e., Eurico] de A. Herculano, 3\$10; *Sangue Português*, de H. Lopes de Mendonça, 3\$00; *O Último Senhor de S. Geão*, de Vicente Arnoso, 1\$00; *Mulheres*, de Júlio Dantas, 3\$00; *Fruto Proibido*, de Sousa Costa, 3\$00; *Como elas amam*, de Júlio Dantas, 2\$00; *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas (Filho), 1\$50; *Amar Sofrer*, de José Forbes Costa, 1\$20; *Nostalgias*, de Camilo Castelo Branco, \$50; *Exemplo Americano*, de E. Servam, 1\$50; *Eça de Queiroz*, de António Cabral, 3\$00; *Quo-vadis*, de Henryk Sienkiewicz, 1\$90; *Manon Lescaut*, do Abade Prévost, 1\$10; *Nerto*, de Frederico Mistral, 1\$00; *A Estrela*, de António de Campos Júnior, 7\$00; *A senhora Infanta* (2 volumes), de António de Campos Júnior, 7\$00; *Aventuras* de Gil Blas de Santilhana, de Le Sage, 1\$60; *Casta Suzana*, de Victor José, 1\$60; *Elogio crítico e biográfico a Augusto Carlos Pinto Osório*, de António Ferreira, 1\$20.

capital, assumindo a gestão da casa, e Joaquim Gonçalves colocou a indústria, recebendo 25% dos lucros anuais e auferindo mensalmente um vencimento de 120\$00. Na década de 30, a oficina empregava mais dois tipógrafos: Joaquim Sequeira (v.) e Silvestre Maria da Conceição (v.).

Após a morte do primeiro proprietário, a 25/05/1959, a tipografia foi herdada por uma irmã, Merceana Callapez da Silva Martins Nobre de Oliveira, auxiliada na gestão por outro irmão, Henrique Callapez Martins. O jornal *A Voz do Sul*, entretanto criado – a sua existência data de 08/10/1916 a 11/11/1968 – foi assumido pelo filho de Henrique Martins, José Júlio Martins (v.).

Algum tempo depois, a oficina passou a ser gerida pelos filhos de Merceana Nobre de Oliveira e Henrique Callapez Martins, respectivamente Eugénio Henrique Martins Nobre de Oliveira e José Júlio das Fontes Callapez Martins, que a conduziram a uma situação financeira difícil. Foi também durante estes anos que a oficina perdeu o seu carácter ideológico e passou a ser uma casa meramente comercial.

Mais tarde, a oficina foi adquirida por José Jóia (v.), que hoje a dirige.

Para além dos periódicos, propriedade da Tipografia, esta oficina imprimiu outros jornais da província, nomeadamente: entre 23/04/1916 e 28/05/1916, imprimiu *O Imparcial* («Semanário Literário, Noticioso e Recreativo», de Loulé; de 11/06/1916 a 01/10/1916, imprimiu o semanário *A Verdade* («Semanário Literário e Noticioso»), de Lagos; neste ano deu também à estampa o segundo periódico do concelho de Silves: *A Voz do Sul* («Órgão do Partido Republicano Português») (08/10/1916 – 11/11/1968); de 28/04/1921 a 08/09/1921, imprimiu o semanário, também de inspiração republicana *Terra Algarvia*, de Silves; em 1921, imprimiu os primeiros cinco números do jornal *A Ideia Nova* («Semanário Integralista»), de Silves e os primeiros seis números do jornal *O Portimonense*, que teve a sua fundação em 10/11/1921, tendo transferido a impressão a 15/02/1922 para a Tipografia Central, em Olhão; a 19/01/1925, imprimiu *O Eco de Silves*, número único, comemorativo e propagandístico da Associação dos Empregados do Comércio e Indústrias de Silves; de 29/11/1925 a 1926 (até ao n.º 19), imprimiu *O Povo de Silves*; de 1926 a 08/09/1927 deu à estampa o semanário *Ecos de Loulé*; e em 04/04/1930 compôs e imprimiu *Silves*, propriedade do Silves Futebol Clube, de que era director e editor Luís Gonçalves.

Quanto à produção de livros ou de folhetos, para lá dos que se apresentam no catálogo, imprimiu em 1916, o folheto de Raul Pousão Ramos (v.) *Dois conferencias patrióticas*.

Fundada sob a necessidade de divulgar e organizar o ideal republicano, esta oficina agregou à sua volta o escol intelectual da cidade de Silves. Por aqui passou a defesa da República, as reivindicações pela Escola de Comércio e Indústria João de Deus, pela Escola de Letras e Artes, idealizada e mais tarde dirigida pelo pintor José Ricardo Júdice Samora Barros (v. autores), reivindicações económico-sociais, como a solução para a crise corticeira na região ou o apoio às reivindicações da classe operária. Também do ponto de vista cultural, a Tipografia Artística Algarvia teve um papel fulcral na região, através da edição da terceira série do jornal *Alma Algarvia*, na verdade a primeira publicação aqui composta e impressa. Como já dissemos, o nascimento deste periódico foi fundamentalmente político; porém, o tempo transformou-o num órgão mais noticioso e atento às causas regionalistas. Em 1915, ainda que bem redigido, o jornal tornara-se num periódico igual a tantos outros e foi então que, a 01/11/1915, surgiu a terceira série em formato de revista, com doze páginas, definindo-se como publicação “política, literária e artística” (v. catálogo, n.º 20.). Na sua declaração de interesses afirmava:

“Pugnaremos pelos interesses do Algarve, e como *nem só de pão vive o homem* falaremos, como soubermos, de coisas de arte, enlevo e encantamento do espírito.

No campo político, cada vez com mais consciência e verdade, defenderemos o pavilhão democrático. (...)

Será uma publicação de inquérito permanente à vida económico-social do Algarve, e assim, ouvirá opiniões abalizadas, lançará alvitres e fará a crítica que houver por conveniente.”⁵²

Devo lembrar que o I Congresso Algarvio se realizou no mês de Setembro deste ano, provocando em todo o Algarve a consciência regional e despoletando novas atitudes e entusiasmo no que concerne à defesa dos interesses algarvios. Neste sentido, surgiram várias publicações periódicas que deram forma e projectaram as ideias de um novo regionalismo. Se houve órgãos da imprensa regional que prepararam este acontecimento, não tenho dúvidas em afirmar que a terceira série da *Alma Algarvia* foi o seu primeiro fruto, uma espécie de síntese do que, de forma, assistemática, se vinha fazendo na imprensa coeva. Repare-se neste pormenor: a colaboração na revista era solicitada pelo seu director, todavia esta estava aberta a “qualquer pessoa que tiver ideias, alvitres, estudos, acerca de melhoramentos ou medidas de fomento, educação, aformoseamento do nosso Algarve” devendo para tal dirigir-se “a esta redacção, visto

⁵² *Alma Algarvia*, n.º 224, 01/11/1915, p. 12.

que, tanto por intermédio da nossa publicação como directamente junto dos poderes competentes, a *Alma Algarvia* tratará tudo que represente o progresso desta província.” Eis uma boa síntese do papel que coube à imprensa no período pós Congresso e que a *Alma Algarvia* imediatamente começou a colocar em prática.

Embora dirigida e administrada pelas mesmas personalidades que a fundaram, Julião Quintinha e Henrique Martins, e continuando a afirmar-se uma publicação política, esta característica ficou-se pela secção “crónica política”, que ocupava pouco menos de uma página da revista. A literatura, com a publicação de poemas de poetas algarvios, de contos, de “fantasias literárias”, de cantigas populares, ou de artigos sobre literatos, tomou um lugar de destaque no seio da publicação. O aspecto artístico também não foi descuidado e, em praticamente todos os números, deu à estampa desenhos de Boaventura Passos (v.), tendo ainda como colaboradores artísticos Carlos Lyster Franco (v.), Vitorino da Fonseca Dias (fotógrafo) e Armando de Sousa (pintor). No corpo dos restantes colaboradores encontramos os poetas Bernardo de Passos (v.), José Dias Sancho (v.), Mateus Moreno, Joaquim Lança e Reis Varela, os ainda estudantes Maurício Monteiro (Direito), Rodrigues de Passos (Medicina) e Rita da Palma (Direito), os jornalistas Fazenda Júnior, João Barbosa, Maria Pires dos Santos e João Faria, os escritores Carlos Lyster Franco (v.), Percis Franco e João da Ega (pseudónimo), o engenheiro agrónomo Pedro Mascarenhas Júdice, o advogado João Carlos Mascarenhas e o oficial de exército e professor José Guerreiro Fogaça.

A revista publicou o seu último número (247) a 15 de Abril de 1917, mas deixou arraigado um novo estilo no seio da imprensa regional, que terá o merecido desenvolvimento noutros pontos da província, nomeadamente em Faro e em Olhão.

II.I.4.4 Tipografia Da *Terra Algarvia* (1921)

O jornal *Terra Algarvia* foi fundado a 28/04/1921 por Cristina Monteiro, Maurício Monteiro e S. Braz Júnior e quis afirmar-se como um jornal essencialmente regionalista. Era de publicação semanal, saindo à quinta-feira, e era composto e impresso na Tipografia Artística do Algarve (v.). No entanto, creio que por dificuldades promovidas por esta oficina, a direcção do jornal decidiu adquirir uma tipografia própria para a impressão do periódico.

O n.º 7 (09/06/1921) saiu apenas com duas páginas e o n.º 8 (07/07/1921) saiu um mês depois com as devidas explicações:

“Brevemente o mal estará remediado e ninguém perderá com isso. A *Terra Algarvia* dentro em pouco começará a imprimir-se em tipografia própria, e então procuraremos regularizar o mais possível a sua saída. O seu formato será aumentado e começará a ser ilustrada. (...) É natural por isso que dentro de 20 dias começaremos com vida nova. Até lá continuaremos como até aqui.”

No mesmo número anunciava-se a falta de um aprendiz de tipógrafo “que tenha entre catorze ou quinze anos de idade e que resida nesta cidade.”

O número 10, datado de 08/09/1921, inaugura a nova oficina, que assume o nome do jornal. No entanto, mais nada foi possível apurar sobre ela, uma vez que a coleção da Biblioteca Nacional apenas tem os dez primeiros números. A sua localização também foi impossível determinar, visto que não consta no periódico.

II.I.5 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE LOULÉ

II.I.5.1 Tipografia De *O Algarvio* (1889 – 1896)

A actividade tipográfica iniciou-se no concelho de Loulé com a tipografia de *O Algarvio* (31/03/1889 – 1897?), que aqui foi instalada para compor e imprimir o jornal que lhe deu nome. No entanto, desde 1883 que se havia manifestado a intenção de promover a actividade no concelho com a publicação do *Jornal de Anuncios de Loulé*⁵³.

Os directores de *O Algarvio* eram Joaquim Marcelo Adelino Pereira, José da Costa Mealha e Manuel Rodrigues Correia, que devem ter sido os responsáveis pela aquisição do parque tipográfico, o qual, segundo José Vieira Branco, era parte do parque da Tipografia de Luís Mascarenhas (v.) de Faro. O jornal defendia a política do partido regenerador e o seu redactor e director político foi Francisco Xavier de Ataíde Oliveira (v.); o administrador do periódico era o comerciante Pablo Garcia Delgado.

A tipografia foi instalada na Rua da Carreira n.º 10 (actual rua Maria Campina) e, em 27/03/1892, mudou-se para a Rua do Postigo, n.º 15 (actual rua 9 de Abril).

A tipografia era dirigida por António Martins Cipriano (v.), que acompanhou a deslocação do parque tipográfico de Faro para aqui, para o instalar e dirigir. Foi seu aprendiz Anastácio Guerreiro Dourado (v.).

Creio que a oficina se extinguiu com a suspensão do jornal no ano de 1896, tendo, provavelmente, sido incorporada pela Tipografia de *O Louletano* (v.), que laborava na vila desde 1893.

II.I.5.2 Tipografia De *O Louletano* (1893 – 2008)

⁵³ Embora a imprensa periódica tenha nascido de facto no ano de 1889, data de 1883 a intenção de levar ao prelo uma publicação periódica, em Loulé. Foi possível encontrar no Arquivo Histórico de Loulé o processo completo que visava a autorização para publicação do *Jornal d' anuncios de Loulé*, cujos proprietários eram Tomás Joaquim Rua, escrivão de Direito da Comarca de Loulé, e João Daniel Gil Pessoa (v.), conforme se lê na declaração de Tomás Rua que integra o processo mencionado.

A Tipografia de *O Louletano* foi expressamente instalada no ano de 1893 para imprimir o jornal que lhe deu nome *O Louletano* («Jornal Progressista»)⁵⁴ (09/01/1893 – 05/05/1896). Situava-se na rua de S. Sebastião, n.ºs 72 e 74 (actual rua 5 de Outubro), nas instalações que eram propriedade de Pablo Garcia Delgado.

O fundador foi Jacinto Parreira Lança⁵⁵, que assumiu a direcção do jornal até à data da sua morte, sucedendo-lhe Manuel Mexia de Matos no cargo.

O quadro tipográfico desta oficina foi constituído por António Cândido de Mira Escalço Vieira (v.), que a instalou e era o seu responsável, por António Martins Cipriano (v.) e por Anastácio Guerreiro Dourado (v.). Estes dois transitaram da Tipografia de *O Algarvio* (v.) para aqui e, julgo, que o parque daquela oficina também foi incorporado nesta.

A partir de 1896, António Martins Cipriano assumiu o cargo de editor do jornal. Este posto trouxe-lhe dissabores e, por conseguinte, ao jornal. O tipógrafo foi julgado e acusado num processo movido pelo delegado do procurador régio da comarca de Loulé, por ter censurado no jornal a absolvição de Manuel Valente, suspeito do crime de homicídio voluntário frustrado. O episódio é esclarecedor quanto à liberdade de imprensa e é o próprio *Louletano* que dá a notícia em primeira página:

“(…) Estranhámos e censurámos esse facto.

O representante do ministério público achou nisso motivo para querelar de nós e o nosso editor foi condenado na pena de três meses de prisão e 40\$000 réis de multa, pena imposta por outro juiz.”⁵⁶.

Para além da composição e impressão do semanário, a oficina dedicava-se a todos os trabalhos comerciais, oficiais e particulares, inerentes à vida administrativa e comercial da vila.

Após a extinção do jornal, a oficina ficou a cargo de António Cândido de Mira Escalço Vieira, a quem os proprietários da tipografia ofereceram as respectivas acções.

Em 1898, António Vieira deu à estampa o jornal *O Pregoeiro*, de que era proprietário, escritor, compositor e impressor. Tratou-se de um jornal de anúncios, mas que tinha uma secção literária e um artigo de abertura sobre variados temas, embora esquivando-se sempre à política. Por essa atitude apartidária foi alvo de críticas,

⁵⁴ A Biblioteca Nacional tem a colecção deste jornal, mas apenas a partir do número 156, datado de 05/01/1896, 3.º ano, e vai até ao número 173, de 03/05/1896, do 4.º ano. Foi esta a colecção que consultei, desconhecendo a existência de outra mais completa.

⁵⁵ Jacinto Parreira Lança era médico e faleceu em Loulé, a 04/04/1895.

⁵⁶ *O Louletano. Jornal Progressista*, n.º 152, 16/02/1896, p. 1.

nomeadamente da parte de Francisco Xavier de Ataíde Oliveira, que considerava, por isso, o jornal de pouco interesse.

Por esta altura, a oficina já tinha sido deslocada para a rua Nova da Piedade, porta sem número, onde permaneceu até 08/08/1901. A partir desta data, mudou as instalações para a Rua da Carreira, n.ºs 32 e 34 (actual rua Maria Campina).

Após o falecimento de António Vieira, a 04/11/1901, as suas herdeiras venderam a oficina a Anastácio Guerreiro Dourado (v.), que lhe deu continuidade sob a designação Tipografia Louletana. Este removeu-a para a rua da Corredoura, n.º 83, 1.º (actual Rua Eng.º Duarte Pacheco); em 1966, mudou-se para o n.º 85 (actualmente n.º 100) da mesma rua⁵⁷, praticamente em frente, e actualmente labora na Avenida Marçal Pacheco, n.º 116.

Com o afastamento do proprietário, devido à doença que o atormentou, o tipógrafo encarregado da oficina, Firmino Caracol de Sousa (v.) assegurou a continuidade dos trabalhos, ainda que não tenha conseguido manter o quadro tipográfico na sua totalidade. Arnaldo Matos Pereira (v.), por exemplo, saiu por essa altura e fundou a Tipografia Comercial (v.).

Em Abril de 1991, Firmino Caracol de Sousa, Francisco José Correia de Sousa Brito (v.) e Inácio Joaquim Gonçalves Guerreiro (v.), todos eles tipógrafos da casa, constituíram uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, proprietária da tipografia, nomeando-a finalmente e de forma legal como Tipografia Louletana, Lda. A oficina labora até à actualidade, tendo como únicos artistas os dois proprietários, Francisco José Correia de Sousa Brito, compositor, e Inácio Joaquim Gonçalves Guerreiro, impressor.

De qualquer modo, a tipografia sempre funcionou como uma verdadeira escola de tipógrafos, que ainda hoje laboram no concelho, quer assegurando a sobrevivência da



*Ilustração n.º 17: Alvará de funcionamento da Tipografia Louletana.
Fonte: Arquivo da Tipografia Louletana, Lda.*

⁵⁷ Esta mudança de instalações foi alvo de levantamento de um processo pela 5.ª Circunscrição Industrial, dependente da Secretaria de Estado da Indústria, em 10/08/1966, afim de fazer cumprir a legalização da mudança oficina, cujo processo se encontra depositado no Arquivo Distrital de Faro.

Tipografia Louletana, quer constituindo outras oficinas no concelho⁵⁸, isto apesar da modéstia dos seus equipamentos, como lembra Pedro de Freitas:

“Num primeiro andar de um prédio de aspecto antigo, sito Rua Eng.º Duarte Pacheco – antiga Rua da Corredoura – existiu, em tempos idos, uma pequena tipografia. Modesta, todo o seu apetrechamento era ao nível do seu labor: tipo cansado, pequena máquina de impressão, o suficiente, apenas, para desenvolver o trabalho na fabricação de cartões, programas, manifestos, recibos, facturas e outras pequenas coisinhas afectas à vida comercial da terra.”⁵⁹

Francisco Brito lembra que quando iniciou a actividade nesta oficina existiam duas máquinas de impressão manuais e vários cavaletes com tipos, com que compunham e imprimiam rótulos, bilhetes, prospectos, impressos comerciais e, não raro, folhas soltas com as quadras do poeta António Aleixo (v.).

Modesta era também a sua equipa de trabalho: “O proprietário e mais uns dois rapazes perfaziam o seu quadro operário. Diariamente os caixotins e *tudo quanti*, andavam na roda-viva à falta dos melhores meios de trabalho.”⁶⁰.

Não obstante as deficientes condições de trabalho, Anastácio Guerreiro Dourado fundou e administrou quatro dos periódicos louletanos, compostos e impressos na sua tipografia, garantindo assim a continuidade da imprensa local: *O Primeiro de Maio* (01/05/1913 – 23/08/1925), *Loulé* («Número Único Comemorativo da Inauguração da iluminação da vila por energia eléctrica») (05/03/1916), *Folha de Anúncios* (22/10/1925 – 08/06/1933)⁶¹ e *O Louletano* («Semanário Noticioso e Defensor dos Interesses Locais») (15/06/1933 – 07/03/1942). Também aqui foi editado o periódico *A Juventude*, um jornal bastante curioso, visto que se tratou de uma forma encontrada por um grupo de jovens para superar a dificuldade de se aproximarem das raparigas louletanas, que segundo eles: “se resguardam tanto das vistas, mais parecem freiras do que pessoas com liberdade de acção, vivendo quotidianamente nessa atmosfera pesada e atrofiadora que é

⁵⁸ Diz-nos Pedro de Freitas, um Louletano bairrista que se dedicou afincadamente na promoção do seu concelho, referindo-se a esta tipografia: “Alguns rapazes ali fizeram o *seu curso* de tipógrafo. Com as luzes recebidas um ou outro viu abrir-se-lhe o profissionalismo.”, in FREITAS, Pedro de, “Falando de Anastácio Dourado”, *A Voz de Loulé*, n.º 558, 19/03/1975. Artigo recolhido em FREITAS, Pedro de, *Os meus artigos e alguns extras. 2.ª série. 1965-1982*, compilação do autor de todos os artigos por si publicados, pp. 201-202. Consultável no Arquivo Histórico de Loulé.

⁵⁹ FREITAS, Pedro de, “Falando de Anastácio Dourado”, *A Voz de Loulé*, n.º 558, 19/03/1975. Artigo recolhido em FREITAS, Pedro de, *Os meus artigos e alguns extras. 2.ª série. 1965-1982*, compilação do autor de todos os artigos por si publicados, pp. 201-202.

⁶⁰ *Id. ibidem*.

⁶¹ Trata-se da continuação do *Jornal de Anúncios*, também propriedade de Anastácio Guerreiro Dourado, mas impresso na Tipografia Burocrática de Tavira, entre 07/02/1907 e 22/12/1910.

a sombra.”⁶² Inclusivamente o jornal era para ter como subtítulo «Semanário de recreio dedicado às gentis damas louletanas», como se pode ler no original manuscrito. Saiu, no entanto, com uma forma mais abrangente: «Semanário recreativo e noticioso»⁶³.

As suas relações com o poder central nem sempre foram fáceis e a censura não poupou as publicações deste reconhecido tipógrafo louletano. Pedro de Freitas afirma no seu testemunho:

“O liberalismo do *Primeiro de Maio* é, em determinada altura, obscurecido pela situação Salazarista e o amigo Anastácio Dourado vê-se na circunstância de mudar de nome ao petiz *Primeiro de Maio*. E em 1933 ele é substituído pelo *Louletano*. Ambos só a grande carolice e bairrismo de Dourado puderam dar a Loulé uma luz, embora fraca, a alumiar os espíritos da população.”

Mas as suas divergências com o poder recrudescem, com o aperto das malhas da censura que suspendem por algum tempo a publicação do *Louletano*, como testemunha a carta escrita pelo tipógrafo a Pedro de Freitas, que este dá a conhecer anos mais tarde:

“Meu amigo
Estou no café escrevendo à pressa para não perder a camioneta.
O Louletano, por coisas várias, não tem saído nestas últimas 3 semanas, devendo reaparecer na próxima quinta-feira.
O seu artigo, que muito me agrada e representa o sentir e a verdade de um homem que bem conhece os horrores de uma guerra, não pode ser publicado neste modesto semanário – por enquanto...
No último sábado levei-o à Censura mas como não se pode beliscar na Alemanha, e por indicações superiores, não foi a sua publicação permitida.
Muito desejaria fazê-lo, mas... o resto logo lhe digo quando estivermos juntos. Eu, que só tenho feito tudo quanto possível, nesta humilde tribuna, para o engrandecimento da nossa terra, também tenho sofrido dissabores, sem saber a razão porquê!...
Junto envio-lhe o seu artigo que, para mim, representa uma das suas melhores produções. Peço-lhe que não faça uso destas ligeiras linhas.
Um apertado abraço deste seu muito amigo
Anastácio Dourado”⁶⁴

⁶² *A Juventude*, n.º 1, 13/08/1917.

⁶³ Este periódico, sobre o qual José Carlos Vilhena Mesquita dá notícia de forma incompleta na *História da Imprensa do Algarve – II*, por nunca ter encontrado nenhum, encontra-se actualmente no espólio do Centro de Documentação de Loulé, que inclui o primeiro número manuscrito. Intitulou-se *A Juventude* («Semanário recreativo e noticioso»); o seu editor era José Martins Rainha e o grupo proprietário era constituído por Analide C. Loures, Francisco dos S. Castro Júnior, Manuel Dias Cordeiro, José A. de Campos Rodrigues, Joaquim dos Santos Carapeto e Joaquim de Brito Barracha; Era composto e impresso na Tipografia do *Primeiro de Maio* (v.); publicava-se às segundas-feiras; a assinatura incluindo 4 números custava 5 centavos; foi fundado a 13/08/1917 e provavelmente extinto com o n.º 12, de 29/10/1917 (é o último número da colecção). O seu formato é de 28 x 22 cm e apresenta 4 páginas.

⁶⁴ FREITAS, Pedro de, “Falando de Anastácio Dourado”, *A Voz de Loulé*, n.º 558, 19/03/1975. Artigo recolhido em FREITAS, Pedro de, *Os meus artigos e alguns extras. 2.ª série. 1965-1982*, compilação do autor de todos os artigos por si publicados, pp. 201-202.

Como se pôde confirmar pelo testemunho acima, Anastácio Guerreiro Dourado teve um papel importante na vida cultural do concelho de Loulé, a tal ponto que o poder local, em 16 de Junho de 1948 atribuiu à travessa paralela às primeiras instalações da oficina o nome “Travessa da Imprensa” em honra da actividade aqui desenvolvida.

Actualmente, a oficina continua a funcionar com o sistema tipográfico clássico e dedica-se essencialmente a trabalhos comerciais e contabilísticos, para os quais possui duas máquinas de impressão tipográfica Heidelberg, uma guilhotina, uma máquina de agrafar, uma máquina de furar, uma máquina de fazer gravuras e nove cavaletes com tipos.

Segundo os proprietários, o fim do stock que possuem, será certamente o fim da oficina mais antiga do concelho de Loulé.

**II.I.5.3 Tipografia De António Cândido De
Mira Escalço Vieira – V.**

Tipografia De *O Louletano*

**II.I.5.4 Tipografia De Anastácio Guerreiro Dourado – V.
Tipografia De *O Louletano***

**II.I.5.5 Tipografia Do *Primeiro De Maio* – V.
Tipografia De *O Louletano***

**II.I.5.6 Tipografia Louletana – V.
Tipografia De *O Louletano***

**II.I.5.7 Tipografia Louletana, Lda. – V.
Tipografia De *O Louletano***

**II.I.5.8 Tipografia Da *Folha Do Sul*
(1902 – 1905)**

A Tipografia da *Folha do Sul* foi mais uma oficina que nasceu fruto da necessidade de edição do jornal. Neste caso, tratou-se da *Folha do Sul* («Semanário Regenerador-Liberal»), que se publicou entre 05/01/1902 e 19/02/1905 e cujo fundador foi Manuel Mexia de Matos.

A oficina localizava-se na rua do Outeiro, n.º 6 (actual rua Bernardo de Passos) e estava equipada com um prelo alemão, duas máquinas de impressão Minerva e tipo suficiente para compor o jornal, encomendas e bilhetes de visita.

Sobre o responsável pela oficina, apenas me foi possível apurar as iniciais do seu nome E. Q..

O jornal suspendeu a dezanove de Fevereiro e, no final de Janeiro, publicitava a venda da oficina.

II.I.5.9 Tipografia Da *Folha De Loulé* (1905-1907)

A Tipografia da *Folha de Loulé*, à semelhança da anterior, também foi montada para imprimir o jornal desse nome, subintitulado «Semanário Regenerador-Liberal» e deve ter sido adquirida pelo grupo proprietário do periódico, nomeadamente, Alexandre Santos, Joaquim Pereira, Joaquim Farelo, Joaquim Faísca, José Faísca e Luís Rebelo. É possível que se trate do parque que deu à estampa a *Folha do Sul*, no entanto, não tenho quaisquer dados concretos que comprovem esta hipótese.

Apesar dos esforços encetados junto da Biblioteca Nacional não logrei consultar este jornal louletano, devido ao seu estado de degradação.

De acordo com os dados levantados por José Carlos Vilhena Mesquita que o conseguiu consultar na íntegra, a sua oficina esteve instalada na Praça, 37, 1.º (actual Praça da República); a 03/12/1905 foi mudada para rua dos Grilos, 8 (actual Av. Marçal Pacheco); entre 16/12/1906 e 28/04/1907 esteve instalada na rua do Postigo (actual rua 9 de Abril) e a partir desta data até à sua extinção (27/06/1907), fixou-se na rua de São Sebastião, n.ºs 10, 12 (actual rua 5 de Outubro)⁶⁵.

Sobre o seu quadro tipográfico, apenas sei que esta foi a oficina onde Armelim Mendes da Assunção Cácima (v.) iniciou a sua carreira de tipógrafo. Desconheço, no entanto, quem a dirigia.

II.I.5.10 Tipografia *O Progresso De Apolo & Silva* (1922 – 1923)

A Tipografia *O Progresso* era propriedade de dois sócios, como se percebe pela entrada: João Leal da Silva (v.) era um deles. Quanto ao apelido Apolo, não consegui apurar mais informações.

No ano de 1922, João Leal da Silva dirigiu e editou o jornal *O Progresso* («Semanário Independente, Defensor dos Interesses Locais e Regionais»), que se imprimiu entre 26/11/1922 e 26/08/1923, através do qual se conseguiram recolher alguns dados.

A oficina estava situada na rua da Corredoura, 46 (actual avenida Duarte Pacheco) e, de acordo com a sua publicidade, estaria bem equipada. Dizia-se capaz para imprimir trabalhos simples e de luxo, jornais, manifestos e impressos de grande formato

⁶⁵ MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da imprensa do Algarve – II*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1989, p. 46.

e declara ainda ser a única casa nas províncias do Algarve e do Alentejo com uma secção especial para a produção de cartazes.

Em 1923, o administrador da oficina queixava-se da falta de fornecimento de papel, encomendado há seis meses a Lisboa, e, a 26 de Agosto desse ano, provavelmente motivado por essa circunstância, saiu o último número do jornal, apenas com duas páginas.

II.I.5.11 Tipografia De A Voz De Loulé (1924 – 1925)

A oficina de *A Voz de Loulé* foi instalada na Avenida José da Costa Mealha pelo Padre José Francisco Guerreiro (v.). A sua principal motivação foi a edição do jornal *A Voz de Loulé* («Semanário Defensor dos Interesses Locais e Regionais»), que aqui se imprimiu entre 26/10/1924 e 15/03/1925, embora o mercado comercial fosse também uma das suas ambições.

Segundo o proprietário, a oficina estava muito bem equipada “com excelentes materiais para todo o género de trabalho e está apetrechada com matéria-prima para alguns meses de consumo.”⁶⁶. No entanto, estas condições não foram suficientes para que o Padre José Guerreiro conseguisse manter a sua oficina. Primeiro, confrontou-se com a dificuldade em encontrar um tipógrafo efectivo, pelo que teve de socorrer-se do compositor do jornal *Primeiro de Maio* da Tipografia Louletana (v.), Francisco da Conceição Paula (v.), para compor a sua *Voz de Loulé*. Ainda assim, a situação tornou-se insustentável: o jornal passou a editar-se quinzenalmente e, pouco tempo depois, era o próprio José Francisco Guerreiro e o secretário J. Baptista Santos quem compunha e imprimia o jornal. Mais tarde, enfrentou avarias na máquina impressora e a 23/11/1924, desabafava: “Como dissemos no 1.º número deste periódico estamos fornecidos de materiais para sustentar o jornal durante muito tempo; mas valha a verdade, tem-nos surgido contratempus de toda a espécie.”

A 15/03/1925, o jornal extinguiu-se e creio que com ele a agitada vida desta oficina.

II.I.5.12 Gráfica Louletana (1952? -

⁶⁶ *A Voz de Loulé*, n.º 1, 26/10/1924.

A Gráfica Louletana foi montada por José Maria da Piedade Barros (v.), cujo objectivo era, para além de possuir um negócio próprio, o de editar um jornal, o que veio a suceder a 01/12/1952 com *A Voz de Loulé*. O periódico arrancou sob a direcção de Jaime Guerreiro Rua, mas após o seu falecimento, José Maria da Piedade Barros assumiu a direcção do jornal (n.º 290, 19/03/1968).

A oficina foi instalada na rua Padre António Vieira, 9; em Julho de 1954 foi transferida a rua da Carreira, 42-44 e, finalmente, para a rua David Teixeira.

O parque tipográfico era constituído por doze cavaletes com tipo, três máquinas de impressão Heidelberg e uma Mercedes e uma guilhotina Polar. Na década de 80, entrou na casa a primeira máquina off-set.

Quanto ao quadro tipográfico, este era gerido por José Maria da Piedade Barros e teve como chefes de composição Bruno Adílio Coelho (v.) e João José Costa Marques (v.) que o sucedeu. Em média, a oficina empregava dez funcionários.

Em 1992, a Gráfica Louletana foi extinta e deu lugar a uma nova sociedade constituída pelos seus funcionários, a EGA – Empresa Tipográfica do Algarve, Lda., que ainda hoje labora, embora noutras instalações, situadas no Areeiro – Loulé.

A produção da oficina centrou-se essencialmente nos trabalhos comerciais e contabilísticos.

II.I.5.13 Tipografia Mealha & Pereira, Lda. (1951 – 2008)

A Tipografia Mealha & Pereira, Lda., mais conhecida por Tipografia Comercial, foi fundada por Arnaldo Matos Pereira (v.) e Vital Campina Mealha (v.) em 1951, através de uma sociedade por quotas. Pouco depois, Vital Mealha abandonou a sociedade e foi Arnaldo Matos Pereira quem assumiu sozinho os destinos da oficina. Em 1973, ofereceu uma quota de 10% ao funcionário João Santos Simões (v.), que lhe comprou mais 10%. Neste momento, foi constituída a empresa Arnaldo Matos Pereira, Lda., designação oficial que ainda mantém. Em 1984, com a aposentação do sócio maioritário, entraram mais quatro sócios, todos funcionários da casa, que constituem, desde essa altura, o grupo de proprietários da oficina: João Pedro Coelho Simões (v.), Luís Filipe da Piedade Gomes (v.), António Viegas Montes (v.) e Bruno Adílio Coelho (v.).

Ao longo da sua história a tipografia mudou várias vezes de instalações. Primeiramente, foi montada na Praça da República, n.º 27, 1.º, depois passou para o n.º

65, 1.º, e, mais tarde, para a rua 9 de Abril; posteriormente, ocupou a cave do edifício das finanças e, em 1998, foi deslocada para as actuais instalações na Zona Industrial, lote 18.

O quadro tipográfico foi sempre dirigido por Arnaldo Matos Pereira até à sua reforma em 1984. Com o seu afastamento, João Santos Simões foi quem se ocupou da administração da tipografia. Para além dos proprietários, a oficina trabalhava em média com cinco a seis funcionários; actualmente, são trinta e cinco.

Quanto ao parque tipográfico, apurou-se que a tipografia foi inicialmente constituída com uma máquina de impressão a pedal e uma Liberty (43 x 61cm), quatro a cinco cavaletes com tipo e uma picotadeira. Em 1967, houve um investimento e foram adquiridas a primeira máquina automática da marca Thomson, uma guilhotina semi-automática Máxima e uma máquina de agrafar. No ano de 1973, por iniciativa de João Santos Simões, a empresa comprou uma máquina de impressão cilíndrica de formato grande, cujo propósito era a impressão de um jornal de oposição ao regime, mas a que a falta de uma máquina Linotype destruiu o sonho. Na década de 80, entrou a primeira máquina off-set, uma Gaestetner e depois uma Adast de formato maior. O parque foi ainda reforçado com uma máquina de dobrar, uma guilhotina (1,15 mt), uma máquina de fotocomposição e computadores. Na década de 90, a Gráfica continuou a investir no off-set e adquiriu um Rolland 202, uma 204 e uma 300, duas guilhotinas automáticas e uma máquina digital Riso. Não obstante todo este investimento nas novas tecnologias, a casa continua a manter o sector tipográfico com quatro máquinas de impressão e doze cavaletes com tipo. Esta secção é chefiada pelo sócio e tipógrafo Bruno Adílio Coelho.

Enquanto a oficina trabalhou unicamente com o sistema tipográfico, a sua produção assentava sobretudo na produção de trabalhos comerciais. Após a incorporação do off-set, começou a apostar na produção de livros e revistas, embora continue a realizar trabalhos comerciais, industriais e publicitários diversos.

**II.I.5.14 Tipografia Comercial De Arnaldo Matos Pereira – V.
Tipografia Mealha & Pereira, Lda.**

**II.I.5.15 Tipografia Comercial – Arnaldo Matos Pereira, Lda. – V.
Tipografia Mealha & Pereira, Lda.**

**II.I.5.16 Gráfica Comercial – V.
Mealha & Pereira, Lda.**

**II.I.5.17 Tipografia Delta, Lda.
(198-? – 2008)**

A Tipografia Delta, Lda. foi instalada na década de 80 na Rua das Laranjeiras, Quarteira. A sua fundação data, porém, de 1947, em Lisboa.

Quando foi deslocada para o Algarve, foi constituída uma sociedade limitada por quotas entre oito sócios.

O parque tipográfico era constituído por duas máquinas impressoras, uma guilhotina manual e diverso material de composição. Com a oficina, veio o tipógrafo António Teixeira (v.), que ainda hoje trabalha na casa como tipógrafo impressor de 1.^a.

Pouco tempo depois de estar montada, a Tipografia Delta, Lda. adquiriu o parque gráfico da Graful, de Olhão, aderindo neste momento ao off-set: comprou uma máquina impressora Heidelberg off-set, uma máquina impressora Heidelberg tipográfica e uma máquina de cortar e vincar rotativa. Actualmente, o parque é constituído por uma máquina impressora Heidelberg a duas cores, uma Heidelberg GTO, uma máquina impressora Heidelberg tipográfica (Graful) e uma Adast 715. No sector de composição, restam apenas os computadores, visto que há pouco tempo o stock de tipo foi vendido.

O quadro é constituído por onze funcionários (dois designers, um fotocompositor, cinco impressores (um tipográfico), três nos acabamentos e quatro no sector administrativo e comercial.

A oficina esteve a trabalhar pouco tempo com o método tradicional, ainda assim compôs e imprimiu manualmente o livro *Rotas do Sol e do mar: poemas do Algarve* (v. catálogo, n.º 25.), de José Galvão Balsa (v.). Este trabalho, pouco habitual numa oficina essencialmente dedicada aos trabalhos comerciais, deveu-se à relação de amizade entre o autor e Francisco do Rosário da Silva Marçal, um dos sócios-gerentes da casa, que acolheu o autor com orgulho.

II.1.6 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

II.1.6.1 Tipografia Do *Ecos Do Sul* (1912 - 1913)

Esta oficina era propriedade de Boaventura Passos (v.) que a adquiriu em Faro, após a extinção do jornal que aí lhe deu nome, *O Sul* (I) (v.). Em São Brás de Alportel, creio que foi instalada na rua Alexandre Herculano, onde era a redacção e administração do jornal. Aqui deu à estampa dez números do *Ecos do Sul* («Semanário Democrático Independente»), entre 23/11/1912 (n.º 46) e 01/02/1913 (n.º 56), mas com uma qualidade gráfica medíocre.

O seu quadro tipográfico era composto por dois republicanos, cujos ideais políticos foram razão de perseguições: Manuel Fagundes de Almeida (v.) e Manuel Viegas Carrascalão (v.).

Quando foi fundada a Tipografia Regional Editora, Lda. (v.), de que Boaventura Passos foi sócio, a oficina foi novamente deslocada para Faro e incorporada nesta. Valeu 1.000\$00, o valor da quota de Boaventura Passos.

II.I.7 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE FARO

II.I.7.1 Tipografia Imprensa Do Governo (1833 – ?)

De acordo com os dados disponíveis, a Tipografia Imprensa do Governo foi a primeira oficina dos tempos modernos a ser instalada no Algarve. Esteve situada na rua do Aljube, n.º 998 (actual rua do Município) e era dirigida por Manuel António Ferreira Portugal (v.).

Foi aqui que a 15 de Julho de 1833 foi dado à estampa o prospecto *Chronica do Algarve*⁶⁷. Segundo a análise de José Carlos Vilhena Mesquita, não se tratou de um periódico, que seria o primeiro da época moderna a imprimir-se no Província, mas sim de um seu anúncio. O periódico, até provas em contrário, não chegou de facto a imprimir-se, adiantando aquele autor a seguinte hipótese:

“supomos que a explicação talvez resida no facto de no dia 17 de Julho o conselho militar reunido na Messejana determinar a partida dos exércitos do Duque da terceira com destino a Lisboa e, por conseguinte, já não precisariam de publicar um órgão oficioso para dar a conhecer ao povo a instauração do poder liberal.”⁶⁸.

O director da publicação era o mesmo que se assumia como director da Tipografia. Sobre esta figura, José Carlos Vilhena Mesquita não encontrou quaisquer dados biográficos, o que o leva a pensar que aquele nome podia ser um pseudónimo “engendrado pelos homens do Duque da Terceira para dar à saída da *Chronica* uma aparência mais oficial e responsável aos olhos do povo algarvio.”

Quanto à existência da Imprensa do Governo, apenas podemos afirmar que no ano de 1833 existia actividade tipográfica na Província, sendo esta a data mais recuada que foi possível detectar. Seria uma tipografia oficial, ou seria também uma camuflagem à semelhança do que avança José Carlos Vilhena Mesquita para Manuel António Ferreira Portugal? É uma questão que fica em aberto.

⁶⁷ Surgiu por ocasião da invasão do Algarve pelas tropas do Duque de Terceira e apresentou-se como órgão oficial das tropas liberais e do partido constitucionalista de D. Pedro.

⁶⁸ MESQUITA, José Carlos Vilhena, “*Chronica do Algarve* terá sido o primeiro jornal algarvio?”, in 3.º Congresso sobre o Algarve. *Textos das Comunicações*, vol. I, Silves, Racal Clube, Janeiro de 1984, p. 303.

II.I.7.2 Tipografia Do Governo Civil (184-? – ?)

À data, não existem dados que provem que a Imprensa do Governo (v.) deu continuidade à Tipografia do Governo Civil. Instalada anteriormente, só em 1842 é que a secretaria do Governo Civil de Faro deu conta da existência de uma “boa imprensa competentemente arranjada de todos os utensílios necessários, sendo de reconhecida utilidade para o serviço fazê-la servir, a fim de coadjuvar o laborioso trabalho do expediente desta secretaria”⁶⁹, mas para a qual não dispunha de pessoal qualificado. Assim, a 02 de Setembro de 1842, a secretaria solicitou para o ano económico de 1843 – 1844 “um terceiro oficial (...) com o ordenado anual de 240\$000”, acrescentando:

“para este importante serviço é necessário criar um emprego de Compositor, o qual não poderá ser exercido por algum dos empregados do quadro legal desta Repartição pelo seu limitado número.

Vai proposto o ordenado de 240\$000 reis para o referido emprego de Compositor, atendendo à grande agilidade que demandam suas funções, as quais não poderão ser desempenhadas em tempo designado e regular, mas sim quando o serviço o exigir, devendo além disso ocupar-se nos demais trabalhos da Secretaria no dias em que não houver que imprimir, tendo por consequência maior trabalho que qualquer dos amanuenses.”

A consulta do *Livro de Registo de Despesas do Governo Civil* para os anos seguintes revelou que, não obstante este pedido, o cargo de compositor não chegou a integrar os quadros da Secretaria do Governo Civil de Faro, o que nos limita o conhecimento sobre a história desta oficina.

No entanto, entre 1842 e 1849 surgem pagamentos esporádicos a Francisco Samuel da Paz Furtado (v.), como amanuense da Secretaria do Governo Civil. Francisco Samuel da Paz Furtado foi o primeiro proprietário da Tipografia Paz Furtado (v.), que esteve em funcionamento comprovadamente a partir de 1846. Ora, significa isto que Francisco Samuel da Paz Furtado, tipógrafo, supriria provavelmente as carências da Secretaria do Governo Civil, no que dizia respeito à actividade tipográfica concernente aos serviços e, simultaneamente, geria a sua própria oficina, justificando-se deste modo a ausência de contratação de um compositor efectivo.

Em Janeiro de 1847, a Tipografia deu à estampa o primeiro periódico algarvio, *O Popular* («Jornal do Algarve»), de que se publicaram, pelo menos, trinta números,

⁶⁹ Arquivo Distrital de Faro, fundo do Governo Civil, *Livro de Registo de Despesas do Governo Civil* (Dez./1837 – Out./1845), fl. 227 – 230.

entre 13?/01/1847 e 18/06/1847. Tratou-se de um órgão da Junta Governativa do Algarve que se declarou a favor da revolta contra o governo de Costa Cabral.

No ano de 1852, foi impressa nova publicação, desta vez de índole literária, o *Jornal Cómico do Algarve. N.º 1. Os Dous Pastores – Drama em três actos. – Traduzido e imitado de M. Gessner por...* (v. catálogo, n.º 87.), cuja notícia nos é dada por Mário Lyster Franco. Este “jornal” de 56 páginas era comercializado na loja de Bento José da Silva, por 120 réis, em Faro. Aquele bibliógrafo dá-nos conta da edição de um outro folheto intitulado *Jornal Cómico do Algarve. – A Roza de Tavira – Comedia em um acto – Imitação de M. de Moratin por.... – A acção é em Tavira – Anno de 1840* (v. catálogo, n.º 88.), mas que não apresenta dados sobre o local e a data em que foi impresso, visto que o “anno de 1840” indicado no título deverá dizer respeito ao tempo em que decorre a acção. Ainda assim, pela análise dos tipos de letra, o autor acredita que foram impressos no mesmo local e que este último é mais antigo, devido ao seu aspecto gráfico.

II.I.7.3 Tipografia Paz Furtado (184?- 1913?)

A Tipografia Paz Furtado foi a primeira oficina de iniciativa privada a laborar no concelho de Faro. Estava situada na rua do Rego, n.º 460 (actual rua D. Francisco Gomes, n.º 4) e pertencia a Francisco Samuel da Paz Furtado (v.).

No ano de 1846 imprimiu a *Collecção de Memorias e Documentos para a Historia do Algarve*, da autoria do Comendador Bernardino José de Sena Freitas⁷⁰, que é a publicação mais antiga que se lhe conhece, embora devamos admitir que a sua fundação fosse anterior.

Somente trinta anos decorridos, encontrámos nova produção desta oficina, pois iniciou em 06 de Abril de 1876 a composição e impressão do jornal *O Districto de Faro* (06/04/1876 – 24/04/1913) de que deu à estampa os primeiros dezassete números.

Por esta altura, o seu proprietário era Rafael da Paz Furtado (v.), provavelmente filho do primeiro.

Nas considerações feitas por José Carlos Vilhena Mesquita ao semanário *O Districto de Faro*, encontramos a seguinte afirmação acerca da oficina que agora tratamos: “os primeiros 12 números foram impressos num prelo de madeira, bastante

⁷⁰ Notícia dada por BRANCO, Capitão [José] Vieira, *Subsídios para a história da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*, Faro, ed. de autor, 1938, pp. 10 e 11.

rudimentar, inventado por Rafael da Paz Furtado, após o que adquiriu uma máquina impressora de fabrico português, das poucas que existiam no nosso país, mas que já em 1913 se encontrava muito arruinada.”⁷¹ Estas declarações parecem indicar que foi o parque desta tipografia que imprimiu aquele jornal até à sua extinção, o que quer dizer que a oficina pode ter sido alugada, ou vendida aos proprietários do *Districto de Faro* e que sob esta designação, Tipografia de *O Districto de Faro* (v.), a Tipografia Paz Furtado tenha prestado serviço à cidade durante cerca de sessenta e sete anos.

II.I.7.4 Tipografia De Eduardo Lamy (Década de 40 – ?)

A Tipografia de Eduardo Lamy é noticiada por José Vieira Branco⁷² como uma das mais antigas da cidade, a par da Tipografia do Governo (v.) e da Paz Furtado (v.). No entanto, o autor não adianta datas de fundação ou de extinção. A sua existência foi apurada através de impressos municipais que a identificavam como a oficina onde tinham sido produzidos.

Esteve situada na Rua de Santo António, n.º 42 e foi nesta tipografia que o pai de Eduardo Serafim, conhecido por João da Micaela, aprendeu a profissão, transmitindo-a ao filho, que instalou em 1875 a Tipografia com o seu nome (v.).

II.I.7.5 Tipografia De Eduardo Serafim (1875 – 19?)

A oficina tipográfica de Eduardo Serafim (v.) foi fundada em Dezembro de 1875, no Largo do Sol-Posto, n.ºs 10 e 12. Daí foi transferida para a rua do Colégio, n.º 12 e em Setembro de 1882, transferida para a rua de Santo António do Alto, n.º 20.

O proprietário aprendeu a arte tipográfica com o pai, João Serafim (v.), mais conhecido por João da Micaela, o qual tinha trabalhado na Tipografia de Eduardo Lamy (v.) e passou os conhecimentos ao seu filho, Eduardo Serafim, que herdou o negócio e o passou depois ao filho, Paulo Serafim, conduzindo-o até à sua extinção em meados do século XX (em 1968 ainda laborava). Foi seu aprendiz Manuel Caetano (v.), mais tarde proprietário da Tipografia M. Caetano & Moita, Lda. (v.).

⁷¹ MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da imprensa do Algarve – I*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1988, p. 275.

⁷² Cf. BRANCO, Capitão [José] Vieira, *Subsídios para a história da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*, Faro, ed. de autor, 1938.

A12/02/1877, fez publicar no jornal *Comércio do Sul* um extenso anúncio aos seus trabalhos, declarando que o estabelecimento se “acha hoje habilitado para desempenhar todos os trabalhos tipográficos por mais difíceis que sejam, do que tem dado sobejas provas.”⁷³. A publicidade funcionava também como um bom catálogo dos tipos disponíveis na Tipografia de Eduardo Serafim.

Em Janeiro de 1877, saíram do seu prelo os primeiros sete números de *O Académico Fareense*, cujo director e editor foi Eduardo Serafim, sendo posteriormente substituído por José Joaquim da Costa Macedo que transferiu a composição e impressão do jornal para a Tipografia de *O Comércio do Sul* (v.). No âmbito das comemorações do primeiro centenário do Marquez de Pombal, imprimiu dois folhetos: um em 1882, *Primeiro Centenario / de / Sebastião José de Carvalho e Mello / Homenagem dos Académicos do Algarve*, e, no ano seguinte, a *Breve Noticia dos Festejos / em / Villa Real de Santo Antonio / Por Occasião do Centenario / Do / Marquês de Pombal / Por J. F. G.*. A 01/07/1889, deu à estampa o número único dedicado à chegada do caminho de ferro a Faro, que se intitulou *A Inauguração* («Folha Unica Commemorativa do Inicio da Exploração do Caminho de Ferro do Algarve») e de 1901 a 1902 compôs e imprimiu *Ferroadas* («Publicação de Inquérito à Vida Patusca do Algarve») (v. catálogo, n.º 68.), dirigido e editado por Ludovico Caetano de Meneses (v.).



Ilustrações n.ºs 18, 19 e 20, respectivamente: Primeiro centenario de Sebastião José de Carvalho e Mello...; Breve Noticia dos Festejos em Villa Real de Santo Antonio...; A Inauguração...

Fonte: Coleção da Biblioteca Nacional.

Esta oficina sobreviveu até à segunda metade do século XX, e, em 1956, ainda deu à estampa a *Agenda Meteorológica Sísmica Patológica e Radiações Solares*, editada por António Mário de Oliveira.

⁷³ *Comércio do Sul*, n.º 28, 12/02/1877.

Nos anos 20, a oficina estava instalada na rua de Santo António, n.ºs 73 e 75, onde se manteve até à sua extinção e declarava-se preparada para “trabalhos tipográficos em todos os géneros, encadernações, artigos de escritório, desenho e pintura, postais ilustrados, vistas de Faro, carimbos e sinetes, papéis pintados, vitraux, etc., etc.”⁷⁴. Na verdade, é ainda hoje famosa a colecção de postais sobre Faro, editados pela Tipografia Serafim.

O parque gráfico da oficina foi sendo necessariamente reforçado e melhorado e na segunda metade da década de 10, adquiriu parte do parque da Tipografia Silvense (v.), o que incluiu duas máquinas de pedal: uma máquina Liberty n.º 5 e uma Diamant.

Em 1937, o parque gráfico era composto por um prelo, duas impressoras de pedal Weiler, uma impressora de pedal Diamont, uma impressora pequena manual, uma guilhotina Krause, uma máquina de coser a arame de pedal Krause e uma máquina de coser a arame Nebiolo com motor eléctrico acoplado 0,7 cv, que trabalhava também de pedal⁷⁵.

A oficina foi um marco na vida comercial e estudantil da cidade de Faro e o seu proprietário era uma figura ainda hoje recordada com carinho. Luciano de Sousa, por exemplo, um olhanense radicado em Buenos Aires, mas com colaboração assídua n’ *A Voz de Olhão*, há alguns anos recordava a relação dos jovens caloiros do Liceu de Faro com a Tipografia Serafim, que não resisto a transcrever:

“O passo imediato para os açodados caloiros era correr à rua de Santo António, onde ficava a «Tipographia Seraphim» (assim rezava a ornamental tabuleta sobre a porta), para encomendarmos os nossos primeiros bilhetes de visita como estudantes liceais, que eram ali impressos em velino opalescente, com os nossos nomes e apelidos bem centrados num belo cursivo inglês e, logo abaixo deles, o novo e (para a nossa ingénua credulidade) deslumbrante título de... «Académico»!

No pequeno estabelecimento éramos sempre atendidos pelo dono em pessoa, um Serafim quarentão e de escassa estatura, tão pulcro atrás do mostrador que parecia – do cuidadoso penteado aos reluzentes sapatos, sempre fresco, rescendendo a colónia e fazendo gala de sóbria elegância – parecia, ia dizendo, que acabava de sair do alfaiate e da barbearia. Usava uns bonitos «papillons» - então de moda, preferentemente esverdinhados, de nó tão bem dado que as suas pontas pareciam rígidas palhetas horizontais de um aeroplano. Assim, pelo menos o víamos.

Era homem atencioso e delicado sem afectação. Na sua presença, aos 11 anos, chegávamos a sentir-nos homens feitos, tal a seriedade com que nos ouvia e respondia no trato da encomenda dos cartões. E se notava nos mais novos algum

⁷⁴ *Capas Negras*, n.º 1, 01/12/1925.

⁷⁵ Arquivo Distrital de Faro, Fundo da 5.ª Circunscrição Industrial, processos de indústrias insalubres.

enleio ou sombra de hesitação sobre a classe da cartolina desejada, ei-lo a explicar aos neófitos os pormenores do caso, redobrando a cordialidade e ajudando à eleição final, sem forçar o jovem cliente. Nunca se impacientava e raramente deixava de sorrir-lhes carinhosamente. Com as meninas tinha mimos de papá complacente, meiguices candorosas e reptos de galanteria que encantavam as mulherzinhas que havia nelas em floração. Às vezes até nos contava histórias do seu tempo de estudante...”⁷⁶

II.I.7.6 Tipografia Serafim – V. Tipografia De Eduardo Serafim

II.I.7.7 Tipografia De *O Districto De Faro* (1876 – 1913)

Apresentar dados concretos sobre a Tipografia, cujo nome o deve ao jornal que imprimiu, *O Districto de Faro* (06/04/1876 – 24/04/1876), não é, até ao momento, tarefa fácil, devido às várias contradições encontradas. Como não foi possível atar as linhas encontradas, aqui fica a entrada independente para a Tipografia de *O Districto de Faro*.

Os proprietários do jornal eram António Bernardo da Cruz (v.) e Manuel dos Santos Fonseca (v.), que, segundo creio, adquiriram a oficina que lhes permitiu dar à estampa o periódico. No entanto, não é possível garantir esta informação.

A Biblioteca Nacional apenas possui números salteados do jornal, no que diz respeito à sua publicação durante o século XIX, e nem todas as cotas existentes são disponibilizadas ao leitor em virtude do seu avançado estado de degradação. Do que foi realmente possível consultar, apurei o seguinte: os números 23 (07/09/1876) a 31 (02/11/1876) foram impressos na Tipografia de António Manuel Henriques (v.); mais tarde (?), a tipografia onde era impresso o jornal, assumiu a designação Tipografia de *O Districto de Faro*. Não foi possível apurar se se tratou da oficina de António Manuel Henriques, ou de uma outra.

José Carlos Vilhena Mesquita afirma na sua obra que os primeiros dezassete números foram impressos na Tipografia de Rafael da Paz Furtado (v.) e que a partir do n.º 18 passou a imprimir-se em oficinas próprias no Largo do Salomé, n.º 61. Estas informações não condizem, como já demonstrei, com os dados que eu pude verificar. Na nota final declara: “era sofrivelmente impresso num papel de frágil qualidade, pouco ilustrado e razoavelmente paginado. Curiosamente, os primeiros 12 números

⁷⁶ SOUSA, Luciano de, “Cartas de Buenos Aires”, *A Voz de Olhão*, n.º 414, 15/01/1990.

foram impressos num prelo de madeira, bastante rudimentar, inventado por Rafael da Paz Furtado, após o que adquiriu uma máquina impressora de fabrico português, das poucas que então existiam no nosso país, mas que já em 1913 se encontrava muito arruinada.”⁷⁷ Ora, de acordo com estas afirmações, a Tipografia do *Districto de Faro* foi a Tipografia de Rafael da Paz Furtado, cujo parque foi utilizado até à extinção do jornal.

Inicialmente situada no Largo do Poço do Salomé, n.º 61, mudou-se para a Rua Capelo, n.º 2 (actual rua Ferreira Neto). Mas também aqui encontrei dados contraditórios. No ano de 1877, a oficina deu à estampa o *Relatorio Apresentado á Junta Geral do Districto de Faro Na Sessão Ordinária de 1877. Documentos e Mappas Illustrados pelo Conselheiro Governador Civil José de Beires*, cuja capa indica ter sido impresso na *Typographia do Districto de Faro / Rua do Poço do Salomé*; todavia, quando folheamos o livro, deparamos com a folha de rosto que reproduz a informação da capa à excepção da morada da oficina: *Largo do Sol-Posto, 13*. Lembro que nesta data a Tipografia de Eduardo Serafim (v.) se situava no mesmo Largo, n.ºs 10 e 12. Talvez a contradição evidenciada entre a capa e a folha de rosto possa querer dizer que a composição e a impressão foram feitas em locais distintos. Trata-se, no entanto, de uma mera hipótese, que aqui deixo em aberto.

Quanto ao parque tipográfico, parecem não existir dúvidas sobre a existência de um prelo de fabrico nacional – fundição de Massarelos – que, segundo José Carlos Vilhena Mesquita acompanhou toda a existência da oficina.

Do seu quadro tipográfico fizeram parte nos últimos tempos, João de Sousa Guerreiro (v.), chefe da oficina, e os aprendizes Manuel José Nobre (v.) e José Marreiros (v.).

Segundo José Vieira Branco, a oficina foi vendida à família Caiado, de Faro.

II.I.7.8 Tipografia De *O Comércio Do Sul* (1876 – 1878)

A Tipografia de *O Comércio do Sul* (09/08/1876 – 24/03/1878) foi fundada para dar à estampa o periódico do mesmo nome. Foi instalada em 1876, ano em que aquele jornal viu a luz do dia e a sua vida após a extinção do periódico é ainda uma incógnita.

⁷⁷ MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da imprensa do Algarve-I*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve e Direcção-geral da Comunicação Social, 1988, p. 275.

O proprietário e director do jornal era Francisco Augusto da Silveira Almeida Vilhena (v.), que suponho tenha sido também o proprietário da tipografia.

As suas instalações estiveram primeiramente situadas no Largo de S. Pedro, n.º 7; em Novembro de 1876, foram transferidas para a rua dos Capuchos, n.º 5, em Fevereiro do ano seguinte já se encontravam na rua de Santo António do Alto, n.º 13, 2.º andar e, em Março de 1878, estavam localizadas na rua de S. Francisco, n.º 25.

O chefe da oficina foi o tipógrafo Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa (v.), e foi seu aprendiz João de Sousa Guerreiro (v.).

Em 1877, para além de *O Comércio* a oficina imprimiu os periódicos *O Académico Fareense* («Folha quinzenal, científica e literária») (01/01/1877 – 01/07/1877), a partir do n.º 7, e o *Alvoradas do Sul* (18/07/1877 a 29/08/1877), jornal dirigido por José Joaquim da Costa Macedo, mais conhecido por Macedinho.

Quando o *Comércio do Sul* suspendeu, o anúncio feito à sua oficina publicitava a grande capacidade que tinha para a execução de todos os trabalhos de repartições públicas, assim como para todos os trabalhos próprios de uma tipografia. Dava ainda conta de novos investimentos, nomeadamente novas requisições à Imprensa Nacional, o que fazia prever a continuidade da mesma para além da vida do periódico. No entanto, não tenho dados que possam garantir a sua efectiva sobrevivência.

II.I.7.9 Tipografia De António Manuel Henriques (187-? – 1880?)

A Tipografia de António Manuel Henriques laborou na cidade de Faro desde, pelo menos, o ano de 1876, data em que imprimiu os números 23 a 31 do jornal *O Districto de Faro*. Sobre a sua actividade nesta época não me foi possível apurar quaisquer outras informações.

Funcionou até 1880, ano em que o seu proprietário editou o *Jornal de Annuncios* («Annunciário Semanal») de que se publicaram, pelo menos, dois números, um a 28/01 e outro a 04/02⁷⁸.

Estava situada na Rua da Cordoaria e, para além dos trabalhos tipográficos, vendia impressos para os serviços administrativos da província, como alfândegas, administração dos concelhos, fazenda e câmaras municipais e ainda obras literárias.

II.I.7.10 Tipografia De J. F. Tavares Belo & C.^a

⁷⁸ São os únicos que fazem parte da colecção da Biblioteca Nacional.

(1879? – 1885)

A Tipografia de J. F. Tavares Belo & C.^a era, como o próprio nome indica, propriedade de João Frederico Tavares Belo (v.), que a adquiriu contraindo um empréstimo a Francisco Constantino Pereira de Matos. Foi seu sócio Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa (v.), tipógrafo responsável pela oficina. Francisco Lisboa partilhou também com João Belo a propriedade do jornal publicitário *O Grátis* («Anunciário Semanal»), que aqui se imprimiu de 12(?)/11/1879 a 01/02/1880. Creio que esta foi mesmo a primeira iniciativa editorial da casa, de modo a publicitar a qualidade do seu trabalho e a angariar clientes para a oficina.

Todavia, no início de Janeiro de 1880, ainda não estava a trabalhar na sua plenitude, faltando-lhe a máquina impressora para os trabalhos comerciais mais pequenos. A 18/01/1880, já esta lacuna tinha sido suprida pela chegada de uma máquina Minerva, com capacidade para imprimir 6000 bilhetes por hora, vinda através do Vapor Gomes 2.º, assim como através de um reforço importante de tipos, comprados à Imprensa Nacional. Estava então a oficina preparada para prestar ao público farende, particular ou público, todo o tipo de trabalhos tipográficos.

A partir desta data, com a aquisição da nova máquina, a Tipografia assumiu a designação Tipografia Minerva.

Percebemos que a oficina começou a laborar com uma máquina para imprimir jornais e com poucos e usados tipos, visto que em escasso tempo reforçou este material. O quadro tipográfico é em parte o mesmo que trabalhava na tipografia de *O Comércio do Sul*. Será que o parque gráfico era o desta oficina?

Esteve inicialmente instalada na Rua da Cadeia, n.ºs 20 e 22 e em Setembro de 1880 foi transferida para a rua de S. Pedro, n.º 42.

O seu quadro tipográfico foi composto por Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa (v.), administrador, João de Sousa Guerreiro (v.), tipógrafo, Francisco José Cintra (v.), rolador, e o aprendiz João Vieira Branco (v.).

De 01 de Junho de 1880 a 15 de Fevereiro de 1881, editou, compôs e imprimiu *O Algarve Illustrado* («Jornal Litterario») (v. catálogo, n.º 120.), cujo aspecto gráfico foi notável e apresentava uma inovação para os periódicos da província na época, pois todos os números eram ilustrados na primeira página com uma fotografia tirada para o efeito. Inclusivamente no n.º 5, o jornal adiou a publicação da fotografia do poeta João de Deus, por a redacção não dispor de nenhuma actualizada, o que veio a colmatar no n.º 6, de 15/08/1880.

Foi um jornal de periodicidade quinzenal, que nunca incluiu qualquer tipo de publicidade, dedicando-se apenas à publicação de artigos de valor histórico-cultural sobre o Algarve e a textos literários, cujo objectivo era a valorização, a ilustração cultural da província. Não teve editorial, mas, na página três, publicou dois textos intitulados “Salvé!” que nos falam das expectativas para esta publicação. Um foi assinado por Anes Baganha e outro por Duarte de Almeida. Afirma Anes Baganha:

“De vez em quando aparece a iniciativa estranha a fecundar com a sua inteligência, trabalho e capital, algum manancial ignoto da riqueza algarvia; mas o Algarve não acode à voz que lhe brada: - Ergue-te e vem connosco!

Há-de ser longo o despertar desta sociedade, que mesmo no sono exaure as forças.

Mas é preciso facilitar, preparar a evolução do momento vital para esta bela e boa província.”

Neste projecto estiveram envolvidos com colaboração literária Lorjó Tavares, M. G. Pereira Roças, João de Deus, Joaquim de Araújo, Abílio Maia (Porto), Salazar Moscoso (v.), Gonçalves Crespo, Jaime de Bívar, Anes Baganha, Matos Ferreira, Alberto de Mendonça e Pedro Covas.

Na segunda metade de 1880, João Frederico Tavares Belo avançou com outra iniciativa editorial, a do *Almanaque Farense para 1881*, sobre o qual cito a notícia dada por Mário Lyster Franco:

“ALMANACH FARENSE para 1881 – 1.º anno de publicação por João F. Tavares Bello – Enriquecido com as tabellas seguintes: Lei do sello, correio e telegrapho, deligencias do Algarve, transportes até Lisboa por terra e mar, taboa da equação do tempo, nascimento do occaso do sol – Preço 120 réis – Faro – Typographia Minerva – 42 – Rua de S. Pedro – 42.

In 16.º, 12,6x8, de 120 pp., sendo as últimas anúncios daquela tipografia de que João Francisco Tavares Belo era também proprietário e do jornal *O Algarve Illustrado* (v. este título), que ele também dirigia, e tendo na capa os m/ dizeres ligeiramente modificados.

Foi, ao que suponho, o único publicado. A *Parte litteraria*, vai de pp. 49 a 116 e insere colaboração, inédita ou compilada, de João de Deus, Pereira Roças, Gonçalves Crespo, Anes Baganha, Cândido de Figueiredo, R. Pinto, Joaquim de Araújo, Jayme de Seguiet, Avelar Teles, Salazar Moscoso, C. Pádua, Jaime de Bívar, etc.. (...)”⁷⁹.

Em 1885, o proprietário da Tipografia Minerva vendeu-a a Roque Féria (v.), que a instalou em Tavira com a designação Tipografia Democrática (v.). O valor da oficina foi de 720\$00. Em 1888, Roque Féria deslocá-la-ia para Olhão (v.).

⁷⁹ *Algarviana. Subsídios para uma bibliografia do Algarve e dos autores algarvios*, Vol. I A-B, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1982, pp. 61 e 62.

II.I.7.11 Tipografia Minerva – V. Tipografia De J. F. Tavares Belo & C.^a

II.I.7.12 Tipografia De Luís Mascarenhas (1880 - 2008)

A Tipografia de Luís Sepúlveda Pimentel Mascarenhas (v.) teve uma vida bastante complexa. Adquirida em Portimão, em 1874, por Luís Mascarenhas, já tinha tido actividade em Lagos (Tipografia de António Joaquim Correia Júnior, v.) e em Vila Nova de Portimão recebeu a designação Tipografia Portimonense (v.). Em 1878, por acordo com a Casa Vilarinho de Silves, Luís Mascarenhas deslocou a sua oficina para esta cidade, onde imprimiu o jornal a *Defesa do Povo* (v. tipografia com o mesmo nome). Em finais de 1880, o jornal foi extinto para dar lugar ao *Progresso do Algarve* («Órgão do Partido Progressista») (08/12/1880 – Jun./1889?), dirigido por Luís Mascarenhas, que a 08 de Dezembro daquele ano iniciou publicação em Faro. A Tipografia era a sua, que fez deslocar de Silves para Faro, onde a instalou na rua de S. Pedro, n.º 5.

Extinto em 1889, seguiu-se-lhe *O Progresso do Sul*, dirigido por Francisco Augusto da Silveira Almeida Vilhena (v.), que, segundo creio, arrendou ou adquiriu a oficina a Luís Mascarenhas e aí imprimiu *O Progresso do Sul* (23/06/1889 – 07/07/1895) e o *Algarve e Alemtejo* (07/07/1895 – 30/10/1904?), seu sucessor. Não obstante, e de acordo com informações avançadas por José Vieira Branco nos seus *Subsídios para a história da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*, o parque desta tipografia foi dividido e deslocado para Loulé (v.), onde inaugurou a arte tipográfica e a imprensa periódica do concelho, no ano de 1889.

O Capitão Vieira Branco informa que a tipografia que imprimiu o *Algarve e Alemtejo* pertenceu ao diário progressista lisbonense *Correio da Tarde*, que a cedeu para o Algarve. Acredito que se tratou de uma forma de Francisco Vilhena reforçar o parque tipográfico, que já tinha nesta época muitas horas de trabalho.

Em 1908, a oficina foi adquirida a Francisco Augusto da Silveira Almeida Vilhena, pela Empresa de *O Algarve* para imprimir este jornal, que viu a luz da publicidade a 09/03/1908. Os proprietários eram Artur Águedo Miranda (v.), José Ferreira da Silva (v.) e novamente Luís Mascarenhas (v.).

Com a morte de José Ferreira da Silva (21/01/1949) (v.), o filho, Artur Serrão e Silva (v.), herdou a tipografia e a propriedade do jornal que conduziu igualmente até à sua morte (Dez./1980).

Em 1982, a empresa de *O Algarve* (oficina e jornal) foi vendida ao jornalista José do Carmo Lopes Martins (v.), passando, em 2005, a ser propriedade dos seus dois filhos, José Joaquim Lopes Martins (v.) e Adolfo Nuno Martins (v.). A propriedade do jornal foi vendida em 2006, mas os dois irmãos têm assegurado até ao presente o funcionamento da oficina.

No que concerne à localização da oficina, podemos afirmar que em 1889 estava na rua do Cemitério da Misericórdia e, em Abril de 1891, foi transferida para a rua do Albergue, 19, permanecendo aí até à extinção do *Algarve e Alemtejo*, em 1904.

Posteriormente, foi deslocada para a rua do Alportel, números 10, 10A e 12; a 13/08/1909, foi transferida para os números 23 a 27 da mesma rua, onde se localizava a residência do seu director Luís Sepúlveda Pimentel Mascarenhas; na década de 80, o parque gráfico foi deslocado para a rua José de Matos, n.º 1 e 2, e os escritórios para a Rua Conselheiro Bívar, n.º 45 e 47; em 1997, foi transferida para a Zona Industrial Bom João e, em Março de 2008, saiu de Faro para a Zona Industrial de Olhão, lote n.º 52.

Quanto ao parque tipográfico da oficina, apurou-se que na década de 30 era constituído por dez cavaletes com tipo comum, corpo 8 e 10, por duas máquinas de impressão a pedal e uma máquina de impressão de braço, destinada aos formatos maiores, como era o caso de *O Algarve*, e por uma guilhotina



*Ilustração n.º 21: Máquina de impressão para pequenos formatos.
Fonte: parque da Tipografia de O Algarve.*

manual. Na década de 50, foram adquiridas duas máquinas de impressão Heidelberg; na década de 80, a firma comprou o parque da Gráfica Fareense, Lda. (v.), que era composto por duas máquinas de impressão Heidelberg Minerva, uma Heidelberg KSBB e uma guilhotina automática Pollar. Em 1991, a oficina integrou o sistema off-set na sua unidade de produção com a compra de uma máquina ADAST 714. Actualmente, o parque é formado por três máquinas off-set, duas máquinas tipográficas Heidelberg, uma máquina de impressão para pequenos

formatos, uma guilhotina automática e sete cavaletes com tipo, a maioria ainda por estrear.

O quadro tipográfico inicial da Tipografia era constituído por Jaime Quirino Chaves (v.) e António Cândido de Mira Escalço Vieira (v.), que a acompanharam desde Portimão. Quando Jaime Quirino Chaves saiu, no início de 1882 para ir instalar e dirigir a Tipografia Burocrática (v.), de Tavira, António Vieira assumiu a chefia da oficina, que empregava dois tipógrafos, José Albano Pereira (v.) e António Martins Cipriano (v.) e três aprendizes, Francisco Macedo (v.), Francisco dos Santos Cabeleira (v.) e José Vieira Branco (v.). Cerca de 1890, José Vieira Branco foi o chefe tipográfico da oficina até data desconhecida; em 1895, com a vinda do material da Tipografia do *Correio da Tarde*, assumiu a direcção da oficina o lisbonense Jacinto Guilherme da Silva (v.), acompanhando-o dois tipógrafos que aprenderam a arte com José Vieira Branco, Francisco (v.) e Álvaro Pinto (v.). Quando a oficina foi adquirida pela Empresa de *O Algarve*, em 1908, era tipógrafo Francisco de Paula Baptista (v.). Em 1937/8 o chefe da oficina era Emílio Fernandes Moita (v.). Sucedeu-lhe, em datas indeterminadas, José Maria (v.), Alexandre (v.), Mateus Lima (v.) e, Mário Lima (v.) e, por fim, Adolfo Nuno Santos Lopes Martins (v.).

Na década de 50, eram compositores da casa João Mateus Lima (v.) e Mário Mateus Lima. Os impressores eram Francisco dos Santos Agostinho (v.) e Augusto de Jesus Rodrigues (v.). Na década de 80, fizeram parte do quadro tipográfico Jorge Aniceto Primitivo (v.), Fernando Marçal Dias (v.) e António dos Santos Brito (v.). Actualmente, a oficina conta com um designer gráfico e gerente, José Joaquim Santos Lopes Martins (v.), com um impressor e gerente, Adolfo Nuno Santos Lopes Martins (v.) e com uma administrativa.

Em termos de produção, deve assinalar-se o período em que na oficina se compôs o *Algarve e Alemtejo* (1895 – 1904), no qual foram compostas e impressas obras de Francisco Xavier d’Ataíde Oliveira (v.), Joaquim Rodrigues Davim (v.), e Carlos Lyster Franco (v.). Para além das obras de autor, há a salientar uma iniciativa editorial protagonizada pelo próprio jornal em 1896, de todo o interesse para este trabalho. Tratou-se de um apêndice literário, de que pude consultar o n.º 3, pp. 33 – 48, publicado em folhetos, mas que compunham um único volume. Este “Appendice Litterario” (v. catálogo, n.º 90.) era composto por textos literários de autores como Guerra Junqueiro, Pinheiro Chagas e João de Deus, e apresentava no final um secção de “Trovas Populares”. O “Appendice” tinha excelente apresentação gráfica e era

impresso em bom papel. A 09/10/1897, imprimiu um número especial, graficamente muito agradável, por ocasião da visita do rei D. Carlos e da rainha D.^a Amélia ao Algarve. No que à produção literária diz respeito, as décadas de 40 e de 50 foram as que registaram maior número de publicações, cujos autores eram quase sempre colaboradores do jornal *O Algarve*, como por exemplo, Hernâni de Lencastre (v.), Emiliano da Costa (v.), ou Alberto Marques da Silva (v.).

**II.I.7.13 Tipografia Do *Progresso Do Algarve* – V.
Tipografia De Luís Mascarenhas**

**II.I.7.14 Tipografia Do *Progresso Do Sul* – V.
Tipografia De Luís Mascarenhas**

**II.I.7.15 Tipografia Do *Algarve E Alemtejo* – V.
Tipografia De Luís Mascarenhas**

**II.I.7.16 Tipografia De *O Algarve* – V.
Tipografia De Luís Mascarenhas**

**II.I.7.17 Tipografia De Agostinho Ferreira Chaves
(188-? – 1895)**

A Tipografia de Agostinho Ferreira Chaves (v.) foi fundada no início dos anos 80 do século XIX, embora com pouquíssimas condições de trabalho. O Capitão José Vieira Branco, ao lembrar as oficinas tipográficas existentes em Faro na década de 80, declara que esta era então “um arremedo de tipografia”⁸⁰. E é apenas na década de 90, que a oficina reúne condições para editar um periódico. A 15 de Junho de 1891, Agostinho Ferreira Chaves editou a revista *A Rir* («Álbum de anedotas e bons ditos»), que saía em fascículos quinzenais de 8 pp. e que foi extinta a 01 de Setembro de 1895, data em que o seu proprietário partiu para a cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

Em 1893, deu à estampa, com a designação Tipografia Elzeveriana, o *Notícias do Algarve*, que se publicou de 05/02/1893 a 19/02/1893 (?), também propriedade e editado por Agostinho Ferreira Chaves.

Antes ainda de se lançar na edição de periódicos, na segunda metade da década de 80, José Vieira Branco (v.), então chefe da oficina, compôs e imprimiu o folheto *Elementos de Geografia Astronómica*, compilados por Francisco Pereira Sales, que foi uma marca das produções desta oficina. José Vieira Branco conta-nos nos seus *Subsídios para a História da Imprensa Algarvia* que este folheto de que foram feitos mil exemplares, ao preço de 10\$000, mal foi entregue e pago pelo barbeiro Francisco

⁸⁰ BRANCO, Capitão José Vieira, “O *Progresso do Algarve* Diário?”, *Diário do Algarve*, n.º 13, 20/10/1932.

Sales, foi apreendido por José Esteves, oficial de diligências, a que se seguiu um processo na justiça, movido pelo Governador Civil. Na sua origem, esteve uma denúncia de um frequentador da tipografia, que furtou dois exemplares, enviando um deles ao então Bispo do Algarve, D. António Mendes Belo. O irónico da situação, como bem destaca José Vieira Branco é que no final do folheto, Francisco Pereira Sales declarava “não acreditar em Deus nem no diabo, em santos, bruxas ou labishomens, nos padres e eficácias das sua orações, etc.. No final desta declaração, com toda a seriedade, dizia ninguém poder ser perseguido por motivos de religião e indicava o artigo da Carta Constitucional que tal mandava. Poucos dias depois, viu como ela era respeitada!...”⁸¹.

Para além da actividade tipográfica a que Agostinho Ferreira Chaves se dedicava com todo o interesse, este farmacêutico fundou em Faro a primeira litografia e uma fábrica de carimbos.

A Tipografia foi primeiramente instalada na rua José Estêvão, n.º 5 e, em 1893, já tinha sido deslocada para a rua Serpa Pinto, n.º 45.

O seu primeiro tipógrafo-chefe foi António Cândido de Mira Escalço Vieira (v.) que entrou na oficina em 1882. Foi depois substituído pelo seu ex-aprendiz José Vieira Branco (v.) que no início dos anos 90 saiu e deu lugar a Sebastião Pedro dos Santos Cruz (v.) que passou a dirigir a oficina até 1895.

Segundo dados avançados por José Vieira Branco o parque desta oficina foi vendido à Tipografia Regional Editora (v.) da mesma cidade, embora tenha suspenso actividade com a partida do proprietário para o Brasil, em 1895.

II.I.7.18 Tipografia Elzeveriana – V. Tipografia De Agostinho Ferreira Chaves

II.I.7.19 Tipografia Do *Pequeno Em Tudo* (1891 – 1893)

A oficina foi montada propositadamente para imprimir o quinzenário *Pequeno em Tudo* (15/02/1891 – 1893), fundado por José Vieira Branco (v.), que o compunha e imprimia, José Joaquim Gonçalves Junior, professor e secretário das Finanças, e António Francisco de Sousa Ramos, natural de Paderne, empregado comercial na casa Carvalho & Costa, de Faro. Este último foi quem financiou a publicação do jornal.

A pequena oficina estava situada na rua de Santo António do Alto, n.º 28, mas, provavelmente devido às suas débeis condições materiais, não imprimiu o jornal até à

⁸¹ BRANCO, Capitão [José] Vieira, *Subsídios para a história da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*, Faro, ed. de autor, 1938, pp. 61 e 62.

sua extinção, visto que, conforme declara José Vieira Branco, os seus últimos números foram compostos e impressos na Tipografia do *Progresso do Sul* (v.), na altura chefiada por si. Creio que a pequena oficina terá sido integrada por aquela. A dar sustento a esta hipótese, está o facto de Mateus Lima (v.), anos mais tarde chefe da Tipografia de *O Algarve* (v.), ter encontrado o cabeçalho do jornal *Pequeno em Tudo* e, enamorando-se do seu aspecto gráfico (gótico), ter lançado novamente o *Pequeno em Tudo* (01/05/1928 – 20/09/1931), utilizando o mesmo cabeçalho.

II.I.7.20 Tipografia De *O Sul* (I) (1903-1905)

A primeira tipografia a ser instalada em Faro no século XX, foi a oficina cuja finalidade era dar à estampa *O Sul* («Semanário Regenerador-Liberal») (05/12/1903 – 08/07/1905), dirigido politicamente por João Franco Pereira de Matos (v.) e literariamente pelo poeta olhanense João Lúcio (v.).

Após a extinção de *O Sul*, imprimiu o sucessor *A Cruzada Nova*, mas de curta duração (26/07/1905 – 18/10/1905). Não lhe conheço qualquer outra produção.

Esteve inicialmente situada na Rua de Santo António, n.º 39, transferindo-se depois para o Largo do Sol, n.º 9.

O seu quadro tipográfico era dirigido pelo tipógrafo Jaime Vaz Velho da Palma (v.).

Após a extinção de *A Cruzada Nova*, a oficina foi vendida a Boaventura Passos (v.) de São Brás de Alportel, para onde a transportou e aí deu à estampa o *Ecos do Sul* («Semanário Democrático Independente») (v.). Quando foi fundada a Tipografia Regional Editora (v.) de Faro, da qual Boaventura Passos fazia parte, a oficina foi incorporada nesta.

II.I.7.21 Tipografia Nova Minerva (1905 – 1921)

A Tipografia Nova Minerva era propriedade de Joaquim José do Mato (v.), que começou em 1905 a trabalhar por conta própria, após vinte e cinco anos na profissão.

Adquiriu a oficina e instalou-a na rua Conselheiro Bívar, n.ºs 33-35.

Contudo, não teve a alegria de ver florescer o negócio que acabava de montar, pois faleceu poucos meses depois, a 28/05/1906, vítima de uma pneumonia dupla.

A oficina, no entanto, não sucumbiu com o proprietário, ficando ao cuidado da viúva que lhe deu continuidade.

Em 1907, imprimiu o quinzenário académico *Destino* (09/12/1907 – 06/01/1908), mas a sua produção foi essencialmente no âmbito dos trabalhos comerciais.

Em Maio de 1921, a proprietária pôs a oficina à venda, através das colunas do jornal *Correio do Sul*.

II.I.7.22 Tipografia União (1909? – 2008)

A Tipografia União, propriedade da Diocese do Algarve, foi fundada sob o impulso do Cónego Marcelino António Maria Franco (v.). Desconhece-se a data exacta da sua instalação. No entanto, a sua primeira publicação foi o *Boletim do Algarve* («Órgão Oficial da Diocese e Auxiliar do Ensino Religioso»), cujo primeiro número data de 15/01/1910, o que nos permite uma data aproximativa.

O seu primeiro local de funcionamento foi a Rua do Município, 16. Na segunda metade da década de 20, foi deslocada para a rua Tenente Valadim, 30, 1.º, e, em 1965, regressou à rua do Município, instalando-se no n.º 14, 1.º, onde ainda se mantém.

O Capitão José Vieira Branco afirmava nos anos 30 que a Tipografia União era uma oficina “bem montada”. Infelizmente, desconhecemos o parque completo com que foi constituída. Ainda assim, existe uma pequena sala que guarda parte dessas memórias iniciais. Aí se encontra o material mais antigo da casa: uma máquina de impressão a pedal Diamant, duas máquinas de agrafar, uma máquina de coser a arame, uma prensa para gravuras, uma enfardadeira e três cavaletes com trinta e nove gavetas de tipos. Não está, porém, todo aqui. À entrada da secção tipográfica da oficina exhibe-se a jóia da casa: um prelo, o único existente em toda a Província.

Todo este material está naturalmente desactivado. Em 1950, a oficina foi alvo de melhoramentos consideráveis: foi construída uma nova sala de composição e foram adquiridas máquinas novas. Destas máquinas, creio que fizesse parte a primeira máquina de composição Intertype a entrar na Tipografia. Em 1957, foi adquirida a segunda máquina Intertype. Actualmente, o sector tipográfico é constituído por três máquinas de impressão Heidelberg (uma delas está desactivada), duas máquinas de composição Intertype, quinze cavaletes com tipo, duas máquinas de cantear (uma manual e outra mecânica) e uma máquina de encapar. No início da década de 90, a

oficina introduziu o sistema off-set e hoje este sector possui uma Heidelberg MO 48x65 cm e uma Ryobi 3300 34x45 cm. Tem ainda uma câmara fotográfica e uma máquina de gravuras, ambas desactivadas, e uma prensa de gravação de matrizes.

Quanto ao quadro tipográfico desta casa, podemos afirmar sem receios que tem constituído ao longo dos seus muitos anos de vida uma verdadeira escola de tipógrafos. Uns fizeram carreira na profissão, quer por conta de outrem quer por conta própria, outros seguiram outras profissões. Ainda assim, a quase todos ensinou os valores do mundo do trabalho.

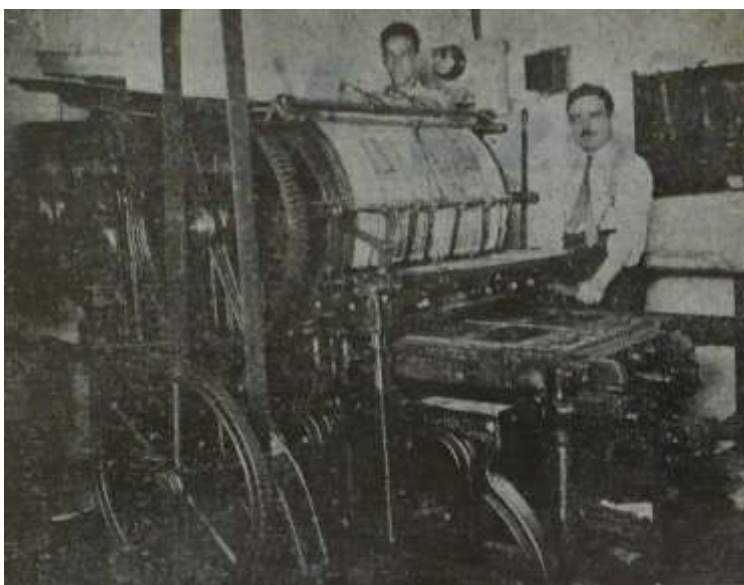


Ilustração n.º 22: Aspecto do sector de impressão da Tipografia União, em 1943.

*Artistas não identificados.
Fonte: Afinidades: Revista de Cultura Luso-Francesa, n.º 3, Faro, Instituto Francês em Portugal, Jul./1943.*

Quando foi montada, o seu tipógrafo-chefe foi o já muito experiente João de Sousa Guerreiro (v.), que durante algum tempo repartiu funções com José Joaquim Gomes (v.). Com João de Sousa Guerreiro aprendeu a arte José da Piedade (v.), que foi o seu sucessor no cargo, a partir da década de 30. A partir dos anos 40, Manuel Augusto Ferro (v.) assumiu as funções de chefe da equipa que compunha e imprimia o jornal *Folha do Domingo*. Sob o seu magistério, estiveram Sérgio (v.), Sidónio (v.), Helder Apolo Larguito (v.), e os dois filhos de Manuel Augusto Ferro: Délio Maria Ferro Dias (v.) e José Fernando Ferro Dias (v.). Contemporâneo de Manuel Augusto Ferro, Manuel Raul de Matos (v.) assumia as funções de responsável pela impressão dos jornais.

Numa fase mais adiantada da história da casa, José Fernando Ferro Dias foi nomeado o chefe do sector dos trabalhos comerciais e José Guerreiro (v.) foi o encarregado geral da oficina até 2007, ano em que se aposentou.

Com a adaptação do off-set, João Casaca Mendinhos (v.) saiu do sector tipográfico para o off-set para aprender o novo sistema. Desde há quatro anos é o chefe da oficina, que emprega treze funcionários.

Tratando-se de uma oficina propriedade da Diocese do Algarve, a sua produção está obviamente muito relacionada com esta circunstância. Serviu, desde o início para dar à estampa periódicos das várias paróquias, embora tenha alargado os seus serviços a outras entidades. Tem sido, na verdade, a casa que mais periódicos deu à publicidade, tendo aí a sua principal fonte de rendimento até à década de 80. Paralelamente, todos os trabalhos inerentes à vida da diocese, mas também outros que chegavam por conta dos grupos que se reuniam em torno dos jornais têm impresso aqui os seus textos. Actualmente, para lá dos trabalhos da diocese, são os comerciais os que asseguram a vida da oficina.



*Ilustração n.º 23: dois aspectos do prelo tipográfico.
Fonte: parque da Tipografia União.*



*Ilustração n.º 24: máquina de agrafar, de coser a arame e prensa para gravuras.
Fonte: parque da Tipografia União.*



*Ilustração n.º 25: máquina de impressão Diamant, a pedal.
Fonte: parque da Tipografia União.*



*Ilustração n.º 26: material de composição manual.
Fonte: parque da Tipografia União.*



*Ilustração n.º 27: máquina de composição mecânica Intertype.
Fonte: parque da Tipografia União.*



*Ilustração n.º 28: forma tipográfica e respectiva prova. Composta por José da Piedade (v.), em 1939.
Fonte: parque da Tipografia União.*

II.I.7.23 Tipografia De *O Sul* (II) (Jun./1912 – Mar./1913)

A Tipografia que designei como de *O Sul* (II) veio de Silves e foi cedida temporariamente por Gregório Mascarenhas, proprietário da Tipografia Silvense (v.), para imprimir *O Sul* («Semanário Republicano Evolucionista») (24/03/1912 – 04/08/1918), propriedade de Álvaro Júdice.

Foi instalada em Junho de 1912 na rua do Compromisso, n.ºs 35 e 35A, e em Fevereiro de 1913 foi deslocada para a Rua do Lethes, n.º 22.

Todavia, a actividade desta oficina foi efémera, pois em Março de 1913, o jornal passou a ser impresso na Tipografia Minerva Comercial de Évora, não voltando a ter oficina própria.

O parque regressou à posse de Gregório Mascarenhas, que mais tarde o vendeu parcialmente à Tipografia de Eduardo Serafim (v.), de Faro.

II.I.7.24 Tipografia Democrática (Fev./1912 – 1917?)

A Tipografia Democrática foi constituída pelos parques tipográficos da Tipografia Burocrática (v.), de Tavira, e da Tipografia Guadiana (II) (v.) de Vila Real de Santo António, que Carlos Augusto Lyster Franco (v.) e João Pedro de Sousa (v.)

adquiriram para aí imprimir o jornal *O Herald* («Bi-Semanário Republicano Democrático») (10/04/1912 – 26/08/1917).

Comprada em Fevereiro de 1912, foi montada na rua 1.º de Dezembro, n.ºs 21, 23 e 27, onde tinha funcionado o extinto Teatro 1.º de Dezembro. Dois meses após a aquisição, a oficina estava preparada para começar a trabalhar.

De Tavira, juntamente com a oficina, veio o tipógrafo que a instalou em Faro e a dirigiu, Armelim Mendes da Assunção Cácia (v.). No final do ano de 1915, Armelim Cácia saiu dos quadros da oficina e foi substituído por José Joaquim Gomes (v.), que aí trabalhou somente um mês. A ausência de um tipógrafo gerente foi suprida com a contratação de Jaime Vaz Velho da Palma (v.).

Para além do jornal, principal motivação desta oficina, dedicava-se a todo o tipo de trabalhos comerciais e possuía também uma secção de papelaria.

Não lhe tendo inventariado qualquer produção literária, foi o jornal *O Herald*, o órgão que caracterizou a produção da oficina. Durante os três primeiros anos, o jornal teve um carácter fundamentalmente político, o que lhe valeu vários processos movidos pelo Governador Civil. A feição política era-lhe claramente impressa por João Pedro de Sousa que se envolveu em várias polémicas e que tinha nos colegas *O Algarve* e *O Districto de Faro*, os seus principais rivais ideológicos.

É a segunda série do jornal a que mais interessa a este trabalho (v. catálogo, n.º 89.). Em sequência da partida de João Pedro de Sousa para o Parlamento como deputado pelo Algarve, a direcção do jornal ficou exclusivamente entregue a Carlos Augusto Lyster Franco, que se apressou a esclarecer o novo rumo que o jornal tomaria daí em diante: “Diligenciaremos apresentar *O Herald* com uma acentuada orientação moderna; procuraremos dar-lhe um novo aspecto, fazendo um jornal leve, insinuante e agradável e, embora doutrinário, sem facciosismos nem exageros.”⁸² E, de facto, o jornal tornou-se eminentemente cultural. Acompanhou de perto o I Congresso Algarvio; lançou um concurso de fotografia com o objectivo de valorizar os aspectos da província, começando pela capital do distrito; publicitava com entusiasmo cada número da revista *A Alma Nova*, dirigida por Mateus Moreno, e aumentou a secção dedicada à literatura. Nesta secção, podemos encontrar a colaboração de Coelho de Carvalho, Júlio Dantas, Salazar Moscoso (v.), Cândido Guerreiro (v.), Mário Bonança (v.), Raul Pousão Ramos

⁸² *O Herald*, n.º 1 (300), 24/10/1915.

(v.), Jaime Cunha (v.), Laurinda Seritram e o próprio director que foi sempre presença assídua com os seus “Contos e Novelas”.

No último ano da sua edição, o jornal tornou-se um verdadeiro ilhéu literário na província, devido à publicação de textos futuristas, da autoria de escritores algarvios e dos seus principais representantes, tais como Fernando Pessoa ou José de Almada Negreiros⁸³.

A 26 de Agosto, *O Herald* noticiava a sua suspensão temporária para que o seu director pudesse retemperar forças. Todavia, não voltou a publicar-se. Desconhecem-se, todavia, as circunstâncias reais que determinaram a suspensão definitiva de *O Herald*, que não deve ter motivado a extinção imediata da sua oficina. Entre 1917 e 1919, parte do parque foi vendido para Olhão, com o qual foi constituída a Tipografia Central (v.). Em 1924, o restante material tipográfico foi comprado por alguém que a ele estava ligado desde os tempos de Tavira: Armelim Mendes da Assunção Cácima, para montar a Tipografia Artes Gráficas, Lda. (v.).

II.I.7.25 Tipografia De *O Herald* – V. Tipografia Democrática

II.I.7.26 Tipografia Regional Editora, Lda. (1921 – 1932)

A Tipografia Regional Editora, Lda. foi constituída com os parques das extintas Tipografia Elzeveriana (v.), de Faro, e Tipografia *Ecos do Sul* (v.), de São Brás de Alportel, adquiridas em 1920 pelos sócios que constituíram esta sociedade por quotas. Os seus constituintes foram Alberto Monteiro (funcionário da Caixa Geral de Depósitos, natural de São Bartolomeu de Messines), que detinha uma quota de 8.000\$00, Bernardo de Passos com uma quota no valor de 4.000\$00, Raul Jacinto (natural de Silves) com um quota no valor de 3.000\$00 e Boaventura Passos, cuja cota no valor de 1.000\$00 foi inteiramente realizada com o material tipográfico que possuía, da Tipografia *Ecos do Sul* (v.)⁸⁴.

O nascimento da oficina esteve embrionariamente ligado ao surgimento do jornal *Correio do Sul* («Semanário Independente, de Informação e Propaganda do Algarve») (01/02/1920 – 24/12/1981), que foi inicialmente dirigido por Bernardo de Passos (v.) e António Crisóstomo dos Santos (v.), administrado por Alberto Monteiro e

⁸³ Sobre o momento literário protagonizado pelo *Herald*, veja-se o ponto III.5 deste trabalho.

⁸⁴ Cf. BRANCO, Capitão [José] Vieira, *Subsídios para a História da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*, Faro, ed. de autor, 1938.

secretariado por José Dias Sancho (v.) . No entanto, quando saiu o primeiro número do jornal, ainda a sua tipografia não estava em funcionamento, o que levou a que os seus primeiros números tivessem sido impressos na Tipografia União (v.). Data de 22 de Maio de 1921, a inauguração da oficina ao serviço do *Correio do Sul* que aqui se imprimiu até ao seu desmantelamento em Março de 1932. A partir do n.º 789, de 10/04/1932, o *Correio do Sul* passou a imprimir-se na Tipografia Popular (v.), de Faro.

A oficina foi inicialmente instalada na rua Serpa Pinto, 98, mas em Março de 1922, devido às reduzidas instalações em que tipografia e redacção do jornal se encontravam, foi deslocada para a praça Alexandre Herculano, 26 (antigo largo da Alagoa), no rés-do-chão da casa onde o poeta Bernardo de Passos habitava, e que o arrendou à Regional Editora.

Em Março de 1932, a tipografia foi desmantelada e vendida. Tendo falecido um dos seus proprietários em 1930, Bernardo de Passos, restou apenas outro proprietário, o seu irmão Boaventura Passos. Com o falecimento do primeiro e para efeito de partilhas, os herdeiros do poeta venderam a tipografia. Grande parte do seu parque foi vendido para Moura e o restante material foi adquirido pela Empresa Gráfica Minerva Fareense, Lda. (v.).

Raul Jacinto (v.) foi o tipógrafo-chefe da Tipografia Regional Editora e era ele o responsável pela compra do material tipográfico. Em Março de 1922, os proprietários resolveram actualizar o parque tipográfico e foi Raul Jacinto quem se deslocou a Lisboa para o adquirir. Em 1924, António Fernandes Costa (v.) era o chefe da oficina. Emílio Fernandes Moita (v.) foi um dos tipógrafos que fez parte do seu quadro tipográfico.

II.I.7.27 Tipografia Do *Correio Do Sul* – V. Tipografia Regional Editora, Lda.

II.I.7.28 Tipografia Artes Gráficas, Lda. (1924 – 197?)

Esta oficina foi fundada por Armelim Mendes da Assunção Cácima (v.) e por Cândido Valério (v.), no ano de 1924. O parque foi adquirido a Carlos Augusto Lyster Franco, da Tipografia Democrática (v.), de Faro, da qual Armelim Cácima fora responsável.

Esteve instalada primeiramente no Largo do Baleizão, 17, 1.º e, em 1930, foi mudada para a Praça Ferreira d'Almeida, n.ºs 22 e 23. Creio que esta mudança de

instalações coincidiu com o fim da sociedade, momento a partir do qual a oficina passou a funcionar com a designação Tipografia Cácima.

Em 1960, o proprietário constituiu a empresa intitulada Armelim Mendes Cácima, Lda., sob a forma jurídica de uma sociedade por quotas, equitativamente distribuídas pelos sócios, o filho, Carlos dos Santos Cácima, e o genro, José Francisco. De acordo com o testemunho do neto, Mário Carlos Trigo Cácima, a constituição da empresa terá decorrido unicamente da necessidade de salvaguardar a herança dos filhos, uma vez que estava casado em segundas núpcias, pelo que na prática, os novos sócios só o eram oficialmente, sem qualquer tipo de intervenção no negócio, até porque nenhum dos filhos seguiu o ofício do pai.

Em 1971, Armelim Cácima afastou-se da sua oficina por motivos de doença e alugou a tipografia a alguns dos funcionários, nomeadamente a João Santos (v.) e a Joaquim Gonçalves Reis (v.). Para além destes, continuaram aqui a trabalhar Bartolomeu Urbano Dias (v.), Joaquim Guerreiro (v.) e João Casaca Mendinhos (v.). Nas mãos dos arrendatários, a oficina foi deslocada para a Rua Conselheiro Bívar, onde permaneceu até ao seu fecho.

A nova gerência não conseguiu manter a oficina durante muito tempo e, na segunda metade da década de 70, fechou definitivamente as portas. O parque foi então vendido à Tipografia Vargas (v.), de Faro, que actualmente apenas conserva a guilhotina. Todas as outras máquinas foram trocadas aquando de novas aquisições.

Oficialmente, a empresa ainda existe, estando a decorrer o processo para o seu encerramento.

No que diz respeito à produção desta oficina, assentava maioritariamente nos típicos trabalhos comerciais: guias, facturas, recibos, envelopes, cartões, etc.. No entanto, entre 1958 e 1968, deu à estampa alguns dos textos que marcaram uma nova viragem nas letras portuguesas. Refiro-me à colecção “A Palavra”, cujo primeiro número é *Grito Claro* (v. catálogo, n.º 37.), de António Ramos Rosa (v.), à colecção “Sílex”, que se iniciou com *Sete Poemas Rebeldes e Carta a Pablo Picasso* (v. catálogo, n.º 35.) de Casimiro de Brito (v.), aos *Cadernos do Meio-Dia* (v. catálogo, n.º 36.) e à *Poesia 61* (v. catálogo, n.ºs 44., 45., 47., 48. e 49.), todos compostos e impressos nesta pequena oficina.

Em torno da tipografia e mesmo aqui trabalhando nas suas próprias produções reuniram-se Casimiro de Brito (v.), Manuel Baptista, o orientador gráfico dos trabalhos, Gastão Cruz (v.), Luiza Neto Jorge (v.), E. M. Melo e Castro (v.), Fiana Hasse Pais

Brandão (v.), Maria Teresa Horta (v.), entre outros. Embora nem todos fossem Algarvios, conheciam-se durante as temporadas passadas na praia de Faro, nas férias de Verão. Casimiro de Brito era o impulsionador de todas estas publicações e era ele quem negociava com Armelím Mendes da Assunção Cácia os seus custos, que, não raro, difíceis de suportar, eram liquidados com trabalho na oficina: “Quanto ao dinheiro não há problema, pagas metade e o restante é pago através de algumas horas aqui na tipografia”, declarava-lhe o tipógrafo. Foi assim que Casimiro de Brito conheceu este mundo e trabalhou no processo de impressão e composição durante algum tempo.

Creio que Armelím Cácia não teria a consciência clara dos textos que ali, na sua casa, se estavam a imprimir, até porque, como lembra Casimiro de Brito, “o Sr. Cácia gostava de ter os jovens por ali, abriu-lhes as portas, mas não se metia”. E continua: “publicar livros não era negócio para a tipografia, daí que fosse de facto uma questão de boa vontade”. Manuel Baptista tem do artista a imagem da sua postura corcunda, moldada pelo trabalho: “Era um rato, um autêntico rato do trabalho”, declarou-nos.

**II.I.7.29 Tipografia De Armelím
Mendes Cácia, Lda. – V.
Tipografia Artes Gráficas, Lda.
II.I.7.30 Tipografia Cácia – V.
Tipografia Artes Gráficas, Lda.**

**II.I.7.31 Tipografia Do *Moca*
(1929 – 1944)**

A Tipografia do *Moca* foi adquirida em 1929 para compor e imprimir o jornal que lhe deu o nome. Creio que o seu proprietário foi Manuel Caetano de Sousa (v.), director e principal redactor do jornal.

A oficina foi instalada em Junho de 1929 no Largo de S. Pedro, n.º 12, e no mês seguinte foi deslocada para a rua de Santo António n.ºs 131, 131A e 131B; em Março de 1931, o jornal passou a ser impresso em Vendas Novas, na Empresa Gráfica do Sul, Lda. e, em Maio desse ano, voltou a imprimir-se nas suas próprias oficinas, agora na Rua Manuel de Arriaga, 31. Pouco depois, foi transferida para a Rua do Capitão-Mor, n.º 1, onde o *Moca* suspendeu.

Após a suspensão do jornal, a oficina foi adquirida pelo padre Manuel Correia de Brito (v.), que a arrendou ao *Correio do Sul*. Este foi aqui impresso desde a venda da sua tipografia oficial, a Tipografia Regional Editora, Lda. (v.), de 10/04/1932 (n.º 789)

até 16/11/1944, data em que este periódico passou a compor e a imprimir-se na Tipografia União (v.). Desconheço se a oficina sobreviveu para além desta data, ou qual o seu fim.

Entre 1929 e 1931, o tipógrafo responsável pela oficina foi o lisbonense Júlio Costa (v.). Em Abril de 1932, quando o *Correio do Sul* aqui se começou a imprimir, o chefe do quadro tipográfico era Mateus Lima (v.).

II.I.7.32 Tipografia Popular – V. Tipografia do *Moca*

II.I.7.33 Tipografia Algarvia (Década de 30)

A Tipografia Algarvia era propriedade de José Baptista Oliveira (v.), que após aprender o ofício na Tipografia União (v.), resolveu montar uma oficina por conta própria.

A Tipografia esteve instalada na rua Conselheiro Bívar, 85.

Entre 20 de Junho de 1932 e 12 de Fevereiro de 1933, compôs e imprimiu *O Baluarte* («Semanário Regionalista»), de feição claramente católica. Não lhe conheço qualquer outra produção e desconheço o rumo que tomou a oficina.

II.I.7.34 Empresa Algarvia De Publicidade, Lda. (1932 – 1935?)

A oficina tipográfica, propriedade da Empresa Algarvia de Publicidade, Lda., foi adquirida e montada tendo no horizonte um ambicioso projecto: a edição de um jornal algarvio diário. A empresa adquirente era igualmente a proprietária do *Diário do Algarve* (02/10/1932 – 18/04/1933).

Foi constituída com os parques tipográficos da Editora Olhanense, Lda. (v.) e com parte do parque que tinha pertencido à Tipografia Regional Editora, Lda. (v.). A oficina foi instalada precisamente onde a Regional Editora laborou, na Praça Alexandre Herculano, n.º 26.

Praticamente um ano após o surgimento do *Diário do Algarve*, cuja duração não atingiu um ano de vida, João de Jesus Ventura (v.), José de Sousa Ferradeira (v.) e Mário Vaz Velho da Palma (v.) constituíram uma nova sociedade a que chamaram Minerva Fareense, Lda.. O capital social era de 45.000\$00, repartido por duas quotas no valor de 11.250\$00, de João de Jesus Ventura e de José de Sousa Ferradeira, e por outra no valor de 22.500\$00, pertença de Mário Vaz Velho da Palma.

Segundo o Capitão José Vieira Branco este foi um negócio fracassado. José de Sousa Ferradeira e José de Jesus Ventura venderam a Editora Olhanense, Lda. (v.) para Faro à Empresa Algarvia de Publicidade, Lda., mas segundo aquele autor “receberam tão-somente o sinal da venda. Tiveram eles, depois da suspensão, de promover um arresto judicial para reentrarem na posse do que lhes pertencia e, mais tarde, noutra empresa [Minerva Fareense, Lda.] perderam definitivamente.”⁸⁵

O quadro de pessoal da oficina era composto por José de Sousa Ferradeira (v.), tipógrafo compositor e o seu gerente, Mário Vaz Velho da Palma (v.), também tipógrafo compositor, Alberto Macedo (v.), tipógrafo, e José Machado (v.), tipógrafo. Para além destes, eram contratados sempre que necessários tipógrafos que trabalhavam à tarefa. Consta que na época da publicação do *Diário do Algarve*, chegaram a trabalhar aqui dezanove compositores.

Após a extinção do *Diário*, João Trigueiros (v.) e José de Sousa Ferradeira tentaram reviver a experiência do que fora a edição do *Correio Olhanense*, publicado pela Tipografia Editora Olhanense, Lda. (v.). Em Faro, a 04/10/1933, lançaram à luz da publicidade o *Correio Algarvio* («Jornal de Propaganda Regionalista»), mas a sua vida também foi efémera, tendo suspenso a publicação em 12/07/1934.

Tratou-se de um projecto duplamente condenado ao insucesso, quer pela falência do *Diário do Algarve*, quer pela da própria oficina tipográfica.

**II.I.7.35 Empresa Gráfica Tipografia
Minerva Fareense, Lda. – V.
Empresa Algarvia De Publicidade, Lda.
II.I.7.36 Tipografia Minerva Fareense, Lda. – V.
Empresa Algarvia De Publicidade, Lda.**

**II.I.7.37 Tipografia M. Caetano & Moita, Lda.
(193-? – 197-?)**

A Tipografia M. Caetano & Moita, Lda. tinha como um dos sócios fundadores Manuel Caetano, que aprendera a arte tipográfica na oficina de Eduardo Serafim (v.).

Desconheço a sua data de fundação, ou de extinção. Em Dezembro de 1935 imprimiu a revista *Algarve Pitoresco* («Revista Ilustrada de Propaganda e Defesa dos Interesses do Algarve») que foi um óptimo exemplo das potencialidades desta tipografia, a qual, segundo o Capitão Vieira Branco, foi instalada com material

⁸⁵ BRANCO, Capitão [José] Vieira, *Subsídios para a História da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*, Faro, ed. de autor, 1938, p. 35.

totalmente novo. Talvez por essa razão, os proprietários lhe tenham dado o nome comercial Tipografia Moderna. Em 1968, a oficina ainda existia, mas creio que era propriedade somente de Manuel Caetano, uma vez que a publicidade à mesma se fazia apenas com o seu nome.

A oficina foi montada na rua Conselheiro Bívar, 33 e 35, e em 1968 estava no n.º 47 da mesma rua.

Em 1938, aqui se imprimiu a obra do Capitão José Vieira Branco, já várias vezes referida ao longo deste trabalho: *Subsídios para a história da imprensa algarvia: de 1833 aos nossos dias*.

**II.I.7.38 Tipografia Moderna – V.
Tipografia M. Caetano & Moita, Lda.
II.I.7.39 Tipografia Caetano – V.
Tipografia M. Caetano & Moita, Lda.**

**II.I.7.40 Tipografia Brás & Pavão, Lda.
(195-? – 2008)**

A Tipografia Brás & Pavão, Lda. foi fundada na década de 50 por Joaquim de Jesus Brás (v.), emigrante nos Estados Unidos, por Luís Féria Pavão (v.), tipógrafo, e por Natália Brás. As suas instalações ficaram situadas na rua Baptista Lopes, onde ainda hoje se podem encontrar.

Em 1971, Luís Féria Pavão arrendou a oficina aos então funcionários Jorge Aniceto Primitivo (v.), Fernando Marçal Dias (v.) e António dos Santos Brito (v.), que conduziram a tipografia até 1979, data em que abandonaram a casa e fundaram a Gráfica Fareense, Lda. (v.).

Em 1980, na eminência de a casa fechar, o grupo de vinte funcionários que a tipografia empregava, fez uma proposta a Luís Féria Pavão no sentido de assumirem os destinos da oficina. Para isso constituíram a firma Ferro, Gonçalves & Cardoso, Lda., que integrou os vinte. Vladimiro Fernandes Martins (v.), tipógrafo, António Brás Vargas (v.), tipógrafo, e Alice Cabanita, administrativa, ficaram como sócios-gerentes da sociedade. Em 1986, António Vargas saiu para se instalar por conta própria, ficando os outros dois a gerir a casa. Os restantes sócios eram Adílio (v.), impressor tipográfico, Augusto Rodrigues (v.), impressor tipográfico, João Caetano (v.), impressor tipográfico, Jorge Ferro (v.), impressor tipográfico, Jorge Moreno (v.), impressor tipográfico, José Aníbal, impressor de off-set, José Diogo (v.), impressor tipográfico, Jorge Brito (v.), compositor, José Coelho (v.), compositor, Domingos Neto e José Mendinhos,

informáticos, Alexandra, Luísa Rodrigues, Maria da Conceição e Maria da Nazaré Conceição Messias Vargas (v.) dos acabamentos, Maria da Soledade do atendimento ao público e Teresa Félix do departamento comercial.

O parque tipográfico da oficina começou por ser composto por duas máquinas Heidelberg Minerva e material diverso de composição; na década de 80, a tipografia contava com seis máquinas Heidelberg Minerva e duas Heidelberg cilíndricas; em 1985, foi adquirida a primeira máquina off-set; actualmente, o parque é constituído por três Heidelberg Minerva, uma máquina Heidelberg cilíndrica, cinco máquinas impressoras de off-set, seis cavaletes com tipo e duas guilhotinas.

Quanto à produção da casa, tem-se dividido equilibradamente entre os trabalhos comerciais e industriais, destinados a todo o Algarve.

II.I.7.41 Tipografia Ferro, Gonçalves & Cardoso, Lda. – V. Tipografia Brás & Pavão, Lda.

II.I.7.42 Gráfica Farese, Lda. (1979 – 198-?)

A Gráfica Farese, Lda. foi fundada em 1979, por Jorge Aniceto Primitivo (v.), Fernando Marçal Dias (v.) e António dos Santos Brito (v.), ex-funcionários da Tipografia Brás & Pavão, Lda. (v.).

As instalações e o parque gráfico foram adquiridos à Tipografia M. Caetano & Moita, Lda. (v.) da mesma cidade. Do parque faziam parte duas máquinas Heidelberg Minerva, uma Heidelberg KSBB e uma guilhotina Pollar.

No final da década de 80, a empresa foi extinta e vendida à Tipografia de *O Algarve* (v.). Os proprietários transitaram também para esta oficina.

Creio que a sua produção assentou essencialmente nos trabalhos comerciais.

II.I.7.43 Tipografia Vargas, Lda. (1986 – 2008)

A Tipografia Vargas foi fundada no ano de 1986 por António Brás Vargas (v.) e pela esposa, Maria da Nazaré da Conceição Messias Vargas (v.). O seu parque tipográfico inicial foi adquirido aos herdeiros da Tipografia Cácima (v.) desta cidade e instalado no Cerro do Bruxo, 104 – A, Estrada de S. Brás.

Inicialmente o parque era composto por duas máquinas de impressão Minerva, uma guilhotina e seis cavaletes com tipo. Em 1989/90, a oficina introduziu a primeira máquina de off-set e actualmente o parque é constituído por: na secção de impressão,

uma máquina de impressão tipográfica e duas máquinas de impressão off-set; na secção de composição, um computador e os mesmos seis cavaletes com tipo, vindos da Cácima; e na secção de acabamentos, por uma guilhotina, também adquirida à Tipografia Cácima, e por outras máquinas de acabamento.

A oficina sempre foi dirigida pelo proprietário, António Brás Vargas, tipógrafo, cuja equipa foi formada por Joaquim Gonçalves Reis (v.), compositor, José Manuel Lourenço Duarte (v.), compositor, Miguel Caetano (v.), impressor e Hélder Estrela, impressor de off-set. Actualmente, o quadro é composto por António Brás Vargas (v.), gerente, por Maria da Nazaré da Conceição Messias Vargas (v.), encadernadora, por Andreia Filipa Messias Vargas, compositora gráfica, e por Nuno Pereira (v.), impressor.

Quanto à produção desta oficina, reparte-se entre os trabalhos comerciais, industriais, livros e revistas.

II.1.8 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE OLHÃO

II.1.8.1 Tipografia Democrática (1888 – 1921)

A Tipografia Democrática, a primeira do concelho de Olhão, foi fundada por Roque Féria (v.), em 1888, para aí imprimir o jornal de cariz republicano *O Porvir* (28/09 ou 10/1888)⁸⁶. Roque Féria tinha já experiência na área tipográfica, pois em 1885 havia adquirido a Tipografia Minerva (v.) de João Frederico Tavares Belo, de Faro, para imprimir, em Tavira, *A Província do Algarve* (30/03/1886 – 01/03/1887?) e *O Combate* (05/04/1887 – 04/10/1888), ambos semanários republicanos e ambos suspensos devido às acusações frequentes de “abuso de imprensa” feitas ao seu proprietário. Roque Féria foi inclusivamente várias vezes chamado às autoridades⁸⁷. Resolveu mudar-se para Olhão, provavelmente em busca de maior tranquilidade, e instalou a sua oficina na Rua das Lavadeiras, n.º 54.

A oficina, que lhe custou 720\$00, segundo dados avançados por José Carlos Vilhena Mesquita, estava instalada na rua Nova Grande, 7, Tavira, e Roque Féria designou-a Tipografia Democrática (v.).

Em Olhão, e com a chama do jornalismo e do republicanismo bem ateadada, voltou a fundar um periódico, denominando-o *O Porvir* («Republicano-Democrata»).

Antero Nobre, n’ *A Imprensa Periódica no Concelho de Olhão (1888-1983)*, afirma que a tipografia responsável pela composição e impressão do primeiro periódico de Olhão não era de Roque Féria, mas sim de Francisco José Alves, o que não me parece correcto, na medida em que Roque Féria era proprietário de uma oficina, a Democrática, como já referi em cima, e, para além disso, a tipografia assumiu em Olhão a designação do jornal *O Porvir* a julgar pelas informações de Vilhena Mesquita, as quais eu não pude confirmar pelas razões apresentadas na nota n.º 1. No entanto, em

⁸⁶ Confrontando os trabalhos de Antero Nobre e de José Carlos Vilhena Mesquita, os autores apresentam diferentes datas para a fundação do periódico: o primeiro indica 28/09/1888 e o segundo 28/10/1888, o que não pude confirmar, visto que a única cota disponível para consulta na Biblioteca Nacional só tem o periódico a partir de 05/01/1890. Cf. NOBRE, Antero, *A Imprensa Periódica no Concelho de Olhão (1888-1983)*, separata de *A Voz de Olhão, Olhão, A Voz de Olhão*, 1983, p. 7 e MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da Imprensa do Algarve – II*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1989, p. 204.

⁸⁷ As diligências junto do Tribunal de Tavira revelaram-se um fracasso, visto que os processos foram destruídos.

Janeiro de 1890, data a partir da qual consultei o periódico, a oficina era efectivamente denominada Tipografia Democrática, o que corrobora a minha ideia de que se tratava da oficina de Roque Féria e não de Francisco José Alves, embora admita que este pudesse ser seu sócio.

Francisco José Alves surge-nos como editor do jornal a partir de Abril de 1889, momento em que o semanário mudou de proprietário e de director, cargos que passaram a ser desempenhados pelo igualmente republicano Gustavo Cabrita (v.). Após a extinção mais uma vez forçada de um jornal fundado por Roque Féria em Fevereiro de 1891⁸⁸, surgiu a 15/03/1891 o seu substituto intitulado *O Futuro: Semanário Democrático* (15/03/1891 – 23/06/1909). Este jornal, que continuou a ser dirigido por Gustavo Cabrita e editado por Francisco José Alves, “era impresso na **mesma tipografia, a Democrática**, que Gustavo Cabrita então adquiriu, se é que já não era sócio de Francisco José Alves, seu primeiro proprietário”⁸⁹, diz-nos Antero Nobre.

Quanto a Francisco José Alves, não pude apurar outros dados, visto que ao longo do jornal não há qualquer referência ao editor, nem acerca do momento em que deixa de o ser (08/12/1895), cargo que Gustavo Cabrita passou a acumular. No entanto, suspeito que deveria ser da família de Feliciano José Alves, provavelmente sobrinho deste⁹⁰.

À semelhança de *O Porvir*, também *O Futuro* foi alvo da justiça. Em 1899, o Ministério Público abriu um processo contra Sebastião Pedro dos Santos Cruz, tipógrafo, e contra Gustavo Adolfo Manuel Cabrita, editor, por abuso de liberdade de imprensa⁹¹.

⁸⁸ No n.º 1 do *Futuro*, datado de 15/03/1891, Gustavo Cabrita declara: “*O Porvir* foi suspenso na manhã de sexta-feira, 13 de Fevereiro de 1891, por Manuel Reis Fonseca, administrador do concelho de Olhão, devido ao artigo 2.º do decreto de 32 de Janeiro de 1891, ao qual o requerimento ao governador civil nada serviu, tendo vindo indeferido.”

⁸⁹ Sublinhados meus.

⁹⁰ Feliciano José Alves nasceu na freguesia de S. Pedro, Faro, em 1847 e morreu no sítio de Marim, freguesia de Quelfes, concelho de Olhão, a 24/09/1897, deixando sete filhos, cinco dos quais menores. Era filho de Domingos José Alves, natural de Braga e de Helena das Dores Costa Alves, natural de Faro. Casou com Maria Baptista Morgado Alves e na altura da sua morte residia na Rua de Sto. António em Olhão [*Registo de Óbitos da Freguesia de Olhão. 1897*, registo n.º 226, cota P000LH/003/Lv038 1897]. Foi o primeiro escrivão da Comarca Judicial de Olhão, tomando posse a 28/10/1875 e sendo primeiro juiz de Direito Francisco Augusto Nunes Pousão, pai do pintor Henrique Pousão e avô do poeta João Lúcio. Feliciano José Alves foi pai de Feliciano José Alves Júnior, que comprou, em Maio de 1911 a tipografia d’ *Olhanense* (v.) de José Marques Corpas Centeno, ficando a partir daí sempre nas mãos da família Alves. Em entrevista a Feliciano José Iria Alves, seu trineto, este lembrou que a primeira experiência da família na arte tipográfica tinha partido de um antepassado que comprou uma oficina ao sobrinho, “Chico Alves” para este poder trabalhar.

⁹¹ Processo depositado no Arquivo Distrital de Faro, sob a designação “Execução da Fazenda Nacional, 2.º juízo”, ordem 98, maço 2.

O quadro tipográfico da oficina foi constituído por Sebastião Pedro dos Santos Cruz (v.), entre 1889 e 1890, compositor e chefe da tipografia, cargo que passou a ser desempenhado por Augusto da Cruz Falcão (v.) e, finalmente, por Jaime Quirino Chaves (v.).

A 23 de Junho de 1909, Gustavo Cabrita faleceu e Jaime Quirino Chaves (v.) assumiu a continuidade da laboração da Tipografia Democrática, da qual, julgo, já seria proprietário, sendo Gustavo Cabrita proprietário apenas do jornal *O Futuro*. A partir desta altura até à sua extinção, a oficina sobreviveu principalmente através da publicação de um novo jornal, fundado por Jaime Quirino Chaves, *O Provinciano* («Folha de notícias, annuncios, litteraria e charadística»), que se publicou entre 27/06/1909 e 09/10/1921. Este, ao contrário das precedentes publicações, apresentou-se ausente de qualquer cariz político. Antes ainda, em 1905, lançou Jaime Quirino Chaves outro projecto jornalístico, a *Enciclopedia Litteraria, Antiga e Moderna* (1905), mas que não foi além dos três números. Para além destes periódicos a oficina compôs e imprimiu os primeiros números do jornal tavnense *A Sentinela*, editado entre 26/05/1892 e 19/07/1896.

Quanto ao *Provinciano*, o seu director apresenta-o como uma “folha semanal, ainda que de pequeno formato, mas sendo aproveitado esse pequeno espaço para dar aos leitores notícias do Algarve e de outras províncias e tudo que for de interesse geral, sem contudo se intrometer em política”, mas é também uma forma de subsistência:

“Quem escreve estas linhas, era o chefe da tipografia onde o mesmo [*O Futuro*] se imprimia e que ficou sem auferir esses lucros que a impressão do dito jornal lhe dava, lucros aliás muito diminutos, mas que ainda assim, sempre o ajudaram a passar a existência.

Agora sem esses lucros, impossível se torna o poder viver e sua família. (...)”

Quem deixará, pois, por 20 réis semanais, de auxiliar um velho e modesto artista que procura no trabalho os meios de subsistência?”

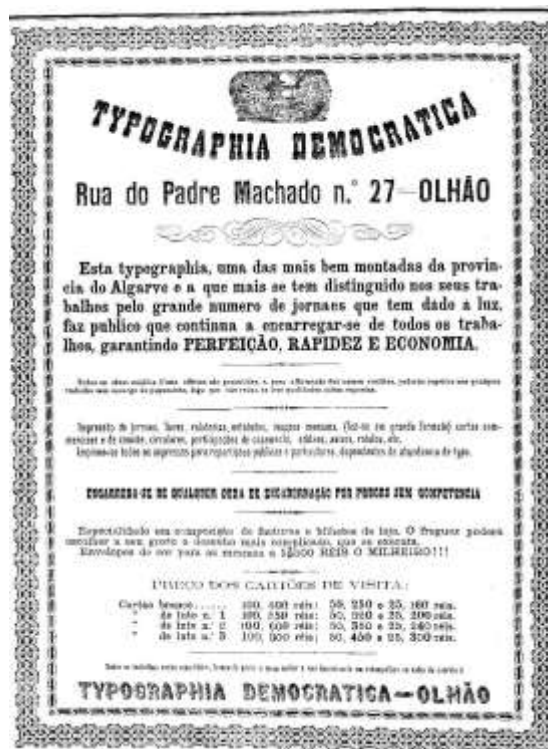


Ilustração n.º 29: publicidade à Tipografia Democrática.
Fonte: *O Futuro*.

O periódico, publicado de 27/06/1909 a 09/10/1921, recebeu durante muito tempo a colaboração de Joaquim João Serpa (v.), na altura residente em Lisboa, mas natural de Portimão e muito ligado aos primeiros anos da imprensa, quer em Lagos, quer em Portimão.

De acordo com a análise do jornal, percebe-se que a oficina não terá tido melhoramentos de monta e nem aquisição de qualquer material gráfico, limitando-se o seu proprietário a assegurar a sua manutenção. Aliás, à decrepitude de Jaime Quirino Chaves corresponde precisamente a decadência da tipografia. Encerrou em Outubro de 1921, sendo o seu parque adquirido provavelmente pela Editora Olhanense, Lda. (v.) que recebeu o tipógrafo-compositor até ao dia da sua morte, a 20/12/1921. Em 22/06/1919, surgiu no jornal *O Provinciano* um artigo, não identificado, que acentuava o ambiente de trabalho da oficina:

“Aquele Sr. Jaime Quirino Chaves, arcando com todos os encargos d’uma *imprensa* e a *facilidade* de organizar assunto para um jornal de notícias, anúncios, literário e charadista, é um respeitável ancião no direito amplo de ir arrastando aquele fardo que a vida lhe pôs aos ombros, arruinado e esfrangalhado por tantos anos de dificuldades e desilusões, e a quem algumas vezes tenho visto, dobrado sobre os caixotins, compondo o seu jornal, trémulo e depauperado, na quádrupla missão de Director, Editor, Compositor e Motor da ronqueira Minerva, impulsionado por agonias e desesperos que a resignação sabe amordaçar.

E, pelo que vejo, todos passam, e poucos escutam o ranger – a rotação – irregular da velha máquina, escarnecendo já do supremo esforço do pobre resignado que, procura nos fragmentos da sua energia destruída pelo tempo e pelo trabalho exaustivo, um pouco de amparo para os restos de seus dias.

E todos passam e a Minerva gemendo sob o esforço de um homem a quem mal conheço e que admiro pela maneira nobre como sabe sofrer, parece protestar contra a indiferença que, aos que passam, merece *O Provinciano*, único desta belíssima Olhão, impulsionado por uma vitalidade que se extingue, esquecido por uma população – a mais hospitaleira de Portugal.”⁹²

Assim, com certeza, terminou um dos mestres da arte tipográfica que laborou no Algarve, passando pelos vários focos de desenvolvimento da arte e em todas as localidades prestando os seus ensinamentos e fazendo escola. Também a oficina que organizou e deu voz ao pensamento republicano acabou por extinguir-se, completamente alheada dos fins para que fora fundada⁹³.

⁹² *O Provinciano*, n.º 516, 22/06/1919, p.1.

⁹³ Sobre a importância do arranque da arte tipográfica em Olhão e dos seus dois primeiros periódicos, Antero Nobre afirma o seguinte: “A influência dos primeiros jornais olhanense na vida local, sobretudo a

Esta oficina esteve inicialmente localizada na rua das Lavadeiras, n.º 54 até Março de 1892, data em que se transferiu para a rua Padre Machado, n.º 27, onde permaneceu até Março de 1896, mudando-se nessa altura para a Rua Vasco da Gama, n.º 27 e em 1899 para o n.º 72 da mesma rua, para em Dezembro de 1906 transferir o seu parque para a rua dos Mercadores, n.º 28. Em 1913, deslocou-se para a rua Teófilo Braga, n.º 43 e terminou a sua jornada na rua da Lagoa, n.º 7, instalações que ocupou a partir de Março de 1917.

II.I.8.2 Tipografia De *O Porvir* – V. Tipografia Democrática

II.I.8.3 Tipografia De *O Olhanense* (1892 – 2008)

A Tipografia d' *O Olhanense* foi fundada por José Marques Corpas Centeno (v.) no ano de 1892, para compor e imprimir o jornal *O Olhanense* («Semanário Independente, Commercial, Noticioso e Ilustrado»), que se publicou de 05/03/1892 a 27/11/1892. Tratou-se de um jornal mais moderado do que *O Futuro*, mas que não conseguiu impor-se junto do público olhanense. Antero Nobre afirma no seu estudo que “só depois da morte de Gustavo Cabrita é que José Marques conseguiria fazer sair outro jornal de sua feição.” Isto porque, segundo o autor, houve sempre entre os dois, política e profissionalmente, uma certa rivalidade, como nos afirma:

“(…) para além de motivos políticos incontestáveis, na fundação (como na prematura morte…) deste terceiro jornal olhanense houve também, ao que julgamos, motivos e interesses de ordem meramente pessoal. José Marques e Gustavo Cabrita, ambos amanuenses da Secretaria da Câmara

de *O Porvir* e a de *O Futuro*, foi realmente muito grande. Pode mesmo dizer-se que foi a acção daqueles dois jornais e dos seus mentores que verdadeiramente levou à efectiva politicização de todo o povo olhanense e despertou uma consciência proletária nos operários das três principais indústrias de Olhão. (...) E foi a intensa e persistente campanha de sentido socializante, e de certo modo mesmo anarquizante, iniciada por *O Porvir* em 1888 que, pelo seu conteúdo, pela sua audácia e pelo seu vigor, agitou profunda e definitivamente não só os líderes locais dos partidos políticos, mas também e principalmente, pela primeira vez, a própria gente do povo olhanense, em especial o operariado; sobretudo exerceu grande influência local a forma hábil e oportuna como aquele jornal soube aproveitar, para agitar política e socialmente a população, o movimento nacional de indignação e protesto provocado pelo *Ultimatum* Inglês de 1890 e a repressão da revolução republicana de 31 de Janeiro do ano seguinte.

Esta agitação foi tão persistente, envolveu tanta gente e atingiu tal violência, sobretudo depois daquela revolta republicana, chegando a parecer que um verdadeiro ciclone de ódios soprava sobre Olhão, - que as autoridades acabaram por suspender *O Porvir* ainda no ano de 1891, ao abrigo de um decreto cerceador da liberdade de Imprensa, que o Governo publicou logo a seguir à mesma revolução. Mas, a campanha foi retomada nesse mesmo ano por *O Futuro*, que a levou por diante até à morte de Gustavo Cabrita, seu denodado Director, em 1902. De tal modo que, em 1893, era criado na vila o primeiro Posto de Polícia, por necessidade de manter a ordem pública, dizia-se no despacho que o mandava instalar, embora então o dotassem apenas com três guardas...” In NOBRE, Antero, *História breve da vila de Olhão da Restauração*, Olhão, ed. de *A Voz de Olhão*, 1984, pp. 151 e 152.

Municipal de Olhão, eram ambos igualmente candidatos à respectiva chefia, ao tempo vaga, cada um deles apoiado pelo respectivo partido ou grupo político e pelo seu jornal; venceu nessa luta o Gustavo Cabrita, nomeado finalmente Chefe da Secretaria do Município, com preterição de José Marques, e imediatamente O Olhanense... acabou! José Marques veio a ser, realmente, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal (...), mas só depois do falecimento de Gustavo Cabrita, a quem sucedeu no cargo.”⁹⁴

A oficina oferecia também serviços de papelaria e estava preparada para todo o tipo de trabalhos tipográficos, conforme publicita *O Olhanense*:

“Papelaria e tipografia – O nosso bom amigo José Marques Corpas Centeno acaba de receber um grande e variado sortimento de papéis nacionais e estrangeiros, objectos para escritório, carteiras, etc. etc.

Os trabalhos tipográficos de todos os géneros deste estabelecimento há pouco montado, recomendam-se pela nitidez, prontidão e equidade nos preços, regulados segundo o número de exemplares, a qualidade do papel e a forma de composição e tiragem.”

Esta tipografia, que se acha fornecida de grande sortimento de tipos, tanto do uso habitual, como das mais belas fantasias, propõe-se a desempenhar toda a qualidade de trabalhos, ainda os mais difíceis.

Recebe por isso qualquer encomenda, de livros, prospectos, editais, anúncios, cartas, bilhetes de visita, acções de companhias, apólices, diplomas, facturas, conhecimentos, mapas, contas, circulares, participações de casamentos, etc., etc..”⁹⁵

Segundo José Carlos Vilhena Mesquita, João Lúcio, de seu nome completo, João Lúcio Pousão Pereira, publicou n’ *O Olhanense* os seus primeiros versos⁹⁶.

Em 1892, a oficina deu à estampa um número único comemorativo, intitulado *O Patrão Joaquim Lopes*⁹⁷ e, em 1903, José Marques Corpas Centeno, voltou a fundar um novo jornal, *O Cruzeiro do Sul* (22/01/1903-02/07/1903), que, tal como *O Olhanense*, teve vida efémera, mas que pela colaboração reunida foi a jóia da coroa das publicações que a oficina deu à estampa. De 27/11/1905 a 07/01/1906, imprimiu o jornal farensense *O Académico*.

⁹⁴ NOBRE, Antero, *A imprensa periódica no concelho de Olhão (1888-1893)*, Separata d’ *A Voz de Olhão*, Olhão, *A Voz de Olhão*, 1983, p.11.

⁹⁵ *O Olhanense*, n.º 1, 05/03/1892.

⁹⁶ MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da imprensa do Algarve – I*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1988, p. 486. Não pude confirmar esta informação, uma vez que só me foi possível consultar o número 1, devido ao estado de degradação em que se encontram os restantes exemplares da colecção da Biblioteca Nacional. Deste modo, não me foi possível apurar igualmente o título do poema de João Lúcio.

⁹⁷ Não foi possível encontrar esta publicação que o Capitão Vieira Branco inventaria nos *Subsídios para a história da imprensa algarvia*, Faro, ed. de autor, 1938.

Consciente do naípe de colaboradores que tinha conseguido assegurar para *O Cruzeiro do Sul*, Corpas Centeno fez questão de noticiar no seu primeiro número:

“Temos a honra de apresentar aos nossos estimáveis leitores, a lista dos nossos distintos colaboradores dos quais publicamos em seguida os nomes por ordem alfabética:

Dr. Alberto de Moraes, Dr. Alfredo Portugal, António Pessoa, Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro, Dr. Carlos Fuzeta, Carlos de Pádua, João Capuz [pseudónimo de Lourenço do Ó], Dr. João Lúcio, J.[osé] M.[aria] Ançã, J.[oão] Machado Gonçalves, Dr. José [Ribeiro] Castanho, Luís Mascarenhas, Marcos Algarve, D. Maria [Luísa] Paraíso [de Pádua, de Loulé], Maria Velleda [pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crispim, de Faro], Dr. [Joaquim] Rodrigues Davim, [Jaime] Quirino Chaves, Rodrigo Valente.”

Reunia assim um conjunto de nomes quase todos nascidos na década de 70 [Bernardo de Passos (v.) – 1876, Cândido Guerreiro (v.) – 1872, Carlos Fuzeta – 1872, Marcos Algarve – 1875, ou Maria Veleda – 1871], os quais tinham já provas dadas quer no meio artístico, quer jornalístico, quer social.

O jornal apresentou um cariz cultural de elevado nível. No primeiro número, o poeta olhanense Marcos Algarve (pseudónimo de Francisco Marques da Luz) enriqueceu a publicação com um poema inédito de homenagem ao Patrão Joaquim Lopes, datado de Setembro de 1900, e Joaquim Rodrigues Davim (v.), com banca em Faro, deu à estampa dois sonetos, intitulados “Mãe”.

Os folhetins do jornal foram assegurados pelo já conhecido Jaime Quirino Chaves (v.). A partir do n.º 7 encontramos a colaboração do seu irmão Luís Quirino Chaves (v. autores), que traduziu o conto cubano “Theodoro Guerreiro: Lição a Paes”.

Mas é o n.º 12 deste periódico de província que poderá causar surpresa ao leitor. Neste número, saído a 09/04/1903, foi publicado um conto intitulado “Para os Anjos”, da autoria de A. Bias Agros e datado de “Beja, 1”. A. Bias Agros foi o pseudónimo que Aquilino Ribeiro utilizou para dar à estampa os seus primeiros ensaios literários precisamente na imprensa de Olhão. *O Cruzeiro do Sul* contou com a publicação de dois contos, o já mencionado e “A Volta do Brasileiro”, publicado nos números 18 e 19, datados respectivamente de 21 e 28 de Maio de 1903. Coincidem estas publicações com a temporada que o jovem Aquilino, de 18 anos, passou no Seminário Episcopal de Beja, para onde tinha entrado em 1902 e donde foi expulso em 1904. Aí, estabeleceu relações que o aproximaram do Algarve, nomeadamente com João Machado Gonçalves que foi ordenado sacerdote e exerceu na cidade de Faro, o qual, como vimos na citação do número um do jornal, era colaborador assíduo d’ *O Cruzeiro do Sul*. Outra figura

presente, quer em Beja, quer em Olhão, foi o Padre José Maria Ançã, também colaborador literário do jornal, que exercia o cargo de vice-reitor no Seminário, mas que foi o responsável pela expulsão de Aquilino Ribeiro, não estando de certo entre os amigos do jovem escritor⁹⁸.

Por outro lado, foi o *Cruzeiro do Sul* o órgão de imprensa que deu cobertura jornalística às Comemorações Nacionais do Centenário de Garrett, organizadas por João Lúcio na vila de Olhão e cujo êxito chamou a atenção do meio culto lisboeta, como nos narra Antero Nobre:

“atingem tão alto nível cultural, que atraem de forma invulgar as atenções da Imprensa lisboeta e da própria Comissão Nacional das Comemorações e fazem com que aquelas Sociedades olhanenses sejam convidadas para tomarem parte nas últimas celebrações levadas a efeito em Lisboa e ele próprio [João Lúcio], é um dos oradores da memorável sessão de encerramento efectuada no Teatro Nacional (...)”⁹⁹.

O jornal começou por apresentar uma “Secção Garrettiana”, onde foram publicados os poemas de Almeida Garrett, ou de outros autores em homenagem a Garrett e nos números 16 e 17, de 7 e 14 de Maio, respectivamente, as duas primeiras páginas do jornal foram ocupadas integralmente com a publicação dos textos recitados na noite de dia 03 no salão da Sociedade Recreativa Olhanense. Foram oradores desta sessão Bernardino Adolfo e Silva, que presidiu, João Lúcio (v.), Alfredo Portugal,

⁹⁸ Antero Nobre informa-nos sobre a presença de Aquilino Ribeiro n’ *O Cruzeiro do Sul* em *A Imprensa Periódica no Concelho de Olhão (1888-1983)*, Olhão, *A Voz de Olhão*, 1983, p. 12, mas é José Carlos Vilhena Mesquita quem desenvolve o tema no artigo intitulado “As Primícias Jornalísticas de Mestre Aquilino Ribeiro na Vila de Olhão”, publicado no *4.º Congresso Nacional do Algarve. Livro das Comunicações*, vol. I, s.l., Raca Club, 1986, pp. 253-259. O texto de José Carlos Vilhena Mesquita apresenta “o primeiro texto que Mestre Aquilino Ribeiro deu à estampa”, o qual, segundo o autor, foi o conto “A Volta do Brasileiro” como nos afirma a páginas 257: “Com o título *A Volta do Brasileiro* pronunciou Aquilino Ribeiro o seu primeiro grito literário no semanário olhanense *O Cruzeiro do Sul*, iniciado no n.º 18 de 21 de Maio de 1903 e concluído no número seguinte.” Este texto tem efectivamente o mérito de descerrar dados sobre a vida de Aquilino Ribeiro como seminarista e de publicar um excerto da carta que Aquilino sessenta anos depois escreveu ao olhanense Abílio Gouveia, pronunciando-se sobre essa experiência inicial; no entanto, o confronto entre *O Cruzeiro do Sul* e o texto do historiador leva-nos a colocar uma questão: por que omitiu José Carlos Vilhena Mesquita a referência ao conto “Para os Anjos” publicado no n.º 12, a 09 de Abril de 1903, nas páginas 3 e 4 e portanto precedente de “A Volta do Brasileiro”? Não nos parece que se trate de desconhecimento, uma vez que na sua *História da Imprensa do Algarve - II*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1989, p. 159, o autor refere como “artigo de interesse” este conto. Assim, e apenas zelando pelo rigor histórico, devemos afirmar que o primeiro texto literário publicado por Aquilino Ribeiro (a sê-lo) foi “Para os Anjos”, composto para o n.º 12 do semanário olhanense *O Cruzeiro do Sul*, saído do prelo a 09/04/1903.

Outra questão nos deverá surpreender no texto de J. C. Vilhena Mesquita, o facto de o historiador, tentando deslindar o “enigmático pseudónimo”, o tenha reduzido a “Bias Agros”, desprezando a abreviatura em “A.” que o precedia, o que nos parece colocar em causa toda a argumentação ardilosa do autor.

⁹⁹ NOBRE, Antero, *História breve da vila de Olhão da Restauração*, Olhão, separata de *A Voz de Olhão*, 1984, p. 163.

Joaquim Rodrigues Davim (v.), Lourenço do Ó da Silva, Marinha de Campos e Jacinto Parreira. Foram ainda distribuídas pelo público presente duas poesias impressas da autoria de José Ribeiro Castanho (v.) e de António Crisóstomo dos Santos (v.), que naturalmente terão sido compostas e impressas na Tipografia d' *O Olhanense*, tendo sido depois estampadas n' *O Cruzeiro do Sul*, tal como a poesia de João Lúcio produzida para a ocasião e recitada por Lourenço do Ó da Silva. No número 17, de 14/05/1903, podemos ler o discurso proferido por João Lúcio sobre a obra de Almeida Garrett e também o poema de Joaquim Rodrigues Davim, intitulado "A Garrett".

Passada a euforia Garrettiana, o jornal não esmoreceu a sua acção cultural. O n.º 20, de 04/06/1903, dedica o artigo de fundo a Camilo Castelo Branco, lembrando assim o décimo terceiro aniversário do escritor e o n.º 22, de 18 de Junho, evoca António Feliciano Castilho, passados que eram 25 anos sobre a sua morte. O jornal suspendeu a publicação a 02 de Julho de 1903, fazendo eco nas suas páginas de uma época culturalmente activa da vila de Olhão.

Em 1909, José Marques Corpas Centeno, na sequência da morte de Gustavo Cabrita (v.), sucedeu-lhe no cargo de chefe de Secretaria da Câmara Municipal de Olhão, razão pela qual resolveu trespassar a oficina, o que aconteceu em Maio de 1911. Comprou o trespasse Feliciano José Alves (v.), solicitador na comarca de Olhão, filho de Feliciano José Alves (v.), primeiro escrivão da Comarca Judicial de Olhão.¹⁰⁰ O negócio foi publicitado pelo *Provinciano*, editado pela Tipografia Democrática, a 21/05/1911:

"Tipografia Olhanense

O nosso estimado amigo sr. Joaquim José Marques Corpas Centeno, proprietário deste antigo e acreditado estabelecimento tipográfico, acaba de o trespassar por não poder estar à testa do mesmo, ao sr. Feliciano José Alves, solicitador nesta comarca.

Este cavalheiro, que vai introduzir importantes melhoramentos na sua oficina, espera que a numerosa clientela, que dali se fornecia, continuará a mandar executar os seus trabalhos tipográficos, encontrando sempre como até aqui, perfeição, economia e rapidez no despacho das suas encomendas."

A partir desta data, a Tipografia d' *O Olhanense* passou a denominar-se Tipografia Alves e ficou até aos dias de hoje veiculada a esta família. Em 28/04/1945¹⁰¹, foi constituída uma sociedade por quotas, intitulada Tipografia Alves, Limitada, entre

¹⁰⁰ V. nota 61.

¹⁰¹ Arquivo Distrital de Faro, Livro de Escrituras do notário Luís Sabbo, livro de notas 122, fls. 87v. – 89f., cota 5-1-1689.

Laura Germana Correia de Jesus Alves, mulher de Feliciano José Alves Júnior (avô) (v.), que detinha uma quota no valor de 22.000\$00, António Trindade dos Santos (v.), tipógrafo, com uma quota de 11.000\$00 e José Fernandes Lisboa, tipógrafo, com uma quota no valor de 11.000\$00. A 25 de Janeiro de 1947, José Fernandes Lisboa vendeu, pelo preço de 31.440\$00, a sua quota a Feliciano José Alves Júnior (avô), funcionário público. Em 1949 foi a vez de António Trindade dos Santos abandonar a sociedade.



Ilustração n.º 30: quadro tipográfico da Tipografia Alves.

Fonte: colecção particular de Feliciano José Iria Alves.

Da esquerda para a direita: Feliciano José Alves (avô), aprendiz – nome não identificado, Manuel Carlos Mendonça, António Palermo, Ezequiel, João José da Purificação Martins e João Gualberto Lázaro.

Após a morte de Feliciano José Alves (avô) a 10/08/1973, foi feito novo aditamento à escritura, ficando como sócios a viúva (esposa em segundas núpcias), Deolinda Salas dos Santos Alves, Feliciano José Alves (pai) e, a pedido do falecido Feliciano Alves, João Gualberto Lázaro (v.). João Lázaro era na altura o tipógrafo-chefe e tinha começado a trabalhar na casa em 1946. A sociedade assumiu a denominação Feliciano José Alves, Lda., recuperando o nome que há quatro gerações se mantém.

Em 1982, Feliciano Alves (pai) faleceu e o filho herdou a sua quota. Devido às relações nem sempre amenas entre Deolinda Alves e os restantes sócios, aquela acabou

por vender a sua quota, a qual foi distribuída equitativamente pelos restantes sócios, em troca de uma pensão vitalícia. Assim, desde 07/09/1990, são proprietários da oficina João Gualberto Lázaro, aposentado há cinco anos, e Feliciano José Iria Alves (v.), o gerente da casa.

Foi durante o período em que o avô foi proprietário que a oficina adquiriu as condições necessárias para apostar em melhoramentos. Segundo o testemunho de João Gualberto Lázaro, a oficina apresentava desde os anos 40 quatro a cinco máquinas de impressão de prato, uma máquina de impressão Liberty, duas máquinas de impressão Heidelberg, uma máquina de impressão MAN, doze armários com tipos, uma guilhotina semi-automática, uma máquina de picotar, uma máquina de vincar e uma máquina de agrafar. A primeira máquina off-set entrou na casa no ano de 1988, após muita resistência dos tipógrafos da casa¹⁰².



*Ilustração n.º 31: quadro tipográfico da Tipografia Alves.
Fonte: coleção particular de Feliciano José Iria Alves.
Da esquerda para a direita: Deolinda Alves, Amândio, João Gualberto Lázaro, Luciano, Drubalino,
João Alberto, Joaquim Gregório e Ivo Manuel Canseira.*

¹⁰² Feliciano José Iria Alves chegou a levar João Gualberto Lázaro à Tipografia Comercial (v.), de Loulé, para que o proprietário lhes mostrasse as mais valias da nova impressora.

Actualmente, do antigo parque gráfico ainda resta a Liberty e as duas máquinas Heidelberg.

A oficina chegou a empregar catorze artistas na altura em que a indústria conserveira atingiu o seu apogeu em Olhão.

Actualmente são quatro pessoas na totalidade: o gerente, Feliciano José Iria Alves, dois impressores, João Baptista dos Santos (v.) e João José da Purificação Martins (v.), os quais transitaram do modelo tradicional para o off-set, e um aprendiz.

De acordo com o testemunho dos actuais proprietários, a oficina tem sido também uma escola de artistas tipográficos. Vinham, por vezes, sempre que necessário, compositores de Lisboa, mas muitos deles mostravam conhecimentos incipientes e aprofundaram-nos nesta tipografia. Outros começaram por trabalhar aqui e, posteriormente, abriram novas oficinas por sua conta. José Fernandes Lisboa (v.), compositor, que chegou a ser sócio de Feliciano José Alves, e Domingos Fernando Afincão (v.), impressor, iniciaram-se nesta tipografia durante os anos 30 e nos anos 40 saíram para fundar a Gráfica Olhanense (v.); António Trindade dos Santos (v.) também começou aqui a aprender a arte e em Dezembro de 1949 saiu para se tornar sócio do antigo colega, José Fernandes Lisboa (v.), na agora designada Aliança Gráfica do Sul, Lda. (v.); Mário (v.), encadernador, aprendeu aqui a arte tipográfica e saiu para abrir uma pequena oficina por sua conta, a Tipografia Mário (v.); João Alberto, actual proprietário da oficina João Alberto – Artes Gráficas. Nos anos 70, a oficina empregava dois impressores e três compositores e um aprendiz: António Manuel Evaristo (v.), impressor, João José da Purificação Martins (v.), impressor, João Gualberto Lázaro (v.), compositor e chefe da oficina, Ivo Manuel Canseira (v.), compositor e Manuel Batista (v.), compositor, e impressor quando necessário, e João Batista Santos (v.), aprendiz, mais tarde especializou-se na impressão. Joaquim Alexandre Gregório (v.), compositor, foi outro dos artistas que passou pela Tipografia Alves e que ainda hoje é recordado pelos proprietários pela sua eficiência. Ao contrário da maioria, era incapaz de desempenhar qualquer função na secção de impressão, no entanto, a sua capacidade de trabalho como compositor era verdadeiramente espantosa. Joaquim Alexandre Gregório iniciou-se na Tipografia União (v.), em Faro, mudou-se para a Tipografia Alves, saiu para a Tipografia Cácima (v.), também em Faro, e, finalmente, voltou para a Tipografia Alves, onde permaneceu até aposentar-se.

Como já referi, os clientes da oficina eram, por um lado, empresas ligadas à indústria conserveira, que lhes adjudicava os envoltórios e as caixas de conservas,

assim como os bilhetes para os transportes marítimos entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, mas também todo o trabalho comercial e contabilístico do comércio local. Entre estes, surgiam esporadicamente, os jornais e os livros.

Em 1961, compôs e imprimiu o jornal infantil *O João Ratão* e oito anos depois começou a compor e imprimir *O Caíque* e o *Mirante*, publicados entre Jun./1969 e Jun./1973, cujas gravuras eram idealizadas e executadas por João Gualberto Lázaro. Em 1982, compôs e imprimiu o *Diário de um Pensador* de Joaquim Luís Oliva da Mata Artur (v. catálogo).

João Gualberto Lázaro, oficial de composição, representava nesta casa o verdadeiro artista: não se limitava ao trabalho mecânico da composição, ou da impressão: era também ele quem idealizava e desenhava as gravuras.

Feliciano José Iria Alves começou a trabalhar na oficina em 1979, após ter concluído o quinto ano do liceu, e foi consigo que a oficina fez a transição para o off-set e, mais tarde, para o digital.

II.I.8.4 Tipografia Alves – V.

Tipografia De *O Olhanense*

II.I.8.5 Tipografia Centeno – V.

Tipografia De *O Olhanense*

II.I.8.6 Tipografia Feliciano – V.

Tipografia De *O Olhanense*

II.I.8.7 Tipografia Feliciano José Alves, Lda. – V.

Tipografia De *O Olhanense*

II.I.8.8 Tipografia Minerva Olhanense (190? – 1907?)

Acerca desta oficina apenas me foi possível apurar que esteve em funcionamento na Avenida D. Luís I, desde pelo menos 1903 até 1907, datas de publicações olhanenses inventariadas. Em 1903, imprimiu o folheto *A Redempção*, tendo em antetítulo *Recita de Gala – 1-Dezembro-903 – João Lúcio*. A identificação da tipografia vem na penúltima página: *1903 – Typ. Minerva Olhanense* (v.catálogo, n.º 220.).

De 01/12/1906 a 12/05/1907 deu à luz da



Ilustração n.º 32: publicidade à
Tipografia Minerva Olhanense.
Fonte: Os Novos.

publicidade o jornal *Os Novos*, dirigido por Raul Pousão Ramos (v.) e por Manuel Lopes d’Almeida.

Os Novos («jornal quinzenal independente») foi um jornal criado com a iniciativa dos estudantes de Olhão, que frequentavam o liceu de Faro. Manuel Lopes d’Almeida apresentava-se como director proprietário, Raul Pousão Ramos como director literário e José Ribeiro Alves Júnior como redactor e administrador.

Tem este jornal a especificidade de ser, creio, a primeira aventura séria de Raul Pousão Ramos no jornalismo. Também Francisco Fernandes Lopes (v.), à altura ainda estudante, assinou o artigo de apresentação. A autoria do artigo não é revelada no jornal e nem o nome do erudito olhanense é referido no cabeçalho da publicação, no entanto, Antero Nobre, através de Manuel Lopes d’Almeida apurou esta informação que publica na sua *Imprensa Periódica do Concelho de Olhão (1888-1983)*.

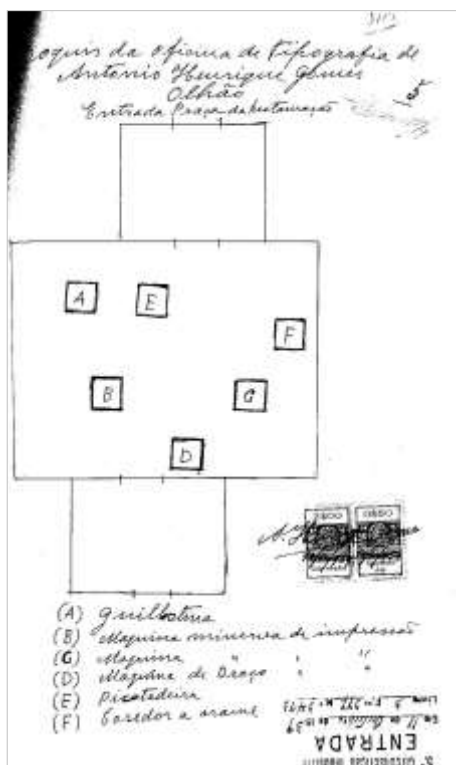


Ilustração n.º 33: planta da Tipografia Progresso.

Fonte: Arquivo Distrital de Faro, Fundo da 5.ª Circunscrição Industrial, processo n.º 278.

O jornal assumiu um carácter essencialmente literário, tendo três das suas cinco páginas dedicadas à “Secção Litteraria”. Este cunho era-o dado com certeza pelo seu director literário, Raul Pousão Ramos, que, dez anos depois, voltou a fundar um periódico em Olhão de carácter essencialmente literário, como bem evidencia o seu título: *Hora Literária*¹⁰³ (v. catálogo, n.º 221.). Todavia, tal como *Os Novos* teve uma vida efémera, três números apenas.

II.I.8.9 Tipografia Progresso (1916 – 1945)

O ano de 1916 é a data que marca o primeiro registo da Tipografia Progresso, pois nesse mesmo ano deu à estampa os dois primeiros números da revista *Hora Literária* (Abr./1916 – ?/1916)¹⁰⁴, (v. catálogo, n.º 21. e 221.), editada por Raul Pousão Ramos (v.), uma revista literária que reuniu colaboração portuguesa e brasileira.

¹⁰³ Veja-se o ponto “II.I.8.9 Tipografia Progresso” deste trabalho.

¹⁰⁴ O terceiro e último número desta revista foi impresso na Tipografia Artística do Algarve (v.), de Silves.

Durante este período a oficina era propriedade da firma Gomes & Capa¹⁰⁵, tendo posteriormente ficado unicamente na posse de António Henrique Gomes (v.), razão pela qual a tipografia também era designada, por vezes, por Tipografia Gomes. Em 1919, já era esta a situação legal da oficina e, em 1936, a casa era designada por “Tipografia, Papelaria, Artigos de Escritório Gomes”.

Inicialmente situada na rua de Santo António, foi depois transferida para a rua Vasco da Gama, 53 e 55, e, em 1936, mudou de instalações para o Largo da Restauração, n.º 11, o que deu origem a um processo de licenciamento na 5.ª Circunscção Industrial, da Direcção Geral da Indústria¹⁰⁶.

A 20/05/1937, a oficina estava a funcionar nas novas instalações e empregava três pessoas: o proprietário, um oficial e um aprendiz. O parque era constituído por duas máquinas Minerva de impressão a pedal, uma máquina de impressão de braço e uma guilhotina rotativa.

Em 1939, para obtenção do alvará, o proprietário declarou a existência de quatro artistas: ele próprio, um oficial, um auxiliar e um aprendiz. Quanto ao parque, tinha sido reforçado com mais uma picotadeira e um cosedor a arame. O alvará, com o número 28048, foi concedido em 22/11/1941.

Em 1945, data da venda e transferência da tipografia para Bragança, a casa declarou possuir uma máquina de impressão Juvel, formato almaço, folha aberta, uma máquina de impressão Diamante, formato ½ folha almaço, uma máquina impressora de braço, formato ¼ almaço, uma guilhotina marca Mansfeld, uma máquina de coser a arame, uma máquina de picotar, um motor eléctrico de 2 C.V. e vários cavaletes e caixas.

António Henrique Gomes decidiu, em Março de 1945, vender a sua oficina, em virtude da sua avançada idade e do facto de não ter filhos ou quaisquer outras pessoas de família a quem ceder a tipografia. Esta foi adquirida por José Carolino Gonçalves, residente em Bragança, que justificou a sua aquisição através da insuficiência de recursos tipográficos no distrito: “há apenas 2 tipografias, uma na capital do distrito e outra em Mirandela. A oficina de Bragança tem 2 máquinas, uma delas manual e outra a pedal, Minerva; a de Mirandela tem só 1 máquina Minerva e 1 prelo.”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ O apelido Gomes era de António Henrique Gomes. Quanto ao apelido Capa não me foi possível determinar o nome correspondente.

¹⁰⁶ Arquivo Distrital de Faro, Fundo da 5.ª Circunscção Industrial, processo n.º 278.

¹⁰⁷ *Idem*, “Memória descritiva e justificativa”.

Em Agosto de 1945, a transferência foi realizada e a 18 de Janeiro de 1946, António Henrique Gomes encerrou a sua actividade nos serviços do Ministério da Economia, em Faro.

Para além da revista *Hora Literária* composta e impressa nesta oficina foi também possível apurar a composição, impressão e edição de um outro periódico, gratuito, *O Progresso de Olhão* («Folha de Anúncios Semanal»), fundado em 21/07/1921, de que se desconhece a data de extinção, pois não existe em qualquer biblioteca, embora se saiba que viveu “muito pouco tempo”, de acordo com as informações de Antero Nobre.

Poderia não ter impresso qualquer outra publicação que a composição e impressão da revista *Hora Literária* era por si só razão de deferência para com esta modesta tipografia olhanense. Subintitulada «Revista quinzenal, ilustrada, de literatura, ciencias e artes», tratou-se de um ambicioso projecto de Raul Pousão Ramos, director, proprietário e editor, que pretendia colocar em diálogo artistas dos dois lados do atlântico. Na capa, em cabeçalho, a inscrição “Portugal - Brazil”, e ao centro: “Collaboração solicitada, dos melhores escriptores da nova geração d’aquem e d’alem mar-Atlântico”. O número 1 abriu um concurso para poesia, prosa e música. No Brasil, a revista podia ser encontrada no Rio de Janeiro, Baía, S. Paulo, Santos e Campinas, sendo o seu correspondente Carlos Cilia. Em Portugal, era correspondente do Norte do país Jorge Capinha.

Tal iniciativa foi possível graças aos dois anos que Raul Pousão Ramos passou na cidade de Santos, no Brasil, entre 1913 e 1915, onde fez amizades no meio artístico e jornalístico, tendo inclusivamente sido colaborador assíduo do *Diário de Santos*, dirigido por Tito Lívio Brasil. De regresso à sua terra natal, Raul Pousão Ramos desejou manter este profícuo diálogo, mas de certo as responsabilidades financeiras que tal projecto acarretava não terão sido facilmente ultrapassáveis.

II.I.8.10 Tipografia Gomes – V. Tipografia Progresso

II.I.8.11 Tipografia Central (1919 – 1924)

O proprietário desta tipografia olhanense foi João da Paz dos Reis (v.), mais conhecido por João Vinhas, irmão de António Vinhas Reis, escrivão do Tribunal

Judicial de Olhão. O parque tipográfico foi adquirido parcialmente a Carlos Lyster Franco (v.), proprietário da Tipografia Democrática (v.) de Faro.

Podemos afirmar que a oficina em 1919 já estava a laborar, data em que imprimiu o jornal dedicado à sétima arte *O Écran* (30/11/1919 – Jan./1920). Primeiramente instalada na rua Dr. Estêvão de Vasconcelos (actual rua Capitão João Carlos Mendonça), mudou-se em Dezembro de 1920 para a casa de João da Paz dos Reis, no Largo da Soledade.

O período de que lhe conhecemos publicações (1919 – 1924) correspondeu a um período de franca expansão económica de Olhão, baseada na indústria das conservas e na indústria naval. Estas indústrias eram responsáveis, a par do comércio tradicional, pelas grandes encomendas feitas às oficinas tipográficas. Disso nos dão provas as frequentes explicações do director da *Gazeta de Olhão*, sempre que não era possível compor e imprimir o jornal por força de encomendas feitas à oficina e obviamente mais rentáveis do que o periódico. No entanto, terá sido esse mesmo crescimento o que permitiu aumentar consecutivamente a tiragem da *Gazeta*. Começou por imprimir 1000 exemplares, quatro meses depois (Ago./1920) aumentou para 1 100, em Fevereiro de 1921 para 1 300 e, em Novembro do mesmo ano, para 1 600 exemplares.

A *Gazeta de Olhão* (04/04/1920 – 10/02/1924), fundada por iniciativa de António Vinhas Reis, é o único documento que nos permite algumas informações sobre a vida da oficina. O jornal atesta mais uma vez a carência de mão-de-obra qualificada existente na região, levando o seu proprietário a manter em números consecutivos o anúncio para contratação de um tipógrafo, ou até mesmo de aprendizes. O periódico, cujo formato era de quatro páginas, surgia, não raro, com duas apenas devido “à falta de pessoal gráfico”. Em 1922, a oficina sofreu remodelações e foi neste mesmo ano que, pela primeira vez, encontramos um anúncio dirigido a “**meninas** que desejem aprender a arte tipográfica, sabendo ler e escrever bem” (subl. meu).

Outro dos problemas das oficinas a acrescer à já crónica “falta de pessoal gráfico” era o aliciamento feito pelos proprietários de umas oficinas aos funcionários de outras. Em 12 de Agosto de 1923, António Vinhas Reis denunciava a situação queixando-se do comportamento de João Lobo de Miranda Trigueiros (v.), responsável pela oficina da Editora Olhanense, Lda: “Três aprendizes que estavam na Tipografia Central, passados

poucos dias, eram desafiadas para ir para a Editora e lá se foram efectivamente sem mais cavacos (...)”¹⁰⁸.

Quanto ao quadro de pessoal, sempre insuficiente para as necessidades da oficina, foi possível apurar que em Maio de 1921 o chefe da tipografia desvinculou-se e em Dezembro de 1922 era impressor José António das Dores (v.). Para além desta escassa informação, sabemos que foi nesta tipografia que duas figuras gradas da cultura olhanense iniciaram a sua actividade: falo de José de Sousa Ferradeira (v.) e Abílio José Gouveia (v.). Para além de aprendizes na oficina, eram também colaboradores do jornal. O primeiro assinava os textos com o seu nome e o segundo com a inicial “X” ou “Chis”. Ambos de origens humildes e ambos autodidactas, privaram e eram admirados pela classe ilustrada de Olhão. Data de 27/02/1921 a primeira colaboração de José de Sousa Ferradeira, para noticiar a morte de Gomes Leal. A partir do n.º 49, de 20/03/1921, passou a publicar regularmente textos na rubrica “Coisas Nossas” e com frequência é José de Sousa Ferradeira quem comenta livros, espectáculos e exposições.

Quanto a Abílio Gouveia iniciou a sua colaboração no jornal a 24/11/1921, tinha então 17 anos, com uma crónica intitulada “Um domingo na praça” e assinava artigos relacionados com a vida desportiva da vila.

Sabendo que os dois faziam parte do quadro de pessoal da oficina, nunca como tal foram tratados. José de Sousa Ferradeira, por exemplo, era mencionado como o “nosso amigo e camarada de redacção”, o que mostra que de facto se destacava do perfil do operário comum.

Para além dos dois assíduos colaboradores deste *Semanário Noticioso e Defensor dos Interesses Locais*, enriqueceram-no também Raul Pousão Ramos (v.), Honorato Santos, Marcos Algarve, Mário Lyster Franco (v.), Passos Ponte, José Barão e António Gonçalves Dias, entre outros menos habituais.

Dos prelos desta oficina saiu em 1920 uma revista, que parece ter sido número único, intitulada *Carnaval*, cujo editor foi António Vinhas Reis e foi também dado à estampa o jornal Olhanense *O Popular* («Quinzenário Defensor dos Interesses Locaes e do Público em Geral»), dirigido pelo jovem António Gonçalves Dias e propriedade do Grupo Editor *O Popular*, constituído por António Gonçalves Dias, João M. José Nogueira, Manuel J. de Vasconcelos, José de Sousa Ferradeira, João do C. Bentes, Cristovam G. Santos e Francisco Ciriaco Santos. Saíram apenas cinco números deste

¹⁰⁸ *Gazeta de Olhão*, n.º 125, 12/08/1923.

periódico (28/09/1921 – 22/12/1921) e o último anunciava as intenções do Grupo em remodelar o jornal, o que não veio a acontecer, tendo suspenso definitivamente. Vale o jornal pela colaboração assídua de José de Sousa Ferradeira que assinava a “Crónica Citadina” e pela colaboração literária do seu director.

A Tipografia Central não se limitou à produção do concelho. De Loulé imprimiu *Ecos de Loulé* (n.os 4-11, 22/02/1920 – ?/1920) e *O Grito dos Novos* (18/07/1920 – ?); de Portimão imprimiu *O Portimonense* (n.os 6-10, 15/02/1922 – ?/1922); e de Silves imprimiu *O Povo do Algarve* (13/08/1922 – 10/09/1922).

A partir de 1924 não existem dados que atestem a sua continuidade.

II.I.8.12 Tipografia Da Editora Olhanense, Lda. (1921 – 1932)

Fundada no ano de 1921, a Editora Olhanense, Lda. não nasceu unicamente do objectivo de se montar uma indústria gráfica. Ela foi resultado de um ambiente cultural que se vivia na vila de Olhão e que se pretendia estimular, dar voz e divulgar. Assim, fundou a Editora Olhanense, Lda. uma tipografia própria, editou jornais, livros de autores conterrâneos, organizou e divulgou exposições de arte. Apenas a título de exemplo, podemos recordar a antecipação da exposição que o jovem Roberto Nobre (n. 27/03/1903) realizou no ano de 1923 em Lisboa¹⁰⁹, à qual a redacção do *Correio Olhanense*, periódico oficial da Editora, aderiu entusiasticamente. Cedeu o espaço da redacção do jornal, publicitou e comentou o acontecimento que teve enorme adesão¹¹⁰. A redacção do *Correio*



Ilustração n.º 34: publicidade à Tipografia da Editora Olhanense, Lda.

Fonte: Correio Olhanense.

¹⁰⁹ Esta exposição foi realizada conjuntamente com a artista Isaura Cavalheiro e os trabalhos, bem recebidos, foram todos vendidos. Sobre a vida e obra de Roberto Nobre consulte-se AA.VV., *Roberto Nobre, 1903-2003*, São Brás de Alportel, Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 2003.

¹¹⁰ Roberto Nobre apresentou “D. Quijote”, “Pavões”, “Salomé”, “Sermão da Montanha”, “Nosso pai e nossa mãe”, “Friso de faunos”, “Auto-retrato”, “D. Nuno dos Portugueses”, “As Sombras bailam”, “Bailados-caricatura”, “Olhão Cubista”, “Cabeça de Cristo”, “É ele mesmo! – Caricatura duma pessoa conhecida”.

Olhanense e o Café Avenida eram nesta altura espaço de eleição para tertúlias e convívio dos homens de letras olhanenses.

Mas não apresentemos conclusões, antes de apresentarmos os dados.

A sociedade por quotas “Editora olhanense, Lda.” foi escriturada em Olhão, a 25/05/1921, e estava sedeada na rua Dr. Teófilo Braga, n.ºs 43 e 45. Tinha por objecto “a exploração da indústria gráfica em todos os seus ramos e o comércio de todos os artigos anexos, podendo além disto explorar qualquer outro ramo de negócio.”¹¹¹ Os seus sócios maioritários e administradores eram João de Jesus Ventura (v.) e José da Cruz Azevedo, que possuíam uma quota de 2.500\$00. Com quotas mais reduzidas, 2000\$00, eram sócios José Martins Dias e Sousa & Ventura, Lda.. Seguiam-se-lhes João da Silva Nobre¹¹², José Baptista Dias Gomes, Carlos da Silva Nobre e Domingos do Ó Ventura com uma quota cada um no valor de 1.000\$00. José Vitorino Policarpo de Oliveira, Francisco Fernandes Lopes (v.), João Pires dos Reis, João da Cruz Correia, Francisco Martins Gimenez, Manuel Pereira Madeira, Lázaro do Ó Oliveira, João do Nascimento Pité, João Lobo de Miranda Trigueiros (v.) e Joaquim de Mendonça Ramirez possuíam uma quota no valor de 500\$00 cada um deles.

Em Julho de 1924, e após várias dificuldades financeiras por que passou a empresa, José de Sousa Ferradeira (v.), tipógrafo e jornalista da casa, em sociedade com João dos Santos Oliveira Pereira, comprou a Editora Olhanense, Lda., o que incluiu a tipografia, a papelaria e a propriedade do *Correio Olhanense*. O investimento valeu 70.000\$00¹¹³.

Quando surgiu a ideia da fundação da Editora Olhanense, Lda., Francisco Fernandes Lopes e José Vitorino Policarpo de Oliveira foram os impulsionadores da criação de um jornal. Convidaram João Trigueiros para director, que após algumas reticências, devido às dificuldades de tipografia, aceitou o desafio. Assim nasceu o *Correio Olhanense*, cujo primeiro número saiu a 01 de Dezembro de 1921 e é uma fonte de informação primordial para uma aproximação à vida da tipografia então também fundada. O seu anúncio publicitava trabalhos tipográficos e de encadernação, assim como uma secção de papelaria.

¹¹¹ *Correio Olhanense*, n.º 1, 01/12/1921, p. 3.

¹¹² Sobre João da Silva Nobre, consulte-se MARREIROS, Glória Maria, *Quem Foi Quem? 200 Algarvios do Século XX*, Lisboa, Edições Colibri, 2000. Devo acrescentar que João da Silva Nobre casou com Adelina Dias, irmã do escritor José Dias Sancho e era pai, para além de João Dias Nobre referido na entrada biográfica, de Roberto Nobre, artista plástico e crítico de cinema.

¹¹³ Arquivo Histórico de Olhão, Fundo Editora Olhanense, cota C/02 Correspondência expedida, lv1, (copiador).

O seu parque gráfico foi adquirido em Setúbal à Tipografia Pereira & Pereira (Irmãos) e era constituído por uma máquina impressora Liberty (1/2 folha almaço) de pedal, uma máquina impressora Moenania (folha almaço dupla), uma guilhotina de volante, uma máquina de picotar, uma máquina de cortar filetes, uma máquina para arcos, uma máquina para coser, cinco colecções de tipos de madeira, duas galés de zinco, quatro galeões de zinco, sete componedores, tipos para obras e jornais, para trabalhos comerciais, material diverso de composição, filetes e vinhetas. O valor da transacção orçou em 14 800\$00¹¹⁴.

Ficámos a saber, no que concerne à equipa da mesma, que Jacob Bensabat (v.) foi o primeiro director da oficina, Jaime Quirino Chaves (v.) era compositor, Nicolau Gil (v.), *o mestre Gil*, foi o seu substituto, João Maria José Nogueira (v.) era compositor e chefe da secção de composição, João de Sousa Lima (v.), impressor e chefe das oficinas gráficas, João dos Santos Oliveira Pereira (v.), compositor de obras, Artur Baptista Leste (v.) e Francisco Pereira (v.), compositores, e Fernando Augusto Pratas (v.), compositor e marginador. No início de 1924 entrou para a casa, vindo da Tipografia Central (v.), José de Sousa Ferradeira (v.), ocupando-se da chefia da secção gráfica do *Correio Olhanense* e simultaneamente tornando-se assíduo colaborador desta publicação¹¹⁵. Em data incerta, mas até praticamente o final do jornal e dirigindo a oficina, entrou para o quadro de pessoal Fausto Peres (v.), com quem Antero Nobre (v. autores) viria a aprender o essencial da arte tipográfica¹¹⁶. João Lobo de Miranda

¹¹⁴ Arquivo Histórico de Olhão, Fundo Editora Olhanense, cota D/01 Inventário, mc1, 1922 – 1923.

¹¹⁵ Esta contratação da Editora Olhanense, Lda. foi noticiada orgulhosamente no n.º 94 (16/02/1924) do *Correio Olhanense*: “Sousa Ferradeira é um moço jornalista que se tem feito à sua custa. Operário, hoje tipógrafo, estudou, leu, instruiu-se e trazendo para a imprensa um pouco da sua inteligência conseguiu tornar o seu nome conhecido. Ultimamente o importante e antigo periódico lisboeta, o *Jornal da Europa*, prestou-lhe homenagem publicando o seu retrato e um trecho seu.

Sousa Ferradeira emancipando-se do meio acanhado em que se tem debatido, procurando, em justa aspiração, campo mais vasto para a expansão do seu espírito, propôs-se auxiliar-nos.

Tendo ingressado como chefe da secção gráfica do *Correio Olhanense*, recentemente criada pela Editora Olhanense, Lda., nós não tivemos dúvida em convidá-lo a fazer parte da nossa redacção.

Esta resolução que poderá surpreender algumas pessoas burguesas e timoratas tornou-se-nos naturalíssima apesar de Ferradeira ser conhecido como *elemento avançado*.

(...)

D’ora em diante Sousa Ferradeira, portas a dentro da nossa redacção, é um novo paladino da causa que o *Correio Olhanense* defende: interesses de Olhão.”

¹¹⁶ Acerca deste assunto, afirma Antero Nobre: “O principal tipógrafo, até à sua morte e praticamente quase até ao fim do jornal, foi Fausto Peres, rapaz de cor, também jogador de nomeada nas famosas equipas do Sporting Club Olhanense, de quem tenho pessoalmente as melhores recordações, pelo seu trato e pela paciência com que aturava os aprendizes de jornalismo que nos últimos anos enxameavam a Redacção e a Tipografia; com ele e devido à sua paciência e competência profissional, aprendi umas luzes da arte tipográfica, que muito me serviram no futuro, tendo então chegado mesmo a compor alguns dos meus artigelhos e arremedos poéticos e a ajudar a paginação gráfica do jornal.”, in *A imprensa periódica no concelho de Olhão (1888-1893)*, Separata de *A Voz de Olhão*, 1983, p. 21.

Trigueiros (v.) foi quase sempre orientador gráfico dos trabalhos executados pela oficina. A 02/11/1922 (n.º 48), numa entrevista publicada no jornal declara: “A minha vaidade está unicamente nos trabalhos gráficos da Editora. Não tem limites. A eles quero o meu nome preso. Não se faz melhor no Algarve.”

Da iniciativa deste grupo de tipógrafos foi a primeira tentativa de organização sindical, a qual teria a sua sede em Olhão, naturalmente. No n.º 16, de 16/03/1922, o *Correio Olhanense* publicava a seguinte notícia:

“Liga das Artes Gráficas

Podemos informar que o pessoal gráfico de Olhão – tipógrafos e litógrafos – tendo já reunido por duas vezes a fim de tratar da sua organização sindical, deliberou enviar delegados a todas as localidades do Algarve no sentido de convidar todos os seus camaradas a ingressarem na associação que se vai constituir sob a denominação de Liga das Artes Gráficas do Algarve e que ficará tendo a sua sede nesta vila e fazendo parte da U.S.O.”

A tipografia esteve situada inicialmente na rua Dr. Teófilo Braga, 43-45 e em 1928, em virtude da aquisição por parte da Câmara Municipal do prédio onde estava instalada a oficina, mudou-se para o Largo da Largo e rua da Lagoa, 14, 16 e 18. Em Junho de 1932, foi adquirida pela Empresa Algarvia de Publicidade, Lda., de Faro e todo o parque gráfico foi instalado naquela cidade, na Praça Alexandre Herculano, n.º 26, com a designação Minerva Fareense, Lda. (v.), com o ambicioso projecto de um jornal diário, que durou apenas seis meses.

Para além de jornais olhanenses, a tipografia imprimiu alguns números do Fareense *Moca*, imprimiu, entre 05/02 e 20/08/1922, o *Algarbh* de Portimão, *O Povo do Algarve* (1922) de Silves, *O Séqua* (11/05/1924-05/07/1925) de Tavira, o *Ecos do Sul* (1926) de São Brás de Alportel e o *Asas Brancas* de Lagoa (31/01/1932 – 15/12/1932).

Quanto ao jornal *Correio Olhanense* (01/12/1921 – 20/08/1933), principal órgão desta casa e em torno do qual circundava a elite olhanense, podemos afirmar que foi fundado tendo como “redactor-gerente” João Lobo de Miranda Trigueiros e editor João da Silva Nobre¹¹⁷. Com o n.º 4 (22/12/1921), este assumiu o cargo de “Redactor-Editor” e aquele deixou de aparecer no cabeçalho da publicação. A 30/03/1922, João Trigueiros voltou a assumir o cargo de director e editor e saiu João da Silva Nobre, com a seguinte justificação: “porque as suas ocupações profissionais lhe não permitem dedicar-se assiduamente ao nosso jornal”¹¹⁸. Três meses após a entrada de José de

¹¹⁷ Ver nota 85.

¹¹⁸ *Correio Olhanense*, n.º 18, 30/02/1922.

Sousa Ferradeira para a tipografia da Editora Olhanense, João Trigueiros, por razões particulares, comunicou à administração da Editora a sua desistência do cargo de director-editor e propôs para “Redactor-Editor” o tipógrafo-jornalista José de Sousa Ferradeira. Diz a carta:

“Segundo o meu parecer deve ficar como Redactor-Editor o sr. **Sousa Ferradeira**, novo, que tem futuro no jornalismo local e com quem se pode contar pela sua muita boa vontade e rectidão de carácter e que, sendo inteiramente do métier, pode melhor responsabilizar-se pela factura do *Correio Olhanense*. E eu cá estou, para dar a minha ajuda como colaborador... assíduo. (...)”¹¹⁹.

Cumprindo a promessa de colaboração assídua, João Trigueiros voltou, em 21/02/1929, a assumir a direcção do semanário, ainda que temporariamente. Por esta altura, José de Sousa Ferradeira era já o proprietário da Editora e do jornal, o que tornava o cargo de director do jornal incompatível para si. Deste modo, foi constituído um grupo redactorial que assegurou durante cinco meses a edição do jornal e do qual, para além de Trigueiros, faziam parte José d’Albuquerque Brandão (administrador comercial) e Abílio José Gouveia (v.) (secretário de redacção). Em Agosto de 1929, Sousa Ferradeira retomou a direcção e a edição do periódico e conduziu-o até ao seu último número, em Agosto de 1933, sempre incrédulo do seu fim, fazendo os possíveis para o ressuscitar.

Sempre com cuidado aspecto gráfico, notaram-se, no entanto, algumas diferenças entre a direcção de João Trigueiros e de Sousa Ferradeira. Até finais de 1924, o jornal foi efectivamente um paladino cultural, mas, a partir daí, as notícias locais, a crise algarvia, o desporto e os anúncios ocupavam cada vez mais espaço. É também a partir daquela data que o *Correio Olhanense* sofreu algumas suspensões. Na verdade, entre Fevereiro e Setembro de 1923, já o jornal havia sido suspenso devido à falta de pessoal gráfico para a composição e impressão do mesmo e ao avolumar de trabalhos comerciais¹²⁰. Daqui resultou a constituição de um quadro de pessoal exclusivamente

¹¹⁹ *Correio Olhanense*, n.º 109, 17/05/1924.

¹²⁰ “Nas oficinas da Editora Olhanense, Lda. têm faltado, de há tempos a esta parte, os operários gráficos precisos para o seu grande movimento, a ponto da Empresa se ver forçada a recusar-se a fazer os orçamentos, que têm sido pedidos para a composição e impressão de livros e de jornais, recusando-se a fazer: *Algarb*, *Povo do Algarve*, *Sul Desportivo*, *Lusitanos*, *Os Novos* e jornais de Loulé, Alte, Guarda, Faro (órgão do Partido democrático), Silves, Olhão, etc..

A atracção da Capital e o serviço militar são dois grandes inimigos das oficinas gráficas da província.

Até aqui, nas oficinas da Editora sacrifícios têm sido feitos para que o *Correio* não suspendesse a sua saída, mas, como as encomendas de trabalhos gráficos avultam e são elas que sustentam as empresas, porque os jornais dão um prejuízo positivo, a Editora não deve continuar a ser sacrificada.

para a publicação do jornal, o que levou a que, de 01/12/1923 a 22/03/1924, o periódico passasse a bi-semanário. Contudo, em 15/03/1925 passou a quinzenário e, em Maio desse ano, suspendeu a publicação durante três meses para remodelações da administração e da redacção. Em Setembro de 1929, José de Sousa Ferradeira viu o jornal ser suspenso por um ano, pela Comissão de Censura de Faro, devido aos artigos polémicos de Antero Nobre (v.), nessa altura secretário de redacção do jornal. Em Maio de 1930, graças a uma amnistia, o *Correio Olhanense* voltou a ver a luz do dia¹²¹. Com o n.º 402, datado de 19/06/1932, José de Sousa Ferradeira noticiava a venda da oficina e a sua deslocação para Faro, assim como a consequente interrupção do jornal “por duas ou três semanas, ou seja, o tempo necessário para a mudança e instalação da nova tipografia naquela cidade”. No entanto, a curta interrupção prevista, ou desejada, por Ferradeira durou exactamente doze meses, findos os quais cedendo a “um impulso irreprimível” voltou a essa “luta ingrata da letra redonda”. Em Agosto desse ano, o director voltava a noticiar a suspensão do seu jornal por “apenas duas semanas”, graças a “importantes melhoramentos que vão ser feitos na tipografia onde o nosso jornal é composto e impresso”. Todavia, desta vez, nenhum impulso do denodado jornalista pôde ressuscitar o jornal que durante doze anos deu voz à vila de Olhão.

De 08/03 a 23/08/1923, a Editora publicou o semanário *Publicidade*. Saiu este jornal na sequência da suspensão do *Correio Olhanense* devido à falta de pessoal gráfico. A *Publicidade* era destinada aos anunciantes do *Correio* para que o comércio e

O *Correio* vai organizar um quadro gráfico especial, próprio, que trabalhará nas oficinas da Editora, mas só para o jornal.

Até se conseguir isto o *Correio Olhanense* estará suspenso. (...). *Correio Olhanense*, n.º 64, 22/02/1923.

¹²¹ Sobre este episódio vale a pena lermos o testemunho de Antero Nobre: “Realmente, apesar da suspensão, o periódico continuou e com o mesmo aspecto gráfico, a mesma orientação e os mesmos redactores e os mesmos colaboradores, embora com outro título e com outro nome no lugar do seu verdadeiro responsável; durante esses meses de suspensão, o *Correio Olhanense* chamou-se oficialmente apenas *O Olhanense*... E, já agora, direi ainda que a suspensão pela Censura foi consequência da publicação de várias notícias e comentários sobre fiscalização da pesca nas águas costeiras do Algarve, assunto então muito discutido em toda a Província, atribuindo a opinião pública geralmente a culpa da infestação das mesmas águas por pescadores espanhóis a pura negligência (ou coisa pior...) das autoridades marítimas portuguesas encarregadas da fiscalização.

Com efeito, o jornal não só fez eco de tais acusações contra as autoridades portuguesas como, tendo-me sido negada uma entrevista sobre o assunto pelo Chefe do Departamento Marítimo do Sul (o Comandante, depois Almirante, Carlos Aprá), publicou em seguida textualmente os termos ásperos e até violentos em que aquele oficial me comunicara pessoalmente a recusa, ao mesmo tempo que me mandava expulsar do seu gabinete, atitude esta que comentei nas colunas do periódico com termos ainda mais ásperos e violentos. Irreverências dos meus 18 anos, contestadores como os da juventude de todos os tempos, agravados decerto pelo orgulho (ou vaidade...) das funções de Secretário da Redacção do *Correio Olhanense*, em que o Sousa Ferradeira, então Director, havia pouco me investira... Irreverência que me levou, mesmo, a publicar ainda, em parangonas à largura de toda a primeira página, a própria carta da Censura comunicando a suspensão, o que só agravou ainda mais o caso!...”, in *op. cit.* nota n.º 100, pp. 22 e 23.

a indústria não ficassem prejudicados e foi também uma forma de não perder o principal financiamento do *Correio Olhanense*, que voltou a publicar-se a 06/09/1923¹²². Outra publicação que surgiu para colmatar a suspensão forçada do *Correio*, imposta pela Comissão de Censura de Faro, foi o *Olhanense*, editado entre 07/11/1929 e 17/05/1930, sobre o qual podemos saber pormenores pelo que ficou transcrito na nota 105, pelas palavras de Antero Nobre.

II.I.8.12.a *Correio Olhanense*: um órgão promotor da cultura algarvia

O primeiro número do *Correio Olhanense* nasceu provocatório:

“De há muito que o povo de Olhão manifesta, por várias formas, a necessidade de um jornal honesto, sério, bem escrito, variado e interessante, susceptível, em suma, de agradar a todas as camadas da população desta vila, e ao mesmo tempo de ser aceite por todos como o mentor desejado.

(...)

No corpo da redacção, ou por ele solicitados, encontram-se congregados, elementos, sem dúvida, os melhores - a bem dizer TODOS os elementos de que em Olhão se poderia alguma empresa jornalística socorrer para fazer um jornal - o JORNAL possível de fazer-se em Olhão.”

Estas declarações agitaram o meio e as reacções da *Gazeta de Olhão* e d’ *O Popular* não se fizeram esperar. João Trigueiros responderia com “Mas, Olhai! Nunca ouvistes dizer que a modéstia é dos tolos?” A verdade é que o jornal reuniu a colaboração dos melhores como poderemos atestar.

João Lúcio (v.), poeta olhanense, nascido a 04/07/1880 não viveu o suficiente para enriquecer com a sua pena o *Correio Olhanense*. No entanto, percebe-se neste jornal a sua influência e o desejo de continuar a sua obra de elevação do nível cultural da vila de Olhão¹²³. O primeiro número foi-lhe dedicado. Apresenta na primeira página uma fotografia do poeta, publica o seu poema “O Íbis de Ouro” e noticia a publicação póstuma de *Espalhando Phantasmas*, revelando o descuido da editora, Guimarães & C.^a, que ignorou o pedido do poeta ao artista Carlos Porfírio para ilustrar o livro com uma série de “pastéis” da sua autoria.

¹²² Sobre a *Publicidade*, José Carlos Vilhena Mesquita afirma que o jornal teve “uma vida efémera, (...) o que demonstra as dificuldades sentidas por um projecto estritamente comercial, que *a priori* se previa cheio de sucessos. Possivelmente, a falta de anunciantes deve ter-lhe motivado a suspensão.” Vilhena Mesquita especulou, pois a ter consultado o *Correio Olhanense* teria constatado que a *Publicidade* foi criada pela Editora para sair à rua enquanto o *Correio* estivesse suspenso. Isto mesmo é noticiado no n.º 64 de 22/02/1923, p. 5.

¹²³ Enquanto presidente da Sociedade Recreativa Olhanense, João Lúcio organizou, realizou e promoveu, durante anos, recitais, concertos, conferências, concursos literários, comemorações - lembremos a comemoração do centenário de Garrett - leituras comentadas de escritores e poetas portugueses e estrangeiros e tertúlias.

Francisco Fernandes Lopes (v.), tendo regressado à terra natal em 1911, depois de ter concluído o seu curso de Medicina, ligou-se à família do poeta através do casamento com a prima de João Lúcio, Raquel Pousão do Ó Ramos. Amante da cultura, reconhecia bem a necessidade de um jornal para o desenvolvimento local. João Trigueiros (v.) recorda o empenho do médico para a sua fundação:

“Fernandes Lopes, pertinaz, como se sabe, falou aos seus amigos, falou, falou...

Falou e foi ouvido. Olhão ia ter um jornal, sério, o jornal do momento, o jornal necessário, imprescindível ao seu brio, à sua representação mental.”¹²⁴

O jornalista João Trigueiros assumiu a direcção e João da Silva Nobre, também ele médico, pai do artista plástico e crítico de cinema Roberto Nobre e do compositor e maestro João Dias Nobre, ficou com a redacção e edição do jornal “que levaria a toda a parte a certeza de que a mentalidade olhanense não se afogara num pio de salmoura.”¹²⁵

Algum tempo depois, Fernandes Lopes, entristecido com o projecto, resolveu sair, mas manteve assídua colaboração, tal como prometera.

Entretanto, tinha já entrado para o corpo redactorial Roberto Nobre, que, com 16 anos, publicou no n.º 2, de 08/12/1921 o soneto “A Morte de Anto”, dedicado ao seu tio, José Dias Sancho (v.), cinco anos mais velho, poeta e caricaturista, colaborador também do jornal. Roberto Nobre abraçou o projecto com total dedicação. Ele próprio pesquisava nos caixotins os tipos que melhor ilustrariam a mensagem do *Correio*. Apresentava e comentava obras literárias e obviamente ilustrava as páginas do jornal. O seu trabalho como ilustrador começou a ser conhecido no país e a capa do n.º 3 da *Seara Nova* é ilustrada por Roberto Nobre. Em Junho de 1922, com a consternação dos amigos, Roberto Nobre abandonou Olhão rumo a Lisboa em busca da concretização das suas aspirações de artista, mas continuou a colaborar com o jornal e, em Janeiro de 1923, é Olhão quem primeiro aprecia a obra do sambrazence numa exposição levada a cabo na redacção do *Correio Olhanense* e que pouco depois seguiu para Lisboa, onde foi um êxito.

Entretanto, engrossavam a fileira do *Correio* escritores e artistas, uns já reconhecidos talentos, outros em início de carreira: Assis Esperança, Boaventura de Passos, Bernardo de Passos (v.), Mateus Moreno, Aragão Barros, Ruy d’Aguillar, Cândido Guerreiro (v.), Honorato Santos, Passos Ponte, Francisco de Sousa Inês,

¹²⁴ *Correio Olhanense*, n.º 132, 01/12/1924.

¹²⁵ *Correio Olhanense*, n.º 132, 01/12/1924.

Carlos Ramos, António Crisóstomo Santos (v.), Marcos Algarve, Manuel Caetano de Sousa (v.), Carlos Porfírio, Carlos Lyster Franco (v.), Mário Lyster Franco (v.), Armando de Miranda, José Barão, Raul Pousão Ramos (v.), Julião Quintinha (v.)... Alguns deles já radicados em Lisboa, outros aí tirando os seus cursos superiores, outros ainda deslocando-se à capital com frequência, mantinham com o meio artístico e intelectual lisbonense relações de convívio e de amizade¹²⁶. O *Correio Olhanense* espelha essas relações e faz ecoar em simultaneidade os acontecimentos culturais e artísticos mais relevantes, principalmente os que envolviam algarvios e a dignificação da província.

Na verdade, creio que o *Correio Olhanense*, assim como a criação de uma Editora Olhanense, foi o eclodir pleno na vila de Olhão de um movimento que se vinha encorpando desde o início do século e que ganhou intensidade no pós-instauração da República, muito por culpa da renovação do quadro de professores do Liceu de Faro que se deu por essa altura e que trouxe para a província, entre outros, Fidelino de Figueiredo, o qual, após uma conferência realizada sobre Garrett no salão nobre do liceu, reuniu imediatamente a admiração e o respeito dos estudantes que o viam como um verdadeiro intelectual e homem das Letras¹²⁷.

A partir de 1911, começam a surgir manifestações materiais da agitação cultural que se promovia na província: em Faro, a 26/10/1911 inicia a publicação o jornal académico *A Mocidade*; a 10/04/1912 surge o jornal *O Herald*, transferido de Tavira onde se publicava desde 03/01/1901; a 01/02/1920 entra na liça o *Correio do Sul*; em

¹²⁶ Sobre algumas destas relações profícuas, leia-se: MURTA, Guerreiro, “O Chiado”, “Lides Sociais Na Casa do Algarve” e “Perfis do Natural”, in *Evocações. Vida Estudantil, Labor Didáctico, Lides Sociais, Perfis do Natural*, Lisboa, ed. do autor, 1970; MATOS, Manuel Cadafaz de “As relações entre Fernandes Lopes e Fernando Pessoa”, in *Francisco Fernandes Lopes (1884-1969), Um Historiador na Sua Diversidade. Elementos para uma Biografia com uma Antologia de Textos do Autor*, Faro, Delegação Regional da Cultura do Algarve e Secretaria de Estado da Cultura, 1994; ou ainda CASTRO, Ferreira de, e NOBRE, Roberto, *Correspondência (1922-1969)*, introdução, leitura e notas de Ricardo António Alves, Lisboa, Editorial Notícias e Câmara Municipal de Sintra, 1994.

¹²⁷ A mudança é relatada por José Guerreiro Murta nos seguintes termos: “O liceu, alguns anos antes da implantação da República, vivia num marasmo, numa sonolência doentia, quase numa inconsciência e negligência profissional que arrastou a uma quase total substituição do seu quadro docente, em grande parte professores provisórios, espíritos cultos, sem dúvida, mas que nunca pensaram em leccionar.

Num juízo crítico, desapaixonado, só mereciam o nome de professores três ou quatro que se confundiam com a maioria, a qual na verdade era medíocre no aspecto pedagógico. Na cidade criou-se um ambiente pesado contra o liceu e o Governo Republicano, cioso de corresponder aos anseios do povo, substituiu todos os que devia substituir, quase uma dezena de mestres (velhos e novos) com pouca idoneidade, embora já com muitos anos de ensino. Foi um acontecimento que os jornais relataram, e que Faro acolheu com satisfação.

Muita gente acorreu à estação de Caminho de Ferro para receber os novos mestres num gesto de bom acolhimento.”, in MURTA, Guerreiro, *Evocações: vida estudantil, labor didáctico, lides sociais, perfis do natural*, Lisboa, ed. do autor, 1970, p. 435.

Silves, a 01/11/1915, sai a 3.^a série da revista *Alma Algarvia*; em Olhão, é fundado o *Correio Olhanense*. Em comum, estas publicações têm o gosto pelas Letras, pela erudição, pelas artes plásticas e pela defesa e dignificação do Algarve e dos seus artistas. A acicatar esta movimentação esteve o I Congresso Algarvio, realizado em 1915, e a quase simultânea constituição da Sociedade dos “Amigos do Algarve”, da iniciativa de Mateus Moreno, que seria a génese da Casa do Algarve, apenas inaugurada no ano de 1930.

Não querendo fugir ao assunto principal, mas sim clarificá-lo o mais possível, quero dedicar duas palavras ao jornal acima referido *A Mocidade*, que se publicou em Faro, entre 26/10/1911 e 03/08/1913 e que explica a actualidade cultural que o *Correio Olhanense* evidenciou, pelo menos no período em que foi director João Trigueiros.

O jornal foi fundado por Jaime Graça Mira (administrador), Mateus Moreno (director artístico) e Francisco de Ascensão Mendonça (vogal), estudantes do 6.º ano de Ciências, a que pouco depois se juntaram José Dias Sancho (v.), Ascensão Contreiras e José Guerreiro Murta. Aqui colaboraram Joaquim Rodrigues Davim (v.), Bernardo de Passos (v.), Carlos Lyster Franco (v.), Coelho de Carvalho, Júlio Dantas, Maria Veleda, Francisco Xavier Ataíde de Oliveira (v.), Cândido Guerreiro (v.), Joaquim Rita da Palma (v.), João Lúcio (v.), Marcos Algarve, Raul Pousão Ramos (v.), Maurício Serafim Monteiro, Laurinda Seritram, Agostinho Júnior, entre outros. Passando por graves dificuldades financeiras, a que os jovens estudantes dificilmente faziam face, Mateus Moreno conseguiu mantê-lo e transformá-lo numa publicação de âmbito nacional. Mas, já lá iremos.

Em Setembro de 1913, é publicado o último número com o nome *A Mocidade*, um “Número-especial”, tendo em ante-título “Colaboração especial dos mais distintos escritores algarvios – ilustrações referentes a personagens e lugares do Algarve”. Apresentava o formato de uma revista e estava dividida em duas partes: a primeira, intitulou-se “Autores Consagrados” e contou com a colaboração de Marcos Algarve, Joaquim Rodrigues Davim, Maria Veleda, Bernardo de Passos, João Lúcio, Ataíde de Oliveira, Carlos Lyster Franco, Cândido Guerreiro, Coelho de Carvalho e Júlio Dantas, acompanhada dos respectivos retratos; a segunda parte intitulou-se “Flores Novas” e reuniu Agostinho Júnior, Mateus Moreno, Laurinda Seritram, José Dias Sancho, Rita da Palma, José Guerreiro Murta, Ascensão Contreiras, João Rico e Ascensão Mendonça.

Posto isto, os fundadores e directores do jornal ingressaram no ensino superior, Mateus Moreno, no entanto, não desistiu da sua publicação e levou-a para Lisboa. No

entanto, alterou-lhe a designação ainda na capital da província, dando-lhe um carácter mais abrangente: *Alma Nova*. Surgiu assim, em Faro, a 20/09/1914, a revista *Alma Nova* («Revista de Propaganda do Algarve – Publicação Mensal de Moral, Crítica e Literatura»), com redacção e administração na travessa de S. Pedro, n.º 1. Naturalmente, com o seu fundador a residir em Lisboa, difícil seria manter a administração da revista em Faro e o n.º 2 apresenta a redacção e administração na rua Penha de França, n.º 12, 1.º, Lisboa, local onde Mateus Moreno residia. Como se sabe, dividida em seis séries, foi a primeira, editada entre Setembro de 1914 a Setembro de 1915, totalmente dedicada à “propaganda do Algarve”, alargando nas séries seguintes o seu carácter para um âmbito nacional, embora nunca deixasse de focar o regional, o seu Algarve.

Nesta revista, que tinha José Dias Sancho como representante no Algarve, continuaram a publicar os autores algarvios já mencionados e aí se encontraram com outros vultos da cultura portuguesa: A. Bustorff, J. Saavedra Machado, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Fidelino Figueiredo, Henrique de Vilhena, António Ferro, Luís Chaves, Mário de Sá-Carneiro, António Ferro, José Rodrigues Miguéis, Ferreira de Castro, António Sérgio, entre muitos outros.

No fundo, a *Alma Nova* transportou para a capital do país o movimento, o nível intelectual e cultural que fervilhava na província tão consentâneo afinal com o que se passava na metrópole. Os seus colaboradores algarvios, no entanto, permaneciam, a maioria, na província e aqui tinham os seus órgãos de difusão, as suas associações culturais, onde publicavam igualmente os seus textos, organizavam exposições, recitais, conferências... Porém, estava estabelecida a teia de relações que permitia o diálogo contemporâneo entre escritores, artistas plásticos, filósofos, historiadores, cientistas, musicólogos do nosso país.

Agora, com uma representação firme na capital, as publicações algarvias aumentavam também o entusiasmo e a auto-confiança e o *Correio Olhanense*, fruto desse estado de espírito, cumpriu meritoriamente o seu papel. Acompanhou *pari passu* a movimentação dos artistas algarvios, as suas exposições, a publicação das suas obras, as suas conferências. Publicou inéditos de Mateus Moreno, de José Dias Sancho, de Armando de Miranda. Deu grande destaque à música, apoiou e divulgou a obra do compositor Ivo Cruz (v.), publicou conferências de Francisco Fernandes Lopes. Do que viria a ser o famoso maestro português Ivo Cruz, a Editora compôs e imprimiu o livro

Gotas de Tinta (v. catálogo, n.º 216.), um livro de pensamentos, onde o jovem reflecte sobre aspectos da música portuguesa e tece comentários políticos, chegando a afirmar:

“Para edificarmos uma Pátria portuguesa precisamos destruir a Democracia.

Para criarmos a música dramática portuguesa, devemos, desde já, destruir a República de S. Carlos.”

A 09/11/1922, no n.º 49, o *Correio Olhanense* publicou na primeira página um artigo da autoria de Luís Lemos, intitulado “Os Algarvios em Lisboa” que sintetiza bem a sua acção e ilustra o que acabamos de dizer, o qual, ainda que longo, merece ser transcrito:

“Vai entrar, ou melhor dizendo, já começou a época artística deste Inverno.

No ano passado a plêiade de algarvios na capital, conseguiu conseguiu com um esforço e tenacidade admirável, arrancar para o seu torrão um lugar notado e proeminente na Arte em Portugal. (...)

A rara felicidade com que foram coroados no ano findo, o lugar marcante que alcançaram, é necessário mantê-lo, custe o que custar, e, estamos certos disso, não precisam de incitamentos para que o seu esforço continue e progrida.

É bom salientar que este esforço parte dos novos, dos “sem nome”, daqueles que o têm conquistado por si próprios, pelo seu valor pessoal e intrínseco.

O Algarve, sem eles, continuaria a ser julgado uma província mourisca, mais marroquina que europeia, com amendoeiras sempre em flor e moiras eternamente encantadas, com grandes fábricas de conserva de peixe e muita alfarroba para exportação.

O seu atraso, a sua ilustração, era considerada como uma das piores deste atrasado e desilustrado Portugal.

Da sua mentalidade, da sua intelectualidade, dos seus poetas, dos seus literatos, dos seus artistas, nada se sabia, ou por outra, julgava-se que não existiam.

Foi quando um grupo de novos surgiu em Lisboa a erguer alto o seu Algarve, a gritar forte o seu nome, os seus valores, as suas belezas, a provar pelo seu talento e decidida vontade que o Algarve, se era das mais importantes províncias pelo seu comércio e pela sua indústria, pela sua exportação e pelas suas belezas, o era também pelos seus artistas, pelas suas inteligências.

Promete o ano que entra ser prodigioso em novidades e, quiçá, mais glorioso e estrondeante que o passado, pois já existe terreno feito, ambiente propício. A crítica espera com interesse novas produções dos literatos algarvios que tiveram sucesso.

As Terras de Fogo de Julião Quintinha, são esperadas com desusada curiosidade e ansiedade até. O mesmo com os livros de Dias Sancho. O mesmo com as produções de Assis Esperança.

Este anuncia para aparecer por um dia destes uma novela, *O Rebanho*, anunciando ainda para sair este ano a sua tentativa de teatro regional *Noite de Natal* e uma novela em folhetins no jornal *A Palavra*, intitulada *Ruínas*. (...)

A propósito de livros algarvios, vão aparecer, nesta época literária, o *Entardecer*, o de há tanto anunciado livro de Bernardo de Passos; a segunda edição ampliada do *Eros*, de Cândido Guerreiro; o livro de prosa regionalista *Aldeia em Festa*, de Boaventura de Passos (...).

Noutro ramo de mentalidade, temos a notificar pelo menos um livro de Fernandes Lopes sobre os *Oratorianos* e outro livro de Sebastião da Costa, que obterão certamente o mesmo sucesso. António de Monsanto promete-nos um livro de contos e Augusto Esaguy um livro de crónicas.

Em pintura anuncia-se uma exposição de Carlos Porfírio, que segundo nos consta será ainda mais completa e afirmará o seu talento que a primeira, e exposições de Lyster Franco, Samora Barros e Roberto Nobre.

(...)

Bernardo Marques, o humorista seguro da sua forma, o modernista consciente, tem já quase concluídos os seus quadros para uma exposição que se nos antolha mais um trunfo para o seu lápis.

(...)

Em música, Ivo Cruz prepara-se para de novo marcar o seu lugar de destaque que alcançou na última temporada musical. Além de várias obras que traz em mãos, vai publicar três, duas na magnífica revista *Contemporânea* e uma na apreciada revista que um algarvio dirige, Mateus Moreno, e que com tanto amor propaga as manifestações naturais e artísticas do nosso Algarve. Este escritor tem também diversas obras que vai publicar este ano e que não indicámos por não lhes sabermos os títulos.

Em teatro (...), vai estrear-se como autor dramático, o romancista Assis Esperança (...).

De todo este esforço, de toda esta luta sai o bom nome do Algarve, resulta o seu prestígio nas letras pátrias.

(...)

Não quero fechar estas linhas (...) sem me referir à “Casa dos Algarvios” que eu reputo uma necessidade absoluta em que todos os algarvios deviam pensar a sério, auxiliar e propagar.

A “Casa dos Algarvios” seria a mais bela recompensa que os algarvios dariam aos que, longe da sua terra, lutam pelo bom nome dela, pelo seu prestígio e cujo esforço, para orgulho de todos nós tem sido e continuará a ser uma bela afirmação, um estranho e incondicional êxito.”

Provavelmente graças a esta campanha, o Algarve passou a receber artistas conceituados que o quiseram captar. O *Correio Olhanense* destacou a sua presença e divulgou a sua obra¹²⁸, como foi o caso de Eduardo Viana que passou meses em Olhão a surpreender motivos para uma exposição sobre o Algarve e que na maioria resultou sobre a vila, ou como o pintor Mário Eloy.

Da redacção do jornal foi a iniciativa de uma “Exposição de Arte em Olhão: escultura, pintura e desenho”, a cuja comissão presidiu Adolfo Bernardino da Silva

¹²⁸ Num artigo sobre a obra de Eduardo Viana, Carlos Ramos faz uma aproximação a Almada Negreiros, declarando considerar este último como “o galgo da moderna geração”. N.º 21, 20/04/1922.

(filho) e que teve como conferencista Francisco Fernandes Lopes (v.), reunindo obras de Alexandrina Chaves, Almada Negreiros, Álvaro d'Atayde, António Soares, Carlos Lyster Franco, Carlos Porfírio, Eduardo Viana, Emília Mendonça, Catarina Mendonça, Francisco Gimenez, Henrique Pousão, Isaura Cavalheiro, José Dias Sancho (v.), Manuel de la Quadra, Maria Helena Pousão Pereira Dias Sancho, Mário Eloy, Roberto Nobre, Rosalina de Passos e Scollì.

O *Correio Olhanense* extinguiu-se numa altura em que alguns dos seus tenazes colaboradores também já não estavam entre os vivos, como José Dias Sancho, falecido a 10/01/1929, ou Bernardo de Passos, desaparecido a 02/06/1930. Porém, cumpriu até ao último número o objectivo de mostrar que a “mentalidade olhanense não se afogara num pio de salmoura” e lançara entretanto “novos”, como Antero Nobre (v.) ou Luciano de Sousa, que continuariam a honrar o orgulho algarvio.

II.I.8.13 Gráfica Olhanense (1948 – 2008)

A Gráfica Olhanense foi uma pequena oficina situada na rua do Comércio, n.^{os} 27 e 29, propriedade de Domingos Fernando Afincão (v.) e de José Fernandes Lisboa (v.), mais conhecido por Joseph, ambos tipógrafos, cuja arte aprenderam na Tipografia Alves (v.).

No ano de 1949, Domingos Fernando Afincão começou a desinteressar-se da profissão e a mostrar o desejo de abandonar a actividade. José Fernandes Lisboa, que não tinha capacidade financeira para comprar a parte do sócio, procurou Manuel Luciano Pité (v.) e propôs-lhe que fosse ele a adquirir a parte de Domingos Afincão. Manuel Luciano Pité, percebendo que se podia tratar de um bom investimento, aceitou a proposta, mas exigiu que a oficina fosse legalizada, visto que os dois tipógrafos trabalhavam por conta própria desde 48 sem terem a sua indústria dentro dos parâmetros da lei.

Deste modo, a 22 de Julho de 1949, na secretaria notarial de Luís Sabbo, livro n.º 144, fl. 70-71v., foi lavrada a escritura que oficializou a sociedade comercial por quotas entre Domingos Fernando Afincão e José Fernandes Lisboa, denominada Aliança Gráfica do Sul, Lda.. O capital social subscrito foi de 25.000\$00, pertencendo 20.000\$00 a Domingos F. Afincão e 5.000\$00 a José F. Lisboa.

Poucos dias depois, mais precisamente a 01 de Agosto de 1949, na secretaria notarial de Messias Cerca, livro n.º 176, fl. 74 v. – 75 v., foi lavrada nova escritura para

transferência da quota de Domingos F. Afincão para Manuel Luciano Pité, que passou a ser o sócio maioritário e o gerente da firma, cargo que desempenhou até à sua aposentação.

A 05 de Dezembro do mesmo ano fez-se sócio outro tipógrafo, António Trindade dos Santos (v.), que se mudou da Tipografia Alves (v.) para esta. Foi admitido através de uma quota no valor de 14.000\$00, aumentando o capital social para 39.000\$00¹²⁹.

Com o falecimento dos tipógrafos proprietários, os seus herdeiros assumiram as respectivas partes até 1996, ano em que renunciaram. Permaneceram apenas dois sócios, Manuel Luciano Pité, com uma quota no valor de 4.000.000\$00 e Isabel Maria Gomes Lisboa Raminhos, filha de José Fernandes Lisboa, com uma quota no valor de 1.000.000\$00.

Em 2003, Manuel Luciano Pité, com 85 anos, resolveu passar o negócio para mãos mais jovens que pudessem assegurar a continuação da obra feita e ofereceu a sua quota a Maria Leonor Correia Dias, administrativa da casa desde 1988, e a Jorge Manuel da Conceição Moreno (v.), tipógrafo, que ficaram com partes iguais.

Quando Manuel Luciano Pité decidiu entrar no negócio, deparou-se com um parque gráfico reduzido e totalmente decadente. Como o seu objectivo principal era rentabilizar o investimento, rapidamente tratou de substituir o parque que tinha constituído a Gráfica Olhanense e começou por investir numa máquina impressora e numa guilhotina automática. Em virtude desta aquisição, em 1950, a oficina saiu do seu espaço originário para um espaço maior no Largo da Lagoa. Em 1955, mudaram-se para novas instalações já com um parque totalmente remodelado e aumentado, situando-se na Av. da República, n.ºs 66 e 68, onde se mantém. Em 1957, adquiriram uma máquina de impressão automática Heidelberg de que deram notícia no *Boletim do Clube Desportivo “Os Olhanenses”*¹³⁰. Em 1992 entrou na casa o off-set e, actualmente, dispõem de três máquinas impressoras tipográficas Heidelberg, uma máquina impressora Presto manual, oito cavaletes com tipos, uma guilhotina, uma máquina de agrafar, uma máquina de picotar, uma máquina de vincar e uma máquina de cantar. Para os trabalhos em off-set, a oficina tem uma máquina impressora GTO, 1 Gaestetner e 1 computador.

¹²⁹ Escritura lavrada a fl. 9, do livro n.º 178 de notas do notário Messias Cerca da secretaria notarial de Olhão.

¹³⁰ N.º 8, Jun. – Set./1957.

Tendo chegado a ter doze operários a trabalhar, entre eles Hostílio Peres Gomes (v.), impressor, cunhado de José Fernandes Lisboa com quem aprendeu a arte, e Carlos Marques Gonçalves Valbom (v.), impressor e encarregado da oficina, o quadro tipográfico foi-se reduzindo até ter em média quatro funcionários, dois compositores e dois impressores. Actualmente, para além dos dois sócios-gerentes, a Aliança Gráfica do Sul, Lda. tem dois impressores que transitaram da tipografia tradicional para o off-set, Joaquim Manuel Gonçalves Encarnação (v.), que era compositor, e Carlos Mário Natividade Jesus (v.), impressor, um encadernador, António Armando de Sousa Serra (v.), e um designer.

A acção de Manuel Luciano Pité não se limitou apenas à aquisição de novo material. A cotação do trabalho tipográfico era na altura incerto não existindo tabelas de preços que as oficinas seguissem. Assim, Luciano Pité procurou Feliciano Alves (avô, v.) e em conjunto elaboraram uma tabela de preços, que se comprometeram a seguir. Segundo Luciano Pité esse foi o segredo da expansão do negócio para ambos. Noutros concelhos, que lidavam com o mesmo problema, apercebendo-se do que se passava na indústria em Olhão, resolveram seguir-lhes o exemplo e é com orgulho que Manuel Luciano Pité recorda o dia em que recebeu uma carta da Associação dos Industriais Gráficos do Porto a solicitar-lhe uma reunião. A reunião realizou-se na Sociedade Recreativa Olhanense, mais conhecida por Recreativa Rica, e os industriais do Porto pretendiam saber como tinham conseguido os industriais algarvios o acordo.

A produção desta tipografia tem-se caracterizado fundamentalmente pelos trabalhos comerciais, embora tenha também impresso folhetos, mais esporadicamente livros, como o *Atlantide! Meu reino de outrora (Humanos, farrapos em vida e na morte...)*, de José Eduardo Coelho (v. catálogo, n.º 213.), e também jornais, como foi o caso do *Boletim do Clube Desportivo “Os Olhanenses”* (Jul./1956 a Abr. – Out./1961), de que foi director e editor José Fernandes Lisboa, e os primeiros três números d’ *O João Ratão*.

II.I.8.14 Aliança Gráfica Do Sul, Lda. – V. Gráfica Olhanense

II.I.8.15 Tipografia De António Dos Anjos Ruivinho (1958 – 1959?)

No ano de 1958, António dos Anjos Ruivinho (v.) instalou em Olhão nas ruas 18 de Junho, n.º 241, e Manuel Martins Garrocho, n.ºs 7 e 11 a sua oficina.

Estava equipada com uma máquina de impressão Heidsieck com motor, uma máquina de impressão manual de braço, uma guilhotina de alavanca marca Apolo, com 5cm de boca e duas facas, uma máquina de cantear e furar marca Galgo, uma máquina de vincar, uma máquina de picotar, uma máquina de agrafar, uma máquina de agrafar cadernos, um componedor de 0,20cm, um componedor de 0,35cm, uma galé, oito apertos, duas espátulas, dois cavaletes médios com doze caixas para tipos e um cavalete pequeno com doze caixas.

Em Fevereiro de 1958, para requerer a atribuição do respectivo alvará, António dos Anjos Ruivinho declarou que a sua tipografia empregava um empregado de escritório, três operários e um serventuário, mantendo o material utilizado para a fundação. O Alvará com o n.º 50291 foi atribuído a 05 de Janeiro de 1959¹³¹.

Quanto à produção desta oficina não apurei quaisquer existências, o que me leva a crer que se tratasse de mais uma oficina dedicada essencialmente aos trabalhos comerciais e contabilísticos.

II.I.8.16 Tipografia Tipocolor (1960)

A Tipografia “Tipocolor” esteve situada na rua 18 de Junho no ano de 1960. A sua existência é-nos dada pelo n.º 346 do periódico vilarealense *Notícias do Algarve*, que lhe faz publicidade. Não me foi possível apurar mais informação sobre esta oficina.

II.I.8.17 Tipografia Gratec (Década de 60)

Apenas foi possível inventariar a existência desta oficina pelo testemunho oral de João Gualberto Lázaro (v.) e de Manuel Luciano Pité (v.) que garantem que nos anos 60 a oficina funcionava, desconhecendo, no entanto, a data da sua fundação. Era propriedade de Pedro José da Silva Martins (v.) e estava localizada na Praça da Restauração, n.º 7.

II.I.8.18 Tipografia Mário (Década de 60)

Esta oficina, a que atribui a designação “Tipografia Mário”, funcionou nos anos 60, conforme recorda João Gualberto Lázaro. Era propriedade de Mário (?),

¹³¹ Arquivo Distrital de Faro, Fundo da 5.ª Circunscrição Industrial, processo n.º 1029.

encadernador, que aprendeu a profissão na Tipografia Alves (v.), abrindo depois por sua conta uma pequena tipografia na rua Capitão João Carlos de Mendonça. Não me foi possível apurar dados mais concretos. Fica, no entanto, o registo.

II.I.9 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE TAVIRA

II.I.9.1 Tipografia Burocrática (1882 – 1912)

A Tipografia Burocrática foi instalada em Tavira no ano de 1882 por João Daniel Gil Pessoa (v.), que a vendeu, assim como ao *Jornal de Annuncios* aí impresso, a José Maria dos Santos (v.), cerca do ano de 1896. Trinta anos depois da sua fundação, em Fevereiro de 1912, José Maria dos Santos vendeu a propriedade da oficina e do jornal *O Herald* a Carlos Lyster Franco (v.) e a João Pedro de Sousa (v.), que os instalaram em Faro, dando aí continuação à actividade desta oficina (v.) e ao próprio jornal.

A oficina foi montada na rua Borda d'Água d' Aguiar, n.ºs 5 e 7 (actual rua Jacques Pessoa) e depois foi deslocada para a rua Nova Pequena, 1, 3, 7, 9 e 11 (actual rua Alexandre Herculano), onde já se encontrava no ano de 1900, ano da suspensão do *Jornal de Annuncios*. Em Abril de 1907, a oficina ocupava apenas os números 7 e 9, e os escritórios os números 1 e 3 dessa rua.

Esta foi uma das oficinas que mais fama teve no Algarve durante o século XIX, a qual se ficou devendo, incontestavelmente, ao artista gráfico que a instalou e a dirigiu durante cerca de vinte anos, Jaime Quirino Chaves (v.). O reconhecimento foi tal que se tornou no único caso em que a imprensa regional coeva, quando publicitava a edição de uma obra saída dos prelos da Tipografia Burocrática, o fazia acompanhando o anúncio de felicitações ao chefe da oficina. Aí, foram seus aprendizes Ventura José Tavares (v.), Francisco José Ramos (v.), António Augusto Ondas Soares (v.) e Joaquim José do Mato (v.). Também o Capitão José Vieira Branco (v.) deu o seu contributo a esta oficina enquanto assentava praça em Tavira, trabalhando aí nas horas vagas. Nos últimos anos da Tipografia em Tavira, o chefe do quadro tipográfico foi Armelim Mendes da Assunção Cácia (v.).

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 PROPRIETARIO
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
 @TAVIRA@

A PERFEITA MACHINA "MARINONI,"

PROGRAMMAS PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO TIMBRES SUBSCRIPÇÕES <i>Impressão a mão e a pedal</i>		MEMORANDOS PARTICIPAÇÕES DE NASCIMENTO FACTURAS COMPROVANTOS <i>Impressão a mão e a pedal</i>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Esta typographia, lida e construida pela sua perfeição, portabilidade e economia nos trabalhos que d'elle saem, além das vantagens que já se prometa para trabalhos de fabrica regular, adquire de Paris uma novidade machina da systema MARINONI e mais portavel e de mais facilidade.

Esta machina foi especialmente construida para a impressão de livros de grandes dimensões e largas folhas, tais como: — jornaes politicos e literarios em qual-quer formato, romances, supranos em folha de papel branco duplo, etc. e que até aqui se executavam com muito mais trabalho, por uma companhia grande fornecida, a partir machina MINERVA.

MACHINA MINERVA AUTHOR, HENRIE S. CROPPER & COMP. (4:300 n'uma hora!!)		MACHINA FAVORITE ESPECIAL PARA BILHETES DE VISITA. (100 em 5 minutos!!)
------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------

GRANDE DEPOSITO DE IMPRESSOS
 PARA TODAS AS REPARTIÇÕES PUBLICAS E PARTICULARES

Esta novidade deposita, sobe-se sempre litorada de impressos para todas as repartições publicas e particulares, de modo a poder satisfazer na volta de correio a qualquer pedido por fazer que seja a quantidade de milheiros. Temos tambem nos grandes depozitos de papel e sellos: almanacs de Thomar, de prometta e repartidas ditos, almanacs de 1.º e 2.º de Maio, passados e lites, commerciaes, de julho de 1890, de Lisboa de Alentejo, para jornaes, de livros para capas e programmas em folhas, sobretipographia de todos os quadros, etc.

O papel que se entrega nos impressos é sempre de boa qualidade. Servimo-nos catalogos a quem se pedir, nos sellos de impressos para uma semana de milites.

Todas as pedidas devem ser feitas ao proprietario da Typographia Burocratica, rua da Borda d'Agua d'Agulhas, 8 e 9—TAVIRA

*Ilustração n.º 35: publicidade à Tipografia Burocrática.
 Fonte: O Patriota (1890).*

Quanto à produção da Tipografia Burocrática, podemos afirmar que foi a oficina que imprimiu mais obras literárias na província durante o século XIX, como se poderá comprovar pelo catálogo, tendo reunido a preferência de autores como Francisco Xavier de Ataíde Oliveira (v.) ou Francisco Xavier Cândido Guerreiro (v.). Imprimiu também livros e folhetos de conteúdos político, histórico, jurídico, das artes marítimas e vários jornais, todos com bom aspecto gráfico¹³². A par disto, assegurava toda a produção de documentos comerciais e administrativos para repartições públicas e particulares.

¹³² Por ordem cronológica, foi possível apurar as seguintes publicações: 01/02/1883 – 27/12/1900, *Jornal de Annuncios* (de Tavira), Tavira, ed. da Tipografia Burocrática; 1883? – 31/01/1885, *Jornal de Annuncios de Portimão*, Tavira, ed. da Tipografia Burocrática; 1885 – *Almanack Ecclesiasticum*; 1885 – GARCIA, Joaquim, *Barca-volante: arte de pesca de lançamento*, Tavira, ed. de autor, 31 pp.; 04/1886? – 25/08/1888, *Jornal de Annuncios de Lagos*, Tavira, ed. da Tipografia Burocrática; 16/02/1890 – 09/11/1890, *O Patriota* (de Monchique); 19/07/1891, *O Lacobrigense*; 1891, WEINHOLTZ, Francisco de Almeida de Bívar, *Memoria sobre a Economia Rural da 9.ª Região Agronómica*, Tavira, ed. de autor, 134 pp.; 1891, *Nomes de todas as pessoas que teem direito a soccorros prestados pela Real Casa do Compromisso Marítimo de Lagos*, Lagos, Real Casa do Compromisso Marítimo de Lagos, 14 pp.; 1892, s.A., *Biographia de Remechido O Celebre Guerrilheiro do Algarve*, Tavira, ed. da Tipografia Burocrática, 77 pp.; 1892, FRAZÃO, Primo Firmino Brazão (trad.), *Fabulas de Phedro*, Tavira, ed. do trad., 98 pp.; 1892, *A Sentinela*; 1893, *Tavira. Semanário Grátis*, Tavira, ed. da Tipografia Burocrática; 1894, s.A., *Memoria dos desastrosos acontecimentos de Albufeira por occasião da invasão dos guerrilhas em Julho de 1833*, Tavira, ed. da Tipografia Burocrática, 90 pp.; 1894, CASTRO, José Fortunato de, *Estudo sobre as madeiras de construção da ilha de S. Thomé*, Tavira, ed. de autor, 31 pp.; 08/03/1895, AA.VV., *Homenagem da Academia Farense a João de Deus*, Faro, 6 pp.; 1895, GUERREIRO, Francisco Xavier Cândido, *Rosas Desfolhadas*, Alte, ed. de autor, 199 pp.; 1897,

Assumi também um papel editorial, sendo da sua responsabilidade dois verdadeiros sucessos de mercado: a *Biographia de Remechido O Celebre Guerrilheiro do Algarve*, editado em 1892 e de que se fizeram duas tiragens no mesmo ano, e a *Memoria dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira por Occasião da Invasão dos Guerrilhas em Julho de 1833*¹³³, editado em 1894, que o editor noticiava como obras irmãs gêmeas, declarando na primeira delas, numa boa manobra de publicidade editorial, que “todas as pessoas, que lerem a *biographia de Remechido*, devem em seguida adquirir a *memoria sobre os acontecimentos de Albufeira em 1833*.”.



Ilustração n.º 36: Biographia de Remechido O Celebre Guerrilheiro do Algarve
Fonte: Colecção particular de Ofir Chagas.



Ilustração n.º 37: Memoria dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira por Occasião da Invasão dos Guerrilhas em Julho de 1833.
Fonte: Colecção particular de Ofir Chagas.

OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde, *Contos Infantis. Sexo Masculino*, vol. II, Tavira, ed. de autor, 238 pp.; 1898, OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde, *As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*, Tavira, ed. de autor, 299 pp.; 1899, LEOTE, Diogo, *Escorços jurídicos: contribuições indirectas municipais – farinhas: pão, uma sentença proferida em 1.ª instância*, Tavira, ed. de autor, 45 pp.; 13/08/1899 – 05/11/1899, *O Reyno do Algarve*, Tavira; 03/01/1901 – 25/02/1912, *O Heraldo*, Tavira, ed. da Tipografia Burocrática; 1900, OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde, *Contos Tradicionaes do Algarve*, vol. I, Tavira, ed. de autor, 480 pp.; 1906, *Folhinhas dos Pobres*, Tavira, ed. da Tipografia Burocrática, 07/02/1907 – 12/12/1910, *Jornal de Annuncios*, Loulé; 1909, *Relatório da Sociedade cooperativa do grupo económico: Villa Real de Santo António: gerência de 1909*, Tavira, 19 pp.

¹³³ Trata-se de uma segunda edição, visto que em 1873 a Tipografia Lacobrigense (I) (v.) deu à estampa a 1.ª edição desta obra.

Na *Algarviana* de Mário Lyster Franco, o autor dá-nos notícia da existência do *Almanach Tavirense*, que saiu provavelmente nas últimas décadas do século XIX, mas que nunca conseguiu consultar. Supõe o autor que o *Almanach* foi impresso no prelo da Tipografia Burocrática.

Outro exemplo da sua actividade editorial era a edição de pequenos almanaques, tendo comprovadamente editado em 1906 a *Folhinha dos Pobres*, com indicações sobre as luas, dias santos, mercados, feiras, caminhos-de-ferro, etc.¹³⁴.

Para o período compreendido entre os anos 80 do século XIX e os anos 10 do século XX, Tavira foi o pólo editorial da Província. Com um quadro tipográfico ilustrado e reconhecido e maquinaria adequada, a Tipografia Burocrática ganhou a confiança dos clientes. O seu proprietário, José Maria dos Santos, também jornalista e amante das letras, era o anfitrião cúmplice dos intelectuais algarvios que aí imprimiam os seus textos. Não é de estranhar, portanto, que esta casa tenha sido uma escola de jornalismo, onde, sob a alçada de José Maria dos Santos, os mais novos faziam as suas experiências jornalísticas e literárias. Falo da edição d' *O Reyno do Algarve* (v. catálogo, n.º 228.), periódico fundado por quatro amigos, praticamente da mesma idade, António Crisóstomo dos Santos (v.), José Francisco Teixeira de Azevedo (v.), João Lúcio (v.) e José Ribeiro Castanho (v.), que nas férias de Verão do ano de 1899 se lançaram na aventura de um jornal de índole cultural, onde abundaram textos literários de João Lúcio, de José Ribeiro Castanho, de Bernardo de Passos (v.), de Salazar Moscoso (v.) e até mesmo de Teixeira de Pascoaes. O jornal teve, porém, a duração das próprias férias. Iniciou a publicação a 13/08/1899 e extinguiu-se a 05/11/1899, como comprova o artigo de despedida redigido por João Lúcio no n.º 13, no qual associa ironicamente a extinção do periódico ao dia dos finados.

Os periódicos, propriedade da Tipografia Burocrática, foram tomando também e progressivamente uma feição mais cultural. O *Jornal de Annuncios*, fundado naturalmente com um intuito comercial pelas mãos de João Daniel Gil Pessoa e dedicado exclusivamente à publicidade, passou a incluir na primeira página colaboração literária, nomeadamente do tipógrafo-chefe, Jaime Quirino Chaves (v.), que era o seu redactor principal, mas também do reputado professor e poeta Joaquim Rodrigues Davim (v.) e do filho do proprietário António Crisóstomo dos Santos (v.).

¹³⁴ *O Herald*, n.º 1263, 19/09/1906, p. 3.

Em Janeiro de 1901, o *Jornal de Annuncios* transformou-se n' *O Herald* («Antigo Jornal de Annuncios»)¹³⁵ e assumiu definitivamente uma feição noticiosa e cultural, reunindo a colaboração dos mais distintos poetas e escritores algarvios, o que se deveu ao seu principal animador, António Crisóstomo dos Santos. Das secções apresentadas, destacam-se o “Crivo Literário”, destinado à apresentação e crítica de livros, os “Poetas Algarvios” e os folhetins de feição literária, ou dedicados a temas culturais. Nestas secções eram presença assídua Bernardo de Passos (v.), Maria Veleda, Ludovico Caetano de Meneses (v.), João Lúcio (v.), José Ribeiro Castanho (v.), António Correia de Oliveira (v.), Joaquim Rodrigues Davim (v.), António Crisóstomo dos Santos (v.), Francisco Xavier Cândido Guerreiro (v.), Bartolomeu Salazar Moscoso (v.), Manuel Teixeira Gomes, Marcos Algarve e, mais esporadicamente, incluía a colaboração de Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro e Júlio Dantas.

O periódico honrou-se com a publicação de contos inéditos de Maria Veleda e poemas inéditos de João Lúcio, sendo alguns deles publicados sem a autorização do poeta, tais as relações que mantinham colaboradores e a administração do jornal. A título de exemplo, transcrevo uma nota publicada no n.º 971, datado de 07/02/1901, em que a redacção desvaloriza e ironiza o incómodo manifestado por João Lúcio por lhe terem publicado uma poesia do livro *Descendo*, ainda em preparação:

“João Lúcio

Zangou-se este nosso prezado colaborador por lhe termos extraído do *Descendo*, cuja impressão já vai pelas últimas folhas, a poesia “O Vento”, publicando-a sem consentimento nas colunas deste jornal. Sabíamos perfeitamente da expressa vontade do ilustre poeta em não querer dar antecipada publicidade a qualquer das produções que fazem parte do seu primeiro livro, mas exactamente porque o fruto proibido é o que mais nos apetece, é que empregámos as nossas artimanhas no intuito de podermos dar aos nossos leitores o que eles dificilmente poderiam apanhar: uma amostra do *Descendo*. Pena é que as gralhas desvirtuassem um pouco.

Que nos desculpe disso o João Lúcio, a quem pedimos que por insignificante partida nos não deixe de enviar os prometidos inéditos.”

Não obstante, no mês seguinte era *O Herald* o jornal que publicava o discurso proferido pelo poeta na sessão solene de comemoração a Eça de Queirós, em Lisboa e

¹³⁵ O jornal continuou com a numeração do *Jornal de Annuncios*, sendo o seu primeiro número, o 966, de 03/01/1901, ano XVIII.

foi também aqui que Bernardo de Passos, ainda comovido com a recente morte do pai, publicou um texto em sua memória, intitulado “A Propósito da Morte de meu Pai”¹³⁶.

Com efeito, em termos de produção literária, os números publicados entre 1900 e 1902 constituíram o auge deste jornal Tavirense. Foi também da sua iniciativa, no ano de 1901, um torneio literário, evocando os fogos florais, cujo vencedor foi Joaquim Arnal Ribeiro de Carvalho, de quem se publicou uma fotogravura e a sua biografia¹³⁷ e que serviu sobretudo para estimular o espírito poético popular.

A partir de 1903, o jornal tornou-se mais noticioso e publicitário e os conteúdos literários foram perdendo espaço. No entanto, mantiveram-se como colaboradores assíduos Rodrigues Davim, Ludovico Meneses, Carlos Lyster Franco e Salazar Moscoso, que não deixaram que *O Herald* se transformasse num mero repositório de factos noticiosos.

A saída ou afastamento progressivo dos restantes colaboradores não se deveu a conflitos, ou a questões menos agradáveis, mas sim ao facto de a partir de 1902 a maioria ter iniciado a sua vida profissional, o que os obrigava a despenderem a maior parte do seu tempo a questões mais práticas e, por outro lado, a canalizarem energias para os locais onde se encontravam a trabalhar. Foram os casos, por exemplo, de João Lúcio que em 1902 abriu banca de advogado em Olhão, onde começou a dinamizar culturalmente a vila; ou José Ribeiro Castanho, que terminado o curso de Direito em Coimbra, no ano de 1901, passou por várias comarcas do Algarve, dedicando-se à imprensa local; ou o próprio António Crisóstomo dos Santos, que por razões profissionais se vê impedido de colaborar na imprensa e se despede d’ *O Herald* a 13/11/1902, despedindo-se pouco depois da região que o viu nascer para desempenhar funções no Norte do país, regressando a Tavira apenas nas férias. Nesta altura, é o seu irmão José Maria dos Santos Júnior, engenheiro auxiliar das obras públicas, quem continua a tarefa.

Quanto aos quatro resistentes acima referidos, Rodrigues Davim, Ludovico de Meneses, Carlos Lyster Franco e Bartolomeu Moscoso, lembro que todos eles já tinham a sua vida profissional e familiar estável, o que lhes permitia a colaboração assídua nos jornais algarvios.

Nesta segunda fase d’ *O Herald*, podemos ainda encontrar recensões à exposição de pintura de Carlos Lyster Franco, realizada nas instalações do Museu

¹³⁶ N.º 987, 30/05/1901.

¹³⁷ N.º 992, 04/07/1901, pp. 1 e 2.

Marítimo (Faro) em Maio de 1908, e a uma outra realizada de parceria com Ezequiel



Ilustração n.º 38: artigo “O Futurismo”, de Ribeiro de Carvalho.

Fonte: O Heraldo, n.º 1409, 01/08/1909.

Pereira em Julho de 1909; os excertos inéditos do livro *No Paiz do Sol* de Ludovico de Meneses; um artigo de apreciação crítica ao livro *Iluminuras* de Lyster Franco assinado por Raul Proença; e, a 01 de Agosto de 1909, podemos ler nas páginas d’ *O Heraldo* o texto “O Futurismo” de Ribeiro de Carvalho. Este artigo, publicado no n.º 1409, na primeira página, lembra aos leitores que *O Heraldo* continuava pleno de actualidade, afinado com as novas ideias produzidas não só na capital, Lisboa, mas na própria Europa. O texto explica pormenorizadamente o que é o Futurismo, os seus propósitos e publica excertos do *Manifesto* de Marinetti, editado pela primeira vez no *Figaro*, a 22/02/1909, assim como excertos de uma entrevista com o próprio autor do *Manifesto*. Lembro que em Portugal, apenas o jornal *Diário*

dos Açores, três dias depois de *O Heraldo*, publicou o referido Manifesto e a entrevista de Marinetti. Estávamos a seis anos de ser lançada a revista *Orpheu*.

O Heraldo foi suspenso em Tavira a 25/02/1912¹³⁸ para ser deslocado juntamente com o parque gráfico da Tipografia Burocrática para Faro, onde continuará a ser um marco de extrema relevância para a vida cultural e literária do Algarve e do país, agora designando-se Tipografia d' *O Heraldo* (v.).

II.I.9.2 Tipografia Democrática (I) (1885 – 1888)

A história da Tipografia Democrática, propriedade de Roque Féria (v.), far-se-á de acordo com os dados apresentados por José Carlos Vilhena Mesquita na sua *História da Imprensa do Algarve – II*, visto que, no presente, os jornais impressos nesta oficina, também propriedade de Roque Féria, e depositados na Biblioteca Nacional encontram-se de tal modo deteriorados que não podem ser consultados pelos leitores.

O parque da Tipografia Democrática foi adquirido em Dezembro de 1885, na cidade de Faro, a João Frederico Tavares Belo (v.), cuja oficina era designada Tipografia Minerva (v.), ao preço de 720\$00.

Roque Féria instalou-a na Rua Nova Grande, 7 (actual rua da Liberdade), com o nome Tipografia Democrática e aí imprimiu o jornal *A Província do Algarve* («Folha Republicana») entre 30/03/1886 e 01/03/1887, que se extinguiu para dar lugar a *O Combate*, fundado a 05/04/1887 e extinto a 04/10/1888, por força de um processo interposto por Manuel Cipriano da Costa Ribeiro, comandante do regimento de caçadores, n.º 4, alegando abuso de liberdade de imprensa¹³⁹. Ambos foram acérrimos defensores do republicanismo, ajudando a organizar o movimento republicano no Algarve e, por isso, padecendo contrariedades várias. Após ver extintos os dois periódicos que fundou, Roque Féria mudou-se para Olhão, onde instalou a sua Tipografia Democrática (v.) e continuou a aventura do jornalismo republicano com o jornal *O Porvir*, não sem novas dificuldades.

Quanto ao quadro tipográfico da oficina foi possível apurar que o tipógrafo da oficina foi Ventura José Tavares (v.) que já tinha trabalhado na Tipografia Burocrática (v.).

¹³⁸ A suspensão do jornal e a venda da tipografia deveram-se, em parte, ao facto de o filho de José Maria dos Santos, José Maria dos Santos Júnior, quem animava o jornal, ter terminado o seu curso e ter sido colocado em Faro, deixando de poder auxiliar o seu pai.

¹³⁹ As diligências para consultar estes processos junto do Tribunal de Tavira foram infrutíferas, uma vez que foram destruídos.

II.I.9.3 Tipografia Do *Correio Do Algarve* (-1897-)

A Tipografia do *Correio do Algarve* era propriedade de Luís António Ferreira das Neves¹⁴⁰ e não foi possível detectar a sua exacta localização. Na verdade, a sua existência só é apurada graças à edição do jornal *Correio do Algarve* (11/07/1897 – 01/08/1897?), centrado na defesa dos interesses dos empresários ligados à pesca do atum, que indica como local de composição e impressão “Tipografia do *Correio do Algarve*”. Crê-se que o jornal teve uma duração muito efémera, dado o seu carácter circunstancial, não se tendo reunido mais dados acerca da oficina que o imprimia.

II.I.9.4 Tipografia Democrática (II) (1908 – 1923)

A quarta oficina tipográfica a laborar em Tavira foi aí montada no ano de 1908 e baptizada com a designação Tipografia Democrática, segunda deste nome.

Tratou-se de mais uma oficina para dar à estampa um periódico de feição claramente política, *A Província do Algarve* («Semanário Republicano»), publicado entre 03/10/1908 e 01/08/1920.

Quero aqui sublinhar uma coincidência, que não terá sido de todo inocente. Silvestre Falcão (v.), seu proprietário e director do jornal, atribuiu-lhes as mesmas designações que Roque Féria (v.) anos antes tinha atribuído à sua oficina (v.) e jornal. Parece-me que o proprietário quis assim homenagear este jornalista político que no Algarve difundiu o ideário republicano, de forma calorosa, numa época em que o partido se começava a organizar na província. Silvestre Falcão dava sinal de que assumia a empresa iniciada por Roque Féria, mantendo inclusivamente o carácter polémico que tanto caracterizou os periódicos fundados por Roque Féria.

Joaquim Paulo Correia (v.) era o chefe da oficina.

Posteriormente, a oficina foi arrendada por dois tipógrafos, provavelmente artistas da casa, Armelím Mendes da Assunção Cácima (v.) e António Germano Lopes (v.), os quais constituíram uma sociedade por quotas intitulada Tipografia A Democrática, Lopes & Cácima, Lda..

Quando foi instalada, as secções de composição e de impressão estavam separadas, situando-se a primeira na rua da Corredoura (passou a rua 1.º de Maio entre 31/10/1910 e 10/11/1943, data em que o nome foi alterado para rua Dom Marcelino

¹⁴⁰ Não foi possível apurar quaisquer dados biográficos do proprietário.

Franco, designação actual) e a segunda na travessa de D. Brites, 10. Em 1910, a composição e a impressão eram feitas na travessa de D. Brites, 12 e 14; em 1921, a oficina tinha regressado à rua 1.º de Maio e, em Agosto de 1921, mudou novamente de instalações para o n.º 29 da rua da Liberdade.

Quanto à produção da Tipografia Democrática, para além do periódico que a motivou, imprimiu ainda os tavirenses, *O Berro*, entre 23/10/1909 e 30/10/1909, *A Folha Tavirense* («Semanário Literário e Noticioso»), entre 19/02/1921 e 10/08/1922, *A União Militar*, entre 01/01 e 01/04/1922 e alguns números d' *O Exército Português*, em 1909. De Faro, estampou os números 41 e 42 d' *O Sul Desportivo* e de Loulé, imprimiu, de 15 de Junho a 15 de Novembro de 1922 a *Folha de Alte* («Quinzenário Defensor dos Interesses Locais e Regionais»).

Afecto aos ideais republicanos, esta oficina reuniu à sua volta algumas das figuras gradas do movimento como Raul Proença, José de Arriaga Brum da Silveira, Tomás Cabreira, Julião Quintinha, Ludovico de Meneses, Bernardo de Passos, entre outros. Este último imprimiu aí, em 1909, o folheto *A reacção no Algarve*, publicado previamente n' *A Província do Algarve*, sobre a reacção religiosa.

Com efeito, o jornal apresentou sempre um carácter eminentemente político, começando por se apresentar com uma função pedagógica, cívica e de “procurador junto das autoridades locais”. E, embora, tenha tido entre 1913 e 1916 o cargo de director literário, primeiro ocupado por Ludovico de Meneses e depois por Rodrigues Davim, o jornal não teve deste ponto de vista relevo.

Como forma de ocupar o espaço deixado pel' *A Província do Algarve*, os proprietários da oficina, Armelim Mendes da Assunção Cácima e António Germano Lopes, fundaram *A Folha Tavirense* («Semanário Literário e Noticioso») (19/02/1921 – 10/08/1922), auxiliados, primeiro, pelo major Vasco Braz de Campos e, depois, por Damião Augusto de Brito Vasconcelos, que aí imprimiu os seus artigos intitulados “A Cidade de Tavira. Apontamentos para a sua história: 1242 – 1840”, que reuniu posteriormente em volume¹⁴¹. O periódico foi essencialmente noticioso, atento à vida local.

António Germano Lopes abandonou a sociedade em 1922, partindo para Faro, de acordo com a “Declaração” que fez publicar no *Correio do Sul*, n.º 248, de 17/01/1924. Em Agosto de 1922, Armelim Cácima queixava-se de “dificuldades

¹⁴¹ VASCONCELOS, Damião de, *Notícias Históricas de Tavira: 1242 - 1840*, 1.ª ed., Lisboa, Livraria Lusitânia, 1937. A obra foi reeditada com o mesmo título pela Câmara Municipal de Tavira, em 1989.

várias”, provavelmente semelhantes às de que nos fala o proprietário da Tipografia Tavirense (v.) e creio que, em 1923, a oficina cessou a sua labuta, visto que em 1924 Armelim Mendes da Assunção Cácima, se encontrava já a trabalhar na Tipografia Artes Gráficas (v.), em Faro, e o jornal Tavirense, *O Séqua* («Semanário Independente»), fundado em 11/05/1924, foi impresso em Olhão, na Tipografia da Editora Olhanense, Lda. (v.), por não existirem tipografias em Tavira, motivo que originou mesmo a suspensão deste periódico a 05/07/1925¹⁴².

O parque tipográfico da oficina foi vendido por Silvestre Falcão à Tipografia Socorro (v.) de Vila Real de Santo António, em 1924.

II.I.9.5 Tipografia Tavirense (1915 – 1921)

A vida da Tipografia Tavirense decorreu entre os anos de 1915 e 1921. Foi instalada em Janeiro de 1915, especificamente para fazer face aos custos que a composição e impressão do jornal *Povo do Algarve* («Semanário Republicano Democrático») (02/08/1914 – 16/11/1917) causava ao ser impresso em Faro, na Tipografia Democrática (v.).

A oficina foi adquirida em 1916 por João Rodrigues Pinheiro Centeno (v.), inicialmente administrador do jornal e, posteriormente, proprietário, editor e administrador.

A Tipografia esteve situada na rua da Liberdade, n.ºs 25 e 27.

¹⁴² No último número d’ *O Séqua* (n.º 33, 05/07/1925), justificando a sua suspensão, podemos ler o seguinte desabafo: “O pouco auxílio que os tavirenses quase sempre dispensam aos seus conterrâneos que se estabelecem, tem evitado que haja uma empresa tipográfica que na nossa terra se encontraria livre de competidor.

Os que se arriscam a trabalhar com capitais que na maioria dos casos não são propriamente seus, fogem para onde todos os auxiliam, onde se pode pagar a operários tipográficos que, sem o seu diário certo, seria difícil sujeitá-los numa terra como Tavira.

Mas, explicávamos nós os motivos que nos levam a suspender num curto espaço de tempo a publicação do nosso jornal. *O Séqua* composto e impresso em Olhão acarreta-nos prejuízos importantíssimos porque o original tem forçosamente de ser enviado às quartas-feiras.

Daqui resulta a falta de informação e notícias de última hora que o leitor gosta de saber e que nós nos achamos inibidos de publicá-las pelo motivo do jornal não ser aqui composto como podia e devia ser. (...) Assim, resolvemos iniciar as nossas *démarches* para a colocação em Tavira duma tipografia que para além de contribuir para a saída regular e decente do nosso jornal ficará habilitada a bem servir o público em todas as obras que sejam necessárias.”

Estava equipada com uma máquina Liberty, vendida em 1917, e uma máquina Julien, própria para impressão de jornais, pelo que sempre apelou na sua publicidade a este tipo de trabalho, de modo a rentabilizar o equipamento.



*Ilustração n.º 39: publicidade à Tipografia Tavirense.
Fonte: Ecos do Arade, n.º 6, Abr./1920.*

A Tipografia Tavirense, fundada no ano após o início da primeira grande guerra, sofreu claramente as suas consequências, o que acumulado à concorrência feita pela Tipografia Democrática (II) (v.), terá determinado a sua extinção. Em 1917, João Rodrigues Pinheiro Centeno lamentava-se da crise do papel:

“Temo-nos visto em sérias dificuldades por motivo da crise do papel de impressão do jornal. Não só os preços encareceram extraordinariamente; para os jornais da província, que não estão nas condições dos grandes diários e que não podem ter fabricação especial própria, acresce que não encontram já no mercado um tipo determinado de papel: há retalhos, há saldos, há pequenas porções e isto dá em resultado que se não pode quase manter um formato de jornal. É esta a 3.ª vez que isso nos acontece. O papel de agora tem menos dois centímetros e isso foi o bastante para nos obrigar a mudar tudo desde o frontispício até aos anúncios, pelo que não o pudemos publicar na semana passada.”¹⁴³

Esta situação, como se compreende, deveria trazer enormes transtornos financeiros a uma pequena oficina, dedicada principalmente à composição e impressão de jornais.

Em Fevereiro de 1921, a oficina ainda tentou uma última esperança, editando o *Jornal de Anúncios* (20/02/1921 – 10/04/1921) de forma a captar um meio de rendimentos estável, clientes e trabalho para a sua máquina Julien. Porém, apenas

¹⁴³ *Povo do Algarve*, n.º 93, 28/06/1917.

saíram oito números, num dos quais se publicitava a venda da máquina de impressão de jornais.

A sua principal publicação foi o *Povo do Algarve* (02/08/1914 – 16/11/1917). Iniciou-se com o subtítulo «Semanário Republicano Democrático» e declarava-se defensor dos ideais republicanos e de Afonso Costa. A 08/08/1915, surgiu uma segunda série, que correspondeu à instalação da tipografia, intitulando-se apenas *Povo do Algarve* e sublinhando, no artigo de abertura, que: “não obedecemos a quaisquer intuítos de ordem política na orientação do nosso jornal. Completamente alheio a lutas partidárias, tem por fim defender com toda a energia e firmeza os interesses do povo algarvio e especialmente da cidade de Tavira.”.

O jornal acompanhou muito de perto o I Congresso Regional Algarvio, publicando o regulamento e algumas das teses aí apresentadas, e as suas notícias permitem uma boa visão da actividade industrial de Tavira.

Neste periódico teve Isidoro Manuel Pires (v.) o seu primeiro papel jornalístico de destaque, ocupando na primeira série o cargo de secretário de redacção e na segunda série o cargo de director. O jornal teve ainda a colaboração de Antero Nobre (v.) e de Raul Pousão Ramos (v.).

Para além do *Povo do Algarve* e do *Jornal de Anúncios* já referidos, a oficina compôs e imprimiu entre 05/12/1919 e Jun./1920 o *Ecos do Arade* («Quinzenário Monárquico Independente») de Lagoa; entre 10/02 e 29/08/1920 imprimiu *O Combatente* («Órgão do centro Socialista de Faro – Defensor das Classes Trabalhadoras e Interesses da Província») de Faro; e de 15/07 a 01/08/1920 deu à estampa *A Lyra* («Literário Algarvio») (v. catálogo, n.º 253.). *A Lyra* foi uma publicação de todo o interesse para este trabalho, uma vez que se tratou de uma revista exclusivamente literária, fundada a 01/10/1919, em Portimão. Destinava-se à publicação dos “novos poetas”, o que de facto a caracterizou. O cargo de director foi ocupado, primeiro, por José Francisco P. Lopes e, depois, por João Marques Martins e tinha como redactores António Paiva d’Aragão e João Marques Martins. Organizou um concurso literário, cujos poemas vencedores foram publicados no n.º 6 (01/01/1920). Nas suas colunas colaboraram Emília Pomar de Sousa Machado, João Francisco Vieira, Eduardo Malta, António Pereira (v.), Ayres Tavares, Armando de Miranda, que aí se estreou com “Contos Cor-de-rosa”, entre outros.

O artigo do Capitão Arnaldo Casimiro Anica, intitulado “Tavira, Centro de Cultura: Oficinas Tipográficas” revela que o Clube Tavirense, sediado no prédio onde a

oficina funcionou, declarava, em acta de 19/11/1923, que “nos baixos do mencionado edifício há máquinas tipográficas que não se sabe a quem pertencem.” Pertencia aos herdeiros de João Rodrigues Pinheiro Centeno que tentaram vender o parque para uma oficina de Lisboa, mas não tendo recebido o valor da máquina de impressão, suspenderam o negócio e mantiveram o material armazenado.

II.I.9.6 Tipografia Modelo (1926/7 – 197-?)

A Tipografia Modelo foi fundada na segunda metade da década de 20 pelo comerciante Tavirense Virgílio Correia Monteiro (v.), que a instalou na rua da Liberdade, n.º 41. Ao lado da oficina, explorava uma papelaria, que servia também de apoio à Tipografia.



Ilustração n.º 40:
programa impresso na
Tipografia Modelo em
Abr./1930.

Fonte: Arquivo Histórico
de Tavira, Espólio de
Manuel Virgínio Pires,
caixa I.

Tratava-se de uma pequena oficina, dedicada essencialmente aos trabalhos do comércio e da indústria locais. Entre estes, eram certos os programas do Teatro Popular (actual António Pinheiro) de que Virgílio Correia Monteiro era accionista. Apesar da sua dimensão modesta, imprimiu um dos órgãos da imprensa Tavirense, *O Gilão* («Quinzenário Literário, Humorístico, Noticioso e Anunciante»). Este periódico era propriedade, editado e dirigido por António Germano Lopes (v.), ex-proprietário da Tipografia Democrática (II), que, segundo creio, trabalhou nesta oficina no final dos anos 20. Para além destes trabalhos, imprimiu folhetos de índole literária de autores da terra e alguns de temática militar¹⁴⁴. Imprimiu ainda o livro

de poesia do Tavirense Isidoro Pires (v.), intitulado *Ecos do Coração* (v. catálogo, n.º 234.).

A Tipografia empregou, em média, seis a sete artistas. A partir dos anos 40, compuseram o seu quadro tipográfico Patrício Baptista do Carmo (v.), compositor, Francisco António do Carmo (v.), compositor, Sebastião Martins Gonçalves (v.), impressor, Damião Neto e Juan Soares, mais conhecido por Juanito.

¹⁴⁴ CONCEIÇÃO, Liberto M. L., *O Moderno Armamento da Infantaria*, Tavira, Tipografia Modelo, 1939. Folheto de 18 pp. (20x14), 400 ex.; BRAGA, José Lopes, *Elementos para o Estudo da Metralhadora Pesada «Breda»*, Tavira, Tipografia Modelo, 1939, 400 ex..

Após a morte de Virgílio Correia Monteiro em 1973, os tipógrafos Patrício do Carmo, Francisco do Carmo e Sebastião Gonçalves assumiram a continuidade da oficina, que, já com um parque decadente, fechou portas nos finais dos anos 70.

II.I.9.7 Tipografia *Povo Algarvio* (1949 – 1984)

A Tipografia *Povo Algarvio* foi fundada em Julho de 1949 para imprimir o jornal *Povo Algarvio*, sendo propriedade da Empresa de Publicidade Algarve, Lda., empresa constituída pelos sócios Manuel Virgínio Pires (v.), cuja propensão era a edição do jornal, e Alfredo Augusto Cordeiro (v.), vocacionado para os trabalhos comerciais.

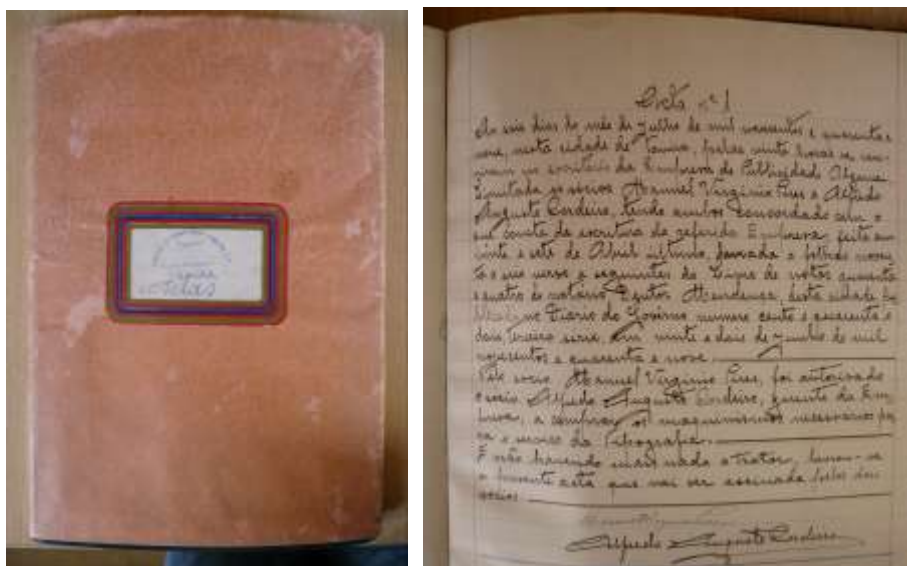


Ilustração n.º 41: Livro de Actas da Empresa de Publicidade Algarve, Lda.. Acta n.º 1: *Autorização para compra de material tipográfico.*

Fonte: Arquivo Histórico de Tavira, espólio de Manuel Virgínio Pires.

A Empresa de Publicidade Algarve, Lda. tinha como objecto a indústria e comércio de tipografia e papelaria e foi constituída com um capital social de 20.000\$00, dividido por quotas iguais entre os dois sócios. Alfredo Augusto Cordeiro ficou designado gerente da sociedade¹⁴⁵.

A oficina foi montada nos baixos da residência de Manuel Virgínio Pires, na rua Dr. Parreira, n.º 9.

O chefe da oficina foi o impressor Diamantino Sousa Cardoso (v.) desde 1949 até 1962, que inclusivamente foi o responsável pela sua montagem. Consigo

¹⁴⁵ Arquivo Distrital de Faro, Livro de Escrituras do notário Mendonça, livro de notas n.º 44a, fl. 99 f. – 100f..

trabalhavam Eduardo Gonçalves (v.), impressor, Rui Maria Nobre (v.), mais conhecido por Miller, compositor, Manuel do Carmo (v.), compositor, Eduardo Rogério da Conceição (v.), compositor, José Martinho dos Santos (v.) e Eduardo dos Santos (v.). Em 1962, Diamantino Cardoso emigrou para a Alemanha e foi Raminhos Santos Bispo (v.), que na altura trabalhava como compositor na Tipografia de *O Algarve* (v.) em Faro, quem assumiu o cargo. Após esta data entraram para o quadro tipográfico João Manuel (v.), impressor, Abílio Figueiredo (v.), compositor, Manuel Amaro, compositor, e Antero Romeira, compositor.

O parque gráfico estava equipado com uma máquina Marinori manual para imprimir o jornal e uma para formato A3, ambas manuais, a que adaptaram posteriormente motor, e duas máquinas pequenas de impressão, destinadas aos trabalhos comerciais; possuía vários armários com tipos, os suficientes para compor 12 páginas de jornal, reforçados com a aquisição dos tipos da Tipografia Socorro (v.), em 1966/1967, e da Tipografia Modelo (v.); uma guilhotina e uma máquina de agraphar a pedal.

O trabalho era distribuído entre os trabalhos de índole comercial e a composição e impressão do semanário *Povo Algarvio*, que se publicava ao domingo e que obrigava, não raro, a jornadas de quarenta e oito horas. A interromper este ritmo de trabalho, estiveram a composição e impressão de várias obras literárias, que se acentuaram durante a década de 50 e de que Manuel Virgínio Pires se orgulhava, cobrando apenas o necessário para remunerar os artistas por esse trabalho, como nos contou Raminhos Bispo. Outro dos trabalhos caros a Manuel Virgínio Pires, de que era muitas vezes o impulsionador, era a edição de separatas do jornal *Povo Algarvio*.

António Vicente Campinas (v.) e Hernâni de Lencastre (v.) foram os autores que mais livros aí fizeram imprimir. O primeiro estreou-se aqui na prosa com o romance *Fronteiriços* (v. catálogo, n.º 235.), datado de 1952, e manteve-se fiel à casa até 1960, ano em que publicou *A prova real: contos* (v. catálogo, n.º 250.). Seis foram os títulos que a Tipografia *Povo Algarvio* imprimiu da vasta obra de António Vicente Campinas, três dos quais apreendidos pela PIDE pouco depois de terem sido postos em circulação (*Fronteiriços*, *Travessia* e *A Ilha dos Sonhos Malditos?*). A ligação que o autor estabeleceu com a oficina passou sobretudo pela relação de amizade que tinha com o chefe da Tipografia, Diamantino Sousa Cardoso, de quem tinha sido colega, nos anos 30, na Tipografia Socorro (v.) de Vila Real de Santo António.

Hernâni de Lencastre, juiz da Comarca de Tavira entre 1949 e 1955, colaborador assíduo do jornal da casa e amigo dos irmãos Pires, também aqui imprimiu três dos seus

livros de poesia, *Jardins suspensos* (v. catálogo, n.º 236.), *Espumas irisadas* (v. catálogo, n.º 240.) e *Poemas da Fonte d'Eros* (v. catálogo, n.º 243.).

Com a chancela da casa saiu apenas, em 1961, a edição póstuma da obra de Isidoro Pires (v.), intitulada *Versos* (v. catálogo, n.º 251.). Foi editada por ocasião da homenagem que lhe foi prestada na cidade e cujo produto da venda reverteu a favor do busto do poeta, executado pelo escultor Raul Xavier. Conta-se apenas uma publicação, visto que o livro *Pontas de Fogo: gazetilhas* (v. catálogo, n.º 241.), recolha das gazetilhas publicadas por Manuel Virgínio Pires no jornal, sob o pseudónimo Zé da Rua, foi custeado pelos artistas da oficina e saiu sob as “Edições CC”, cujas iniciais correspondiam aos apelidos dos tipógrafos. Esta informação é dada pelo próprio autor a Mário Lyster Franco quando lhe remeteu o seu “livrinho”: “A edição é dos rapazes cá da nossa tipografia que quiseram editar a obra.”¹⁴⁶.

O jornal, vigiado, como se sabe, pelos serviços de censura, tinha uma secção nunca descorada por estes serviços: as gazetilhas. Caracteristicamente satíricas, eram alvo de redobrada atenção. De uma das suas intervenções chegou até nós testemunho na gazetilha de Zé da Rua, intitulada “Até parece Carnaval”, cujo “aspecto pornográfico” foi a razão apontada pelos censores para cortar cinco das suas nove estrofes, como se pode comprovar em baixo.

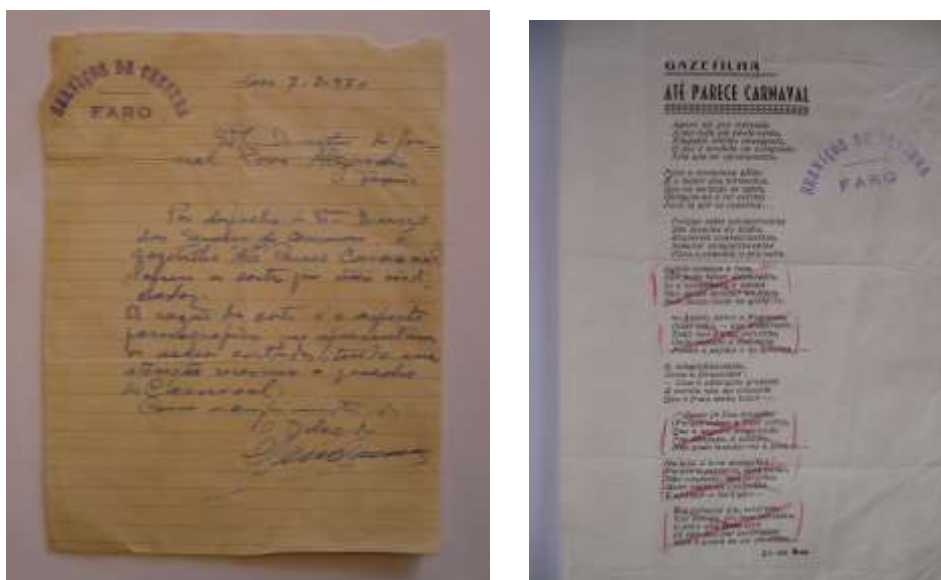


Ilustração n.º 42: carta dos Serviços de Censura de Faro e a Gazetilha censurada.
Fonte: Arquivo Histórico de Tavira, espólio de Manuel Virgínio Pires, caixas 1 e 2.

¹⁴⁶ A citação foi transcrita do cartão que Manuel Virgínio Pires remeteu a Mário Lyster Franco juntamente com o livro, o qual se encontra no espólio do destinatário, depositado no Centro de Documentação da Região de Turismo do Algarve.

Com o falecimento de Manuel Virgínio Pires em 1974, o chefe da oficina, Raminhos Santos Bispo, assumiu a continuidade da oficina. Em 1984 decidiu arcar com as dívidas existentes, reforçou o parque tipográfico com uma máquina de imprimir Grafopress e uma guilhotina e passou a trabalhar como empresário em nome individual.

Em 1988, Maria Eugénia da Conceição Pinto Pires, viúva de Manuel Virgínio Pires manifestou a vontade de desocupar o espaço onde funcionava a oficina e Raminhos Bispo adquiriu à Câmara Municipal de Tavira as instalações na cave direita do lote 4, bloco B, da rua Maria Campina, onde se mantém em actividade até hoje. Foi o fim da Tipografia *Povo Algarvio*, cujo título Raminhos Bispo deu baixa, tendo passado a trabalhar sob a designação Tipografia Tavirense de Raminhos Santos Bispo. Em 1992, constituiu uma empresa familiar, uma sociedade por quotas, intitulada Tipografia Tavirense, Lda., cujos sócios são a mulher, Arminda Marques Carvalho, e os dois filhos, Carlos Manuel Carvalho Bispo e António Manuel Carvalho Bispo. Este último começou a trabalhar com o pai em 1979 e juntos têm adaptado a tipografia aos novos tempos, primeiro ao off-set, em 1990 e, mais tarde, em 1996, ao digital.

**II.I.9.8 Tipografia Tavirense De Raminhos Santos Bispo – V.
Tipografia Povo Algarvio**
**II.I.9.9 Tipografia Tavirense, Lda. – V.
Tipografia Povo Algarvio**

II.I.10 A ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA NO CONCELHO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

II.I.10.1 Tipografia Guadiana (I) (1893 – 1961)

A Tipografia Guadiana foi fundada em Vila Real de Santo António, no ano de 1893¹⁴⁷, por Joaquim António Socorro (v.) e Joaquim António Socorro Júnior (v.), ambos tipógrafos.

A 26 de Novembro de 1893, a oficina deu à estampa *O Petiz* («Órgão Semanal, Independente, Litterario, Noticioso, Charadístico e Recreativo»), que pretendia colmatar o *déficit* intelectual de Vila Real de Santo António, já tão conhecida pelo seu movimento industrial e comercial. Todavia, poucas são as informações que podemos extrair deste jornal acerca da oficina, uma vez que a colecção da Biblioteca Nacional apenas dispõe do primeiro número. Ainda assim, ficamos a saber que em anexo à oficina funcionava “os ateliers de relojoeiro, gravuras em borracha, metal e encadernações”, que a acompanhará ao longo de vários anos. Em 1894, por transferência, a Tipografia Guadiana foi deslocada para Lagos (v.), mais precisamente para a rua da Laranjeira, 22, onde foi montada e dirigida por Joaquim António Socorro Júnior.

Em 1895, ainda em Lagos, a designação da oficina foi alterada para Tipografia Rocha, provavelmente pela entrada de M. A. Rocha Socorro (v.), que nos finais de 1896 a transportou, total ou parcialmente, para Portimão, onde deu à estampa *O Eco Militar* («Órgão Militar Independente. Independência e Ordem. Equidade e Justiça»), (15/08/1897 – ?). Com o novo nome, a oficina regressou ao seu berço entre 1897 e 1899, ficando situada na rua Real de S. José, 85 (actual rua Almirante Cândido dos Reis). Mudou depois para o n.º 91 da mesma rua. Em data não apurada e até à sua extinção, foi transferida para a Rua Pinheiro Chagas, n.º 21 (actual Avenida Ministro Duarte Pacheco).

Em Vila Real de Santo António, imprimiu *A Voz do Guadiana* («Folha Semanal Defensora dos interesses moraes e materiaes do círculo do Guadiana. Imparcial –

¹⁴⁷ Esta é a data em que surge a primeira publicação, mas é também aquela que *A Voz do Guadiana*, n.º 2, datado de 25/06/1899, aponta como data da fundação da oficina. Todavia, em 1956, o *Notícias do Algarve*, propriedade da Tipografia Socorro, afirma que a data de fundação foi em 1891. Tendo em conta o distanciamento temporal a que se situa o *Notícias do Algarve*, considereei como correcta a data apontada pelo *A Voz do Guadiana*.

Independente, literária, noticiosa e recreativa»)¹⁴⁸, entre 18/06/1899 e 26/08/1900, e *O Algarve* («Semanário Popular-Independente, litterario, agrícola, noticioso e anunciador»)¹⁴⁹, entre 06/01 e 24/10/1901. Da consulta do primeiro jornal é possível percebermos que a Tipografia Rocha se encontrava bastante bem equipada e em condições para competir com qualquer oficina de Lisboa, Porto ou Coimbra, em quaisquer trabalhos, à excepção de jornais diários, assegurando apenas a composição e impressão de jornais semanais e bissemanais.

Quanto ao segundo periódico, propriedade da casa, era dirigido e editado por Joaquim António Socorro, administrado por M. A. Rocha Socorro e secretariado por João Severino Rocha da Conceição, todos tipógrafos. Embora de elevado interesse para este trabalho, apenas nos foi possível consultar o n.º 1, pelo que tivemos de recorrer à obra de José Carlos Vilhena Mesquita que o conseguiu consultar até ao n.º 36, datado de 24/10/1901. Segundo este investigador, “o seu espírito e carácter era puramente literário, contendo dezenas de artigos, contos, novelas, poesias e dezenas de folhetins assinados pelo monografista Francisco Xavier de Ataíde Oliveira que, igualmente, subscreveu uma importante secção sobre a história da vila pombalina, da qual veio a aproveitar-se para escrever a sua célebre e única Monografia do Concelho de Vila Real de Santo António, editada em 1908.”¹⁵⁰ Segundo o autor, foi também durante a existência d’ *O Algarve* que a oficina voltou a mudar de designação, assumindo a designação Tipografia Socorro, assim permanecendo até 1961, data da sua extinção. Devo, no entanto, salientar que o jornal *Guadiana* (26/03/1903 – 02/01/1910) continuou a publicitar a Tipografia Rocha até 1910 e que de Maio a Agosto de 1914 a oficina imprimiu o jornal farenses *O Sul* («Semanário Republicano – Defensor dos Interesses da Região») sob a designação Rocha.

Quanto ao seu parque gráfico, das poucas informações que conseguimos recolher, sabe-se que em 1924 comprou o parque da Tipografia Democrática (II) (v.), de Tavira; na década de 50, adquiriu a Tipografia Tenório, Campas & C.ª, Lda. (v.) de Vila Real de Santo António e investiu numa máquina impressora Atena para imprimir jornais a várias cores; e, em Fevereiro de 1960, aumentou as oficinas e remodelou a secção de composição. Segundo o testemunho de Armando António Mendonça Rocha Cruz (v.), a

¹⁴⁸ A colecção da Biblioteca Nacional dispõe apenas do número 2 deste periódico, datado de 25/06/1899.

¹⁴⁹ Das duas cotas existentes na colecção da Biblioteca Nacional, uma tem apenas o número 1 e a outra não está acessível ao leitor, devido ao seu avançado estado de degradação.

¹⁵⁰ MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da imprensa do Algarve – II*, Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1989, p. 526.

oficina dispunha de máquinas de grandes formatos, o que fazia de si uma casa única no sul do país. A própria Imprensa Nacional, sempre que se deslocava ao Algarve, fazia questão de visitar as suas oficinas pela quantidade e variedade de caracteres que a casa dispunha



*Ilustração n.º 43: aspecto do sector de impressão da Tipografia Socorro.
Fonte: colecção particular de Armando António Mendonça Rocha Cruz.*



*Ilustração n.º 44: aspecto do sector de composição da Tipografia Socorro.
Fonte: Catálogo da fábrica a vapor de carimbos de borracha de J.A.Socorro.
Colecção particular de Armando António Mendonça Rocha Cruz.*



Ilustração n.º 45: “Antiga Tipografia Socorro”

Fonte: Aspectos Antigos de Vila Real de Santo António (1): Fotografias dos Arquivos Barbosa e Havaneza, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e ADIPACNA, s.d..

Da frente para trás: Armando Rocha Cruz, Joaquim António Socorro, não identificado, Maria Amélia Socorro.

Após a impressão de *O Algarve* e até à década de 20, a Tipografia Socorro não imprimiu jornais, quer fossem da vila pombalina, ou de outra zona da província, nem se lhe conhece produção de livros. Porém, a partir de 1920, a oficina ganhou um novo vigor, com o seu auge nas décadas de 20 e de 30, imprimindo ao todo vinte e três periódicos da província¹⁵¹.

¹⁵¹ A saber: do concelho de Monchique: 01/02/1926 – 12/10/1928, *O Monchiquense* (começa por ser impresso na Tipografia Socorro, mas depois muda a impressão para a Tipografia Lumen, em Portimão.); do concelho de Silves: 01/02/1924 – 25/12/1925 – *O Messinense* (até ao n.º 17, depois passa a ser impresso em Évora), 26/04/1931 – 23/08/1931 – *Vibração*, 08/12/1935 - 02/02/1936 – *A Rajada*; do concelho de Faro: 31/10/1934 – 10/04/1935 – *O Mocho* (a partir do n.º 4); do concelho de Olhão: 12/02/1948 – 1957 – *Correio Olhanense* (impresso até ao n.º 26), 23/08/1951 – 17/04/1952 – *Gazeta de Olhão*; do concelho de Tavira: 31/01/1929 – 29/06/1930 – *O Gilão* (a partir do n.º 30), 21/11/1929 – 15/03/1931 – *Povo Algarvio* (a partir de 25/05/1930), 27/05/1934 – 20/05/1978 – *Povo Algarvio* (foi aqui impresso até ao n.º 937, de 22/06/1952, e, posteriormente, adquiriu tipografia própria); do concelho de Vila Real de Santo António: 01/02/1920 – 18/04/1920 – *O Sotavento*, 24/12/1922 – 01/06/1924 – *Os Novos* (a partir do n.º 8, mudou a impressão para Évora), 05/06/1924 – 19/06/1924 – *Notícias do Sul*, 02/11/1924 – 27/03/1927 – *A Nossa Terra*, 1.º semestre de 1927 – Nov./1928 – *Eu e o Outro*, 22/05/1927 – *A Verdade*, 29/01/1928 – 23/05/1935 – *Notícias do Sul* (com o n.º 88, mudou a impressão para Évora), 01/12/1930 – 16/01/1931 – *Jornal de Cinema*, Mai./1931 – *A Nossa Terra* (rev.), 20/01/1935 – 18/10/1936 – *Foz do Guadiana*, 22/08/1937 – 27/03/1952 – *Ecos do Sul*, 14/06/1953 – 21/05/1961 – *Notícias do Algarve* e de 22/11/1958 – 26/02/1961 – *O Pinto Calçudo*.



*Ilustração n.º 46: Publicidade dos anos 20 à Tipografia Socorro.
Fonte: O Sotavento, n.º 3, 15/02/1920.*

Como jóia da coroa desta oficina em termos gráficos não posso deixar de referir a revista *A Nossa Terra* («Revista Algarvia») ¹⁵² aqui composta e impressa em Maio de 1931, que pôs à prova a habilidade dos compositores da casa.



*Ilustração n.º 47: capa de A Nossa Terra (azulejo de Jorge Colaço de um dos bancos do Jardim João Serra em Olhão, retratando a chegada ao Rio de Janeiro do caíque Olhanense com a notícia da expulsão dos Franceses.
Fonte: colecção da Biblioteca Nacional.*

¹⁵² Para além do esmero na apresentação gráfica, a revista, dirigida por José Temudo e João Centeno, teve colaboração brilhante: José Guerreiro Murta, Visconde de Vilamoura, Carlos Lyster Franco, Consiglieri Sá Pereira, Conselheiro Luciano Monteiro, Martins Gimenez, Elisa Santos, Eng.º Manuel Roldan, Raul Carneiro, Adelino Mendes, Mário Lyster Franco, Lorjó Tavares, Roberto Nobre, Carlos Selvagem, Rocha Martins, Falcão Trigo, Dr. Humberto Pacheco, Dr. Júlio Dantas, Dr. Sousa Costa, Dr. Cândido Guerreiro, Capitão-Tenente Jayme do Inso, Luthgarda Guimarães de Caíres, Dr. Afonso Lopes Vieira, Branca de Gonta Colaço, João M. Abecassis, Dr. Maurício Monteiro, Dr. Coelho de Carvalho, Maria Arade, Assis Esperança, Arq.º Raul Martins, Ludovico de Meneses, Jorge de S. Basílio, Dr. Justino de Bívar, Dr. Alfredo de Carvalho e Maria Ponce de Castro Centeno. Os ilustradores foram Carlos Lyster Franco, Martins Gimenez, Samora Barros, Falcão Trigo, Humberto Martins, Roberto Nobre e Raul Carneiro.



*Ilustração n.º 48: Quatro aspectos de A Nossa Terra.
Fonte: A Nossa Terra, n.º 1, Mai./1931.*

Em termos de produção literária, a Tipografia Socorro teve nos anos 30 o seu apogeu. Imprimiu nesta década dez livros, quatro deles da autoria de António Vicente Campinas (v.). Foi aqui que foi composto e impresso o seu primeiro livro de poesia, editado pela Livraria Horácio Salvador de Faro, *Aquarelas* (v. catálogo, n.º 313.), com capa de Roberto Nobre. A proximidade entre a Tipografia e António Vicente Campinas deveu-se ao facto de o autor, entre as várias actividades que teve, ter sido aprendiz de tipógrafo nesta oficina durante um período da sua juventude. Calculo que a edição do *Jornal de Cinema* que o autor, com 19 anos, transferiu da Figueira da Foz para aqui, também só foi possível graças a esta ligação. A 23 de Janeiro de 1936, no jornal *Foz do Guadiana*, que António Vicente Campinas fundou e dirigiu, publicou-se um retrato intitulado “Um grupo de Amigos do Nosso Jornal” e onde podemos identificar alguns dos seus colegas da oficina.



Ilustração n.º 49:
Fotografia de “Um Grupo de Amigos do Nosso Jornal”. Podem ver-se Manuel Baptista (v.), Diamantino Cardoso (v.) e Guilherme C. Padesca (v.), todos tipógrafos da Tipografia Socorro.
Fonte: Foz do Guadiana, n.º 28, 23/01/1936.

Quando nos anos 50, António Vicente Campinas retomou um ritmo de publicação intenso, percebemos que a sua casa de impressão distinguida já não é esta oficina, mas sim a Tipografia *Povo Algarvio* (v.) de Tavira. Esta deslocação deveu-se, creio, ao facto de o seu antigo colega e amigo, Diamantino Sousa Cardoso (v.), estar agora ao serviço desta Tipografia Tavirense como chefe de oficina.

De resto, foi Vitória Régia (v.), pseudónimo de Alda Ferreira Mendes, quem escolheu como casa impressora das suas produções a Tipografia Socorro com oito títulos (v. catálogo, n.ºs).

A oficina apresentava em média dez a doze operários e, na década de 50, eram aí compositores António Dionildo Valério do Brito (v.), Avelino Luís Manuel Fernandes (v.), José Bruno (v.) e José Luís (v.). O proprietário, Armando Rocha Cruz (v.) era tipógrafo e administrador da casa, com a colaboração do seu filho Armando António de Mendonça Rocha Cruz (v.).

Por esta altura, a Tipografia Socorro ganhou uma concorrente igualmente bem preparada e com um suporte financeiro substancial, a Gráfica do Sul (v.). Conseguiu manter-se durante os anos 50, mas em 1961 acabou por fechar, vendendo o seu parque gráfico àquela oficina. Os compositores António do Brito e Avelino Fernandes acompanharam a mudança para a nova proprietária e foram eles que fizeram a transferência das máquinas.

**II.I.10.2 Tipografia Rocha – V.
Tipografia Guadiana (I)**
**II.I.10.3 Tipografia Socorro – V.
Tipografia Guadiana (I)**

**II.I.10.4 Tipografia Guadiana (II)
(1903 – 1912)**

A Tipografia Guadiana (II) foi fundada em 1903 pelo Conselheiro Frederico Alexandrino Garcia Ramirez (v.) para dar à estampa o jornal *Guadiana* («Órgão do Partido Progressista»). O jornal publicou-se de 26/03/1903 a 02/01/1910 e a propriedade era de Francisco Malaquias Domingues. João António Carrilho era o director, sendo substituído com o n.º 248 (05/03/1908) por José Pedro Lima, secretário de redacção. O editor foi Eduardo Samudio e o tipógrafo do *Guadiana* foi Raul Folques Flores (v.).

A oficina esteve localizada na rua Frederico Ramirez, 3.

Em 1912, todo o recheio da oficina foi vendido a Carlos Augusto Lyster Franco (v.) e a João Pedro de Sousa (v.), que juntamente com o parque da Tipografia Burocrática de Tavira (v.) originou uma nova oficina em Faro, com a designação Tipografia Democrática (v.).

O *Guadiana* reuniu colaboração de Pinheiro Chagas, Joaquim Rodrigues Davim (v.), Fernando Caldeira, Jaime Quirino Chaves (v.), Cândido de Figueiredo, Afonso Vargas, Mário Monteiro, Carlos Lyster Franco (v.), Bartolomeu Salazar Moscoso (v.), Soares de Passos, Alda Guerreiro, António Macieira, Duarte Lima, João Penha e Raul Martins, Guedes Teixeira, Afonso Lopes Vieira, Domitília de Carvalho, Gomes Leal, Bulhão Pato, Cândido Guerreiro (v.) e Júlio Dantas, entre outros. Não lhe conheço, no entanto, outra produção.

**II.I.10.5 Tipografia Lusitânia
(1921)**

A Tipografia Lusitânia era propriedade da firma Rosa & Rosa, Lda., cujos sócios davam pelo nome de António José R. Rosa (v.) e Eurico G. Rosa (v.). Estava situada na rua D. Francisco Gomes e oferecia trabalhos tipográficos e litográficos, encadernação e uma secção de papelaria e artigos de escritório.

Não me foi possível apurar a data da fundação e extinção desta oficina, porém, sabe-se que em 1921, entre 24 de Julho e 11 de Dezembro, deu à estampa *A Foz do*

Guadiana («Semanário Literário – Noticioso»), de boa apresentação gráfica e com um suplemento de bordados, que saiu em 4 números. O suplemento era da autoria de Alberto Andújar e apresentava monogramas, letras e nomes, que as senhoras podiam aproveitar para colocar ao dispor da arte de agulha e fio. A execução litográfica dos mesmos estava a cargo de Sebastião Barbosa e João Pereira Vasques.

O jornal, que se iniciou como semanário, passou no mês de Outubro a quinzenário, devido ao acumular de trabalhos comerciais e à falta de pessoal gráfico.

II.I.10.6 Tipografia Tenório, Campas & C.^a, Lda. (1929?– 195-?)

A Tipografia Tenório, Campas & C.^a, Lda. era uma oficina dedicada aos trabalhos comerciais, que dispunha também de papelaria. Não apurei qualquer produção de jornais, ou de livros para esta oficina. Em 1929 estava comprovadamente a funcionar, publicando no jornal *Notícias do Sul* um anúncio aos seus serviços.

Do levantamento feito através do *Boletim de Bibliografia Portuguesa*, pude apurar que a oficina imprimiu também folhetos de *Relatórios e Contas* de empresas da região e *Estatutos* de Associações (1938 e 1939).

A oficina foi vendida por Campas à Tipografia Socorro no início dos anos 50.

II.I.10.7 Gráfica Do Sul (1946 – 2008)

Gráfica do Sul foi a designação comercial que a firma Madeira & C.^a, Lda., sua proprietária, atribuiu à oficina de tipografia fundada na rua dos Combatentes da Grande Guerra.

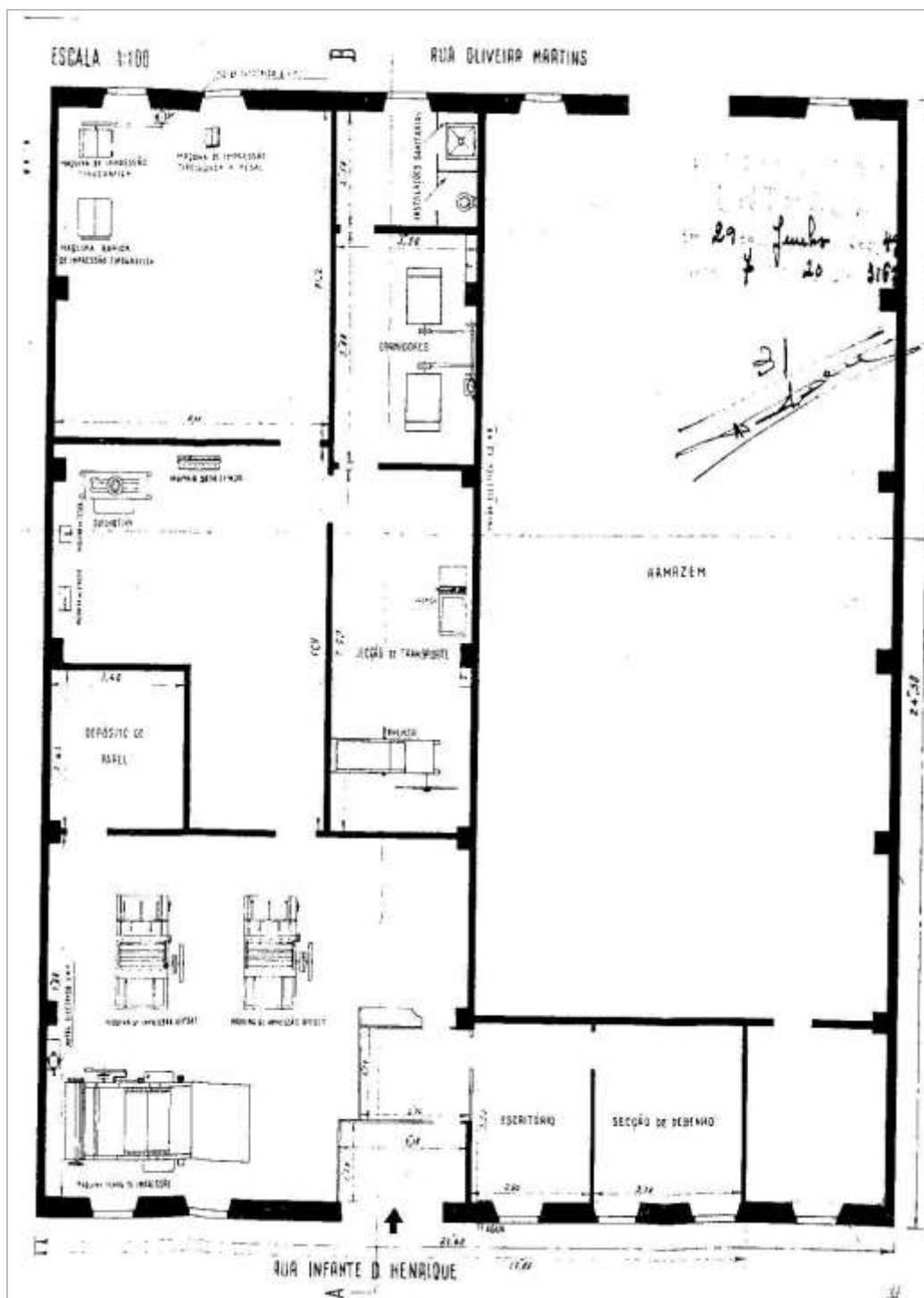
A empresa foi constituída a 27/12/1946¹⁵³ entre João Folque e Brito (v.), industrial, que detinha uma quota de 25.000\$00, Sezinando Oliveira Rosa, padre, com uma quota de 25.000\$00, Sebastião Santos Silva, ajudante de farmácia, com uma quota de 15.000\$00, Jaime António Madeira (v.), tipógrafo, com uma quota de 15.000\$00, e Joaquim de Almeida Mortágua (v.), litógrafo, com uma quota de 15.000\$00. Consta que a empresa surgiu da necessidade de dar ocupação aos dois jogadores do Lusitano Futebol Clube, Jaime António Madeira e Joaquim de Almeida Mortágua, que aliás

¹⁵³ Arquivo Distrital de Faro, Livro de Escrituras do Notário João Domingues Medeiros, livro de notas 49 B., fl. 17f. – 19v., cota NVRSA 447.

tinham preferência na aquisição de quotas, e, por essa razão, a empresa assumiu a designação Madeira & Companhia, Lda..

A 01 de Junho de 1949, entrou para a sociedade um novo sócio, Cláudio Matias de Oliveira, litógrafo de profissão, com uma quota no valor de 50.000\$00. Simultaneamente, todos os sócios reforçaram as suas quotas, aumentando o capital social para 230.000\$00.

Entretanto, um dos sócios e principal impulsionador desta firma, João Folque e Brito, que foi um destacado industrial conserveiro de Vila Real de Santo António, instalou em 1948 uma litografia na Rua Infante D. Henrique, n.º 25. Em Junho de 1949, cedeu a litografia à firma Madeira & C.^a, Lda., que transferiu a tipografia para as instalações da Rua Infante D. Henrique, 25. A partir de então, a oficina passou a designar-se Gráfica do Sul, Tipografia e Litografia de Madeira & C.^a, Lda..



*Ilustração n.º 50: planta da Gráfica do Sul, Tipografia e Litografia de Madeira & C.ª, Lda.
Fonte: Arquivo Distrital de Faro, Fundo da 5.ª Circunscção Industrial, processo n.º 1467.*

A 23 de Dezembro de 1959, a firma Madeira & C.ª, Lda. trespassou a Gráfica do Sul, Tipografia e Litografia, a uma empresa recentemente criada (12/09/1959), a Empresa Litográfica do Sul, Lda., sediada na mesma rua, nos números 17 a 21 e cujos sócios eram praticamente os mesmos que tinham constituído a Madeira & C.ª, Lda.. A saber: João Folque e Brito, com uma quota de 210.000\$00, José Gomes Cumbreira,

100.000\$00, Sebastião Santos Silva, 110.000\$00, Joaquim de Almeida Mortágua, 80.000\$00 e o cónego Sezinando Oliveira Rosa, com uma quota no valor de 80.000\$00. A 05/02/1962, o tipógrafo Jaime António Madeira vendeu a sua quota no valor de 30.000\$00 a João Folque e Brito.

A empresa manteve-se na Rua Infante D. Henrique até Junho de 1967. A nove deste mês, transferiu-se para a Estrada da Praia de Santo António e aí permanece até hoje.

A 28 de Setembro de 1968 entraram novos sócios¹⁵⁴ e a firma transformou-se numa sociedade anónima, passando a denominar-se Empresa Litográfica do Sul, S.A.R.L..

Até 1991, a oficina sempre trabalhou em simultâneo com a secção de tipografia e de litografia. Neste ano, resolveram os sócios autonomizar física e oficialmente a tipografia e foi constituída para o efeito uma nova sociedade, a Tipográfica do Sul – Artes Gráficas, Lda., cujos sócios foram todos os tipógrafos que aí trabalhavam na altura, João Sabino Tenório (v.), António Sebastião Parra Rodrigues (v.), Avelino Luís Manuel Fernandes (v.), António Dionildo Valério do Brito (v.), José Miguel Rodrigues (v.), João Luís Domingos da Costa (v.), João Pedro da Palma Neto (v.), Jorge Correia Lourenço (v.), José Rogério Gonçalves Marques (v.) e Manuel Severino Ferreira (v.), a Empresa Litográfica do Sul, S.A. e a SOGRARA – Gestão Editorial e Gráfica, S.A..

A 04/12/1992, a SOGRARA cedeu a sua quota, a 27/05/1996 foi a vez de Avelino Luís Manuel Fernandes e João Pedro da Palma Neto cederem a sua parte; a 02/12/1998, saiu a Empresa Litográfica do Sul, S.A. e, em Agosto, de 2004 a empresa encerrou definitivamente.

O seu parque tipográfico inicial, ainda enquanto Gráfica do Sul, era composto por uma máquina de impressão tipográfica, uma máquina tipográfica a pedal, uma máquina rápida de impressão, uma máquina de cortar e vincar, uma guilhotina, uma máquina de coser e uma máquina de vincar. Em 1952, a empresa adquiriu mais uma máquina de impressão manual, da marca Diamant e foi reforçando e actualizando o parque progressivamente. Em 1991, quando a secção de tipografia se autonomizou, a oficina contava com vinte e oito cavaletes com tipo manual, cinco mil quilos de chumbo, duas máquinas de composição mecânica Intertype, duas serras eléctricas, cinco

¹⁵⁴ Nesta data eram sócios João Folque e Brito, Raul Folque e Brito, José de Brito Folques e Maria de Brito Folque Socorro, José Gomes Cumbreira, Jorge Alberto Farinha, Maria José Marques Horta Mortágua e filha Maria de Fátima Horta Mortágua. Foram admitidos Ivo Neto Madeira Nobre, Pedro Martins Socorro, Sérgio Filipe Marques Baptista, Francisco Aguilera Cardoso e Joaquim Palma do Ó.

máquinas Heidelberg de impressão e respectivas bancadas, uma máquina Heidelberg plana de impressão cilíndrica e respectiva bancada, uma máquina de fundição de material branco, uma caldeira para chumbo, uma guilhotina, uma máquina de gravação de chapas (tipo), duas máquinas de impressão manual, uma máquina de agrafar, uma máquina de cantar, uma máquina de picotar, uma máquina de vincar, uma máquina de punção, uma máquina de furar e um prelo de provas. Em 1995, entrou na casa a primeira máquina de off-set, uma Gaestetner 311.



*Ilustração n.º 51: máquina de impressão manual.
Fonte: parque da Empresa Litográfica do Sul, S.A.*



*Ilustração n.º 52: máquina de cantar.
Fonte: parque da Empresa Litográfica do Sul, S.A.*



*Ilustração n.º 53: máquina de picotar e vincar.
Fonte: parque da Empresa Litográfica do Sul,
S.A.*



*Ilustração n.º 54: máquina de agrafar.
Fonte: parque da Empresa Litográfica
do Sul, S.A.*

Quanto à produção da Tipografia, podemos afirmar que foi uma das que maior vigor apresentou durante o século XX, a par da Farense Tipografia União (v.). As suas instalações e o parque tipográfico, assim como um quadro de oficiais fixo em quem os autores confiavam e com quem mantinham relações de amizade, foi certamente determinante para a elevada produção tipográfica. Esta empresa nunca teve, todavia, qualquer propensão editorial. Tratou-se sempre de uma casa impressora, entendida e gerida empresarialmente.

Como se pode comprovar pelo catálogo, Elviro Rocha Gomes (v.) foi o autor que mais publicações aí deu a compor e a imprimir. De acordo com o testemunho de João Sabino Tenório (v.), Elviro Rocha Gomes construiu, ao longo dos anos em que frequentou a casa, uma relação próxima com os tipógrafos, nomeadamente com Sebastião Parra Rodrigues (v.), que lhe preparava os originais e compunha os seus textos, e com João Tenório, que estava encarregue de lhe entregar as provas, as quais Elviro Rocha Gomes impreterivelmente devolvia devidamente corrigidas no dia seguinte, viajando de comboio pela manhã de Faro para Vila Real de Santo António. João Tenório lembra que mesmo depois da Tipográfica do Sul – Artes Gráficas, Lda. ter adquirido a máquina de impressão para off-set, o autor sempre preferiu a produção tipográfica. Uma das marcas dessa amizade são os livros autografados que Elviro Rocha Gomes fazia questão de oferecer aos dois tipógrafos, sempre que publicava um novo livro.

- II.I.10.8 Empresa Lito Gráfica Do Sul, Lda. – V.
Gráfica Do Sul**
- II.I.10.9 Empresa Litográfica Do Sul, Lda. – V.
Gráfica Do Sul**
- II.10.10 Empresa Litográfica Do Sul, S.A.R.L. – V.
Gráfica Do Sul**
- II.I.10.11 Empresa Litográfica Do Sul, S.A. – V.
Gráfica Do Sul**
- I.I.10.12 Tipográfica Do Sul – Artes Gráficas, Lda. – V.
Gráfica Do Sul**

II.II CARACTERIZAÇÃO DA ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA ALGARVIA

O capítulo anterior apresentou o levantamento da actividade tipográfica no Algarve o mais pormenorizadamente possível, estando por isso a informação espartilhada pela divisão geográfica por que se optou. Tendo por base os dados inventariados, pretende-se agora dar uma dimensão regional da actividade, caracterizando-a quanto à sua origem, evolução, proprietários, tipógrafos, parque e produção.

II.II.1 A Origem E A Evolução Da Actividade

Após três séculos sem quaisquer indícios de actividade tipográfica no Algarve, é em oitocentos que a província volta a introduzir esta arte no seu quotidiano. Data de 1833 o documento mais antigo que conhecemos: *Chronica do Algarve*, assim se designou o folheto. Tratou-se de um prospecto, apresentado como órgão oficial das tropas liberais e do partido constitucionalista de D. Pedro, que publicitava o surgimento de um periódico com o mesmo nome. Dizia-se impresso na “Imprensa do Governo”. Conquanto esta informação nos conduza a uma conclusão óbvia, a de que a primeira oficina da época moderna foi de iniciativa pública, as circunstâncias envolventes levam-nos a uma suspeita, a qual, infelizmente, não podemos, por enquanto, ver dissipada: a de que seria uma oficina ambulante que acompanhava as tropas liberais, para fazer a sua própria propaganda, não estando limitados, portanto, às contingências das zonas por onde passavam.

Ainda assim, temos o mote dado para o reaparecimento da tipografia no Algarve: o seu carácter ideológico¹⁵⁵ e a sua relação embrionária com a imprensa

¹⁵⁵ Para uma apresentação mais objectiva dos dados, classifiquei as oficinas como de origem “industrial”, quando a sua motivação foi a de exercer uma actividade profissional com vista ao lucro, e de origem “ideológica”, quando a sua motivação foi subsidiária da fundação de um periódico. Nas de origem ideológica, enquadram-se sete tendências: a constitucionalista, a progressista, a regeneradora, a republicana, a religiosa, a noticiosa e a regionalista. Permite-se-me acrescentar que entendi como periódico de feição “noticiosa”, os que surgiram a partir da década de 90 do século XIX, sem filiação partidária, cujo objectivo era apenas o de informar o público e combater o sectarismo da imprensa coeva. As notícias aí publicadas têm normalmente o limite geográfico do local (cidade ou vila) onde o periódico é publicado e, por vezes, transcrevem dos principais jornais da capital, notícias de interesse nacional (sobre este tipo de imprensa, consulte-se TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.^a ed. rev. e aum., Lisboa, Editorial Caminho, pp. 211 e segs.). Distinguem-se estes dos de índole “regionalista”: surgiram a partir dos anos 20 do século XX e, embora tenham também um carácter noticioso, predominam as preocupações relacionadas com o desenvolvimento da região onde se inserem. Publicam estudos regionais sobre arqueologia, história, etnografia, literatura, artes, etc., entrevistas com

periódica, que, como veremos, foram particularidades que se mantiveram em quase todos os concelhos.

Dos dez concelhos trabalhados, a causa do aparecimento da actividade em oito deles é ideológica. Apenas Tavira, em 1882, e Vila Real de Santo António, em 1893, viram surgir as suas primeiras oficinas tipográficas por razões industriais. Analisando os dados compilados numa perspectiva diacrónica, esta é uma marca que acompanhou a fundação das várias oficinas. Das oitenta e nove (89) inventariadas, quarenta e sete (47) tiveram uma motivação industrial e as restantes quarenta e duas (42) apresentaram uma motivação ideológica. A marca ideológica registada na origem da actividade só começou a ser invertida a partir de 1950, data a partir da qual as doze (12) tipografias fundadas tiveram um carácter industrial.

Quanto à evolução cronológica do aparecimento de oficinas, pudemos constatar que durante o século XIX existem dois concelhos que se diferenciam: Faro, com a instalação de doze (12) tipografias, e Lagos, com oito (8) oficinas. Não será de estranhar a liderança de Faro, uma vez que o seu estatuto é a de capital do distrito; no entanto, o posicionamento de Lagos pode suscitar alguma surpresa, tendo em conta que se situa a dezenas de quilómetros daquela, dilatados pelas débeis vias de comunicação, o que dificultava o usufruto da sua actividade administrativa, comercial e intelectual, cuja dinâmica se desvanecia, normalmente, à medida que se afastava deste centro, que é a sede de distrito.

Quadro n.º 1: Evolução cronológica do aparecimento da actividade tipográfica

	DÉCADAS	LAGOS	PORTIMÃO	LAGOA	SILVES	LOULÉ	S. BR. ALPORTEL	FARO	OLHÃO	TAVIRA	V.R.S.A.	TOTAIS
SÉCULO XIX	1830							1				1
	1840	1						3				4
	1850											0
	1860	2										2
	1870	1		2		1		5				9
	1880	1		1			1	2	1	2		8
	1890	3		1			1	1	1	1	1	9
SÉCULO XX	1900	1		1		2		3	1	1	1	10
	1910			2	1	2	1	2	2	1		11
	1920	1		3		1	2	3	1	1	2	14
	1930	1						3				4
	1940						2		1	1	1	5
	1950			1				1	1			3

personalidades importantes do ou para o meio, dão a conhecer e promovem factos e acontecimentos que visam a valorização da região.

	1960		1					3			4
	1970						1				1
	1980	1	1			1		1			4
	TOTAIS	12	13	1	4	9	1	26	11	7	89

Lamentavelmente, não foram ainda empreendidos estudos aprofundados sobre a vida comercial e industrial de Lagos durante o século XIX, que nos permitam afirmar de modo indiscutível o seu dinamismo e justificar assim os dados agora apresentados sobre a actividade tipográfica no concelho. Não obstante, a consulta dos periódicos lacobrigenses desta época permitiu-nos perceber que existia aqui um escol intelectual que promoveu e alimentou a indústria tipográfica. Lembro que o concelho de Lagos foi o primeiro a defender os ideais republicanos através do jornal *O Echo do Algarve* (09/09/1868 – 23/05/1869), o primeiro a publicar um jornal diário, o *Diário do Algarve* (Dez./1872 – 1873), aventura que apenas cinquenta anos decorridos Faro teve a ousadia de repetir, e, finalmente, o primeiro concelho a entender a arte tipográfica como uma actividade que exigia profissionalismo, tendo, em 1872, Augusto Feio Soares de Azevedo (v.) contratado os primeiros tipógrafos profissionais para trabalhar na província¹⁵⁶. De salientar que foram estes profissionais, primeiramente instalados em

¹⁵⁶ Parece-me de interesse registar aqui alguns acontecimentos culturais que marcaram a vida do concelho de Lagos, durante o século XIX, dos quais tive notícia, quer na imprensa periódica, quer no Arquivo Histórico de Lagos. Trata-se de um pequeno registo apenas, organizado por ordem cronológica:

1862 – foi constituído o Teatro Gil Vicente, propriedade da Companhia Teatral Lacobrigense. Esta sociedade foi constituída a 03/06/1862, localizando-se na Rua do Assento (actual Rua Cândido dos Reis), e os seus sócios fundadores foram: Joaquim Saturninho de Oliveira Soares da Rocha (dir.), António Francisco Ribeiro Guimarães (vice-dir.), António José da Cunha (vogal), Sezinando Augusto Ferreira (secretário) e Joaquim José Marques Ferreira (tesoureiro).

1868 – foi inaugurada a primeira escola de instrução primária, através dos fundos deixados em testamento pelo Conde Ferreira;

1869 – estava em actividade a Comissão Artística Lacobrigense, cuja data da fundação me foi impossível determinar. Estava aberta ao público a livraria de António Augusto Lobo de Miranda, agente da livraria Enciclopédia que proporcionava: “quaisquer obras literárias ou científicas quer francesas ou nacionais, bem como quaisquer objectos para escritório ou desenho, álbuns, fotografias, estampas, passe-partouts, mapas geográficos, assim como também nela se assina para todos os jornais portugueses ou franceses.” (*Echo do Algarve*, n.º 22, 31/01/1869);

1872 – foi fundado o Clube Artístico Lacobrigense, que criou, em Outubro desse ano, a escola nocturna para o sexo masculino;

1873 – estava em actividade por conta própria um encadernador, instalado na travessa do Mineiro, n.º 15;
1875 – a 22 de Janeiro, o Centro União – sociedade de recreio e instrução, cuja data de fundação não consegui determinar, inaugurou a sua escola, assim como um gabinete de leitura e biblioteca. O professor responsável era Luís de Azevedo.

1880 – quarenta e dois cidadãos associaram-se às comemorações do centenário de Camões, criando a Biblioteca Popular Camões, que foi inaugurada com toda a pompa a 01/06/1880 nas instalações da escola Conde Ferreira. Os livros tiveram proveniências distintas, nomeadamente, em maior percentagem foram procedentes do governo, depois de associações, academias, redacções de periódicos, escritores, e, finalmente, outros não especificados. (*Livro da Criação da Biblioteca Luís de Camões. Registo de Factos, 1880*. Livro depositado no Arquivo Históricas de Lagos, com a cota 264.)

Lagos, que iniciaram a arte noutros concelhos do Algarve, nomeadamente, Portimão, Silves e Tavira, aí transmitindo os seus conhecimentos e as bases da sua profissão.

Foi somente a partir da década de 70 que a actividade se começou a disseminar pela província, estando generalizada apenas na década de 90. O período compreendido entre 1870 e 1920 foi o que registou maior número de instalação de tipografias por década, entre nove a catorze, assinalando-se um pico na década de vinte, com catorze novas oficinas fundadas em toda a província. Na década seguinte, decaiu para quatro, não recuperando mais esta pujança. Estes números estão relacionados, em primeiro lugar, com motivações políticas: no que diz respeito ao período compreendido entre 1870 e 1890, podemos constatar que foram instaladas nesta época quatro (4) das seis (6) tipografias de partidários do Partido Progressista, uma (1) das cinco (5) instaladas por adeptos do Partido Regenerador e sete (7) das treze (13) oficinas fundadas sob a ideologia republicana; em segundo lugar, esteve o crescimento da indústria piscatória e conserveira no virar do século, que constituiu um dos principais clientes das oficinas situadas nos concelhos do litoral; finalmente, a forte consciência regionalista, desencadeada pelo I Congresso Algarvio, realizado em 1915. O Congresso originou uma onda de entusiasmo regionalista por toda a província, em especial entre os alunos do Liceu de Faro, que participaram nesta iniciativa como espectadores, mas cuja mensagem viria a entranhar-se na sua formação e a materializar-se a partir da década de 20¹⁵⁷. Ao abrigo deste estímulo, associaram-se grupos de indivíduos que instalaram oficinas para publicarem jornais de propaganda regionalista, livros de autores algarvios,

¹⁵⁷ De modo a ilustrar esta afirmação, parece-me importante lembrar o testemunho de Mário Lyster Franco sobre o modo como viveu o I Congresso Algarvio: “Apesar da minha tenra idade [13 anos] confesso que avidamente acompanhei todas as sessões. Reuni caprichosamente uma colecção das teses, visitei todas as exposições que então se realizaram, e algumas foram bem interessantes, as quais curiosamente tiveram os seus pavilhões na avenida, que pouco depois tomou o nome de Tomás Cabreira, julgo que em homenagem ao seu labor desenvolvido neste Congresso, onde justamente pugnou pelo desenvolvimento turístico do Barlavento Algarvio. (...)”

(...) É claro que a timidez da idade não me permitia discutir nem tomar parte nas sessões. Contudo, bebia as palavras pronunciadas por Tomás Cabreira que foi, sem sombra para dúvidas, o grande orador de todo o Congresso defendendo várias teses e magníficos pontos de vista do mais alto interesse para o Algarve. Do mesmo modo me interessei pelas lições realizadas por outros congressistas, como por exemplo Luís Mascarenhas, José Francisco da Silva, Paula Nogueira, José Parreira, António Baião, Aníbal Lúcio de Azevedo, etc..” In MESQUITA, José Carlos Vilhena, *Confidências e Revelações de Mário Lyster Franco*, Faro, AJEA Edições, 2005, p. 37.

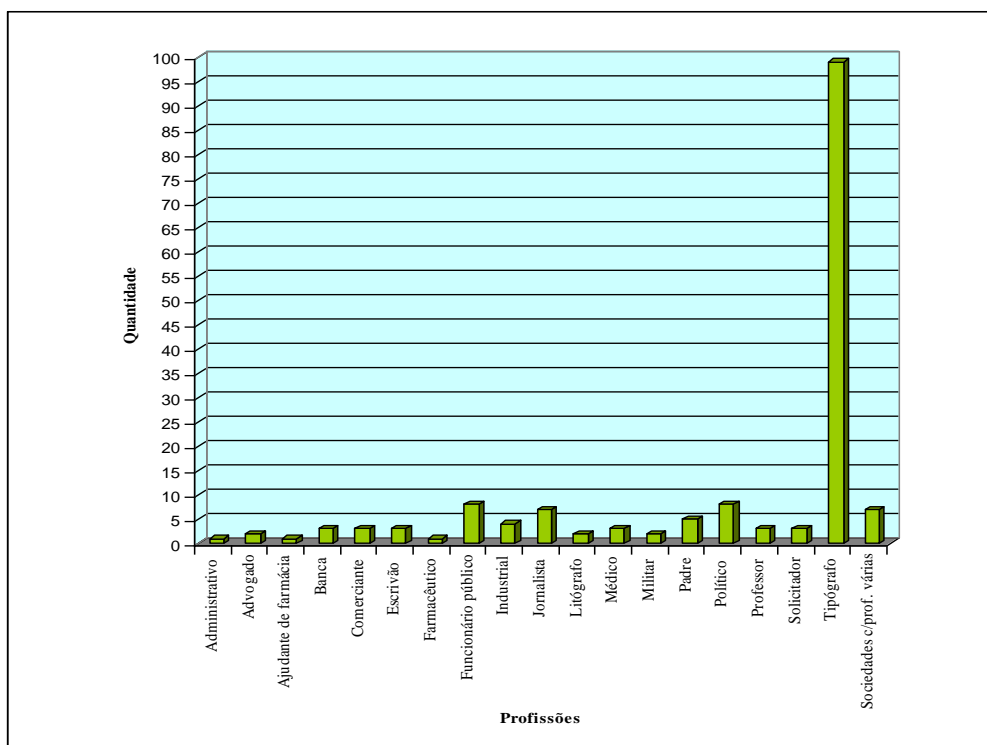
Foi esta experiência que o levou e a José Centeno Castanho a fundar o semanário *O Algarvio* («Semanário de Propaganda Regionalista»), que se publicou entre 18/05/1919 e 16/11/1919. Era o órgão da Associação Pró-Algarve – Liga Algarvia de Propaganda Regionalista, nascida “duma ideia sublime que brotou do espírito da mocidade do Liceu de Faro” e que pouco depois alterou a sua designação para Pró-Algarve – Liga Algarvia de Propaganda Autonomista, pois para além do “desenvolvimento económico, intelectual e artístico do Algarve”, pretendia a “realização da autonomia administrativa” da região.

estudos regionais, cujo grande propósito assentou no desenvolvimento económico, intelectual e artístico do Algarve. Foi neste período que surgiram as duas primeiras editoras oficiais na região para dar forma a estas aspirações: a Editora Olhanense, Lda. (proprietária da tipografia com o mesmo nome – v.), com sede em Olhão, e a Regional Editora, Lda. (proprietária da tipografia com o mesmo nome – v.), em Faro.

II.II.2 Os Proprietários Das Tipografias

Atendendo a que nem sempre foi possível determinar o proprietário de todas as oficinas, identificámos ainda assim, de forma inequívoca, cento e sessenta e cinco (165) proprietários¹⁵⁸ das oitenta e nove (89) oficinas inventariadas. Destes, noventa e nove (99) são tipógrafos e os restantes sessenta e seis (66) ocupam profissões alheias à actividade: são políticos (8), sociedades com profissões várias, principalmente liberais (7), jornalistas (7), funcionários públicos (7), padres (5), industriais corticeiros e conserveiros (4), solicitadores (3), professores (3), médicos (3), escrivães (3), comerciantes (3), funcionários bancários (3), militares (2), litógrafos (2), advogados (2), farmacêuticos (1), ajudantes de farmácia (1) e administrativos (1).

Gráfico n.º 1: Profissões dos proprietários das tipografias



¹⁵⁸ Para apresentar dados relativos às profissões dos proprietários, tomou-se como critério adoptar aquela a que o indivíduo se dedicou por mais tempo, visto que a maioria desempenhou várias profissões, quer em simultâneo, quer ao longo da sua vida.

Estes números mostram-nos que efectivamente as oficinas tipográficas estiveram em maior número nas mãos de tipógrafos; todavia, podemos também perceber que uma enorme percentagem, quarenta por cento, esteve associada a um grupo de indivíduos com níveis de instrução bastante elevados, que se serviam da oficina como um instrumento necessário para veicular determinadas ideologias: políticas, religiosas, sociais ou culturais. Por conseguinte, a tipografia algarvia é utilizada não só como uma pequena indústria mas também como um instrumento de poder, tal como já tínhamos visto a propósito da sua origem maioritariamente ideológica.

II.II.3 Os Tipógrafos

Quando tentamos traçar o perfil do tipógrafo algarvio do século XIX, a sua característica principal é a incompetência técnica, apesar de minimamente instruídos. Nunca tiveram qualquer formação profissionalizante e os primeiros vinham inclusivamente de outras áreas profissionais, o que não facilitava a adaptação a uma nova actividade. Não posso deixar aqui de relembrar as palavras de José Teixeira Simões sobre a tipografia onde se imprimia *O Echo do Algarve*, de que era único redactor:

“É impresso numa tipografia, que foi fundada por um cavalheiro, que ainda até então, não havia visto uma imprensa! O jornal é composto por dois tipógrafos, *inventados* pelo seu redactor e instruídos pelo dono da tipografia, - um alfaiate e um carpinteiro, e mais dois rapazes aprendizes já destes, não tendo aqueles, de sua vida, visto se quer um tipo!

Dos impressores não falamos; foram recrutados pelo mesmo sistema.”¹⁵⁹

Por norma, e refiro-me aos dois séculos em análise, o tipógrafo algarvio tornou-se profissional através do “aprender-fazendo”, na escola que é a própria oficina. Com uma idade média compreendida entre os dez e os doze anos, entravam nas oficinas como aprendizes e aí se especializavam, ou na composição, ou na impressão, ou nos acabamentos. Não obstante, deveriam adquirir polivalência técnica, dominando as especificidades dos três sectores. Esta circunstância está naturalmente relacionada com a dimensão humilde da maioria das oficinas da província, que não podiam permitir que a ausência do seu único impressor, por exemplo, prejudicasse o andamento normal dos trabalhos a executar.

¹⁵⁹ *Echo do Algarve*, n.º 33, 18/04/1869.

Dos vários tipógrafos, cujo testemunho recolhi, apenas os mais novos, e nem todos, admitiram ter complementado a sua aprendizagem recorrendo a manuais da área.

Somente decorridos trinta e nove anos após o reaparecimento da arte tipográfica no Algarve, é que se contratou, em Lagos, o primeiro tipógrafo profissional. Em 1872, Augusto Feio Soares Azevedo (v.), querendo publicar o jornal *Gazeta do Algarve*, contratou em Lisboa o director para a sua oficina, Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa (v.), e, pouco depois, o também tipógrafo lisbonense, Jaime Quirino Chaves (v.).

Ambos, sobretudo Jaime Quirino Chaves, tiveram uma enorme importância na expansão da indústria tipográfica. Começaram por formar escola em Lagos, deslocando-se depois para Portimão. Primeiro foi Jaime Quirino Chaves, contratado para administrador da primeira tipografia portimonense, e, em seguida, Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa foi dirigir a segunda oficina instalada neste concelho. Jaime Quirino Chaves inaugurou ainda a arte tipográfica nos concelhos de Silves (Tipografia *A Defesa do Povo* – v.) e de Tavira (Tipografia Burocrática – v.). Entretanto, passou por Faro, acompanhando o parque da Tipografia de Luís Mascarenhas (v.), que dirigia desde os tempos de Portimão, e terminou a sua carreira de tipógrafo e de mestre em Olhão, na Tipografia Democrática (v.), de que foi também, e pela primeira vez, proprietário.

Quanto a Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa, deslocou-se para Faro, após a sua estada em Portimão, onde trabalhou na Tipografia de *O Comércio do Sul* (v.) e constituiu uma sociedade com João Frederico Tavares Belo (v.), formando a Tipografia de J. F. Tavares Belo & C.^a (v.). Após esta experiência na capital da província, partiu para Paris de onde colaborava na imprensa portuguesa de feição republicana. Na verdade, ambos os tipógrafos colaboraram assiduamente na imprensa regional, granjeando da convivência e da amizade de vários intelectuais algarvios.

Deste primeiro naipe de tipógrafos, há também que destacar três tipógrafos algarvios, aprendizes dos dois antes mencionados, por terem participado quer na inauguração da arte tipográfica em concelhos como Silves ou Loulé, quer por terem instalado e dirigido novas oficinas: António Cândido de Mira Escalço Vieira (v.), João de Sousa Guerreiro (v.) e António Martins Cipriano (v.).

Dos tipógrafos que marcaram a actividade no decorrer do século XX pelo seu papel de mestres da arte ou por terem sido verdadeiros dinamizadores culturais, devemos destacar Francisco da Conceição Paula (v.), em Lagos, Augusto de Mira Leal e Luís Moutinho (v.), em Portimão, Anastácio Guerreiro Dourado (v.), em Loulé, Mateus

Lima (v.), Mário Lima (v.), José da Piedade (v.), Manuel Augusto Ferro (v.), Armelino Mendes da Assunção Cáxima (v.) e Luís Féria Pavão, todos em Faro, José de Sousa Ferradeira (v.), José Fernandes Lisboa (v.) e João Gualberto Lázaro (v.), em Olhão, Virgílio Correia Monteiro (v.), Diamantino Sousa Cardoso (v.) e Raminhos Santos Bispo (v.), em Tavira, e, finalmente, Joaquim António Socorro (v.) e Armando Rocha Cruz (v.), em Vila Real de Santo António.

II.II.4 O Parque Tipográfico

Em geral, a indústria tipográfica no Algarve caracterizou-se ao longo dos dois séculos por pequenas unidades de produção, oficinas modestas, cujo parque foi quase sempre adquirido em segunda mão. É altura de lembrar que um dos primeiros prelos a funcionar na região foi resultado da habilidade do seu proprietário, Rafael Paz Furtado (v.), que o construiu de forma rudimentar.

De resto, nas designadas “casas de obras”, ou seja, oficinas dedicadas apenas a trabalhos comerciais, o parque característico era formado por uma máquina de impressão manual tipo Minerva usada para trabalhos de pequenas dimensões, material de composição – três a cinco cavaletes – uma máquina de coser, uma de cantar, uma de agrafar e uma guilhotina, todas manuais. Nas oficinas que imprimissem jornais, há a acrescentar uma máquina de impressão para grandes formatos. Obviamente que a quantidade destas máquinas por oficina varia de acordo com as respectivas dimensões.

Na década de 50, foi introduzida a composição mecânica com as máquinas Intertype. Na década de 70, de forma muito tímida, foi introduzido o sistema off-set¹⁶⁰, que só se vulgarizou na maioria das oficinas a partir da década de 90.

Com grande dinamismo no que à aquisição de material tecnologicamente avançado concerne, encontramos o concelho de Vila Real de Santo António, que se destacou, em primeiro lugar, com a Tipografia Socorro (v.), e depois com a Gráfica do Sul, Lda. (v.), e o concelho de Loulé, com a Tipografia Comercial (v.), que a partir da década de 80 se tem assumido progressivamente como pioneira na adopção de novas tecnologias. Curiosamente, ainda mantém activo o sector tipográfico.

O estado actual da arte na região caracteriza-se precisamente pela coexistência do sistema tipográfico e do off-set, num regime de complementaridade, podendo ainda

¹⁶⁰ O levantamento levado a efeito, demonstrou que a Tipografia Costa & Silva, de Lagoa, foi a primeira casa que adoptou o off-set, precisamente no ano de 1970. Inicialmente, a oficina só possuía este sistema, razão por que não foi contemplada neste estudo. Só mais tarde instalou um sector tipográfico, visto que o sistema não estava ainda vulgarizado e a procura incidia sobretudo sobre trabalhos de origem tipográfica.

encontrar-se oficinas a trabalhar apenas com o sistema tipográfico, como são os casos da Tipografia Minerva do Comércio (v.), de Portimão, ou da Tipografia Louletana, Lda. (v.), de Loulé.

II.II.5 A Produção Tipográfica

Como já afirmámos anteriormente, o aparecimento da tipografia esteve muito dependente da imprensa periódica. Todavia, a sobrevivência das oficinas dependeu sempre do volume de trabalhos realizados para o comércio e indústria, pois o jornal era frequentemente uma fonte de despesas, difícil de suportar, embora constituísse simultaneamente uma boa promoção da casa. Deste modo, ainda que não possamos apresentar números, visto que este trabalho se centra apenas na produção literária, não temos dúvidas em afirmar que a produção característica das oficinas algarvias foi constantemente a produção comercial, industrial e publicitária. O livro ou o folheto têm sido, no total da sua produção, uma minoria e até mesmo as oficinas que apresentam maior número de produção literária, como a Tipografia União (v.), de Faro, têm uma memória reduzida desses trabalhos, pois representavam uma ínfima parte das obras realizadas.

Um levantamento de toda a produção tipográfica, e não apenas da literária, dar-nos-ia certamente dados relevantes sobre a vida comercial, industrial, cultural e social da região, podendo até desvendar instituições, sociedades, associações, das quais os nossos arquivos, por vicissitudes várias, não guardam já memória.

CAPÍTULO III

III.I A PRODUÇÃO LITERÁRIA IMPRESSA NO ALGARVE

DURANTE OS SÉCULOS XIX E XX

III.I.1 Nota Preliminar

O título é ambicioso, quase provocatório. Contudo, o objectivo era efectivamente apurar toda a produção literária da região algarvia saída dos prelos, desde o reaparecimento da tipografia na região até ao seu último suspiro. Ingenuidade, talvez. Fez-se a pesquisa, o mais exaustivamente que nos foi possível, e, à medida que avançava, percebia, cada vez com mais clareza, que os títulos encontrados, às vezes de forma inesperada, não constituiriam mais do que uma amostragem desta nossa “produção literária impressa no Algarve durante séculos XIX e XX”. As produções em folhas soltas ou em pequenos folhetos, por exemplo, foram uma prática constante ao longo do século XIX e inícios do século XX, o que dificulta, dada a fragilidade do seu suporte, a respectiva preservação. Felizmente, temos ainda provas dessas produções em escritores como Joaquim Rodrigues Davim (v.), Bartolomeu Salazar Moscoso (v.), ou João Lúcio (v.).

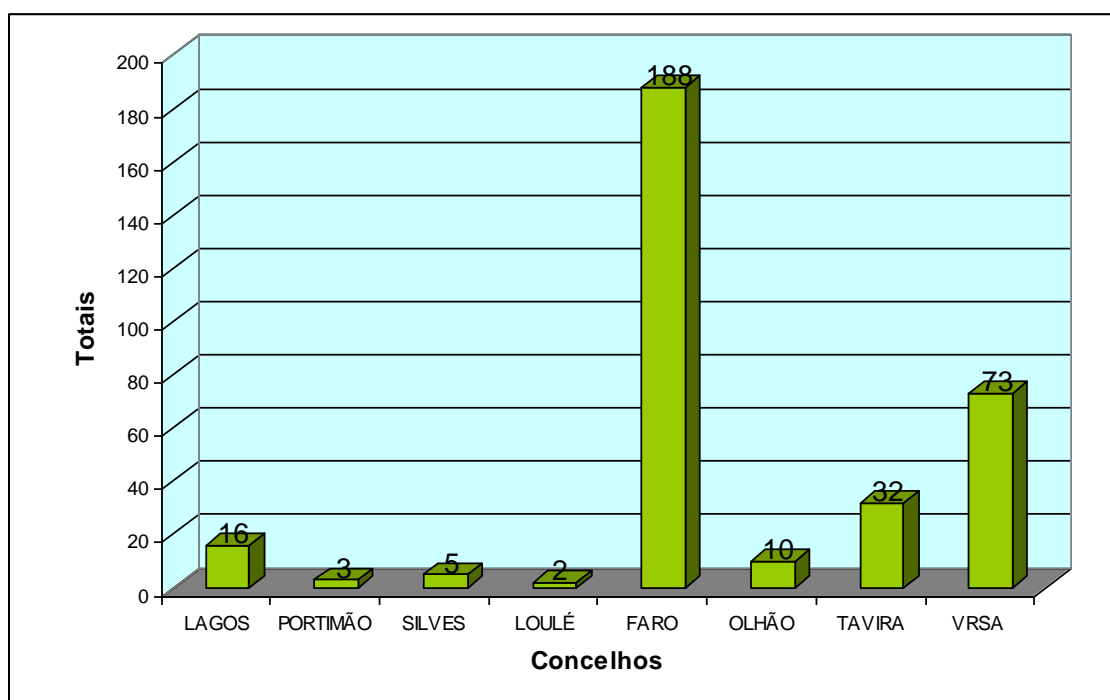
É com esta consciência que se redige o presente capítulo e se apela à colaboração de eventuais leitores que tenham dados complementares, para colmatar as inevitáveis lacunas do catálogo que no momento se apresenta. Ainda assim, creio que as produções que possam aparecer e que enriquecerão obviamente a bibliografia literária algarvia, reforçarão também as conclusões que agora se expõem.

Feita a ressalva, debruçemo-nos sobre esta amostra que considero, apesar de tudo, expressiva e esclarecedora quanto à actividade literária no Algarve. Permite-nos desenhar uma geografia literária, identificando os principais centros de produção; permite-nos reconhecer as tipologias documentais com mais expressão e os modos literários mais editados; finalmente, permite-nos aproximarmo-nos da teia da produção literária algarvia: autores, movimentos literários, textos, oficinas e leitores.

III.I.2 Centros De Produção Literária

O principal foco da produção literária algarvia é, sem surpresas, o concelho de Faro, com cento e oitenta e oito (188) publicações. A capital é seguida por Vila Real de Santo António com setenta e três (73), Tavira com trinta e duas (32), Lagos com dezasseis (16), Olhão com dez (10), Silves com cinco (5), Portimão com três (3) e Loulé com duas (2).

Gráfico n.º 2: Distribuição da produção literária por concelhos



A relevância de Faro deve-se, naturalmente, ao seu estatuto de capital de distrito, centro administrativo da província, sede da diocese do Algarve e, de não menos importância, ao facto de, por largos anos, ser a única cidade algarvia a possuir um liceu. Esta situação beneficiava a cidade, que tinha assim condições para um natural dinamismo cultural. São, na verdade, em grande percentagem, professores e alunos do liceu os autores das publicações deste concelho.

Vila Real de Santo António é o segundo principal centro de produção literária. Trata-se de um concelho marginal, relativamente à sede de distrito, e eminentemente industrial. Todavia, foi esta sua última característica, a principal razão de a encontrarmos como o segundo centro de produção. Ao longo da segunda metade do século XIX e primeira do século XX, sempre apresentou grande dinamismo e empreendedorismo industrial, nomeadamente, no sector das pescas e conservas, que se estendeu a outros ramos de actividade como, por exemplo, as artes gráficas. Nesta área, como vimos no segundo capítulo do presente trabalho, Vila Real de Santo António foi um dos concelhos considerados como tecnologicamente mais avançados, apresentando-se até à década de 80, como pioneiro na aquisição e renovação do parque tipográfico. Este factor, decisivo para uma prática de preços mais competitiva foi determinante para encontrarmos Vila Real de Santo António na segunda posição.

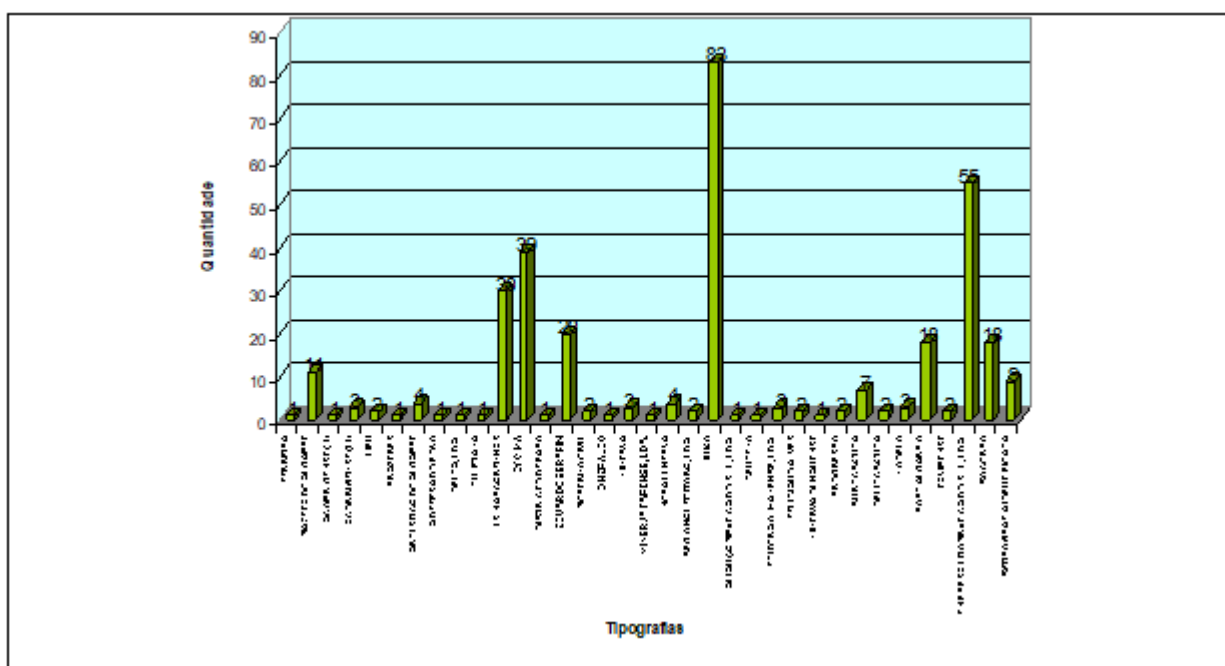
O terceiro lugar do concelho de Tavira está associado a dois momentos distintos. O primeiro corresponde ao arranque da actividade tipográfica no concelho com a

Tipografia Burocrática (v.), montada e dirigida por um dos mais conhecidos e respeitados tipógrafos na província, Jaime Quirino Chaves (v.); e à fundação do *Jornal de Anúncios*, que mais tarde passou a designar-se *O Heraldo* (1901). Neste último colaboraram Bernardo de Passos (v.), Maria Veleda, Ludovico Caetano de Meneses (v.), João Lúcio (v.), José Ribeiro Castanho (v.), António Correia de Oliveira (v.), Joaquim Rodrigues Davim (v.), António Crisóstomo dos Santos (v.), Francisco Xavier Cândido Guerreiro (v.), Bartolomeu Salazar Moscoso (v.), Manuel Teixeira Gomes, Marcos Algarve e, mais esporadicamente, incluía a colaboração de Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro e Júlio Dantas. O segundo momento situa-se na década de 50 e está relacionado com a publicação do jornal *Povo Algarvio*, que, à semelhança de *O Heraldo*, também foi um força cultural centrípeta no concelho. Hernâni de Lencastre (v.) e António Vicente Campinas (v.) foram os autores que mais contribuíram para a produção desta época.

As dezasseis publicações impressas em Lagos devem-se, sobretudo, ao dinamismo tipográfico e jornalístico protagonizado por este concelho no século XIX. A maior parte das espécies para aqui inventariadas – onze de um total de dezasseis – foram iniciativa do jornal *Gazeta do Algarve* (01/01/1873 – 25/12/1877), que, como folhetim, os imprimiu.

Quanto às oficinas que mais concorreram para os números acima indicados foram, em Faro, a Tipografia União (v.), com oitenta e três títulos (83) impressos, seguida da Tipografia Cácia (v.), com trinta e nove títulos (39) e da Tipografia de Luís Mascarenhas (v.), com trinta (30) títulos. Em Vila Real de Santo António, a Empresa Litográfica do Sul, Lda. (v.) imprimiu cinquenta e cinco (55) títulos; em Tavira, a Tipografia *Povo Algarvio* (v.) apresenta dezoito (18) espécies e, em Lagos, a Tipografia *Gazeta do Algarve* (v.) deu à estampa onze (11) títulos.

Gráfico n.º 3: Distribuição da produção literária por tipografias

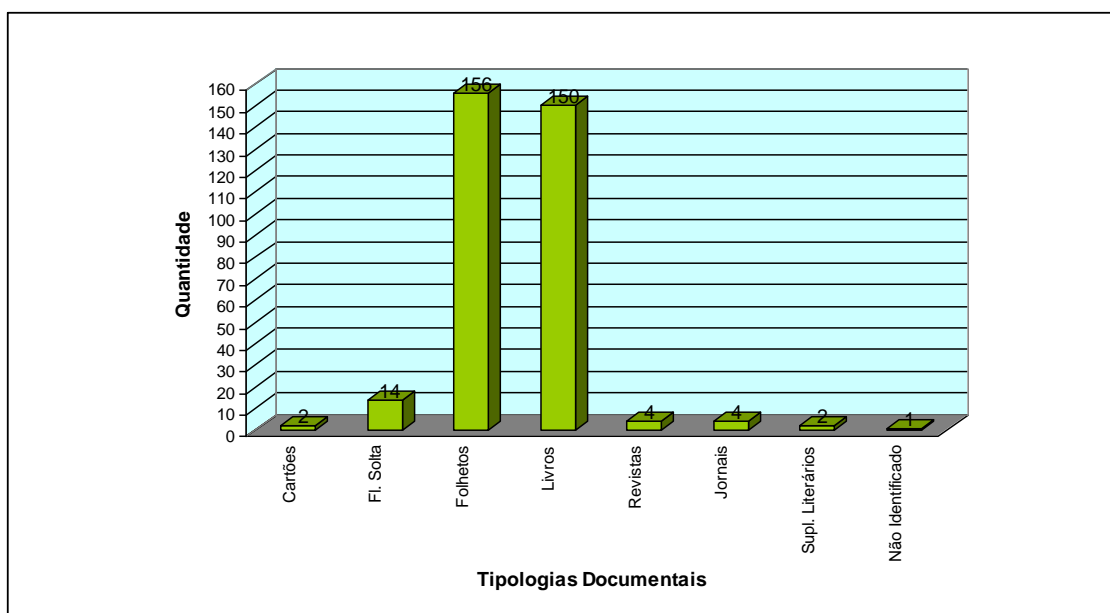


III.I.3 Tipologias Documentais

Do levantamento realizado, as produções de pequenas dimensões são as que se impõem. Os folhetos são as espécies predominantes neste universo com cento e cinquenta e seis (156) títulos, seguidos da produção de livros com cento e cinquenta (150) títulos e catorze (14) folhas soltas.

Não obstante o facto de as folhas soltas ocuparem a terceira posição deste inventário, há que referir que elas devem ter sido produzidas em número considerável, visto que era prática corrente a sua impressão e distribuição nos recitais poéticos, nas festas e comemorações, para as quais os poetas contribuía. Como prova desta prática, temos as folhas soltas de Joaquim Rodrigues Davim (v.) e de Salazar Moscoso (v.), cuja notícia nos chegou através da diligência de Mário Lyster Franco (v.). António Aleixo (v.) foi outro dos poetas que divulgou a sua obra através das folhas soltas, que vendia nas festas, feiras e arraiais, encontrando aí uma forma de contribuir simultaneamente para o seu sustento. Lamentavelmente, não foi possível apresentar no nosso elenco uma produção deste autor, mas o garante da sua edição foi-nos dado por Francisco José Correia de Brito (v.), que ainda aprendiz da Tipografia Louletana (v.), se recorda da presença assídua de António Aleixo para mandar imprimir os seus poemas.

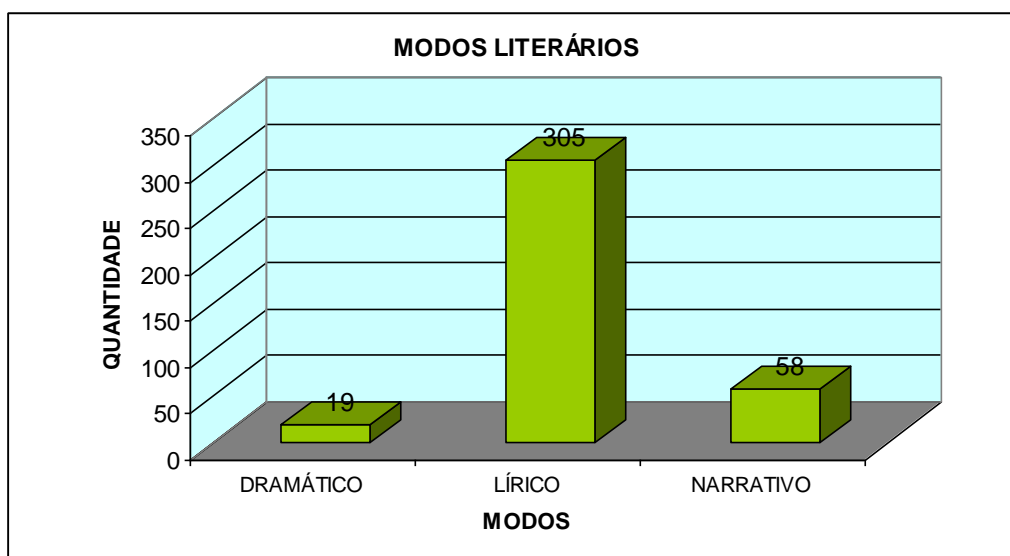
Gráfico n.º 4: *Distribuição da produção por tipologias documentais*



III.I.4 Modos Literários

O modo literário característico da produção literária algarvia é o lírico com trezentos e cinco títulos (305), seguido do narrativo com cinquenta e oito (58) e do dramático com dezanove (19). Embora o modo dramático ocupe apenas 6% da produção literária, devo sublinhar que este foi um dos mais prezados pelos algarvios. Os autores tinham nos teatros de Tavira, Faro, Loulé, Silves, Portimão e Lagos, os palcos e o público, que aí ocorria com assiduidade como nos demonstra a imprensa da época, para os exibirem. Contudo, muitos deles não chegaram a ganhar letra de forma, como aconteceu, por exemplo, com os textos de Sebastião Leiria (v.).

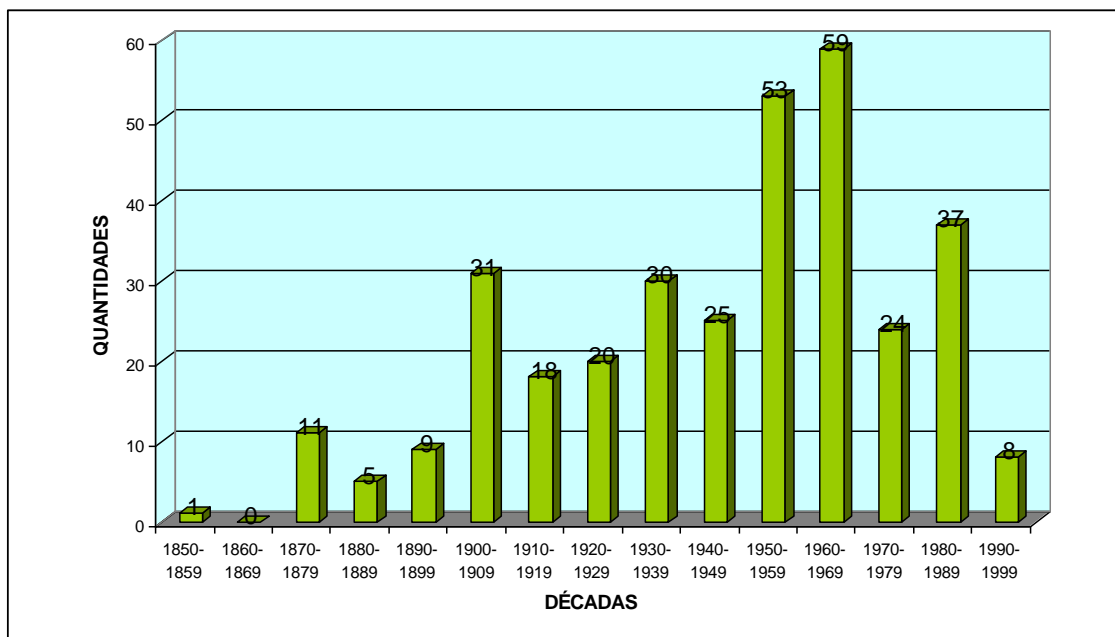
Gráfico n.º 5: *Distribuição da produção por modos literários.*



III.1.5 A Teia Literária

Apresentados os dados estatísticos sobre a produção literária impressa no Algarve, tentemos agora ampliar o nosso foco, combinando as diferentes variáveis subjacentes ao produto literário, de modo a podermos aclarar a vida artístico-literária da região. Proponho-me então a construir um roteiro literário do Algarve, numa perspectiva diacrónica.

Gráfico n.º 6: Distribuição da produção por décadas



O texto literário mais antigo é o *Jornal Cómico do Algarve: Os Dous Pastores* (v. catálogo, n.º 87.), impresso na Tipografia do Governo Civil (v.), em 1852. Cabe, portanto, a um texto dramático o primado da letra de forma, o que não nos deve surpreender, tendo em conta o que ficou dito no ponto III.4 deste capítulo.

Se o arranque da produção literária impressa se deu em Faro na década de 50, temos de nos deslocar para Lagos, vinte e três anos decorridos, para encontrar novamente a edição de um texto de índole literária. Todos os títulos inventariados na década de 70 do século XIX, foram produzidos neste concelho, reafirmando o seu domínio ao nível literário, como o já tinha feito nos domínios tipográfico e jornalístico. O cenário destas edições é composto pela plêiade de médicos, militares, escritores e tipógrafos que nesta década se encontram em Lagos e aqui, através das oficinas e jornais que fundam, pugnam pelo desenvolvimento económico e cultural da cidade e da região. É precisamente ao abrigo de um periódico, a *Gazeta do Algarve* e respectiva oficina, que vêm a luz da publicidade os onze romances impressos nesta década.

A par desta iniciativa editorial, o tipógrafo Jaime Quirino Chaves (v.) lançou no mesmo jornal a publicidade à futura *Biblioteca do Algarve*. Tratava-se de um projecto que tinha como meta a tradução de romances, papel desempenhado pelo irmão Luís Quirino Chaves (v. autores), mas que seriam compostos e impressos na Tipografia da *Gazeta* (v.). Não foi possível, porém, confirmar a real execução desta ideia. Todavia, não deixa de ser sintomática do estado cultural da cidade, que teve em Augusto Feio Soares de Azevedo (v. tipógrafos e industriais gráficos), Pedro Telo, Anes Baganha, Casimiro Dantas, Joaquim João Serpa (v. tipógrafos e industriais gráficos), António Augusto Lobo de Miranda, António Joaquim Correia Júnior (v. tipógrafos e industriais gráficos), Jaime Quirino Chaves (v. tipógrafos e industriais gráficos), Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa (v. tipógrafos e industriais gráficos) e Salazar Moscoso (v. autores), os seus principais animadores e os principais colaboradores literários nos jornais da época.

A década seguinte (1880-1889) é parca em edições literárias e leva-nos novamente até Faro, embora tenhamos de fazer um desvio à cidade de Silves. Dos cinco títulos impressos, um, *Trinta Anos d'Aventuras* (v. catálogo, n.º 24.), teve mais uma vez a marca do tipógrafo Jaime Quirino Chaves, o qual, deslocado para Silves, fundou a empresa *Noites Algarvias*, para cumprir o desejo já manifestado em Lagos com a pretensa *Biblioteca do Algarve*.

Não obstante a reduzida produção desta década, ela é uma verdadeira amostra do que se terá passado no Algarve, no período em questão. Temos nos cinco títulos a variedade das tipologias documentais: a folha solta (v. catálogo, n.º 121.), o folheto (v. catálogo, n.º 66.), o livro (v. catálogo, n.º 24.), o jornal (v. catálogo, n.º 120.) e o almanaque (v. catálogo, n.º 122.). Destes, a folha solta e o folheto ilustram uma prática muito ao gosto da época: a produção poética para comemorações nacionais, regionais, ou locais. Neste caso, foram os poemas do ilustre advogado José Francisco Guimarães (v. autores) que abrilhantaram as festas do tricentenário de Camões e da inauguração do busto do Dr. Constantino Cúmano. O livro foi resultado, como já vimos, do empreendedorismo de Jaime Quirino Chaves e o jornal e o almanaque notáveis iniciativas do farenses João Frederico Tavares Belo (v.).

Penso que não podemos dissociar estas produções, que se concentram apenas entre 1880 e 1882, da euforia gerada em torno dos centenários de Camões (1880) e do Marquês de Pombal (1882), comemorados por diversas formas em todo o país.

O jornal *O Algarve Illustrado* (“Jornal Litterario”) (v. catálogo, n.º 120.) foi o primeiro do género, o que não obsteu a que apresentasse uma esmerada apresentação gráfica, com a particularidade de incluir na primeira página uma fotografia tirada para o efeito. Foram impressos dezoito números, todos com quatro páginas, sem publicidade e inteiramente dedicados a assuntos histórico-culturais e literários. A sua orientação pode perceber-se através das palavras do médico-veterinário, publicista e poeta Domingos Rodrigues Anes Baganha:

“(…) é preciso facilitar, preparar a evolução do momento vital para esta bela e boa província.

Venha de cima o impulso, a luz que deve vir; venha em primeiro lugar a instrução; venha a execução austera e honrada das leis; rasgue-se e perfure-se a áspera e alterosa serra, para se poder passar de cá para lá e de lá para cá: - mas espanquemos a ave negra do silêncio que paira sobre nós; mas electrizemos o letrado dos que dentro deste túmulo jazem; porque para se poder ver essa luz e percorrer esse caminho, é mister que os olhos se abram e que a majestosa figura humana se alevantasse sobre os seus pés!

Que a mesma voz que brade: - Luz! Vida! – para além da serra, brade também neste tácito recinto: - Eis a luz, eis a vida!

O *Algarve Illustrado* nasce e viverá para ilustrar o Algarve. Ilustrar é dar luz, movimento e vida.”¹⁶¹

A partilhar o desejo de “dar luz, movimento e vida” ao Algarve, encontramos João de Deus, Henrique Moreira, José Francisco Guimarães (v. autores), José M. Reis, Anes Baganha, Cordes de Avelar, Rocha Pinto, Salazar Moscoso (v. autores), Casimiro Dantas, Martins Contreiras, Costa Bonança, Lorjó Tavares, S. Coelho de Carvalho, Estácio da Veiga, Pais d’Ayet, Duarte de Almeida, Carlos de Pádua, Pedro Telo, Alfredo Cunha, Gonçalves Guimarães, Justino Cúmano, Santos Fonseca, Joaquim Mascarenhas Neto, Leote Quintino, Macedo Ortigão, Joaquim d’Araújo, Teófilo Braga, Gonçalves Crespo, Abílio Maia, Jaime de Seguíer, Carlos Boaventura, Jayme de Bívar, Pereira Roças, Paula Nogueira, Peres Trindade e Cândido de Figueiredo.

Lorjó Tavares, Pereira Roças, João de Deus, Joaquim de Araújo, Abílio Maia, Salazar Moscoso, Gonçalves Crespo, Jaime de Bívar, Anes Baganha, matos Ferreira, Alberto de Mendonça, Pedro Covas, Fausto de Azevedo, Cândido de Figueiredo, Frederico de Avelar e Guerra Junqueiro, assinaram os textos literários desta publicação.

O final do século XIX, desloca-nos até Tavira, tornada no principal centro de produção literária da década de 90. Podemos aportar no rio Gilão, virados para a margem norte, e apreciar o movimento da rua Borda d’Água d’Aguiar (actual rua

¹⁶¹ N.º 1, 01/06/1880, p. 3.

Jacques Pessoa). Nos n.ºs 5 e 7 encontrava-se a Tipografia Burocrática (v.), onde foi impresso o *Jornal de Anúncios*. Aqui trabalha o já nosso conhecido Jaime Quirino Chaves (v. tipógrafos e industriais gráficos), que veio montar a oficina e ficou a dirigi-la. Por relações com o tipógrafo chefe, também redactor do jornal, ou com os proprietários – primeiro João Daniel Gil Pessoa (v.) e depois José Maria dos Santos (v.) – podemos ver entrar e sair da oficina Ataíde Oliveira (v. autores), Cândido Guerreiro (v. autores), João Lúcio (v. autores), António Crisóstomo dos Santos (v.), José Ribeiro Castanho (v.), José Francisco Teixeira de Azevedo (v.), António Lobo de Almada Negreiros, Diogo Leote, Primo Firmino Frazão (v.), Salazar Moscoso (v.) e Joaquim Rodrigues Davim (v.), entre outros.

Dos nove títulos encontrados, seis foram compostos e impressos sob a chefia de Jaime Quirino Chaves, a quem a imprensa da época apresentou cumprimentos pelo belo trabalho tipográfico. Os títulos dados à estampa correspondem ao primeiro ensaio de um grupo de jovens, que em áreas distintas honrarão a província. À excepção de Ataíde Oliveira (v.) que aqui imprime os seus primeiros trabalhos – *Contos Infantis, As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve* e os *Contos Tradicionais do Algarve* – os restantes autores pertencem à geração nascida entre os anos 70 e 80, os quais dão, na década de 90, os seus primeiros passos literários. Dos prelos da Tipografia Burocrática sai o primeiro trabalho poético de Cândido Guerreiro (n. 03/12/1871) (v.) – *Rosas Desfolhadas* – e António Crisóstomo Santos (n. 27/01/1878) (v.), João Lúcio (n. 04/07/1880), José Francisco Teixeira de Azevedo (n. 14/03/1882) e José Ribeiro Castanho (n. 1875) (v.), reúnem-se para editar, em 1899, o *Reyno do Algarve* (v. catálogo, n.º 227.), jornal de índole essencialmente cultural e literária.

Simultaneamente, em Faro, o jornal *Algarve e Alemtejo* (v. catálogo, n.º 90.), publica o primeiro suplemento literário da província que inclui textos de Pinheiro Chagas, de Luís Guimarães, filho, de Guerra Junqueiro, de Gavicho de Lacerda, de João de Deus, de Chryso Sotnas e uma secção intitulada “Trovas Populares”.

A década seguinte (1900-1909) é dominada pelas publicações dos mais assíduos colaboradores da imprensa regional: Rodrigues Davim (v.), Ludovico de Meneses (v.), Lyster Franco (v.) e Salazar Moscoso (v.). É também neste período que João Lúcio (v.), já instalado na sua terra natal e a exercer advocacia, publica dois folhetos, que lançam Olhão para o nosso roteiro literário.

Assim, temos de abandonar Tavira, que continuará por mais alguns anos a ser ponto de encontro de literatos algarvios através das páginas de *O Herald*, para

regressarmos novamente à capital do distrito, onde se imprimem a maior parte das publicações deste tempo. Destaca-se o nome de Rodrigues Davim, dividido entre a Tipografia Serafim (v.) e a Tipografia Nova Minerva (v.). A primeira tinha uma relação muito próxima com a Academia Fareense e talvez por essa razão a preferência do reitor-poeta. A segunda era propriedade de Joaquim José do Mato (v. tipógrafos e industriais gráficos), tipógrafo taviense, aprendiz de Jaime Quirino Chaves, e editor do jornal *Reyno do Algarve* (v. catálogo, n.º 228.), portanto, um artista com provas dadas.

Em 1905, o também professor do liceu Lyster Franco (v. autores) contribuiu para a bibliografia literária algarvia com os seus *Contos Fúnebres* (v. catálogo, n.º 95.). Salazar Moscoso (v. autores), dividido entre a terra natal, Lagos, e a cidade onde trabalha e convive, imprime numa e noutra as suas folhas soltas.

José Guerreiro Murta, ao lembrar o nível intelectual do Algarve no fim do século passado, evoca precisamente Rodrigues Davim e Lyster Franco como as figuras mais relevantes e com maior influência na época:

“Não deixa de vir a propósito salientar que o nível intelectual de Faro, como em geral por toda a província do Sul, na última década do século passado e primeira do presente, não era relevante. É bem certo que Faro já tinha os seus jornais e a província também, como índice de cultura e de anseio por ela. Mas o saber concentrava-se no professorado, nos sacerdotes, nos médicos, nos poucos magistrados e advogados, num ou noutro autodidacta e nos oficiais, tanto do exército como da marinha que na cidade eram em número razoável por ser Faro um departamento marítimo. A não ser nestas profissões onde havia gente distinta, poucos exemplos se podem apontar. Lembraremos os nomes do Dr. Davim, notário e antigo Reitor, o poeta que fornecia à Academia todos os versos patrióticos para as festas do 1.º de Dezembro; o pintor-escritor Lyster Franco que durante vários anos exerceu o professorado liceal com muito relevo e muito apreço e simpatia dos rapazes.”¹⁶²

De 1910 a 1919, dois acontecimentos marcam as publicações algarvias: a instauração da República e o I Congresso Algarvio. Para além das produções marcadas por estes factos, Joaquim Rodrigues Davim continua a ser o poeta de serviço, com sete dos dezoito títulos impressos nesta década.

À medida que o tempo passa, o nosso itinerário torna-se mais rico. Não estamos já limitados apenas a um único centro de produção. Faro, Silves e Olhão tornam-se agora nos nossos destinos.

¹⁶² In *Evocações: vida estudantil, labor didáctico, lides sociais, perfis do natural*, Lisboa, ed. de autor, 1970, p. 26.

De Faro, da tipografia dos estudantes, a Tipografia Serafim (v.), saiu o único poema que Bernardo de Passos (v.) imprimiu no Algarve, comemorativo do terceiro aniversário da revolução de Outubro: o poema *A Bandeira da República* (v. catálogo, n.º 83.). Não devem ter sido poucas as publicações deste género; todavia, apenas nos chegou a notícia deste folheto. Duas outras publicações são dignas de nota, *A ceia dos cábulas: Paródia à ceia dos cardiais do Sr. Júlio Dantas* (v. catálogo, n.º 130.) e *Aos homens de Portugal! (Versos)* (v. catálogo, n.º 132.), que marcam o início da vida literária de José Dias Sancho (v. autores), nesta altura ainda estudante do liceu de Faro.

Sob o entusiasmo político do momento, nasceram duas outras publicações periódicas, verdadeiramente relevantes para o período em causa: trata-se do jornal *Alma Algarvia* («Semanário Republicano») (12/03/1911 – 15/04/1917), fundado em Silves e Portimão por Julião Quintinha (v. autores) e por Henrique Martins (v. tipógrafos e industriais gráficos), e de *O Herald* («Bi-Semanário Republicano Democrático») (10/04/1912–26/08/1917), fundado em Faro por Lyster Franco (v. autores) e por João Pedro de Sousa (v. tipógrafos e industriais gráficos). O primeiro deles só passará a ser impresso no Algarve em 1915, para o que é adquirida oficina própria, a Tipografia Artística do Algarve (v.), instalada em Silves. O segundo foi sempre impresso na rua 1.º de Dezembro, em Faro, com tipografia própria, à qual os proprietários designaram inicialmente por Tipografia Democrática (v.). Ambos os jornais apresentaram nos anos iniciais da sua publicação um carácter predominantemente político, na defesa dos ideais republicanos, que esmoreceu com o passar do tempo, devido também à desilusão gerada pelo confronto entre um ideal sonhado e a realidade vivida. Continuaram, no entanto, a sua empresa, lutando por um novo regionalismo, para o engrandecimento e divulgação do Algarve, que culminou com a organização do I Congresso Algarvio, a que deram total cobertura.

Partamos então até à capital do reino medievo.

A 01/11/1915, o *Alma Algarvia* (v. catálogo, n.º 20.) iniciou a sua 3.ª série sob o formato de revista “política, literária e artística”, completamente invadida pelo espírito do I Congresso Algarvio:

“Pugnaremos pelos interesses do Algarve, e como *nem só de pão vive o homem* falaremos, como soubermos, de coisas de arte, enlevo e encantamento do espírito. (...)”

Será uma publicação de inquérito permanente à vida económico-social do Algarve, e assim, ouvirá opiniões

abalizadas, lançará alvitre e fará a crítica que houver por conveniente.”¹⁶³

No entanto, progressivamente, o espaço dedicado à literatura, com a publicação de textos de autores algarvios, foi aumentando. Os poemas, os contos, as “fantasias literárias”, as cantigas populares e os artigos sobre escritores tomaram um lugar de destaque no seio da publicação. Aqui colaboraram os poetas Bernardo de Passos (v.), José Dias Sancho (v.), Mateus Moreno, Joaquim Lança e Reis Varela; os ainda estudantes Maurício Monteiro (Direito), Rodrigues de Passos (Medicina) e Rita da Palma (Direito); os jornalistas Fazenda Júnior, João Barbosa, Maria Pires dos Santos e João Faria; os escritores Carlos Lyster Franco (v.), Percis Franco e João da Ega (pseudónimo); o engenheiro agrónomo Pedro Mascarenhas Júdice, o advogado João Carlos Mascarenhas e o oficial de exército e professor José Guerreiro Fogaça.

O aspecto artístico foi outra das preocupações da revista, tendo dado à estampa, em praticamente todos os números, desenhos de Boaventura Passos (v.). Lyster Franco (v.), Vitorino da Fonseca Dias (fotógrafo) e Armando de Sousa (pintor) foram outros dos colaboradores artísticos da publicação.

Semelhante rumo, tomou o jornal *O Herald*, dirigido pelo acima mencionado colaborador da *Alma Algarvia*, Lyster Franco. Com a saída do seu sócio, o advogado João Pedro de Sousa, responsável pela secção política, Lyster Franco, teve então espaço para compor o periódico à sua medida e imagem. A 24/10/1915, o pintor-escritor lançou a segunda série do jornal que se tornou eminentemente cultural. Acompanhou de perto o I Congresso Algarvio, publicando inclusivamente excertos de conferências e dando conta dos trabalhos que se lhe seguiram; lançou um concurso de fotografia com o objectivo de valorizar os aspectos da província, começando pela capital do distrito; publicitou com entusiasmo cada número da revista *A Alma Nova*, dirigida por Mateus Moreno; e aumentou a secção dedicada à literatura. Nesta secção, podemos encontrar a colaboração de Coelho de Carvalho, Júlio Dantas, Salazar Moscoso (v.), Cândido Guerreiro (v.), Mário Bonança, Raul Pousão Ramos (v.), Jaime Cunha, Laurinda Seritram e o próprio director que foi sempre presença assídua com os seus “Contos e Novelas”.

No último ano da sua edição, o jornal tornou-se um verdadeiro ilhéu literário na província. Tinha, desde 1914, uma secção intitulada “Gente Nova”, que dava guarida aos novos talentos poéticos. A 04/02/1917, Carlos Lyster Franco declarava que:

¹⁶³ *Alma Algarvia*, n.º 224, 01/11/1915, p. 12.

[tendo em conta] “o incremento que entre nós vem tomando o «Futurismo», essa estranha escola literária que teve como pontífice máximo em Portugal o requintado espírito do poeta que foi Mário de Sá-Carneiro e as constantes solicitações que de vários adeptos de tal escola nos têm sido dirigidas para que publiquemos no *Heraldo* algumas das suas composições futuristas, ao que aliás de muito bom grado já temos acedido, levam-nos a ampliar a nossa secção “Gente Nova”, que fica, desde hoje, definitivamente consagrada aos futuristas.”

Dois dos principais “adeptos” a quem Lyster Franco se referia foram Mário Lyster Franco (v.), seu filho, e Carlos Porfírio. O escritor-pintor era, desde 1914, estudante de Belas-Artes em Lisboa, onde passou a privar com o grupo de *Orpheu*. Regressado ao Algarve, passou a simbolizar e a promover o novo movimento literário. Impulsionou a secção futurista de *O Herald* (v. catálogo, n.º 89.), contribuindo, desde a primeira hora e assiduamente, para as suas colunas sob o pseudónimo Nesso; expôs a 06/05/1917 a “Cabeça de Estudo Futurista” numa exposição colectiva de pintura, realizada no teatro Lethes; a 31/05/1917, participou com o quadro “Tudo Futurismo” na revista *Palmadinhas nos Carecas*, de Silva Nobre e de José Dias Sancho (v.), exibida no Cine-Teatro; e, em Novembro deste ano, culminou a sua actividade com a fundação da revista *Portugal Futurista*¹⁶⁴, de que foi director e responsável gráfico.

Não obstante a atitude vanguardista protagonizada pelo *Heraldo*, a grande maioria dos colaboradores escudaram-se atrás de pseudónimos, muitos deles ignorados. No entanto, foi possível apurar que Carlos Lyster Franco assinava com o pseudónimo Kernok, Mário Lyster Franco com Fontanes, Raul Marques Carneiro com A. Queiroz, António do Nascimento com Naissance, João Rosado ora assinava com o pseudónimo Horácio ora com o seu próprio nome, e José Nunes de Sousa sempre assinou com o seu nome¹⁶⁵. Outros como Vivino (Porto), Miss Edith, Ester, Gervásio, Neblina, Osvaldo ou Christofle ficam aqui registados, sem contudo ter sido possível identificar a sua identidade.

Não se pense, porém, que o jornal recebeu apenas o contributo da elite intelectual da província. Muito pelo contrário: para aqui enviaram os seus textos José de Almada Negreiros, que no n.º 386, datado de 17/06/1917 deu à publicidade “Litoral”,

¹⁶⁴ *Portugal Futurista* publica textos de José de Almada Negreiros, Ruy Coelho, José Pacheco, Bettencourt Rebelo, Raul Leal, Blaise Cendrars, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, Marinetti, Mário de Sá-Carneiro, Guillaume Apollinaire e de Valentine de Saint-Point. Saiu apenas um único número, apreendido pouco depois da sua edição. Para além dos locais de depósito, também a casa de Carlos Porfírio foi alvo de buscas para a recolha de todos os exemplares da revista.

¹⁶⁵ MESQUITA, José Carlos Vilhena, “Faro e o Movimento do *Orpheu*”, in *3.º Congresso sobre o Algarve: texto das comunicações*, vol. I, Silves, Racal Clube, Jan./1984, pp. 137 – 145.

poema dedicado a Amadeu de Sousa Cardoso; Fernando Pessoa que fez publicar “A casa branca nau preta”, texto que o poeta atribuiu posteriormente ao futurista Álvaro de Campos, mas que a 01/07/1917 saiu na página de *O Heraldo*, assinado por si e datado de 11 de Outubro de 1916; e, em Agosto de 1917, Carlos Lyster Franco recebeu a recompensa desta aventura literária através de uma carta remetida por Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor, que rezava assim:

“Lisboa, 15 de Julho de 1917

Ex.mo Senhor Lyster Franco, Digníssimo Director de
O Heraldo de Faro

O Comité Futurista de Lisboa, que temos a honra de neste momento representar junto de V/Ex.^a, incumbe-nos de manifestar o reconhecimento que ao *Heraldo* de Faro é devido pela nobre atitude de solidariedade e acolhimento que representam na pessoa do seu digno director a mais elevada compreensão da liberdade de pensamento e dos deveres dessa Próxima Democracia que Elucidará no Mundo pela Vitória da Europa Libertada de todas as tentativas transitórias.

É, portanto, com orgulho que registamos no *Heraldo* de Faro a sua secção de Arte *Futurismo* onde a franca adesão de João Rosado contrasta em heroísmo com hesitantes anónimos, excelentes energias que urge bem conduzir prá construção da nossa Nova Pátria, único ideal concreto.

Neste sentido de Propaganda trabalhamos incessantemente e em breve o *Portugal Futurista* gritará abertamente as nossas razões.

De V. Ex.as Mt.º Att. e Obg. Os Pelo Comité Futurista.

José de Almada Negreiros, Santa Rita Pintor.”

A 26 de Agosto, galardoado com os nomes maiores do futurismo português, *O Heraldo* noticiava a sua suspensão temporária para que o seu director pudesse retemperar forças. Encerrava com a promessa de regressar em Outubro desse ano, mas não voltou; tinha, no entanto, já garantido um lugar na história da literatura portuguesa contemporânea¹⁶⁶.

Em 1916, o Algarve viu nascer uma outra notável iniciativa literária. Para chegarmos até ela, entremos no comboio em Faro e desçamos na sua primeira paragem, a de Olhão. Procuremos a rua de Santo António. Aqui, na Tipografia Progresso (v.), encontramos Raul Pousão Ramos (v.), emigrado durante alguns anos no Brasil onde fez profícuas amizades com jornalistas e escritores, a entregar o original da sua *Hora Literária* («Revista quinzenal, ilustrada, de literatura, sciencias e artes»). Tratou-se de uma ambiciosa publicação luso-brasileira, que pretendia promover e divulgar os actuais

¹⁶⁶ Não posso deixar de remeter o leitor para o capítulo da “Actividade Tipográfica do Concelho de Tavira”, onde se demonstrou que em Agosto de 1909, nas páginas de *O Heraldo*, impresso na Tipografia Burocrática (v.), Ribeiro de Carvalho explicava aos algarvios o significado do novo movimento literário *O Futurismo*.

autores luso-brasileiros, como afirmava na capa: “Collaboração solicitada, dos melhores escriptores da nova geração d’aquem e d’alem mar-Atlântico”.

A revista apresentava-se com doze páginas, ilustrada com retratos dos seus colaboradores e de outros escritores, e não incluía publicidade. Embora só tenham sido impressos três números¹⁶⁷, foi uma publicação que nos dá a medida do espírito cosmopolita de Raul Pousão Ramos, a que o estar na província não foi impedimento para realizar a obra de divulgação literária a que se propôs. Lamentavelmente, não encontrámos qualquer exemplar desta publicação, pelo que nos socorremos da ficha elaborada por José Carlos Vilhena Mesquita na sua *História da imprensa do Algarve – II*, para mencionar alguns dos colaboradores da revista: Carlos Círia, correspondente em São Paulo, Mário Pacheco, Viana de Carvalho, Francisco Fernandes Lopes (v.), Jorge Capinha, Valeriano de Campos, Porchat de Assis, Fábio Montenegro, F. Paula Gonçalves, Afonso Schmidt, Augusto Lopes, entre outros poetas escritores nacionais e estrangeiros.

Entramos na década de 20. Se no período anterior se começaram a dispersar os centros de produção, neste essa situação enfatiza-se: temos Faro com uma posição dominante (oito publicações), seguida de Olhão e Tavira com o mesmo número de publicações (quatro), e, finalmente, Loulé e Portimão, com uma publicação cada. Esta dispersão está intimamente relacionada com a fundação de tipografias por toda a província, que conheceu nesta década o seu maior incremento, como nos foi possível provar no capítulo anterior. O panorama das produções literárias começa também a tomar novos contornos. Até aqui tivemos sobretudo os pequenos folhetos literários, da autoria de José Francisco Guimarães (v.), de Joaquim Rodrigues Davim (v.), de Salazar Moscoso (v.), de Cândido Guerreiro (v.) e de João Lúcio (v.), e as publicações periódicas de índole literária, como o *Gazeta do Algarve*, o “Appendice Litterario” do *Algarve e Alemtejo*, o *Algarve Illustrado*, a *Alma Algarvia*, *O Herald*, ou a *Hora Litteraria*. Agora, aumentam as produções poéticas em livro, aumentam o número de autores que se aventuram na edição dos seus textos e surgem, pela primeira vez, duas editoras: a Editora Olhanense, Lda., em Olhão, e a Regional Editora, Lda., em Faro.

Manuel Caetano de Sousa é o escritor que se impõe nesta década com cinco títulos publicados. Para além das edições de autores, surgem duas publicações editadas pela Editora Olhanense, Lda. (v. Tipografia da Editora Olhanense, Lda.): *Ídolos de*

¹⁶⁷ Os primeiros dois números foram impressos na Tipografia Progresso (v.), de Olhão, e o terceiro na Tipografia Artística do Algarve (v.), de Silves.

Barro de José Dias Sancho (v. catálogo, n.º 215.), e *Gotas de Tinta*, de Ivo Cruz (v. catálogo, n.º 216.). Estas edições fizeram parte de um plano editorial mais vasto, mas que, infelizmente para as letras algarvias, não foi executado devido a dificuldades financeiras. Como ficou dito no capítulo anterior, esta editora pretendia editar textos de autores algarvios, cuja promoção era feita nas páginas do *Correio Olhanense*, publicação principal da casa e onde colaboravam Roberto Nobre, José Dias Sancho (v.), Ivo Cruz (v.), Francisco Fernandes Lopes (v.), Assis Esperança, Boaventura Passos (v.), Bernardo de Passos (v.), Mateus Moreno, Aragão Barros, Ruy d’Aguillar, Cândido Guerreiro (v.), Honorato Santos, Passos Ponte, Francisco de Sousa Inês, Carlos Ramos, António Crisóstomo Santos (v.), Marcos Algarve, Manuel Caetano de Sousa (v.), Carlos Porfírio, Carlos Lyster Franco (v.), Mário Lyster Franco (v.), Armando de Miranda, José Barão, Raul Pousão Ramos (v.), Julião Quintinha (v.), entre muitos outros.

Depois de alguma dispersão editorial, a década de 30 voltou a concentrar a edição literária em dois pontos do Algarve: Faro, com as Tipografias União (v.) e Cácia (v.) e Vila Real de Santo António, com a Tipografia Socorro (v.). Na capital do distrito vêm à luz da publicidade textos de Cândido Guerreiro (v.), de Raquel Coelho Azevedo (v.), do Padre Pardal (v.), de José Júlio Rodrigues (v.), de Augusta Gonçalves Costa (v.), e de António do Nascimento (v.). Em Vila Real de Santo António, na Tipografia Socorro (v.), iniciam a sua produção literária Vitória Régia (v.), António Vicente Campinas (v.), Isidoro Manuel Pires (v.), António Pereira (v.) e Hanid Estela (v.).

Na década de 40, Faro assumiu novamente o protagonismo da actividade literária.

Em Vila Real, apenas Vitória Régia continuou fiel à casa Socorro.

António Vicente Campinas, deslocou-se entretanto para a capital do distrito, onde explorou uma livraria, e passou a imprimir os seus textos na Tipografia de *O Algarve* (v.).

Cândido Guerreiro (v.), o poeta-notário, continuou a publicar as suas poesias, dividido entre a Tipografia Cácia (v.) e a Tipografia Serafim (v.).

É o momento da estreia e da consagração de dois poetas algarvios: Emiliano da Costa (v.) e António Aleixo (v.). O primeiro, fiel à Tipografia de *O Algarve* (v.), assumiu também o papel de editor dos seus livros. Já no que diz respeito a António Aleixo, temos de ter em consideração o papel de promotor cultural, desempenhado pelo Círculo Cultural do Algarve. Um dos seus fundadores foi o reputado professor do liceu

de Faro, Joaquim Magalhães (v. autores), que o dirigiu entre 1943 e 1970. Em 1937, Joaquim Magalhães foi apresentado ao poeta António Aleixo, que ficara em 4.º lugar nos primeiros Jogos Florais a que concorreu, os do Ginásio Club de Faro. A partir de então, criaram uma forte relação de amizade e admiração mútuas, que conduziu à publicação de *Quando começo a cantar* (v. catálogo, n.º 149.), em 1942, e de *Intencionais* (v. catálogo, n.º 150.), em 1945, ambos sob a chancela do Círculo Cultural.

É agora oportuno dedicar algumas palavras aos organismos de promoção cultural que surgem neste período e que contribuíram manifestamente para o engrandecimento literário algarvio, nomeadamente, através da publicação da revista *Afinidades: revista de cultura luso-francesa* (v. catálogo, n.º 148.).

Carlos Porfírio, o poeta e pintor que vimos envolvido no movimento futurista no Algarve na segunda década do século XX, esteve em digressão pelo mundo a partir de 1923. Em 1939, instalado em Paris, casou com Hélène Laure de Coninck. Nesse mesmo ano, em Novembro, empurrados pelo início da II Guerra Mundial, chegaram ao Algarve, onde passaram a residir na Rua Teixeira Guedes, Vila Pinto, n.º 71, em Faro. Nestes anos, não foram os únicos a refugiarem-se no “paraíso das amendoeiras em flor”. Em 1940, o enteado de Carlos Porfírio, Lionel de Roulet (v.), discípulo e mais tarde cunhado de Jean Paul Sartre, acometido de uma tuberculose óssea, veio também para o Algarve, para usufruir dos seus bons ares e ficou instalado na casa do padraсто. Em Abril desse mesmo ano, iniciou a sua colaboração no *Correio do Sul* com o artigo “França e Portugal: um mal-entendido a desfazer”¹⁶⁸, onde defende o interesse da França por Portugal, nomeadamente no campo literário.

Do convívio entre os dois e com alguns dos mais destacados professores do Liceu, surgem duas eminentes organizações, que se tornaram responsáveis pela elevação cultural do Algarve, projectando-o internacionalmente: falo da fundação do Círculo Cultural Camões e da fundação da Delegação do Instituto Francês. O primeiro nasceu sobretudo do impulso de Carlos Porfírio e de Lionel Roulet (v.), mas também de Joaquim Magalhães, de Manuel Aleixo da Cunha e de Arnaldo Vilhena (v. autores), que constituíram a 1.ª Comissão Directiva da Instituição; Lionel de Roulet foi nomeado o secretário.

O Círculo Cultural foi fundado por ocasião das Comemorações de 1940, dirigidas no Algarve por Carlos Porfírio. Em Julho desse ano foram aprovados os

¹⁶⁸ *Correio do Sul*, n.º 1206, 28/04/1940, pp. 1 e 2.

respectivos estatutos e o seu programa foi esclarecido por Lionel de Roulet em *Le Cercle Culturel Camoens a Faro*:

“Il se propose d’être un centre de coopération intellectuelle et d’information culturelle d’ordre regional, national et universel.

Sur le plan regional, il s’appliquera à mieux faire connaître tout ce qui concerne l’Algarve, tous les traits qui font sa personnalité géographique et historique. Il créera un ambiance favorable capable de stimuler les créateurs ou les chercheurs qui se trouvent dans cette province. Il pourra même avoir un certain role social, par exemple, dans l’intérêt de la santé publique, en faisant l’éducation nécessaire de la population.

Sur le plan national, il s’agira surtout de faire connaître à la province les personnalités qui font la gloire de la science des lettres ou des arts portugais, au moyen de conférences, d’expositions, de concerts, etc....

Le plan de l’information en général concerne toutes les questions d’ordre culturel. Mais sont spécialement prévus: des cours de vulgarisation scientifique sur le theme: “Histoire des découvertes qui firent le monde moderne: lumière électrique, photographie, T.S.F., aviation, etc...” et des conférences destinées à procurer une representation de l’univers conforme aux dernières données de la science: astronomie, physique, etc....

C’est aussi sur ce plan qu’est organisée la collaborations avec tous les instincts culturels étrangers.”¹⁶⁹

Um dos institutos culturais estrangeiros a que se referia Lionel de Roulet seria o Instituto Francês, cuja instalação em Faro, através de uma delegação, foi da responsabilidade¹⁷⁰, coadjuvado por Hélène de Beauvoir, que chegou ao Algarve em Maio de 1940, a pedido de Lionel. Hélène de Beauvoir, dotada de uma cultura artística e literária sólida, dava aulas de francês no Instituto, no Círculo Cultural e no Liceu da cidade e decorou as salas das duas instituições. Paralelamente, ajudava Lionel de Roulet a organizar concertos, exposições, conferências e recitais, destacando-se como magnífica anfitriã.

Ambos os organismos tinham como meta a aproximação cultural entre Portugal e outros países europeus, pelo que uma das suas primeiras actividades foi a criação de cursos de francês, inglês e alemão. Outra vertente, foi a organização de conferências, que versaram sobretudo temas literários. Entre os conferencistas contam-se Armand Guibert, Hernâni Cidade, o escritor Vergílio Ferreira, na altura professor do Liceu de

¹⁶⁹ ROULET, Lionel de, *Le Cercle Culturel Camoens a Faro*, Lisboa, *Bulletin d’Études Portugaises* – fascículo I, 1941, pp. 1 e 2.

¹⁷⁰ A Delegação do Instituto Francês, em Faro, iniciou as suas actividades em 1940; no entanto, foi em Abril de 1943 a sua inauguração oficial, para o que se deslocou o Director do Instituto Francês em Portugal, Pierre Houcarde. O discurso pronunciado pelo Director expôs a finalidade da obra cultural de intercâmbio do Instituto e agradeceu à delegação do Algarve o seu contributo.

Faro, Otto Diehl, Alberto Uva, o próprio Lionel de Roulet, José Eduardo de Sousa Gago, Francisco Fernandes Lopes (v.), Joaquim Magalhães (v.), Arnaldo de Vilhena (v.), Costa Marques (professor do Liceu D. João III, de Coimbra, e ex-colega de Vergílio Ferreira), a escritora Irene Lisboa, entre outros. Em 1945, como que colmatando o seu contributo para a Delegação do Instituto em Faro, Lionel de Roulet (que parte definitivamente nesse ano para Lisboa) organizou a vinda a Portugal da escritora Simone de Beauvoir, sua cunhada, que realizou a 09 de Março uma conferência sobre a vida literária na França, da ocupação à libertação.

É neste contexto de efervescência cultural e de intercâmbio com outras culturas que surgiu, em 1942, sob a chancela do Instituto Francês, a revista luso-francesa *Afinidades* (v. catálogo, n.º 148.), cujos três primeiros números¹⁷¹ foram compostos e impressos pelos artistas da Tipografia União (v.), dirigidos na época por Manuel Augusto Ferro (v.) e pelo poeta Manuel Raul de Matos (v.).

A revista brotou do ânimo de Carlos Porfírio, de Lionel de Roulet, chefe de redacção, de Joaquim Magalhães, e de Francisco Fernandes Lopes (v.), que a dirigiu. Francisco Fernandes Lopes participou, desde o início, nas actividades do Círculo Cultural e nas do Instituto Francês, nomeadamente, em concertos de música francesa, como o realizado por Helena Maria Moreira de Sá e Costa, pianista e professora do Conservatório Nacional de Lisboa. A admiração de Lionel de Roulet por Francisco Fernandes Lopes terá sido determinante para que o médico olhanense assumisse a direcção de *Afinidades*, cujo programa o médico olhanense simbolizava na plenitude:

“Figure curieuse et originale que celle de ce médecin de province dont l’intelligence et la grande érudition font un des plus brillants représentants de la culture luso-française. Car, pour parler de lui, on ne peut évoquer séparément la culture française, ou la culture portugaise, tant son esprit est fortement imprégné de ces deux cultures, jusqu’à en être pénétré comme d’une même et complexe formation. Une telle personnalité ne peut que servir, dans une mesure totale, la compréhension entre nos deux nations.”¹⁷²

Quanto ao título da publicação, *Afinidades*, parece-me que mais uma vez teve a marca de Lionel de Roulet, pois à semelhança do artigo já publicado no *Correio do Sul* (n.º 1206, 28/04/1940, pp. 1 e 2), volta a defender no n.º 1 da revista: “Se às vezes fazemos história ou literatura comparadas, não é de modo algum com o fim de

¹⁷¹ A partir do n.º 4, datado do “Natal/1943”, a revista passou a imprimir-se na Gráfica Santelmo, em Lisboa.

¹⁷² ROULET, Lionel de, “Le Docteur Francisco Fernandes Lopes”, in *Le Cercle Culturel Camoens a Faro*, Lisboa, *Bulletin d’Études Portugaises* – fascículo I, 1941, pp. 15.

estabelecer ligação de dependência, mas, simplesmente, correspondências.” Também a ilustração da capa, uma vinheta de estilo medieval, pretende simbolizar a amizade luso-francesa.

A publicação estava organizada em quatro secções: “A França através das épocas”, “A França de hoje”; “o

Francês, língua de cultura” e, finalmente a “Crónica da amizade Luso-Francesa”. Tal como planeado, os primeiros três números, totalmente concebidos e produzidos em Faro,



Ilustração n.º 55: Vinheta de Afinidades: revista de cultura luso-francesa.

reuniram a colaboração de escritores portugueses e franceses: Lionel de Roulet, Pierre Emmanuel, René Tavernier, Joaquim Magalhães, V. de Mascarenhas, António Júdice, Hélène de Beauvoir, M. George, R. Lenoir, Chantal, R. Darras, François Gentil, Jean Giraudoux, Thierry Maulnier, Jules Romains, André Gide, Paul Eluard, Aragon, Antoine de Saint-Exupery, Blanchet, Marcel Thouviot, Santiago Kastner, Fernando Pamplona, António de Sousa Gomes, Manuel Teixeira, Pierre Amado, G. Teyssier, Colette, Araújo Moreira, Moses Amzalak, Pierre-Paul Grasse, Fernando Garcia, Rebelo dos Anjos, P. A. Evin e Luís Forjaz Trigueiros.

Todo este movimento cosmopolita a que comprovadamente o Algarve assistiu na primeira metade da década de 40, se retraiu um pouco com a partida de Lionel de Roulet e de Hélène de Beauvoir. O Círculo Cultural, dirigido por Joaquim Magalhães, continuou a sua acção cultural, mas mais centrada nos autores e artistas algarvios.

Sucedeu-lhe um movimento mais interessado nos valores e na dignificação da região, que teve eco nas páginas do *Correio do Sul*, após Mário Lyster Franco ter assumido os destinos desta publicação (01/02/1946). Nesse número 1474, o novo director declarava:

“reaparece portanto o *Correio do Sul* na sua primitiva forma, assim orgulhosamente provinciano, modesto e... romântico.”

Creio que se abriu nesse momento uma nova página na cultura algarvia. O jornal acolheu novos e velhos, dando guarida às suas polémicas¹⁷³; lançou novos valores literários, como Casimiro de Brito (v.) e Gastão Cruz (v.); promoveu várias iniciativas culturais como a edição das medalhas comemorativas dos centenários de nascimento

¹⁷³ Lembro a título de exemplo as polémicas travadas entre o jovem Gastão Cruz (v.) e Joaquim Magalhães (v.), ou entre Casimiro de Brito (v.) e Elviro Rocha Gomes (v.), durante o ano de 1959.

dos poetas Cândido Guerreiro (v.), João Lúcio (v.) e Bernardo de Passos (v.); lançou a página literária *Arraial* (v. catálogo, n.º 161.), a que posteriormente dedicaremos mais atenção; recebeu o contributo de escritores de ideologias políticas díspares, quer entre si, quer da do próprio director; e, finalmente, como medida do seu papel desempenhado na e para a província, bastará referir o conjunto de *separatas* editado, sessenta e uma, o maior número que se conhece entre os periódicos portugueses, versando, entre outros, temas de arqueologia, história, economia e literatura.

É nesta década, portanto, que aparecem as primeiras *separatas* da bibliografia literária algarvia. A primeira data de 1947 e o poema publicado é da autoria de Silva Tavares (v.), que o recitou por ocasião dos Jogos Florais da Emissora Nacional, realizados a 7 de Agosto desse ano. Intitulou-se *Algarve de sonho e lenda* (v. catálogo, n.º 153.), e constitui uma autêntica raridade bibliográfica, posto que não chegaram a entrar no mercado os vinte exemplares impressos. A segunda foi impressa em 1949 e intitulou-se *Avante e Santiago* (v. catálogo, n.º 156.). Tratou-se da segunda edição do poema de Cândido Guerreiro (v.), composto para a inauguração das festas comemorativas do VII Centenário da Conquista da Cidade.

É com este panorama que entramos na década de 50.

Permito-me agora alterar o padrão deste roteiro espacio-temporal, que tem vindo a ser marcado pelo pêndulo das décadas. Para se tornar mais claro o movimento literário que caracterizará o Algarve nos próximos anos, parece-me mais produtivo o corte sincrónico estabelecido de 1950 a 1970, com especial ênfase no período compreendido entre 1956 e 1964, que corresponde ao pico de publicações de todo o período sobre o qual este trabalho se debruça.

Tal como referi anteriormente, o concelho de Tavira foi, por duas vezes, o centro editorial da província. Num primeiro momento, essa actividade foi suportada pela Tipografia Burocrática (v.) e, posteriormente, suportada pela Tipografia do *Povo Algarvio* (v.). É portanto chegada a altura de nos deslocarmos novamente para a cidade cortada pelos rios Gilão e Séqua. Desta vez a rua Dr. Parreira, n.º 9, é o nosso destino.

Durante os anos de 1952, 1953 e 1954, coube à Tipografia *Povo Algarvio* a composição e impressão da maioria das publicações literárias, com dez de um total de onze edições. Tal facto deveu-se, por um lado, à publicação do jornal *Povo Algarvio*, dirigido pelo poeta Isidoro Pires (v.), que atraiu as atenções sobre Tavira, reunindo colaboração de Hernâni de Lencastre (v.), de Alberto Marques da Silva (v.), de António Vicente Campinas (v.), de Laurinda Serytram, de Vítor Castela (v.), de J. Santos

Stockler (v.), de Luís Palma Vaz, de Sebastião Leiria (v.), de Emiliano da Costa (v.), de Isidoro Pires (v.) e de Manuel Virgínio Pires (v.), entre outros; por outro lado, deveu-se ao facto de esta oficina contar com um dos mais conceituados tipógrafos do Sotavento algarvio, Diamantino Sousa Cardoso (v.). Creio que a publicação de alguns dos romances de António Vicente Campinas se ficou devendo precisamente aos laços de amizade que o uniam a Diamantino Cardoso, pois haviam sido colegas de profissão na Tipografia Socorro (v.), de Vila Real de Santo António.

A partir de 1955, Faro ganhou novamente o protagonismo das edições literárias, embora António Vicente Campinas continue fiel à casa de Tavira por mais alguns anos.

Convém destacar que foi no ano de 1955 que foi editado o primeiro livro de poesia de Elviro Rocha Gomes (v.) no Algarve. Este autor contribuiu com setenta e quatro títulos para a bibliografia literária algarvia, publicando, sobretudo em edições de autor, desde aquele ano até 2001. Não constam, porém, todos os seus títulos no catálogo, por, a partir de 1992, os seus livros passarem a ser impressos no sistema off-set.

No ano de 1956 são impressos dez títulos de índole literária. Surgem as edições de autor, de escritores já reconhecidos, como Hernâni de Lencastre (v.), Elviro Rocha Gomes (v.), Alberto Marques da Silva (v.) (todos na Tipografia de *O Algarve*, v.), Sotero Cabrita (na Tipografia União, v.), António Vicente Campinas e Emiliano da Costa (na Tipografia do *Povo Algarvio*, v.); surgem as separatas do *Correio do Sul* (v. catálogo, n.^{os} 159. e 161.) e, finalmente, aquela que considero o novo alento das letras algarvias: a *Arraial: página literária mensal do Correio do Sul*, que se publicou entre 18/10/1956 e 10/07/1958, num total de dezasseis números (v. catálogo, n.º 160.).

Tratou-se de uma página sempre dedicada aos valores poéticos do Algarve: evocou uns (João de Deus, João Lúcio, Bernardo de Passos e António Aleixo), consagrou outros (Emiliano da Costa, Cândido Guerreiro, Hernâni de Lencastre) e projectou outros ainda (António Ramos Rosa, Casimiro de Brito e Gastão Cruz). A crítica ficou quase sempre à guarda de Elviro Rocha Gomes, que assinou, entre outros, “Bernardo de Passos e o sentimento da saudade”, “Cândido Guerreiro e o sentimento do amor”, “João Lúcio e o tormento da expressão”, “Júlio Dantas poeta palaciano”, “Emiliano da Costa e a Natureza”, “António Aleixo e a sabedoria da vida”, “João de Deus e o verso humilde”, “O poeta Hernâni de Lencastre e o efêmero na perpetuidade” e “Os *slogans* em poesia”. Entre os colaboradores, contam-se Hernâni de Lencastre (v.), Eduardo Frias, Maria Hemínia, Manuel António Rodrigues da Silva, Celestino Gomes,

Gastão Cruz (v.), Guilherme Felgueiras, Mário Lyster Franco (v.), António Ferro, Casimiro de Brito (v.), Cândido Guerreiro (v.), Emiliano da Costa (v.), António Teixeira Marques (v.), António H. Balté, Francisco Fernandes Lopes (v.), António Ramos Rosa (v.), António Vicente Campinas (v.), Elviro Rocha Gomes (v.), Álvaro de Campos, Costa Mendes, Júlio Dantas, Nita Lupi, Joaquim Magalhães (v.), Passos Valente, Alberto Uva, João de Mascarenhas (v.), José Neves, Morais Lopes (v.), António Pereira (v.), Rui Santos (v.) e Mário Guerra Roque.

Dos poetas já falecidos, a *Arraial* publicou poemas de Bernardo de Passos (v.), de João Lúcio (v.), de António Aleixo (v.), de Coelho de Carvalho, de João Paulo Rosado e de Manuel Penteadado.

A página foi sempre profusamente ilustrada com fotografias, caricaturas e desenhos, que ilustraram os seus colaboradores, ou os autores evocados.

Os anos seguintes, bipartidos entre a Tipografia União e a Tipografia Cúcima, conheceram uma verdadeira “euforia de produção livresca”¹⁷⁴, como nos deu conta a página literária do *Correio do Sul*:

“Como que abriu a série algarvia propriamente dita Casimiro de Brito, com os seus *poemas da solidão imperfeita* surgidos no raiar do ano, logo seguido de perto pelo Dr. Fernando Moreira Ferreira, que fez o seu *O instante redimido*, pela preciosa antologia dos *Cadernos do Meio Dia*, em que pontifica o brilhante espírito de António Ramos Rosa, e pelos poemas de Elviro Rocha Gomes. Vieram depois e estão na nossa estante ainda húmidos de tinta, *Rapsódias em rimas desusadas* do Dr. António Henrique Balté e *Caminhada* de Morais Lopes, que há dias nos veio de Portimão.

E, louvado seja Deus e o espírito criador dos homens, já se anunciam para dentro de breves dias um livro de versos do Dr. António Teixeira Marques e um romance de Santa Clara.”¹⁷⁵

Com efeito, Casimiro de Brito inaugurou uma verdadeira “série algarvia”, como seguidamente evidenciaremos, mas este foi também o momento da sua estreia literária sob forma de livro. Uma das maiores características deste poeta tem sido, desde o início da sua carreira literária, a capacidade de iniciativa, de aliar o sonho à acção. Foi isto que fez, quando, após a publicação de *poemas da solidão imperfeita* (v. catálogo, n.º 34.), consciente de que havia um longo caminho a trilhar sentiu necessidade de conhecer outros, de partilhar experiências.

¹⁷⁴ *Arraial: Página Literária Mensal do Correio do Sul*, n.º 2110, 10/07/1958.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

Em 1958, António Ramos Rosa, após alguns problemas políticos em Lisboa, regressou à sua terra natal e começou a dar explicações de francês, como forma de se sustentar. Casimiro de Brito procurou-o e inscreveu-se nas explicações de modo a chegar àquele que já então era considerado como *O Poeta*. Da “primeira aula” nasceu a relação entre os dois poetas que se tornaria duradoura. Pouco depois, Casimiro propôs a António Ramos Rosa a edição dos seus poemas numa colectânea, até aí apenas publicados em jornais e revistas. *O Poeta* aceitou e daí nasceu o seu primeiro livro, *O Grito Claro* (v. catálogo, n.º 37.), que inaugurava a colecção *A Palavra*.

Fruto ainda desta amizade surgiu no mesmo ano os *Cadernos do Meio-Dia: antologia de poesia, crítica e ensaio* (Abr./1958 – Fev./1960) (v. catálogo, n.º 36.), coordenados por António Ramos Rosa, Casimiro de Brito, Fernando Moreira Ferreira e Hernâni de Lencastre.

Publicaram-se cinco números, pois não obstante a menção “Publicação não periódica”, a censura apreendeu o quarto número, saindo o quinto e último número um ano depois, em Fevereiro de 1960. Este último foi enriquecido pela participação de Manuel Baptista que ilustrou a capa, até aí sempre modesta do ponto de vista gráfico.

Tratou-se de uma publicação eclética, cujo princípio básico era a reunião de “vozes diversas a que apenas a sua dignidade e altitude estética conferirão aquela unidade indispensável (...). A [sua] preocupação será (...) dar especial relevo à «Presença atenta e eficaz da poesia na Consciência, na Cidade, no Cosmos»”¹⁷⁶. Para cumprir este programa, para além dos coordenadores, juntaram-se Adolfo Casais Monteiro, José Terra, Egito Gonçalves, António Teixeira Marques (v.), José Bento, Helberto Helder, Manuel Pacheco, Gaston-Henry Aufrère, Maria Almira Medina, Vítor Matos e Sá, Saul Dias, Alberto de Lacerda, Fernando Echevarria, José Manuel Simões, João Rui de Sousa, António José Fernandes, Papiniano Carlos, Vasco Miranda, Carlos Alberto Jordão, Manuel Madeira, José Carlos González, Renata Pallottini, Wilson Rocha, Gabriel Celaya, Ángel Crespo, Luísa da Costa, Óscar Lopes, Emiliano da Costa, José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, João José Cochofel, José Terra, Raul de Carvalho, Mário Cesariny de Vasconcelos, José Fernandes Fafe, António Carlos, António Vicente Campinas, Alonso Catela, Carlos Porto, Eduardo Olímpio António Fernández Molina, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, Alexandre O’Neill, Fernando Vieira, Maria Alberta Meneres, Luís Fernando, E. M. de Melo e Castro, Rui Mendes,

¹⁷⁶ *Cadernos do Meio-Dia*, n.º 1, Fev./1958.

Aureliano Lima, Candeias Nunes, Almeida Firmino, Fernando Pessoa Ferreira, Arcádio Pardo, David Mourão-Ferreira, João Rui de Sousa, Fiamma Hasse Pais Brandão, Alfredo Margarido, Gastão Cruz, Maria Teresa Horta, Manuel de Castro e Milton de Lima Sousa.

Entretanto, e principalmente no período das “férias grandes”, passadas na ilha de Faro, conheceram-se pessoalmente todo um grupo de jovens que fecundaram a literatura e as artes plásticas: Casimiro de Brito, Manuel Baptista, Maria Teresa Horta (v.), Gastão Cruz, Maria Alberta Meneres, Luíza Neto Jorge (v.), E. M. Melo e Castro (v.), Fiamma Hasse Pais Brandão (v.), Vespeira, entre outros. Eram encontros, tertúlias, jantares no mítico restaurante “Dois Irmãos”, um *ex-libris* da cidade, segundo relembra Manuel Baptista em entrevista cedida. Fervilhava a juventude, a poesia, a resistência.

Mais uma vez Casimiro de Brito voltou a congregar energias para publicar os textos destes jovens poetas, dando continuidade às colecções *A Palavra* e *Silex*. Tratava de todos os assuntos com a tipografia e chegou mesmo, após a saída do seu emprego de funcionário bancário, a dedicar longas horas noite dentro à composição dos folhetos, na Tipografia Cácima (v.). A ajudá-lo esteve o responsável pelo grafismo, Manuel Baptista.

Cessada a experiência dos *Cadernos do Meio-Dia*, surgiu dos prelos da mesma oficina os cinco fascículos de *Poesia 61* (v. catálogo, n.ºs 45., 45., 47., 48., e 49.), da autoria de Casimiro de Brito, Gastão Cruz, Maria Teresa Horta, Luíza Neto Jorge e



Ilustração n.º 56: capa dos fascículos de Poesia 61.

Fonte: colecção particular de Artur Anselmo.

Fiamma Hasse Pais Brandão, que foi, no fundo, o culminar de uma linha poética que

já se adivinhava em *o aquário* de Fiamma Hasse Pais Brandão (v. catálogo, n.º 38.), em *espelho inicial* de Maria Teresa Horta (v. catálogo, n.º 42.), ou em *a noite vertebrada*, de Luíza Neto Jorge (v. catálogo, n.º 43.). Para Gastão Cruz tratou-se de uma “exploração das virtualidades da palavra – em particular do nome como imagem ou metáfora – destacando-a progressivamente no discurso ou na página”¹⁷⁷.

¹⁷⁷ CRUZ, Gastão, “A poesia de 60”, in *A Poesia Portuguesa Hoje*, 2.ª ed., cor. e aum., Lisboa, Relógio d’Água, Set/1999, p. 207.

Devemos sublinhar o papel da tipografia Cácia como actor indispensável à materialização deste movimento, que recebeu o grupo de novos poetas. Casimiro de Brito, em entrevista cedida, lembrou como Armelim Mendes Cácia foi generoso e decisivo para a concretização de um projecto para o qual não existia execução financeira: “quanto ao dinheiro não há problema, pagas metade e o restante é pago através de algumas horas aqui na tipografia”, declarou-lhe o tipógrafo. Foi assim que se tornou a oficina eleita destes autores, onde tranquilamente puderam decidir, discutir, acompanhar e até mesmo participar, com as suas próprias mãos, na composição da sua obra, vendo-a nascer e ganhar forma comercialmente.

Faro viveu neste período mais um intenso momento intelectual, suportado por uma época de alguma estabilidade económica (estávamos no período pós-guerra), que permitiu o recrudescer do número de produções impressas por estes anos. A actividade cultural levada a cabo na cidade, quer pelo grupo de jovens que mencionámos, quer pelo Círculo Cultural do Algarve que fundou em 1958 o Grupo de Teatro¹⁷⁸, visava reagir a um contexto ideológico desfavorável, que de vários quadrantes começara a dar sinais de fragilidades, reunindo vozes, divulgando-as, fazendo emergir ideias, pensadores, a cultura.

Os anos seguintes apresentaram um decréscimo nos trabalhos literários impressos e Vila Real de Santo António tornou-se o principal centro de produção. Desta vez não houve razões ideológicas, ou movimentos literários que o determinassem, apenas ditaram as regras do mercado. Vila Real tinha a oficina mais bem equipada da província, mão-de-obra qualificada e, por conseguinte, conseguia preços competitivos, que determinaram a opção dos autores.

Elviro Rocha Gomes continuou a ser um nome constante em todos os anos analisados, mas surgiram outros: José dos Santos Stockler (v.), Vieira Calado (v.), Idália Farinho Custódio (v.), Oliva da Mata Artur (v.), Luís Alberto Monteiro Pereira (v.), Fonseca Domingos (v.), Orlando Bica (v.), entre outros. Em comum, o facto de se tratar

¹⁷⁸ O “Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve” foi fundado por José de Campos Coroa e ensaiado por este, por Joaquim Magalhães e por Emílio Campos Coroa. O grupo de amadores era praticamente todo ele constituído por antigos alunos da Escola Industrial de Faro ou do Liceu, contando-se entre eles professores, médicos, engenheiros, estudantes, empregados de escritório, empregados comerciais, donas de casa. Em sete anos (1958-1974) este grupo, premiado várias vezes, levou a cena Gil Vicente, Shakespeare, Calderon de la Barca, Molière, António Ferreira, Tchecov, Fernando Pessoa, Bernardo Santareno, entre muitos outros. Promoveram recitais de poesia, incluindo Emiliano da Costa, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, José Gomes Ferreira e António Ramos Rosa. Para o leitor interessado na história deste grupo, recomenda-se a leitura de COROA, Emílio Campos, *O teatro amador em Faro: 1845-1964, 119 anos de teatro amador*, Faro, Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve, 1964.

na sua maioria de edições de autor, de reduzidas tiragens. São produções individuais, seguindo diferentes tendências, não se revelando entre eles a ideia de grupo ou de movimento.

Chegado o ano de 1992, assistimos ao último suspiro da produção literária impressa tipograficamente. A última paragem do nosso roteiro é Vila Real de Santo António, na Tipográfica do Sul – Artes Gráficas, Lda. (v.), onde Elviro Rocha Gomes, Margarida Travassos Brito (v.) e José Maria Fonseca Domingos (v.) se encontram para encerrar um repertório com cento e quarenta anos de história.

CAPÍTULO IV

IV.1 CONCLUSÃO

A conclusão é, por norma académica, o fim de um trabalho; não obstante, gostaria de afirmar que se trata antes de uma síntese dos resultados obtidos durante o período em que decorreu esta investigação, para a qual tivemos igualmente limites académicos a cumprir.

No que à actividade tipográfica diz respeito, importa reter que reapareceu na cidade de Faro, no ano de 1833, através de uma “Imprensa do Governo”. Não conseguimos provar se se tratou de uma tipografia oficial, ou se de uma oficina móvel ao serviço das tropas liberais. O documento que permite a datação acima referida é a *Chronica do Algarve*, um prospecto que publicitava o aparecimento do jornal com o mesmo nome e que se apresentava como órgão oficial das tropas liberais.

A origem da actividade tipográfica foi portanto ideológica, característica que se manteve em oito concelhos dos dez estudados. A sua instalação foi quase sempre motivada pelo desejo de editar um jornal, representativo de uma facção política.

A evolução da actividade é lenta e só na década de 90 do século XIX é que se generaliza. Devemos destacar a importância do concelho de Lagos, na medida em que foi charneiro na contratação de tipógrafos profissionais que posteriormente inauguraram a arte tipográfica em outros concelhos, onde fizeram escola.

O período da expansão da actividade deu-se entre 1870 e 1920 e teve na sua origem factores políticos, o crescimento industrial e a forte consciência regionalista, a qual se desenvolveu sobretudo a partir de 1915.

No início da actividade tipográfica os proprietários foram sobretudo indivíduos com níveis de instrução elevados que fizeram da oficina um instrumento de poder. No entanto, analisando a actividade numa perspectiva diacrónica, sessenta por cento dos proprietários foram tipógrafos.

A mão-de-obra tipográfica dos primeiros anos era desqualificada; não conhecia os preceitos da actividade e os seus primeiros artistas vinham de outras profissões, como a de carpinteiro. O tipógrafo algarvio, embora tenha uma preferência entre as várias especialidades do trabalho tipográfico, domina-as a todas e isso fez dele, já no século XX, um dos profissionais mais apeteceíveis nas grandes tipografias de Lisboa, onde muitos foram contratados.

O parque tipográfico algarvio é modesto, até porque o que caracteriza esta actividade são as pequenas unidades de produção, dedicadas sobretudo aos trabalhos comerciais e publicitários. Na década de 50, assistiu-se à introdução das máquinas de composição Intertype e na década de 70 à introdução do off-set, que só se generalizou a

partir de 1990. Curiosamente, ainda subsistem oficinas exclusivamente tipográficas e as restantes, quase na sua totalidade, mantêm um sector tipográfico activo.

As oficinas têm sido sobretudo casas de impressão e raramente assumiram o papel de editoras. A sua produção característica foi a comercial, a industrial e a publicitária.

Não obstante, também imprimiram textos de índole literária. Esses, que a arte tipográfica permitiu que chegassem até nós, são em maior número folhetos, impressos sobretudo em Faro, na Tipografia União.

Sobre a actividade literária algarvia convém destacar que o texto literário impresso mais antigo que detectámos foi o *Jornal cómico do Algarve: Os dous pastores*, impresso da Tipografia do Governo Civil, em Faro, no ano de 1852.

Na década de 70 do século XIX verificou-se o primeiro impulso literário, protagonizado pelo periódico lacobrigense *Gazeta do Algarve* ao editar onze romances.

Uma das marcas da produção literária até aos anos 20 são as produções para comemorações específicas, em que Joaquim Rodrigues Davim pontificou.

Ao longo das décadas, os centros de produção foram alternando, devido principalmente à edição de periódicos que reuniam à sua volta determinados grupos. Essa foi uma das razões para que os autores escolhessem determinada oficina, como foi o caso da Tipografia Burocrática, de Tavira, no final do século XIX.

Em termos de história literária devemos sublinhar quatro momentos de grande intensidade. O primeiro situa-se no período pós-I Congresso Algarvio, realizado em 1915, cujo ambiente favorável permitiu a afirmação e promoção de autores algarvios e, segundo creio, as condições para que se formassem as primeiras editoras algarvias, a Editora Olhanense e a Regional Editora. O segundo abrange o ano de 1917 especificamente com a publicação da secção futurista de *O Herald*. O terceiro momento abarca os anos 40 e deu ao Algarve mais do que a projecção nacional, deu projecção internacional através da edição da revista *Afinidades*. O quarto momento encerra os anos de 1956 a 1964, em que ocorre um novo fôlego regionalista e em que eclode na cidade de Faro o movimento *Poesia 61*.

Toda esta produção é predominantemente custeada pelos próprios autores. As tiragens são reduzidas, as suficientes para distribuir pelo núcleo de amigos, bibliotecas e imprensa, sobrando apenas alguns para comercialização.

Finalmente, há a dizer que a escolha das oficinas pelos autores é determinada por três factores: a amizade e comunhão ideológica com o proprietário da tipografia,

que normalmente é também director do jornal da casa, onde o autor colabora; a amizade e confiança no(s) tipógrafo(s) e, finalmente, por razões económicas.

O capítulo final de um trabalho parece-me sempre um momento intermédio. Chegamos ao fim de uma jornada, mas começam a desenhar-se os contornos de uma nova caminhada. Assim, para além de uma síntese dos resultados obtidos, gostaria de fazer deste momento uma espécie de declaração de interesses para o futuro.

Ao longo do processo de investigação fui tomando consciência das dificuldades que assaltam o investigador cujo objecto de interesse se encontra na província. Neste caso, a escassez de documentação nos Arquivos Históricos, tanta vez destruída voluntária ou involuntariamente; a falta de inventários para a documentação existente¹⁷⁹; o avançado estado de degradação dos periódicos depositados na Biblioteca Nacional, assim como a falta de colecções completas; a escassez de estudos culturais panorâmicos sobre a região e a quase total inexistência de arquivos de tipografias, de espólios tipográficos, são somente alguns dos factores que determinaram os resultados apresentados. Não foram e não são, no entanto, razão para que nos sintamos desmotivados. Antes pelo contrário. Percebemos a urgência de recolher informação, testemunhos e de divulgá-los.

A metodologia utilizada para proceder ao levantamento da produção literária, poderá ser aplicada à restante produção impressa. Poderemos, então, colaborar no processo de aproximação à vida política, económica, social e cultural da região, partindo tão somente da folha solta, do folheto, ou do livro produzido. Poderemos descobrir a existência de associações, de clubes, de organismos, de sociedades, que o pó do tempo fez cair no olvido.

Mais urgente me parece ainda empreender este trabalho de levantamento sistemático da actividade tipográfica moderna nas restantes regiões do país. A fragilidade das fontes de informação, nomeadamente os testemunhos orais, determinam a premência do trabalho.

Finalmente, seria de todo o interesse para a cultura algarvia reunir num museu das artes gráficas os espólios tipográficos desactivados, que ainda permanecem em muitas tipografias (quase todas tornadas em gráficas) da região.

¹⁷⁹ É muito recente a contratação de arquivistas pelas Câmaras Municipais, que até há pouco tempo negligenciaram os seus arquivos históricos.

BIBLIOGRAFIA

I. A Indústria Tipográfica e o Livro

- AA.VV., *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801): Bicentenário*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Biblioteca Nacional, 1999.
- ANSELMO, Artur, *Estudos de História do Livro*, Lisboa, Guimarães Editores, 1997.
- ANSELMO, Artur, *Livros e Mentalidades*, Lisboa, Guimarães Editores, 2002.
- ANSELMO, Artur, *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981.
- ARAÚJO, Norberto de, e MENDES, Artur Pereira, *Aspectos da Tipografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1914.
- CRAIG, James, *Produção Gráfica*, São Paulo, Editora Mosaico e Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- CURTO, Diogo Ramada, *Cultura Escrita: Séculos XV a XVIII*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007.
- DIAS, João José Alves, *Iniciação à Bibliofilia*, Lisboa, Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, 1994.
- DURÃO, Susana Soares Branco, *Os Últimos Tipógrafos, a Arte Negra e o Seu Fim. 1940 – 1996: a Antropologia nas Tipografias de Lisboa*, dissertação de mestrado, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1999. Exemplar policopiado. A tese foi posteriormente editada como *Oficinas e Tipógrafos – cultura e quotidianos de trabalho*, Lisboa, Dom Quixote, 2003.
- ESCOLAR, Hipólito (dir.), *Historia Ilustrada del Libro Español: La Edición Moderna. Siglos XIX y XX*, col. Biblioteca del Libro, Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez / Pirâmide, 1996.
- FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean, com a colaboração de AA.VV., *O Aparecimento do Livro*, tradução de Henrique Tavares e Castro e Revisão Científica de Artur Anselmo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- FURTADO, José Afonso, *O Que É o Livro*, Lisboa, Difusão Cultural, 1995.
- GUEDES, Fernando, *O Livro e a Leitura em Portugal: Subsídios Para a Sua História Séculos XVIII-XIX*, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 1987.
- GUEDES, Fernando, *Os Livreiros em Portugal e as Suas Associações Desde o Século XV Até aos Nossos Dias: Subsídios Para a Sua História*, 2.^a ed. rev. e aum., Lisboa, Editorial Verbo, 2005.
- GUSMÃO, Armando Nobre de, CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de e SOTTOMAYOR, José Carlos Garcia (coord.), *Regras Portuguesas de Catalogação – I:*

- Cabeçalhos; Descrição de Monografias; Descrição de Publicações em Série*, Lisboa, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999.
- HEITLINGER, Paulo, *Tipografia: Origens, Formas e Uso das Letras*, Lisboa, Dinalivro, 2006.
- LABARRE, Albert, *História do Livro*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.
- McMURTRIE, Douglas C., *O Livro: Impressão e Fabrico*, tradução de Maria Luísa Saavedra Machado, prefácio e notas de Jorge Peixoto, 3.^a edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- PEDRO, Manuel, *Tipógrafos de Ontem, Tipógrafos de Hoje, Tipógrafos de Amanhã*, Porto, Imp. Moderna, 1950.
- PEDRO, Manuel, *Tipógrafos Ilustres*, Porto, Imp. Moderna, 1944.
- PEIXOTO, Jorge, “História do Livro Impresso em Portugal”, *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, Atlântida, A. X-XII, n.º 37-48 (1964-1966), pp. 1-26 (com separata).
- PEIXOTO, Jorge, *Técnica Bibliográfica: Subsídio para a Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, Atlântica, 1961.
- VILELA, A., *Cartilha de Artes Gráficas: Apontamentos Histórico-Técnicos e Teórico-Práticos de Todas as Indústrias Gráficas Desde os Séculos XV a XX*, Braga, STGRAMINHO – Sindicato dos Trabalhadores Gráficos e Afins do Minho, 1978.

II. A Imprensa na Província

- BRANCO, Capitão [José] Vieira, *Subsídios para a História da Imprensa Algarvia: de 1833 aos Nossos Dias*, Faro, s.n. (Tipografia Caetano), 1938.
- CASTRO, António Henrique Tavares e Castro, *Oficinas Tipográficas em Portugal Entre Douro-e-Minho*, dissertação de mestrado, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1991. Exemplar policopiado.
- MATEUS, Liliana Guerreiro, *Vida Cultural Algarvia pelo Periódico Correio do Sul (1920-1981)*, monografia do curso de licenciatura em Património Cultural, Faro, FCSH, Universidade do Algarve, 2005. Exemplar policopiado.
- MENDONÇA, Artur Ângelo Barracosa, “A produção de livros numa região periférica: o Algarve nas primeiras décadas do século XX (1900-1930)”¹⁸⁰.

¹⁸⁰ Cheguei a este artigo através do Centro de Documentação de Loulé onde existe um exemplar; no entanto, o artigo não tinha referência bibliográfica completa e não a consegui apurar de outro modo.

- MENDONÇA, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, *Al’-ulyã: Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, pp. 391-463.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, “*Chronica do Algarve* terá sido o primeiro jornal algarvio?», in *3.º Congresso sobre o Algarve: Textos das Comunicações*, vol. I, Silves, Racal-Clube, Jan./1984, pp. 295-307.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, “Faro e o Movimento do Orfeu”, in *Congresso sobre o Algarve: Textos das Comunicações*, vol. I, Silves, Racal-Clube, Jan./1984, pp. 136-145.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da Imprensa do Algarve*, 2 vols., Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve / Direcção-Geral da Comunicação Social, 1988 e 1989.
- MONTE, Gil do, *Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos Séculos XVI a XVIII*, vol. I, Évora, s.n. (Gráfica Eborense), Abr./1968.
- MONTE, Gil do, *Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos Séculos XIX e XX*, vol. II, Évora, s.n. (Gráfica Eborense), Mar./1980.
- MURTA, José Guerreiro, *Evocação da Alma Nova*, Faro, s.n. (Tipografia do *Correio do Sul*), 1960.
- NETO, Teodomiro, “Do *Pentateuco* ao *Grito Claro*”, in VITORINO, José (dir.), *Anais do Município de Faro*, vols. XXXI e XXXII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2003, pp. 78-105.
- NOBRE, Antero, *A Imprensa Periódica no Concelho de Olhão (1888-1983)*, Olhão, ed. de *A Voz de Olhão*, 1983.
- NUNES, Joaquim António, *Jornais, Homens e Factos de Portimão*, colecção Estudos Algarvios VIII, Lisboa, Casa do Algarve, 1962.
- SABÓIA, João, “Uma leitura de um jornal *Alma Algarvia*”, *Al’-ulyã: Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 2, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 1993, pp. 83-131.
- TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.ª ed rev. e aum., Lisboa, Editorial Caminho, S.A., 1989.
- TENGARRINHA, José, “O movimento jornalístico no Algarve: das origens ao final da década de 80 do século XX”, in MARQUES, Maria da Graça Maia (coord.), *O*

Algarve da Antiguidade aos Nossos Dias (Elementos para a sua História), Lisboa, Edições Colibri, 1999, pp. 591 – 598.

III. Estudos de Contextualização Histórico-Cultural

ALGARVE, Marcos (dir.), *Almanach do Algarve para 1904*, Vila Nova de Famalicão, imp. na Tipografia Minerva, 1904 (BNP).

ALGARVE, Marcos e CASTANHO, [Ribeiro] José, *Almanach do Algarve para 1903*, Vila Nova de Portimão, imp. na Tipografia Minerva de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão de Vila Nova de Famalicão, 1903 [consultado no ADF].

ALVES, Ricardo, Roberto Nobre: 1903-2003, São Brás de Alportel, Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 2003.

ANICA, Arnaldo Casimiro, *Toponímia de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, imp. na Tipografia Tavirense, Lda., 2000.

BAENA, Visconde de Sanches de, *Famílias Nobres do Algarve pelo Visconde de Sanches de Baena*, Lisboa, A Liberal, Officina Typographica, 216, Rua de S. Paulo, 216, 1900 (há uma 2.^a ed. de 1906).

BASTOS, José Timóteo da Silva, *História da Censura Intelectual em Portugal (Ensaio sobre a Compressão do Pensamento Português)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.

BORBA, Tomás e GRAÇA, Fernando Lopes, “CRUZ, Ivo”, in *Dicionário de Música*, Porto, Mário Figueirinhas Editor, 1996, p. 389.

CABREIRA, Thomaz, *O Algarve Económico*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1918.

CARVALHO, Amadeu Ferreira d’Almeida, *Recordando... Memórias e impressões*, separata do *Correio do Sul*, Faro, *Correio do Sul*, impresso na Tipografia União, 1956.

CAVACO, Hugo, *Lusitano Futebol Clube: Homenagem aos Campeões Nacionais de Futebol da III Divisão 1952/2002*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2002.

CAVACO, Hugo, *Toponímia de Vila Real de Santo António*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2001.

CAVACO, Hugo, *Vila Real de Santo António: Reflexos do Passado em Retratos do Presente (Contributos para o estudo da história vila-realense)*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 1997.

- CHAGAS, Ofir Renato das, *Tavira – Memórias de uma Cidade*, Tavira, ed. de autor, imp. na Tipografia Tavirense, 2004.
- COROA, Emílio Campo, *O Teatro Amador em Faro (1845-1964)*, Faro, Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve, 1964.
- CORREIA, Emanuel, *Carlos Porfírio: Cineasta*, Lisboa, Edições Colibri, 2001.
- COSTA, Renato, *A Emigração de Algarvios para Gilbratar e Sudoeste da Andaluzia (1834-1910)*, col. História da População, Estar Editora, Lisboa, 2002.
- CRUZ, Gastão, “A poesia de 60”, in *A Poesia Portuguesa Hoje*, 2.^a ed., cor. e aum., Lisboa, Relógio d’Água, Set/1999, pp. 197-217.
- CUADRADO, Perfecto E., “Poesía Contemporánea (de la Segunda Guerra Mundial a la Revolución de los Claveles)”, in José Luís Gavilanes, e António Apolinário (eds.), *Historia de la Literatura Portuguesa*, Madrid, Ediciones Cátedra, S.A., 2000, pp. 601-625.
- DOMINGUES, J. D. Garcia, *Silves: Guia Turístico da Cidade e do Concelho*, 2.^a ed., s.l., Região de Turismo do Algarve, 1989.
- FERRO, Silvestre, “PAULA, Francisco da Conceição”, in *Vultos da Toponímia de Lagos*, Lagos, Câmara Municipal, 2002.
- FERNANDES DA SILVEIRA, Jorge, *Portugal Maio de Poesia 1961*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- FRANCO, Mário Lyster (dir.), *Guia-Album do Algarve I Sotavento*, com capa e vinhetas de Roberto Nobre e fotografias de Zambrano Gomez, Lisboa, S. Zambrano Gomez, 1932.
- FRANCO, Mário Lyster, *Algarviana: Subsídios Para Uma Bibliografia do Algarve e dos autores algarvios*, vol. I (A-B), Faro, Câmara Municipal de Faro, 1982.
- FRANCO, Mário Lyster, *Algarviana: Subsídios Para Uma Bibliografia do Algarve e dos Autores Algarvios*, vol. II (C-Z). Documentação inédita.
- FRANCO, Mário Lyster, *Salazar Moscoso: Um Poeta Algarvio Esquecido. Notas Bibliográficas e Breve Antologia*, Faro, separata do *Correio do Sul*, 1979.
- FREITAS, Pedro de, *Os Meus Artigos e Alguns Extras: 2.^a série (1965-1982)*. Compilação do autor de todos os artigos por si publicados, depositada no Centro de Documentação de Loulé.
- FREITAS, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, 3.^a ed., (1964, 1.^a ed.), Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1991.

- GIRÃO, Paulo, *A Pneumónica no Algarve*, col. História da População, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2003.
- GOMES, Elviro Rocha, *Poetas e Prosadores Algarvios*, Faro, Algarve em Foco Editora / Câmara Municipal de Faro, 1999.
- GOMES, Neto, *Pelo Mar Adentro Alimentando o Fumo das Fábricas*, Loulé, s.n. (Gráfica Comercial), 2005 (d.l.).
- GONÇALVES, Ilena Luís Candeias, *Escritores Portugueses do Algarve (nascidos entre 1924 e 1968)*, Lisboa, Edições Colibri, 2006.
- IRIA, Alberto (cartas coligidas e comentadas por), *Centenário de Francisco Fernandes Lopes*, Faro, Universidade do Algarve / Câmara Municipal de Olhão, 1986.
- LOPES, Francisco Fernandes, “Olhão”, in AA.VV., *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XIX, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda., s.d., pp. 293-302.
- LOPES, Francisco Fernandes, *A Música das Cantigas de Santa Maria e Outros Ensaios*, Olhão, Câmara Municipal de Olhão, 1985.
- MAGALHÃES, Joaquim (pref.), *A Obra Poética de Bernardo de Passos*, São Brás de Alportel, Câmara Municipal, 1982.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero, NOBRE, Idalina e BATISTA, Patrícia, *Toponímia de Albufeira: Rua Joaquim Magalhães*, Albufeira, Câmara Municipal, 2008.
- MAGALHÃES, Joaquim, *A Aventura Poética de Emiliano da Costa*, Faro, ed. de autor, 1962.
- MARREIROS, Glória Maria, *Quem Foi Quem? 200 Algarvios do Século XX*, 2.^a ed., Lisboa, Edições Colibri, 2001.
- MARTINS, Isilda Maria Renda, *Loulé no Século XX: Da Decadência da Monarquia à Implantação da República*, vol. I, Loulé, Edições Colibri e Câmara Municipal de Loulé, 2001.
- MATEUS, Liliana Guerreiro, *A Vida Cultural Algarvia Pelo Periódico Correio do Sul (1920 – 1981)*, Monografia do Curso de Licenciatura em Património Cultural, Faro, Universidade do Algarve, 2005.
- MATOS, Lourenço Correia de, “Mendonças, de Quelfes, Olhão”, *Armas e Troféus: Revista de História e de Arte*, Lisboa, 2008.
- MATOS, Manuel Cadafaz de, “Acheugas para a Compreensão da Obra do Médico Algarvio Bernardino Adolfo e Silva (1856-1916): A Música, Sua Influência e Emprego Terapêutico”, no Centenário da Sua Publicação”, in AA.VV., *Textos das*

- Comunicações do 3.º Congresso sobre o Algarve*, vol. I, Silves, Racal Clube, 1984, pp. 231-240.
- MATOS, Manuel Cadafaz de, *Francisco Fernandes Lopes (1884-1969), Um Historiador na Sua Diversidade. Elementos para uma Biografia com uma Antologia de Textos do Autor*, Faro, Delegação Regional da Cultura do Algarve e Secretaria de Estado da Cultura, 1994.
- MENDES, J. Amado, “Comércio, Transportes e Comunicações”, in MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal: O Liberalismo*, vol. V, Lisboa, Editorial Estampa, 1998, pp. 319-327.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, “As Primícias Jornalísticas de Mestre Aquilino Ribeiro na Vila de Olhão”, in AA.VV., *4.º Congresso Nacional do Algarve. Livro das Comunicações*, vol. I, s.l. [Silves], Racal Clube, 1986, pp. 253-259.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, “Loulé na Primeira Metade do Século XIX. Uma Visão Comparativa Regional”, in AA.VV., *O Algarve na Perspectiva da Antropologia Ecológica*, s.l., INIC, 1989, pp. 161 – 187.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, *Confidências e Revelações de Mário Lyster Franco*, Faro, AJEA Edições, 2005.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História do Teatro Lethes*, 2.ª ed., Faro, AJEA, 2002.
- MOREIRA, António, “A crise: do Terramoto Delgado ao golpe de Beja”, in António Reis (coord.), *Portugal Contemporâneo (1958-1974)*, Lisboa, Publicações Alfa, S.A., 1989, pp. 21-36.
- MORENO, Mateus Martins (dir.-ed.), *Alma Nova: Revista Ilustrada Educativa, Crítica e Artes*, Faro / Lisboa, imp. na Minerva Comercial (Évora), 1914 - .
- MURTA, Guerreiro, *Evocações: Vida Estudantil, Labor Didáctico, Lides Sociais e Perfis do Natural*, Lisboa, Edição do Autor, 1970.
- MURTA, Guerreiro, *Evocações: Vida Estudantil, Labor Didáctico, Lides Sociais e Perfis do Natural - Adenda*, Loulé, Edição do Autor (Tipografia União), 1976.
- NETO, Teodomiro, “Biblioteca Municipal de Faro: Cem Anos de Leituras” e “Faro - Do Pentateuco ao Grito Claro”, *Anais do Município de Faro*, vol. XXXI-XXXII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2001/2002, pp. 13-37, 78-105.
- NETO, Teodomiro, *Carlos Porfírio na pintura contemporânea algarvia*, Faro, separata dos *Anais do Município de Faro*, 1992.

- NEVES, José, *O Poeta Cândido Guerreiro*, separata do *Correio do Sul*, Faro, *Correio do Sul*, 1961.
- NOBRE, Antero, *Cronologia Geral da História de Olhão da Restauração*, Olhão, ed. de *A Voz de Olhão*, 1986.
- NOBRE, Antero, *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, Olhão, ed. de *A Voz de Olhão*, 1984.
- NOBRE, Antero, *O Doutor Fernandes Lopes. Apontamento Bio-Bibliográfico*, Olhão, ed. de *A Voz de Olhão*, 1984.
- NOBRE, Antero, *O Poeta João Lúcio: Apontamento Biográfico*, Olhão, ed. de *A Voz de Olhão*, s.d..
- NUNES, Joaquim António, *Portimão*, Lisboa, Casa do Algarve, 1956.
- OLIVEIRA, Ataíde, *Monografia do Concelho de Vila Real de Santo António*, 3.^a ed., Faro, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e Algarve em Foco Editora, 1999.
- OLIVEIRA, César, “Ascensão e Consolidação do Estado Novo: A aparente quietude dos anos 50”, in António Reis (coord.), *Portugal Contemporâneo (1926-1958)*, vol. IV, Lisboa, Publicações Alfa, S.A., 1991, pp. 75-80.
- PAULO, Dália e AFONSO, Anabela (coord.), *Hélène de Beauvoir: Faro 1940-1944*, Faro, Museu Municipal / Câmara Municipal de Faro, s.d..
- PINTO, Raul R., *Loulé: Roteiro-Guia Histórico, Turístico, Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1951.
- PIRES, Conceição, *Estudo Toponímico: Concelho de Faro – 2004*, Faro, ed. da autora, 2004.
- RODRIGUES, Graça Almeida, *Breve História da Censura Literária em Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.
- ROSA, José António Pinheiro e, “História da Biblioteca Municipal de Faro”, *Anais do Município de Faro*, n.º 1, Faro, s.n. (Tipografia União), 1969, pp. 98-118.
- ROULET, Lionel, *Le Cercle Culturel Camoens a Faro*, Lisboa, *Bulletin d'Études Portugaises*, 1941.
- SABÓIA, João e GUERREIRO, Luís, *Bibliografia do Concelho de Loulé*, Loulé, Secretaria do I Congresso do Concelho, Casa da Cultura, 1991.
- SANCHO, José Dias, *Deus Pan*, Porto (l.i.), Renascença Portuguesa, 1925.

- SANTOS, Américo Ramos dos, “Abertura e bloqueamento da economia portuguesa”, in António Reis (coord.), *Portugal Contemporâneo (1958-1974)*, Lisboa, Publicações Alfa, S.A., 1989, pp. 109-150.
- SANTOS, António Augusto, *Agenda Comercial e Industrial de Faro*, Faro, Junta Distrital de Faro, 1968.
- SANTOS, António Augusto, *Roteiro de Faro*, Faro, s.n. (Tipografia União), 1966.
- SANTOS, Manuel Neto dos, *Subsídios para a História da Poesia do Algarve (Séc. XI-XX)*, Silves, Jornais *Voz de Silves* e *Gazeta de Lagoa*, 2000.
- SANTOS, Mariana Amélia Machado, *No Centenário do Nascimento do Dr. F. Fernandes Lopes*, Separata de *A Voz de Olhão*, Olhão, *A Voz de Olhão*, 1985.
- TORGAL, Luís Reis e VARGUES, Isabel Nobre, “Produção e Reprodução Cultural”, in MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal: O Liberalismo*, vol. V, Lisboa, Editorial Estampa, 1998, pp. 575-584.
- VIEGAS, João Corpas, “O Poeta António Aleixo no Seu Tempo”, *Al’-ulyã: Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 7, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 1999/2000, pp. 297-315.
- VILLARES, João, *Quem é Quem em Olhão? Vida de Olhanenses de Ontem e Hoje que Honram Olhão*, vol. I, Olhão, Livraria Clinar, 2004.

IV. Publicações Periódicas Algarvias

- A João de Deus* («Alma Académica, n.º único»), Faro, Associação Académica do Liceu de João de Deus, 08/03/1922.
- Algarve (O)* («Número Único»), Faro, 09/10/1897.
- Algarve (O)* («Órgão do Partido Progressista nas Províncias do Sul»), Portimão, 21/09/1878 – 09/02/1879.
- Algarve (O)* («Revista Mensal»), Portimão, Out./1902 – (?).
- Algarve (O)* («Semanário Popular-Independente, Litterario, Agrícola, Noticioso, Recreativo e Anunciador»), Vila Real de Santo António, J. A. Socorro Júnior, 06/01/1901 – 24/10/1901(?).
- Algarve (O)* («Semanário Republicano»), Faro, Artur Águedo, 29/03/1908 – [continua em publicação].
- Algarve e Alemtejo* («Continuação do *Progresso do Sul*»), Faro, Francisco José Guerreiro, 07/07/1889 – 30/10/1895. Foram consultados os n.ºs 418 e 495 – 693, depositados nas colecções do Arquivo Distrital de Faro e da Biblioteca Nacional de Portugal.

Algarve Illustrado («Jornal Litterario»), Faro, 01/06/1880 – 15/02/1881.

Algarve Pitoresco («Revista Ilustrada de Propaganda e Defesa dos Interesses do Algarve»), Faro, José Eduardo de Sousa Gago, 12/1935.

Algarvio (O) («Semanário de Propaganda Regionalista»), Faro, Inácio J. Correia, 18/05/1919 – 16/11/1919.

Arauto (O) dos Interesses Algarvios («Folha Semanal»), Portimão, João Baptista Calleça, 23/07/1914 – 15/07/1915.

Berro (O), Tavira, 23/10/1909 – 30/10/1909.

Boa Nova, Lagoa, João Crisóstomo Freitas Barros, 14/01/1912 – 07/07/1912.

Boletim do Clube Desportivo “Os Olhanenses”, Olhão, Jul./1956 – Jul./1972.

Capas Negras («Quinzenário Académico»), Faro, Armando P. Martins > Luiz P. Garcia, 01/12/1925 – 01/09/1928.

Cidade (A) Nova («Órgão Defensor dos Interesses do Concelho de Portimão»), Portimão, Luís Moreira, 02/08/1925 – 22/10/1925.

Comércio de Portimão («Órgão Anunciador de Distribuição Gratuita»), Portimão, Augusto Mira Leal, 11/07/1926 – 1956.

Cometa (O) («Quinzenário Humorístico, Literário, Teatral e Noticioso»), Lagos, Jorge Coutinho Neves, 20/02/1927 – (?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 1 (20/02/1927).

Commercio (O) do Sul, Faro, 09/08/1876 – 24/03/1878(?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 1.

Correio (O) das Províncias («Órgão do Clero e do Povo»), Lagos, Domingos José Conde, 01/01/1896 – 01/01/1897(?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui os n.ºs 1 e 46 (11/07/1897).

Correio Algarvio («Jornal de Propaganda Regionalista»), Faro, José de Sousa Ferradeira, 04/10/1933 – 12/07/1934.

Correio do Algarve, Tavira, Luís António Ferreira das Neves, 11/07/1897 – 01/08/1897(?).

Correio do Meio-Dia («Semanário Político, Industrial e Noticioso do Algarve»), Portimão, 24/05/1874 – 13/01/1878.

Correio do Sul («Semanário Independente, de informação e propaganda do Algarve»), Faro, Bernardo de Passos e António Santos, 01/02/1920 – 24/12/1981.

Correio Olhanense, Olhão, João da Silva Nobre, 01/12/1921 – 20/08/1933.

Correio Teatral, Faro, António do Nascimento, 01/03/1923 – 19/06/1924.

Cruzada Nova («Semanário Regenerador Liberal»), Faro, Manuel Carlos, 26/07/1905 – 18/10/1905.

Cruzeiro (O) do Sul («Semanario Litterario, Noticioso e Charadístico»), Olhão, José Marques Corpas Centeno, 22/01/1903 – 02/07/1903.

Destino («Periódico Académico Quinzenal»), Faro, Maurício Serafim Monteiro, 25/11/1907 – 06/01/1908.

Diário do Algarve («Jornal Regionalista e Noticioso da Manhã»), Faro, José Eduardo de Sousa Gago, 02/10/1932 – 05/03/1933.

Districto (O) de Faro, Faro, António Bernardo da Cruz, 06/04/1876 – 24/04/1913. Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que se apresenta muito incompleta.

Echo (O) da Academia («Folha Semanal, Litteraria. Scientifica e Noticiosa»), Faro, José Albano Pereira, 07/02/1896 – 19/03/1896(?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 1.

Echo (O) de Lagos («Jornal Puramente Literário e Noticioso»), Lagos, Affonso C. de Castro, 07/02/1891 – (?).

Eco (O) do Sul («Hebdomadário Noticioso»), Olhão, Álvaro António Gouveia, 07/09/1925 – 05/11/1925.

Eco (O) Militar («Órgão Militar Independente. Independência e Ordem. Equidade e Justiça»), Portimão, António d'Andrade Cabral, 15/08/1897 – (?).

Ecoss do Sul («Semanário Democrático Independente»), S. Brás de Alportel, Manuel Henrique Frade, 06/01/1912 – 20/11/1913.

Folha (A) Democrática («Semanário Republicano»), Lagos, 18/01/1883 – 01/03/1883.

Folha (A) Tavirense («Semanário Literário e Noticioso»), Tavira, António Germano Lopes, 19/02/1921 – 10/08/1922.

Folha de Annuncio («Semanário Grátis de Larga Distribuição»), Lagos, 03/10/1907 – 10/11/1927.

Folha do Sul («Semanário Regenerador-Liberal»), Loulé, J. Elias de Sousa, 05/01/1902 – 19/02/1905.

Foz (A) do Guadiana («Semanário Literário Noticioso»), Vila Real de Santo António, M. Cruz Costa Júnior, 24/07/1921 – 11/12/1921.

Foz do Guadiana («Periódico Independente e de Propaganda Regionalista»), Vila Real de Santo António, A. Vicente Campinas, 20/01/1935 – 18/10/1936.

Futuro (O) («Semanário Democrático»), Olhão, Francisco José Alves, 15/03/1891 – 23/06/1909.

Gazeta de Olhão («Semanario Noticioso e defensor dos interesses locais»), Olhão, João da Paz dos Reis, 04/04/1920 – 10/02/1924.

Gazeta do Algarve, Lagos, 01/01/1873 – 25/12/1877.

Gilão («Quinzenário Literário, Humorístico, Noticioso e Anunciante»), Tavira, António Germano Lopes, 31/01/1929 – 29/06/1930.

Grátis (O) («Annunciário Semana»), Faro, 12/11/1879(?) – 01/02/1880(?). Foram consultados os n.ºs 8 (04/01/1880) a 12 (01/02/1880), depositados na colecção da Biblioteca Nacional de Portugal.

Guadiana («Órgão do Partido Progressista»), Vila Real de Santo António, Eduardo Samudio, 26/03/1903 – 02/01/1910.

Heraldo (O) («Antigo Jornal de Anuncios»), Tavira, José Maria dos Santos, 03/01/1901 – 25/02/1912.

Heraldo (O) («Bi-Semanário Republicano Democrático»), Faro, Lyster Franco, 10/04/1912 – 26/08/1917.

Imparcial (O) («Semanário Dedicado à Defesa dos Interesses do Algarve»), Lagos, Francisco da Paula Soares, 17/01/1892 – 29/05/1892(?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 20 (29/05/1892).

Independência (A), Portimão, 08/02/1880 – 07/05/1882.

Intruso (O) («Quinzenário Humorístico, Literário, Desportivo e Noticioso»), Lagos, Romeu Amável Carreta, 15/11/1925 – 25/11/1927.

João (O) Ratão, Olhão, Maio/1961 – Out./1962.

Jornal de Anuncios («Edição de Lagos»), Lagos, (?) – 25/07/1888(?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 174, datado de 25/07/1888.

Jornal de Anuncios («Semanário Grátis»), Tavira, José Maria dos Santos, 01/02/1883 – 27/12/1900.

Jornal de Anúncios, Tavira, João Rodrigues Pinheiro Centeno, 20/02/1921 – 10/04/1921.

Jornal dos Artistas, Portimão, 11/11/1875 – 20/09/1877.

Lacobrigense (O) («Folha Semanal»), Lagos, José Joaquim Nunes, 05/04/1891 – (?).

Lanceta (A) («Quinzenário Humorístico, sportivo, literário e noticioso»), Faro, Elviro Duque, 09/08/1923 – 01/05/1927.

Liberal (O) («Folha Semanal»), Lagos, 26/04/1883 – 15/10/1889(?).

Liberdade, Portimão, 18/10/1874 – 29/07/1877(?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 146 (29/07/1877).

Moca («Semanário para a defesa do Consumidor»), Faro, Manuel Caetano de Sousa, 24/09/1922 – 30/09/1931.

Monchiquense (O) («Folha Imparcial»), Monchique, J. André Duarte, 10/05/1895 – (?).

Município (O) («Semanario Politico, Industrial e Noticioso do Algarve»), Portimão, Domingos Leonardo Vieira Júnior, 04/08/1873 – 10/05/1874.

Nossa (A) Aldeia («Quinzenário Regionalista»), Olhão, Antero Odorico Pacheco Nobre, 18/07/1930 – 01/10/1930.

Nossa (A) Terra («Semanário Imparcial – Independente»), Vila Real de Santo António, Joaquim António Socorro, 02/11/1924 – 27/03/1927.

Notícias do Algarve («Folha Popular»), Lagos, 23/01/1878 – Jul./1883.

Notícias do Algarve («Semanário Monarchico Independente»), Faro, Agostinho Ferreira Chaves, 05/02/1893 – (?). Foram consultados os n.ºs 1 a 3, depositados na coleção da Biblioteca Nacional de Portugal.

Notícias do Algarve («Semanário Regionalista»), Vila Real de Santo António, Armando Rocha Cruz, 14/06/1953 – 21/05/1961.

Notícias do Sul («Semanário Regionalista Independente»), Vila Real de Santo António, António do Nascimento, 05/06/1924 – 19/06/1924.

Novos (Os) («Jornal Quinzenal Independente»), Olhão, Manuel de Jesus Tenil, 01/12/1906 – 12/05/1907(?).

Novos (Os) («Semanário Independente»), Vila Real de Santo António, João Centeno, 24/12/1922 – 01/06/1924.

Olhanense (O) («Semanário Defensor dos Interesses do Concelho»), Olhão, Abílio José Gouveia, 07/11/1929 – 17/05/1930.

Olhanense (O) («Semanario Independente, Commercial, Noticioso e Illustrado»), Olhão, José Marques Corpas Centeno, 05/03/1892 – 12/06/1892(?).

Ordem (A), Portimão, 18/06/1882 – 19/11/1882(?).

Patriota (O) («Hebdomadário Independente»), Monchique, Almada Negreiros, 16/02/1890 – 09/11/1890.

Pequeno em Tudo («Jornal Humorístico, Literário e Noticioso»), Faro, Mateus Lima, 01/05/1928 – 20/09/1931.

Pequeno em Tudo, Faro, José Joaquim Gonçalves Júnior, 15/02/1891 – 01/10/1891(?). Foi consultada a coleção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui os n.ºs 7 a 12.

- Petiz (O)* («Órgão Semanal, Independente, Litterario, Noticioso, Charadístico e Recreativo»), Vila Real de Santo António, J. A. Socorro, 26/11/1893 – (?).
- Portimonense (O)* («Jornal de Annuncios de Distribuição Gratuita»), Portimão, 14/04/1910 – 01/09/1910.
- Porvir (O)* («Justiça. Independencia. Imparcialidade. Direito. Liberdade. Humanidade»), Olhão, 28/10/1888 – 08/02/1891.
- Povo (O) de Silves*, Silves, Carlos Romano Rodrigues, 29/11/1925 – 23/06/1927.
- Povo (O) do Algarve* («Semanário Republicano Democrático»), Tavira, João Baptista Brás, 02/08/1914 – 16/11/1917.
- Povo Algarvio*, Tavira, Jaime Bento da Silva, 27/05/1934 – 20/05/1978.
- Progresso (O)* («Semanário Independente, Defensor dos Interesses Locais e Regionais»), Loulé, João Leal da Silva, 26/11/1922 – 26/08/1923.
- Progresso (O) do Algarve* («Órgão da Política Progressista Algarvia»), Faro, [António Cândido de Mira Escalço Vieira], 08/12/1880 – 1889(?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 14 (22/01/1881).
- Progresso (O) do Sul*, Faro, José Albano Pereira, 23/06/1889 – 30/06/1895.
- Pró-Lagos* («Semanário Popular-Independente»), Lagos, 23/09/1894 – 18/04/1894(?).
Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 1.
- Província (A) do Algarve* («Semanário Republicano»), Tavira, 03/10/1908 – 01/08/1920.
- Provinciano (O)* («Folha de noticias, annuncios, litteraria e charadística»), Olhão, Jaime Quirino Chaves, 27/06/1909 – 09/10/1921.
- Publicidade* («Semanário. Notícias, entrevistas, correspondências, anúncios e comunicados»), Olhão, João Trigueiros, 08/03/1923 – 23/08/1923.
- Reyno (O) do Algarve*, Tavira, Joaquim José do Matto, 13/08/1899 – 05/11/1899.
- Rir (A)* («Álbum de Anecdotas e Bons Ditos»), Faro, 15/06/1891 – 01/09/1895.
- Rosa (A) Cruz* («Filosofia, Sciencia, Religião»), Portimão, Hermenegildo Costa, Março/1926 – (?).
- Semana (A) de Lagos* («Semanário Popular Independente»), Lagos, 04/07/1895 – (?).
Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 2 (11/07/1895).
- Séqua (O)* («Semanário Independente»), Tavira, João O. Pereira, 11/05/1924 – 05/07/1925.

Serões da Província («Quinzenário Académico»), Olhão, Januário Severiano Daniel dos Reis, 31/03/1929 – 02/06/1929(?).

Silvense (O) («Semanário Independente»), Silves, Armando Mascarenhas, 27/03/1910 – 24/06/1911.

Sotavento (O) («Semanário Defensor dos Interesses dos Concelhos / Castro Marim / Vila Real de Santo António / Alcoutim»), Vila Real de Santo António, Manuel F. Almeida, 01/02/1920 – 18/04/1920.

Sul (O) («Semanário Regenerador Liberal»), Faro, Manuel J. da Silveira, 05/12/1903 – 08/07/1905.

Sul (O) («Semanário Republicano Evolucionista: Defensor dos Interesses do Algarve»), Faro, Hipólito Pinto Lopes, 24/03/1912 – 04/08/1918. Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que se apresenta muito incompleta.

Sul (O) («Semanário»), Faro, Mateus S. P. Lima, 03/08/1922 – (?). Foi consultada a colecção da Biblioteca Nacional de Portugal, que apenas possui o n.º 1 (03/08/1922).

Terra Algarvia, Silves, Cristina Monteiro, 28/04/1921 – 08/09/1921.

União (A) Militar, Tavira, Vasco Campos, 01/01/1922 – 01/04/1922(?).

Vida Algarvia («Notícia Mensal do Movimento Comercial, Industrial, Artístico e Literário do Algarve»), Faro, Cândido Valério, 30/06/1929 – 23/02/1930.

Voz (A) de Loulé («Semanário Defensor dos Interesses Locais e Regionais»), Loulé, J. F. Guerreiro Padre, 26/10/1924 – 15/03/1925.

Voz (A) do Guadiana («Folha Semanal Defensora dos interesses moraes e materiaes do círculo do Guadiana. Imparcial – Independente, litteraria, noticiosa e recreativa»), Vila Real de Santo António, António Félix da Lança, 18/06/1899 – 26/08/1900.

V. Catálogos, Dicionários e Manuais

AA.VV, *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, coordenação de Eugénio Lisboa nos vols. I-3, coord. de Ilídio Rocha nos vols. 4-6 vols., Mem-Martins, Europa-América, 1990 – 2000.

Algarve em Lisboa Exposição Bibliográfica e de Artes Plásticas: Biblioteca Nacional de Lisboa – 05 a 16 de Março de 1979, Lisboa, s.n., comp. e impr. na Minigráfica, Cooperativa de Artes Gráficas, SCARL, s.d..

Boletim de Bibliografia Portuguesa, vols. I (1935) – vol. VIII (1942), Lisboa, Biblioteca Nacional.

- Catálogo de Tipos, Símbolos e Vinhetas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1978 (data da “Apresentação”).
- CURTO, Diogo Ramada (coord.), com a colaboração de Paula Gonçalves, Dulce Figueiredo, Manuela D. Domingos e Luís Farinha Franco, *Bibliografia da História do Livro em Portugal: Séculos XV a XIX*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2003.
- ECO, Umberto, *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, Lisboa, Editorial Presença, 1998.
- FARIA, Maria Isabel Faria e PERICÃO, Maria da Graça, *Novo Dicionário do Livro da Escrita ao Multimédia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999.
- FIGUEIREDO, António Mesquita de, *Subsídios Para a Bibliografia da História Local Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1933.
- FRANCO, Mário Lyster, *Algarviana: Subsídios Para uma Bibliografia do Algarve e dos Autores Algarvios*, vol. I (A-B), Faro, Câmara Municipal de Faro, 1982.
- FRANCO, Mário Lyster, *Algarviana: Subsídios Para uma Bibliografia do Algarve e dos Autores Algarvios*, vol. II, Faro. Documentação inédita.
- JAURALDE POU, Pablo, *Manual de Investigación Literária: Guía Bibliográfica para el Estudio de la Literatura Española*, col. Biblioteca Románica Hispánica, Madrid, Editorial Gredos, 1981.
- PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme, *Portugal: Dicionário Histórico, Chorográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e Artístico*, Lisboa, João Romano Torres & C.^a Editores, 1909.
- PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941 – 1974)*, vols. I e II, 1.º tomo, s. l., Grifo: Editores e Livreiros, Lda., 1999.
- RODRIGUES, A.[ntónio] A.[ugusto] Gonçalves, *A Tradução em Portugal*, vol. V – 1901 – 1930, ISLA – Instituto Superior de Línguas e Comunicação – Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, Lisboa, 1999.
- ROSA, António Pinheiro e (org.), *Catálogo da Exposição Comemorativa – 1902 Ex-libris da Biblioteca 1977 – das Bodas de Diamante da Biblioteca Municipal de Faro*, separata do n.º 7 dos *Anais do Município de Faro*, Faro, *Anais do Município de Faro*, 1977.
- SABÓIA, João e GUERREIRO, Luís, *Bibliografia do Concelho de Loulé*, Loulé, Secretaria do I Congresso do Concelho, Casa da Cultura, 1991.

SILVA, Inocêncio Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858 – 1972.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração n.º 1: Frontispício das <i>Actas que contem as despoziçoens...</i>	p. 9
Ilustração n.º 2: Publicidade à Tipografia da <i>Gazeta do Algarve</i>	p. 13
Ilustração n.º 3: Quadro da autoria de Amândio Paula, exposto na Tipografia Lacobrigense	p. 23
Ilustração n.º 4: Máquina de impressão a pedal	p. 23
Ilustração n.º 5: Guilhotina	p. 23
Ilustração n.º 6: Máquina de impressão para pequenos formatos	p. 24
Ilustração n.º 7: Publicidade à Tipografia Portimonense	p. 27
Ilustração n.º 8: <i>O Algarve</i> , capas do n.º 1, n.º 2 e gravura de David Neto...	p. 35
Ilustração n.º 9: Livros de receitas e despesas de 1927...	p. 39
Ilustração n.º 10: Momento de composição	p. 40
Ilustração n.º 11: Momento de impressão	p. 40
Ilustração n.º 12: Máquina de impressão Minerva	p. 41
Ilustração n.º 13: Máquina de picotar	p. 41
Ilustração n.º 14: Guilhotina com prensa	p. 41
Ilustração n.º 15: Máquina de impressão para pequenos formatos	p. 41
Ilustração n.º 16: Capa de <i>Atravez de Silves</i>	p. 48
Ilustração n.º 17: Alvará de funcionamento da Tipografia Louletana	p. 58
Ilustração n.º 18: <i>Primeiro Centenario de Sebastião José de Carvalho e Mello...</i>	p. 72
Ilustração n.º 19: <i>Breve Noticia dos Festejo em Villa Real de Santo António...</i>	p. 72
Ilustração n.º 20: <i>A Inauguração</i>	p. 72
Ilustração n.º 21: Máquina de impressão para pequenos formatos	p. 80
Ilustração n.º 22: Aspecto do sector de impressão da Tipografia União, em 1943	p. 86
Ilustração n.º 23: Dois aspectos do prelo tipográfico	p. 87
Ilustração n.º 24: Máquina de agrafar, de coser a arame e prensa para gravuras	p. 88
Ilustração n.º 25: Máquina de impressão Diamant, a pedal	p. 88
Ilustração n.º 26: Material de composição manual	p. 88
Ilustração n.º 27: Máquina de composição mecânica Intertype	p. 88
Ilustração n.º 28: Forma tipográfica e respectiva prova	p. 89
Ilustração n.º 29: Publicidade à Tipografia Democrática	p. 102
Ilustração n.º 30: Quadro tipográfico da Tipografia Alves	p. 109
Ilustração n.º 31: Quadro tipográfico da Tipografia Alves	p. 110
Ilustração n.º 32: Publicidade à Tipografia Minerva Olhanense	p. 112
Ilustração n.º 33: Planta da Tipografia Progresso	p. 113
Ilustração n.º 34: Publicidade à Tipografia da Editora Olhanense, Lda.	p. 118
Ilustração n.º 35: Publicidade à Tipografia Burocrática	p. 137
Ilustração n.º 36: <i>Biographia de Remechido O Celebre Guerrilheiro do Algarve</i>	p. 138
Ilustração n.º 37: <i>Memoria dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira...</i>	p. 138
Ilustração n.º 38: Artigo “O Futurismo”, de Ribeiro de Carvalho	p. 142
Ilustração n.º 39: Publicidade à Tipografia Tavirense	p. 147

Ilustração n.º 40: Programa impresso na Tipografia Modelo em Abr./1930	p. 149
Ilustração n.º 41: <i>Livro de Actas da Empresa de Publicidade Algarve, Lda.</i>	p. 150
Ilustração n.º 42: Carta dos Serviços de Censura de Faro e a Gazetilha censurada	p. 153
Ilustração n.º 43: Aspecto do sector de impressão da Tipografia Socorro	p. 156
Ilustração n.º 44: Aspecto do sector de composição da Tipografia Socorro	p. 156
Ilustração n.º 45: “Antiga Tipografia Socorro”	p. 157
Ilustração n.º 46: Publicidade dos anos 20 à Tipografia Socorro	p. 158
Ilustração n.º 47: Capa de <i>A Nossa Terra</i>	p. 158
Ilustração n.º 48: Quatro aspectos de <i>A Nossa Terra</i>	p. 159
Ilustração n.º 49: Fotografia de “Um grupo de amigos do nosso jornal”	p. 160
Ilustração n.º 50: <i>Planta da Gráfica do Sul, Tipografia e Litografia de Madeira & C.ª, Lda.</i>	p. 164
Ilustração n.º 51: Máquina de impressão manual	p. 166
Ilustração n.º 52: Máquina de cantar	p. 166
Ilustração n.º 53: Máquina de picotar e vincar	p. 167
Ilustração n.º 54: Máquina de agrafar	p. 167
Ilustração n.º 55: Vinheta de <i>Afinidades: revista de cultura luso-francesa</i>	p. 198
Ilustração n.º 56: Capa dos fascículos de <i>Poesia 61</i>	p. 203

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro n.º 1: Evolução cronológica do aparecimento da actividade tipográfica	p. 170
Gráfico n.º 1: Profissões dos proprietários das tipografias	p. 173
Gráfico n.º 2: Distribuição da produção literária por concelhos	p. 180
Gráfico n.º 3: Distribuição da produção literária por tipografias	p. 182
Gráfico n.º 4: Distribuição da produção literária por tipologias documentais	p. 183
Gráfico n.º 5: Distribuição da produção literária por modos literários	p. 183
Gráfico n.º 6: Distribuição da produção literária por décadas	p. 184

ÍNDICES

a) ÍNDICE ONOMÁSTICO DE AUTORES*

**Este índice é temático, ou seja, apenas inclui os autores que se considerou estarem relacionados com a actividade literária algarvia.*

- AGROS, A. Bias v. RIBEIRO, Aquilino.
AGUILLAR, Rui de – 125; 194.
ALEIXO, António – 4; 59; 182; 194; 195; 200; 201.
ALGARVE, Marcos (pseud. de Francisco Marques da Luz) – 106; 117; 126; 127; 140; 181.
ALMEIDA, Duarte de – 78.
AMADO, Pierre – 198.
AMZALAK, Moses – 198.
ANÇÃ, José Maria – 106; 107.
ANDRADE, Eugénio de – 202.
ANJOS, Rebelo dos – 198.
ARAGÃO, António Paiva de – 148.
ARAGON – 198.
ARAÚJO, Joaquim de – 78; 186.
ARTUR, Joaquim Luís Oliva da Mata v. ARTUR, Oliva da Mata.
ARTUR, Oliva da Mata – 112; 204.
ASSIS, Porchat de – 193.
AUFÈRE, Gaston-Henry – 202.
AVELAR, Frederico de – 186.
AZEVEDO, António Luciano – 38.
AZEVEDO, Fausto de – 186.
AZEVEDO, José Francisco Teixeira de – 139; 187.
AZEVEDO, Raquel Coelho – 194.
BAGANHA, Anes – 12; 78; 185; 186.
BAGANHA, Domingos Rodrigues Anes v. BAGANHA, Anes.
BALSA, José Galvão – 66.
BALTÉ, António H. – 201.
BALTÉ, António Henrique v. BALTÈ, António H.
BARÃO, José – 117; 126.
BARROS, Aragão – 125; 194.
BARROS, João Crisóstomo de Freitas – 45.
BARROS, José Ricardo Júdice Samora – 53; 130.
BEAUVOIR, Hélène de – 196; 198.
BEAUVOIR, Simone de – 197.
BELO, João Frederico Tavares – 77; 78; 143; 185.
BENTO, José – 202.
BICA, Orlando – 204.
BÍVAR, Jaime de – 78; 186.
BLANCHET – 198.
BOISGOBEY, Fortunato – 46.
BONANÇA, Mário – 90; 190.
BRANDÃO, Fiamma Hasse Pais – 93; 203.
BRITO, Casimiro de – 93; 94; 198; 200; 201; 202; 203; 204.
BRITO, Margarida Travassos – 205.
BUISEL, Jerónimo Negrão – 34.
CABREIRA, Tomás – 145.
CABRITA, Sotero – 200.
CABRITA, Sotero José Sancho v. CABRITA, Sotero.
CALADO, José Vieira – 24; 204.

CALDEIRA, Fernando – 161.

CAMPINAS, António Vicente v.

CAMPINAS, A. Vicente.

CAMPINAS, A. Vicente – 151; 159; 160; 181; 194; 199; 200; 201; 202.

CAMPOS, Álvaro de – 192; 201.

CAMPOS, Marinha de – 108.

CAMPOS, Valeriano de – 193.

CAPINHA, Jorge – 115; 193.

CAPUZ, João (pseud. de Lourenço do Ó) – 106.

CARDOSO, Amadeu de Sousa – 192.

CARLOS, António – 202.

CARLOS, Pampiniano – 202.

CARNEIRO, Raul Marques – 191

CARVALHO, Coelho de – 90; 127; 190; 201.

CARVALHO, Domitília de – 161.

CARVALHO, Joaquim Arnal Ribeiro de – 141; 142.

CARVALHO, Raul de – 202.

CARVALHO, Viana de – 193.

CASTANHO, José Ribeiro – 106; 108; 139; 140; 141; 181; 187.

CASTELA, Vítor – 199.

CASTILHO, António Feliciano – 108.

CASTRO, E. M. Melo e – 93; 202; 203.

CASTRO, Manuel de – 203.

CATELA, Alonso – 202.

CELAYA, Gabriel – 202.

CHAGAS, Pinheiro – 81; 161; 187.

CHANTAL – 198.

CHAVES, Luís Quirino – 13; 46; 106; 185.

CHRISTOFLE (pseud.) – 191.

CIDADE, Hernâni – 196.

CÍRIA, Carlos – 193.

CLARA, António Santa – 201.

COCHOFEL, João José – 202.

COELHO, José Eduardo – 133.

COLETTE – 198.

CONTREIRAS, Ascensão – 127.

CORDEIRO, Camilo – 35.

COSTA, Augusta Gonçalves – 194.

COSTA, Emiliano da – 4; 82; 194; 200; 201; 202.

COSTA, Luísa da – 202.

COSTA, Sebastião – 130.

COVAS, Pedro – 78; 186.

CRESPO, Ángel – 202.

CRESPO, Gonçalves – 78; 186.

CRISPIM, Maria Carolina Frederico v.

VELEDA, Maria.

CRUZ, Gastão – 93; 198; 201; 203.

CRUZ, Ivo – 128; 130; 194.

CUNHA, Jaime – 91; 190.

CUSTÓDIO, Idália Farinho – 204.

D'AVELAR, José Alexandrino – 29.

DÂMASO, José António dos Reis – 29; 32.

DANTAS, Casimiro – 12; 185.

DANTAS, Júlio – 90; 127; 140; 161; 181; 189; 190; 200; 201.

DARRAS, R. – 198.

DAVIM, Joaquim Rodrigues – 81; 106; 108; 127; 139; 140; 141; 145; 161; 179; 181; 182; 187; 188; 193; 208.

DEUS, João de – 29; 34; 77; 78; 81; 186; 200.
 DIAS, António Gonçalves – 117.
 DIEHL, Otto – 197.
 DOMINGOS, Fonseca – 204; 205.
 DOMINGOS, José Maria Fonseca v. DOMINGOS, Fonseca.
 ECHEVARRIA, Fernando – 202.
 EDITH (pseud.) – 191.
 EGA, João da (pseud.) – 54; 190.
 ELUARD, Paul – 198.
 EMMANUEL, Pierre – 198.
 ESAGUY, Augusto – 130.
 ESPERANÇA, Assis – 125; 129; 130; 194.
 ESTELA, Hanid – 194.
 ESTER – 191.
 EVIN, P. A. – 198.
 FAFE, José Fernandes – 202.
 FELGUEIRAS, Guilherme – 201.
 FERNANDES, António José – 202.
 FERNANDO, Luís – 202.
 FERREIRA, Fernando Moreira – 201; 202.
 FERREIRA, Fernando Pessoa – 203.
 FERREIRA, José Gomes – 202.
 FERREIRA, Matos – 78; 186.
 FERREIRA, Vergílio – 196; 197.
 FERRO, António – 128; 201.
 FEUILLET, Octave – 13.
 FIGUEIREDO, Cândido de – 78; 161; 186.
 FIRMINO, Almeida – 203.
 FONTANES v. FRANCO, Mário Augusto Barbosa Lyster.
 FORMOSINHO, José dos Santos Pimenta – 22.
 FRANCO, Carlos Augusto Lyster v. FRANCO, Lyster.
 FRANCO, Lyster – 54; 81; 89; 90; 92; 126; 127; 130; 131; 136; 141; 142; 161; 187; 188; 189; 190; 191; 192; 194.
 FRANCO, Mário Augusto Barbosa Lyster v. FRANCO, Mário Lyster.
 FRANCO, Mário Lyster – 4; 5; 70; 78; 117; 126; 139; 152; 182; 191; 194; 198; 201.
 FRANCO, Percis – 54; 190.
 FRAZÃO, Primo Firmino – 187.
 FRIAS, Eduardo – 200.
 FUZETA, Carlos – 106.
 GAGO, José Eduardo de Sousa – 197.
 GARCIA, Fernando – 198 .
 GARRETT, Almeida – 107; 108; 126.
 GENTIL, François – 198.
 GEORGE, M. – 198.
 GERVÁSIO (pseud.) – 191.
 GIDE, André – 198.
 GIRAUDOUX, Jean – 198.
 GOMES, António de Sousa – 198.
 GOMES, Celestino – 200.
 GOMES, Elviro Rocha – 167; 200; 201; 204; 205.
 GOMES, Manuel Teixeira – 4; 140; 181.
 GONÇALVES, Egito – 202.
 GONÇALVES, F. Paula – 193.

- GONÇALVES, João Machado – 106.
- GONZÁLEZ, José Carlos – 202.
- GRASSE, Pierre-Paul – 198.
- GUERREIRO, Alda – 161.
- GUERREIRO, Cândido – 4; 90; 106; 125; 127; 130; 137; 140; 161; 181; 187; 190; 193; 194; 199; 200.
- GUERREIRO, Francisco Xavier Cândido v. GUERREIRO, Cândido.
- GUIBERT, Armand – 196.
- GUIMARÃES, José Francisco – 185; 186; 193.
- GUIMARÃES, Luís – 187.
- HELDER, Herberto – 202.
- HERMÍNIA, Maria – 200.
- HORÁCIO v. ROSADO, João.
- HORTA, Maria Teresa – 94; 203.
- INÊS, Francisco de Sousa – 125; 194.
- JORDÃO, Carlos Alberto – 202.
- JORGE, Lídia – 4.
- JORGE, Luiza Neto – 93; 203.
- JÚDICE, António – 198.
- JÚNIOR, Agostinho – 127.
- JUNQUEIRO, Guerra – 81; 140; 181; 186; 187.
- KASTNER, Santiago – 198.
- KERNOK v. FRANCO, Carlos Augusto Lyster.
- LACERDA, Alberto de – 202.
- LACERDA, Gavicho de – 187.
- LANÇA, Joaquim – 54; 190.
- LEAL, Gomes – 29; 117; 161.
- LEIRIA, Sebastião – 183; 200.
- LENCASTRE, Hernâni de – 82; 151; 181; 199; 200; 202.
- LENOIR, R. – 198.
- LEOTE, Diogo – 187.
- LIMA, Aureliano – 203.
- LIMA, Duarte – 161.
- LISBOA, Irene – 197.
- LOPES, Augusto – 193.
- LOPES, Francisco Fernandes – 113; 119; 125; 128; 130; 131; 193; 194; 197; 201.
- LOPES, José Francisco P. – 148.
- LOPES, Morais – 201.
- LOPES, Óscar – 202.
- LÚCIO, João – 4; 84; 105; 106; 107; 108, 112; 124; 125; 127; 139; 140; 141; 179; 181; 187; 193; 199; 200; 201.
- LUPI, Nita – 201.
- LUZ, Francisco Marques da v. ALGARVE, Marcos.
- MACHADO, Emília Pomar de Sousa – 148.
- MACIEIRA, António – 161.
- MADEIRA, Manuel – 202.
- MAGALHÃES, Joaquim – 195; 197; 198; 201.
- MAGALHÃES, Joaquim Rocha Peixoto v. MAGALHÃES, Joaquim.
- MAGALHÃES, Teodoro – 29.
- MAIA, Abílio – 78; 186.
- MALTA, Eduardo – 148.
- MARGARIDO, Alfredo – 203.
- MARINETTI – 142.

MARQUES, António Teixeira – 201; 202.

MARTINS, Henrique – 36; 49; 50; 51; 54; 189.

MARTINS, João Marques – 148.

MASCARENHAS, João de – 201.

MASCARENHAS, Luís Sepúlveda Pimentel – 28; 29; 30; 31; 32; 33; 46; 56; 79; 80; 82; 106; 175; 181.

MASCARENHAS, V. – 198.

MATOS, Manuel Raul de – 86; 197.

MAULNIER, Thierry – 198.

MEDINA, Maria Almira – 202.

MENDES, Alda Ferreira v. RÉGIA, Vitória.

MENDES, Costa – 201.

MENDES, Rui – 202.

MENDONÇA, Alberto de – 78; 186.

MENDONÇA, Ascensão – 127.

MENÉRES, Maria Alberta – 202; 203.

MENESES, Ludovico Caetano – 72; 140; 141; 142; 145; 181; 187.

MIGUÉIS, José Rodrigues – 128.

MIRANDA, Armando de – 126; 128; 148; 194.

MIRANDA, Vasco – 202.

MOLINA, Eduardo Olímpio António Faernández – 202.

MONSANTO, António – 130.

MONTEIRO, Adolfo Casais – 202.

MONTEIRO, Mário – 161.

MONTENEGRO, Fábio – 193.

MORAIS, Alberto de – 106.

MOREIRA, Araújo – 198.

MOREIRA, Henrique – 186.

MORENO, Mateus – 54; 90; 125; 127; 128; 130; 190; 194.

MOSCOSO, Bartolomeu Salazar – 14; 15; 17; 78; 90; 139; 140; 141; 161; 179; 181; 182; 185; 186; 187; 188; 190; 193.

MOURÃO-FERREIRA, David – 203.

MURTA, José Guerreiro – 127; 188.

NAISSANCE v. NASCIMENTO, António do.

NASCIMENTO, António do – 191; 194.

NEBLINA (pseud.) – 191.

NEGREIROS, António Lobo de Almada – 187.

NEGREIROS, José de Almada – 91; 191; 192.

NEGREIROS, Manuel José de Paiva – 11.

NESSO v. PORFÍRIO, Carlos.

NEVES, José – 201.

NOBRE, Antero – 107, 113; 115; 120; 124; 131; 148.

NOBRE, Roberto – 118; 125; 130; 131; 159; 194.

NOBRE, Silva – 191.

NUNES, Candeias – 203.

Ó, Lourenço do v. CAPUZ, João.

O'NEILL, Alexandre – 202.

OLIVEIRA, António Correia de – 140; 181.

OLIVEIRA, Carlos de – 202.

OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde – 56; 58; 81; 127; 137; 155; 187.

OSVALDO (pseud.) – 191.

PACHECO, Manuel – 202.

PACHECO, Mário – 193.

PÁDUA, Carlos de – 78; 106; 186.

PÁDUA, Maria Luísa Paraíso de – 106.

PALLOTTINI, Renata – 202.

PALMA, Joaquim Rita da – 54; 127; 190.

PAMPLONA, Fernando – 198 .

PARDAL, Padre – 194.

PARDAL, Padre Manuel Francisco v. NEMÉSIO, Elias / PARDAL, P.º.

PARDO, Arcádio – 203.

PARREIRA, Jacinto – 108.

PASCOAES, Teixeira de – 139; 140; 181.

PASSOS, Bernardo de – 4; 54; 91; 92; 106; 125; 127; 130; 131; 139; 140; 141; 145; 181; 189; 190; 194; 199; 200; 201.

PASSOS, Boaventura Rodrigues de – 54; 67; 84; 91; 92; 125; 130; 190; 194.

PASSOS, Soares de – 161.

PATO, Bulhão – 161.

PENHA, João – 161.

PENTEADO, Manuel – 201.

PEREIRA, António – 148; 194; 201.

PEREIRA, João Lúcio Pousão v. LÚCIO, João .

PEREIRA, Luís Alberto Monteiro – 204.

PESSOA, António – 106.

PESSOA, Fernando – 91; 192.

PINTO, R. – 78.

PINTOR, Santa-Rita – 192.

PIRES, Isidoro Manuel – 148; 149; 152; 199; 200.

PIRES, Manuel Virgínio – 149; 150; 151; 152; 153; 200.

PONTE, Passos – 117; 125; 194.

PORFÍRIO; Carlos – 124; 126; 130; 131; 191; 194; 195; 197.

PORTO, Carlos – 202.

PORTUGAL, Alfredo – 106; 107.

PROENÇA, Raul – 142; 145.

QUEIRÓS, A. v. CARNEIRO, Raul Marques.

QUINTINHA, Julião – 49; 54; 126; 129; 145; 189; 194.

RAMOS, Carlos – 126; 194.

RAMOS, Raul Pousão – 52; 90; 113; 115; 117; 126; 127; 148; 190; 192; 193.

RÉGIA, Vitória (pseud. de Alda Ferreira Mendes) – 160; 194.

REYBAUD, Luís – 13.

RIBEIRO, Aquilino – 106; 107.

RICO, João – 127.

ROÇAS, M. G. Pereira – 78; 186.

ROCHA, Wilson – 202.

RODRIGUES, José Júlio – 194.

ROMAINS, Jules – 198.

ROQUE, Mário Guerra – 201.

ROSA, António Ramos – 4; 93; 200; 201; 202.

ROSADO, João Paulo – 191; 192; 201.

ROULET, Lionel de – 195; 196; 197; 198.

RUA, Zé da v. PIRES, Manuel Virgínio.

- SÁ, Vítor Matos e – 202.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de – 128; 191.
- SAINT-EXUPERY, Antoine de – 198.
- SANCHO, José Dias – 54; 92; 125; 127; 128; 129; 131; 189; 190; 191; 194.
- SANTOS, António Crisóstomo dos – 91; 108; 126; 139; 140; 141; 181; 187; 194.
- SANTOS, Honorato – 117; 125; 194.
- SANTOS, Rui – 201.
- SCHMIDT, Afonso – 193.
- SEGUIER, Jayme de – 78; 186.
- SENA, Jorge de – 202.
- SERITRAM, Laurinda – 91; 127; 190; 199.
- SERPA, Joaquim João – 14; 15; 16; 18; 29; 33; 34; 103; 185.
- SERPA, Maria da Piedade Bastos – 15.
- SILVA, Alberto Marques da – 82; 199; 200.
- SILVA, Lourenço do Ó da – 108.
- SILVA, Manuel António Rodrigues da – 200.
- SILVEIRA, José de Arriaga Brum da – 145.
- SIMÕES, José Manuel – 202.
- SIMÕES, José Teixeira – 10; 12; 174.
- SOTNAS, Chryso – 187.
- SOUSA, João Rui de – 202; 203.
- SOUSA, José Nunes de – 191.
- SOUSA, Manuel Caetano de – 94; 126; 193; 194.
- SOUSA, Milton de Lima – 203.
- STOCKLER, José dos Santos – 199; 204.
- TAVARES, Ayres – 148.
- TAVARES, Lorjó – 78; 186.
- TAVARES, Silva – 199.
- TAVERNIER, René – 198.
- TEIXEIRA, Guedes – 161.
- TEIXEIRA, Manuel – 198.
- TELES, Avelar – 78.
- TERRA, José – 202.
- TEYSSIER, G. – 198.
- THOUVIOT, Marcel – 198.
- TRIGUEIROS, Luís Forjaz – 198.
- UVA, Alberto – 197; 201.
- VALENTE, Passos – 201.
- VALENTE, Rodrigo – 106.
- VARELA, Reis – 54; 190.
- VARGAS, Afonso – 161.
- VASCONCELOS, Mário Cesariny de – 202.
- VAZ, Luís Palma – 200.
- VELEDA, Maria (pseud. de Maria Carolina Frederico Crispim) – 106; 127; 140; 181.
- VIEIRA, Afonso Lopes – 161.
- VIEIRA, Fernando – 202.
- VIEIRA, João Francisco – 148.
- VILHENA, Arnaldo de – 195; 197.

b) ÍNDICE ONOMÁSTICO DE TIPÓGRAFOS E DE INDUSTRIAIS GRÁFICOS

- ADERNEIRA, João da – 45.
- ADÍLIO – 97.
- AFINCÃO, Domingos Fernando – 111; 131.
- AGOSTINHO, Francisco dos Santos – 81.
- ALBERTO, João – 110; 111.
- ALEXANDRA – 98.
- ALEXANDRE [Faro] – 81.
- ALEXANDRE [Portimão] – 39.
- ALVES, Deolinda Salas dos Santos – 109.
- ALVES, Feliciano José – 101; 108; 109; 111; 112; 133.
- ALVES, Feliciano José Iria – 109; 110; 111; 112.
- ALVES, Laura Germana Correia de Jesus – 109.
- AMARO, Manuel – 151.
- ANÍBAL, José – 97.
- APOLO – 62.
- AZEVEDO, Augusto Feio Soares de – 12; 171; 175; 185.
- AZEVEDO, José da Cruz – 119.
- BAPTISTA, Francisco de Paula – 81.
- BAPTISTA, Francisco Paula Marreiros – 12; 32.
- BARROS, João Crisóstomo de Freitas – 45.
- BARROS, José Maria da Piedade – 24; 64.
- BATISTA, Manuel – 111.
- BELO, João Frederico Tavares – 76; 77; 78; 79; 100; 143; 175; 185.
- BISPO, António Manuel Carvalho – 153.
- BISPO, Carlos Manuel Carvalho – 153.
- BISPO, Raminho dos Santos – 151; 153; 176.
- BRANCO, João Vieira – 77.
- BRANCO, José Vieira – 3; 4; 16; 56; 71; 75; 79; 81; 82; 83; 85; 96; 97; 136.
- BRÁS, Joaquim de Jesus – 97.
- BRÁS, Natália – 97.
- BRITO, António Dionildo Valério do – 160; 165.
- BRITO, António dos Santos – 81; 97; 98.
- BRITO, Francisco José Correia de Sousa – 58; 59.
- BRITO, João Folque e – 162; 163; 164; 165.
- BRITO, Jorge – 97.
- BRITO, Manuel Correia de – 94.
- BRUNO, José – 160.
- CABANITA, Alice – 97.
- CABELEIRA, Francisco dos Santos – 81.
- CABRITA, Gustavo – 101; 102; 104; 105; 108.
- CABRITA, José Francisco – 36.

CÁCIMA, Armelim Mendes da Assunção – 62; 90; 91; 92; 93; 94; 136; 144; 145; 146; 176.

CÁCIMA, Carlos dos Santos – 93.

CAETANO, João – 97.

CAETANO, Manuel – 71; 94; 96; 97.

CAETANO, Miguel – 99.

CANSEIRA, Ivo Manuel – 111.

CARDOSO, Diamantino Sousa – 150; 151; 160; 176; 200.

CARLOS – 44.

CARMO, Francisco António do – 149; 150.

CARMO, Manuel do – 151.

CARMO, Patrício Baptista do – 149.

CARVALHO, Arminda Marques – 153.

CASTRO, Afonso Cañet – 16.

CAVACO, Dília Maria dos Santos Rosa – 42.

CAVACO, Rui Jorge Ramos – 42.

CENTENO, João Rodrigues Pinheiro – 146; 147; 149.

CENTENO, José Marques Corpas – 104; 105; 108; 223.

CHAVES, Agostinho Ferreira – 82; 83.

CHAVES, Jaime Quirino – 13; 27; 28; 30; 46; 81; 102; 103; 106; 120; 136; 139; 161; 175; 181; 185; 187.

CINTRA, Francisco José – 77.

CIPRIANO, António Martins – 56; 57; 81; 175.

COELHO, Bruno Adílio – 64; 65.

COELHO, José – 97.

CONCEIÇÃO, Eduardo Rogério da – 151.

CONCEIÇÃO, Maria da – 98.

CONCEIÇÃO, Silvestre Maria – 52.

CONSTANTINO – 39.

CORDEIRO, Alfredo Augusto – 150.

CORREIA, António – 9; 10.

CORREIA, João da Cruz – 119.

CORREIA, Joaquim Paulo – 144.

COSTA, António Fernandes – 92.

COSTA, João Luís Domingos da – 165.

COSTA, Júlio – 95.

CRUZ, António Bernardo – 74.

CRUZ, Armando António Mendonça Rocha – 155; 156; 160.

CRUZ, Armando Rocha – 157; 160; 176.

CRUZ, Sebastião Pedro dos Santos – 83; 101; 102.

CUMBRERA, José Gomes – 164.

DAGOUBERTO – 39.

DAMAS, João Celso Viegas – 25.

DANIEL – 39.

DIAS, Bartolomeu Urbano – 93.

DIAS, Délio Maria Ferro – 86;

DIAS, Fernando Marçal – 81; 97; 98.

DIAS, José Fernando Ferro – 86.

DIAS, José Martins – 119.

DIAS, Maria Leonor Correia – 132.

DIAS, Pedro – 36.

DIOGO, José – 97.

DORES, José António das – 117.

DOURADO, Anastácio Guerreiro – 56; 57; 58; 59; 61; 175.

DUARTE, José Manuel Lourenço – 99.

ENCARNAÇÃO, Amílcar Guerreiro – 38; 39; 40; 41.

ENCARNAÇÃO, Joaquim Manuel Gonçalves – 133.

EVARISTO, António Manuel – 111.

FALCÃO, Augusto da Cruz – 102.

FALCÃO, Silvestre – 144; 146.

FÉLIX, Teresa – 98.

FÉRIA, Roque – 78; 100; 101; 143; 144.

FERNANDES, Avelino Luís Manuel – 160; 165.

FERNANDO – 39.

FERRADEIRA, José de Sousa – 95; 96; 117; 118; 119; 120; 122; 123; 176.

FERREIRA, António da Costa – 20.

FERREIRA, Francisco Augusto de Macedo – 33;

FERREIRA, Manuel Severino – 165.

FERRO, Jorge – 97.

FERRO, Manuel Augusto – 86; 176.

FIGUEIREDO, Abílio – 151.

FLORES, Raul Folques – 161.

FONSECA, Manuel dos Santos – 74.

FRANCISCO – 81.

FRANCISCO, José [Faro] – 93.

FRANCISCO, José [Lagos] – 24.

FRANCO, Carlos Augusto Lyster – 54; 81; 89; 90; 92; 126; 127; 130; 131; 136; 141; 142; 161; 187; 188; 189; 190; 191; 192; 194.

FRANCO, Marcelino António Maria – 85.

FURTADO, Francisco Samuel da Paz – 69; 70.

FURTADO, Rafael da Paz – 70; 71; 74; 75; 176.

GALVÃO, Artur Baptista – 19; 136.

GIL, Nicolau – 120.

GIMENEZ, Francisco Martins – 119.

GOMES, Amadeu Pereira – 36.

GOMES, António Henrique – 114; 115.

GOMES, José Baptista Dias – 119.

GOMES, José Joaquim – 86; 90.

GOMES, Luís Filipe da Piedade – 64.

GONÇALVES, António Sebastião – 37.

GONÇALVES, Eduardo – 151.

GONÇALVES, Joaquim – 51; 52.

GONÇALVES, Sebastião Martins – 149; 150.

GOUVEIA, Abílio José – 117; 122.

GREGÓRIO, Joaquim Alexandre – 111.

GUEDES, Abel Soares – 43.

GUERREIRO, Inácio Joaquim Gonçalves – 58.

GUERREIRO, João de Sousa – 75; 76; 77; 86; 175.

GUERREIRO, Joaquim – 93.

GUERREIRO, José – 86.

GUERREIRO, Luís Manuel Gaspar – 24.

GUERREIRO, Manuel António Ramos – 37.

GUERREIRO, Padre José Francisco – 63.

GUERREIRO, Sérgio Miguel Conceição – 44.

GUYONNET, Antony – 36; 50.

HENRIQUES, António Manuel – 74; 76.

JACINTO, António Pedro da Silva – 41; 42; 43; 44.

JACINTO, João Dionísio da Silva – 43.

JACINTO, Raul – 91; 92.

JESUS, Carlos Mário Natividade – 133.

JÓIA, José – 52.

JOSÉ – 39.

JOSEPH v. LISBOA, José Fernandes.

JÚDICE, Álvaro – 89.

JÚNIOR, António da Costa – 28.

JÚNIOR, António Joaquim Correia – 11; 12; 27; 79; 185.

JÚNIOR, Domingos Leonardo Vieira – 12; 27; 29.

JÚNIOR, Joaquim António Socorro – 17; 18; 19; 154.

JUSTO, João Baptista – 27.

LAMY, Eduardo – 71.

LARGUITO, Hélder Apolo – 86.

LÁZARO, João Gualberto – 109; 110; 111; 112; 134; 176.

LEAL, Alberto da Conceição – 38; 42; 43; 44.

LEAL, Augusto de Mira – 36; 37; 38; 175.

LEAL, Maria Isabel Borges Rosa – 42.

LEAL, Octávio da Conceição – 38.

LEAL, Sebastião de Freitas – 36.

LESTE, Artur Baptista – 120.

LIMA, João de Sousa – 120.

LIMA, João Mateus – 81.

LIMA, Mário – 81; 176.

LIMA, Mateus – 81; 84; 95; 175.

LISBOA, Francisco Soares Franco Ferreira – 12; 13; 32; 76; 77; 175; 185.

LISBOA, José Fernandes – 109; 111; 131; 132; 133; 176.

LOPES, António Germano – 144; 145; 149.

LOURENÇO, Jorge Correia – 165.

LÚCIO, João – 4; 84; 105; 106; 107; 108, 112; 124; 125; 127; 139; 140; 141; 179; 181; 187; 193; 199; 200; 201.

LUÍS, José – 160.

MACEDO, Alberto – 96.

MACEDO, Francisco – 81.

MACHADO, José – 96.

MADEIRA, Jaime António – 162; 165.

MADEIRA, Manuel Pereira – 119.

MANUEL – 44.

MANUEL, José – 44.

MARÇAL, Francisco do Rosário da Silva – 66.

MARCELO, António Octávio Valdez – 51.

MARIA, José – 81.

MÁRIO – 111; 134.

MARQUES, João José Costa – 64.

MARQUES, José Rogério Gonçalves Marques – 165.

MARREIROS, José – 75.

MARREIROS, Maria Antonieta da Silva Jacinto – 43.

MARTINS, Adolfo Nuno – 80.

MARTINS, Henrique – 36; 49; 50; 51; 52; 54; 189.

MARTINS, João José da Purificação – 111.

MARTINS, José do Carmo Lopes – 80.

MARTINS, José Joaquim Lopes – 80.

MARTINS, José Júlio – 52.

MARTINS, Pedro José da Silva – 134.

MARTINS, Vladimiro Fernandes – 97.

MASCARENHAS, Gregório Nunes – 47; 48; 49; 89.

MASCARENHAS, Luís Sepúlveda Pimentel – 28; 29; 30; 31; 32; 33; 46; 56; 79; 80; 82; 106; 175; 181.

MATIAS, João José Pilar – 51.

MATO, Joaquim José – 84; 136; 188.

MATOS, João Franco Pereira de – 84.

MATOS, Manuel Raul de – 86; 197.

MEALHA, Vital Campina – 64.

MENDINHOS, João Casaca – 86; 93.

MENDINHOS, José – 97.

MICAELA, João da v. SERAFIM, João.

MIRANDA, Artur Águedo – 79.

MOITA, Emílio Fernandes – 81; 92.

MONTEIRO, Alberto – 91.

MONTEIRO, Virgílio Correia – 149; 150; 176.

MONTES, António Viegas – 64.

MORENO, Jorge Manuel da Conceição – 97; 132.

MORTÁGUA, Joaquim de Almeida – 162; 165.

MOUTINHO, Luís – 36; 37; 38; 39; 40; 175.

NETO, Damião – 149.

NETO, Domingos – 97.

NETO, João Pedro da Palma – 165.

NEVES, Luís António Ferreira das – 144.

NOBRE, Carlos da Silva – 119.

NOBRE, João da Silva – 119.

NOBRE, Manuel José – 75.

NOBRE, Rui Maria – 151.

NOGUEIRA, João Maria José – 120

NUNES, José Gonçalves – 36.

OLIVEIRA, Cláudio Matias de – 163.

OLIVEIRA, José Baptista – 95.

OLIVEIRA, José Vitorino Policarpo – 119.

OLIVEIRA, Lázaro do Ó – 119.

OLIVEIRA, Merceana Callapez da Silva Martins Nobre de – 52.

PAIVA, Miguel Arlindo – 44.

PAIVA, Natalina – 44.

PAIVA, Pedro Antunes – 17.

PALMA, Jaime Vaz Velho – 84; 90.

PALMA, Mário Vaz Velho da – 95; 96.

PASSOS, Bernardo de – 4; 54; 91; 92; 106; 125; 127; 130; 131; 139; 140; 141; 145; 181; 189; 190; 194; 199; 200; 201.

PASSOS, Boaventura – 54; 67; 84; 91; 92; 190; 194.

PATROCÍNIO, Manuel Gaspar – 36.

PAULA, Amândio Francisco de Santana – 22; 24.

PAULA, Francisco da Conceição – 20; 21; 22; 39; 63; 175.

PAVÃO, Luís Féria – 97; 176.

PEDRO, António – 44.

PEDRO, José – 44.

PEREIRA, Arnaldo Matos – 58; 64; 65.

PEREIRA, Francisco -120.

PEREIRA, João dos Santos Oliveira – 119; 120.

PEREIRA, José Albano – 81.

PEREIRA, José Eduardo – 24.

PEREIRA, Nuno – 99.

PERES, Fausto – 120.

PESSOA, João Daniel Gil – 136; 139; 187.

PIEIDADE, José da – 86; 89; 176.

PINTO, Álvaro – 81.

PINTO, José Nunes – 13.

PIRES, Manuel Virgínio – 149; 150; 151; 153; 200.

PITÉ, João do Nascimento – 119.

PITÉ, Manuel Luciano – 131; 132; 133; 134.

PORTUGAL, Manuel António Ferreira – 68.

PRATAS, Fernando Augusto – 120.

PRAZERES, Joaquim da Silva – 35.

PRIMITIVO, Jorge Aniceto – 81; 97; 98.

RAMINHOS, Isabel Maria Gomes Lisboa – 132.

RAMIREZ, Frederico Alexandrino Garcia – 161.

RAMIREZ, Joaquim de Mendonça – 119.

RAMOS, Francisco José – 19; 136.

REIS, Avelar Duarte – 37.

REIS, João da Paz dos – 115; 116.

REIS, João Pires – 119.

REIS, Joaquim Gonçalves – 93; 99.

RODRIGUES, António Sebastião Parra – 165; 167.

RODRIGUES, Augusto – 97.

RODRIGUES, Augusto de Jesus – 81.

RODRIGUES, José Miguel – 165.

RODRIGUES, Luísa – 98.

ROMEIRA, Antero – 151.

ROQUE, José dos Santos – 41; 42.

ROSA, António José R. – 161.

ROSA, Eurico G. Rosa – 161.

ROSA, Manuel José Borges – 41; 42.

ROSA, Maria de Fátima dos Santos Borges – 42.

ROSA, Sezinando Oliveira – 162; 165.

RUIVINHO, António dos Anjos – 133; 134.

SANTOS, António Trindade dos – 109; 111; 132.

SANTOS, Eduardo dos – 151.

SANTOS, J. Baptista – 63.

SANTOS, João – 93.

SANTOS, João Baptista dos – 111.

SANTOS, José Maria dos – 136; 139; 141; 187.

SANTOS, José Martinho dos – 151.

SANTOS, Manuel Batista – 111.

SEQUEIRA, Joaquim – 52.

SERAFIM, Eduardo – 49; 71; 72; 74; 75; 89; 96.
SERAFIM, João – 71.
SERAFIM, Paulo – 71.
SÉRGIO – 86.
SERPA, Joaquim João – 14; 15; 16; 18; 29; 33; 34; 103; 185.
SERRA, António Armando de Sousa – 133.
SIDÓNIO – 86.
SILVA, Artur Serrão e – 80.
SILVA, Jacinto Guilherme da – 81.
SILVA, João Leal da – 62.
SILVA, José Ferreira da – 79; 80.
SILVA, Sebastião Santos – 162; 165.
SIMÕES, João Pedro Coelho – 64.
SIMÕES, João Santos – 64; 65.
SOARES, António Augusto Ondas – 136.
SOARES, Juan – 149.
SOCORRO, Joaquim António – 154; 155; 157; 176.
SOCORRO, M. A. Rocha – 18; 19; 34; 154; 155.
SOCORRO, Maria Amélia – 157.
SOLEDADE, Maria – 98.
SOUSA, Firmino Caracol de – 58.
SOUSA, João Pedro de – 89; 90; 136; 161; 189; 190.
SOUSA, Manuel Caetano de – 94; 126; 193; 194; 223.
TAVARES, Ventura José – 136; 143.
TEIXEIRA, Álvaro Leite – 43.
TEIXEIRA, António – 66.
TENÓRIO, João Sabino – 165; 167.
TEODORO, José Maria – 45.
TRIGUEIROS, João Lobo de Miranda – 96; 119; 121; 122; 124; 125; 127.
VARGAS, António Brás – 97; 98; 99.
VARGAS, Maria da Nazaré Conceição Messias – 98; 99.
VENTURA, Domigos, do Ó – 119.
VENTURA, Gilberto Augusto – 37.
VENTURA, João de Jesus – 95; 119.
VICENTE, José Basílio da Conceição – 24, 25.
VIEIRA, António Cândido de Mira Escalço Vieira – 28; 30; 46; 57; 81; 83; 175.
VILARINHO, Salvador Gomes – 14; 15; 46; 79.
VILHENA, Francisco Augusto da Silveirra Almeida – 76; 79.
XAVIER, Máximo Cinta – 39; 40.
XULA, Francisco Xavier Baptista – 8; 9.

c) ÍNDICE DE TIPOGRAFIAS

- Aliança Gráfica do Sul, Lda. v. Gráfica Olhanense.
- Artes Gráficas Damas & Vicente, Lda. – 25.
- Artes Gráficas Leal & Rosa, Lda. v. Tipografia de Alberto Conceição Leal.
- Empresa Algarvia de Publicidade, Lda. – 95.
- Empresa Gráfica Tipografia Minerva Fareense, Lda. v. Empresa Algarvia de Publicidade, Lda..
- Empresa Lito Gráfica do Sul, Lda. v. Gráfica do Sul.
- Empresa Litográfica do Sul, Lda. v. Gráfica do Sul.
- Empresa Litográfica do Sul, S.A. v. Gráfica do Sul.
- Empresa Litográfica do Sul, S.A.R.L. v. Gráfica do Sul.
- Empresa Tipográfica Lumen, Lda. – 36.
- Gráfica Central Algarvia v. Tipografia de José dos Santos Roque
- Gráfica Comercial v. Tipografia Mealha & Pereira, Lda..
- Gráfica do Sul – 162.
- Gráfica Fareense, Lda. – 98.
- Gráfica Louletana – 63.
- Gráfica Olhanense – 131.
- Imprensa Minerva – 17.
- Tipografia *A Defesa do Povo* – 46.
- Tipografia Algarvia – 95.
- Tipografia Alves v. Tipografia de *O Olhanense*.
- Tipografia Arade – 34.
- Tipografia Artes Gráficas, Lda. – 92.
- Tipografia Artística do Algarve [Portimão] – 36.
- Tipografia Artística do Algarve [Silves] – 49.
- Tipografia Brás & Pavão, Lda. – 97.
- Tipografia Burocrática [Tavira] – 136.
- Tipografia Cácima v. Tipografia Artes Gráficas, Lda.
- Tipografia Caetano v. Tipografia M. Caetano & Moita, Lda..
- Tipografia Centeno v. Tipografia de *O Olhanense*
- Tipografia Central – 115.
- Tipografia Comercial – Arnaldo Matos Pereira, Lda. v. Tipografia Mealha & Pereira, Lda..
- Tipografia Comercial de Arnaldo Matos Pereira v. Tipografia Mealha & Pereira, Lda..
- Tipografia da Editora Olhanense, Lda. – 118.
- Tipografia da *Folha de Loulé* – 62.
- Tipografia da *Folha do Sul* – 61.
- Tipografia da *Gazeta do Algarve* – 12.
- Tipografia da *Liberdade* – 32.
- Tipografia da *Terra Algarvia* – 54.
- Tipografia de *A Independência* – 33.

- Tipografia de *A Voz de Loulé* – 63.
- Tipografia de Afonso Cañet de Castro – 16.
- Tipografia de Agostinho Ferreira Chaves – 82.
- Tipografia de Alberto Conceição Leal – 42.
- Tipografia de Anastácio Guerreiro Dourado v. Tipografia de *O Louletano*.
- Tipografia de António Cândido de Mira Escalço Vieira v. Tipografia de *O Louletano*.
- Tipografia de António dos Anjos Ruivinho – 133.
- Tipografia de António Joaquim Correia Júnior – 11.
- Tipografia de António Manuel Henriques – 76.
- Tipografia de Armelim Mendes Cácia, Lda. v. Tipografia Artes Gráficas, Lda.
- Tipografia de Augusto de Mira Leal v. Empresa Tipográfica Lumen, Lda..
- Tipografia de Eduardo Lamy – 71.
- Tipografia de Eduardo Serafim – 71.
- Tipografia de Francisco Xavier Baptista Xula – 8.
- Tipografia de J. F. Tavares Belo & C.^a – 76.
- Tipografia de João Crisóstomo de Freitas Barros – 45.
- Tipografia de José dos Santos Roque – 41.
- Tipografia de Luís Mascarenhas – 79.
- Tipografia de Miguel Paiva, Lda. – 44.
- Tipografia de O Algarve v. Tipografia de Luís Mascarenhas.
- Tipografia de *O Algarvio* – 56.
- Tipografia de *O Comércio do Sul* – 75.
- Tipografia de *O Distrito de Faro* – 74.
- Tipografia de *O Herald* v. Tipografia Democrática [Faro].
- Tipografia de *O Louletano* – 56.
- Tipografia de *O Olhanense* – 104.
- Tipografia de *O Porvir* v. Tipografia Democrática [Olhão].
- Tipografia de *O Sul* (I) – 84.
- Tipografia de *O Sul* (II) – 89.
- Tipografia Delta, Lda. – 65.
- Tipografia Democrática (I) [Tavira] – 143.
- Tipografia Democrática (II) [Tavira] – 144.
- Tipografia Democrática [Faro] – 89.
- Tipografia Democrática [Olhão] – 100.
- Tipografia do *1.º de Maio* v. Tipografia de *O Louletano*.
- Tipografia do *Algarve e Alemtejo* v. Tipografia de Luís Mascarenhas.
- Tipografia do *Correio do Algarve* – 144.
- Tipografia do *Correio do Meio-Dia* v. Tipografia Portimonense (I).
- Tipografia do *Correio do Sul* v. Tipografia Regional Editora, Lda.
- Tipografia do *Ecos do Sul* – 67.
- Tipografia do Governo Civil – 69.

Tipografia do Lealdade v. Tipografia Portimonense (I).
Tipografia do *Moca* – 94.
Tipografia do *Pequeno em Tudo* – 83.
Tipografia do *Progresso do Algarve* v. Tipografia de Luís Mascarenhas.
Tipografia do *Progresso do Sul* v. Tipografia de Luís Mascarenhas.
Tipografia do *Pró-Lagos* v. Tipografia Guadiana [Lagos].
Tipografia Elzeveriana v. Tipografia de Agostinho Ferreira Chaves.
Tipografia Feliciano José Alves, Lda. v. Tipografia de *O Olhanense*
Tipografia Feliciano v. Tipografia de *O Olhanense*
Tipografia Ferreira – 20.
Tipografia Ferro, Gonçalves & Cardos, Lda. v. Tipografia Brás & Pavão, Lda.
Tipografia Gomes v. Tipografia Progresso.
Tipografia Gratec – 134.
Tipografia Guadiana (I) [VRSA] – 154.
Tipografia Guadiana (II) [VRSA] – 161.
Tipografia Guadiana [Lagos] – 17.
Tipografia Imprensa do Governo – 68.
Tipografia Lacobrigense (I) – 9.
Tipografia Lacobrigense (II) – 19.
Tipografia Lacobrigense (III) – 22.
Tipografia Leal & Rosa, Lda. v. Tipografia de Alberto Conceição Leal.
Tipografia Louletana v. Tipografia de *O Louletano*.

Tipografia Louletana, Lda. v. Tipografia de *O Louletano*.
Tipografia Lusitânia – 161.
Tipografia M. Caetano & Moita, Lda. – 96.
Tipografia Mário – 134.
Tipografia Mealha & Pereira, Lda. – 64.
Tipografia Minerva do Comércio de Luís Moutinho – 38.
Tipografia Minerva Fareense, Lda. v. Empresa Algarvia de Publicidade, Lda..
Tipografia Minerva Olhanense – 112.
Tipografia Minerva v. Tipografia de J. F. Tavares Belo & C.^a.
Tipografia Modelo – 149.
Tipografia Moderna – 15.
Tipografia Moderna v. Tipografia M. Caetano & Moita, Lda..
Tipografia Nova Minerva – 84.
Tipografia *O Progresso* de Apolo & Silva – 62.
Tipografia Paula v. Tipografia Lacobrigense (III).
Tipografia Paz Furtado – 70.
Tipografia Popular v. Tipografia do *Moca*
Tipografia Portimonense (I) – 27.
Tipografia Portimonense (II) v. Tipografia Prazeres.
Tipografia *Povo Algarvio* – 150.
Tipografia Prazeres – 35.
Tipografia Progresso – 113.
Tipografia Regional Editora, Lda. – 91.
Tipografia Rocha – 34.

Tipografia Rocha [Lagos] v. Tipografia Guadiana [Lagos].

Tipografia Rocha [VRSA] v. Tipografia Guadiana (I).

Tipografia Santos – 36.

Tipografia Serafim v. Tipografia de Eduardo Serafim.

Tipografia Silvense – 46.

Tipografia Socorro v. Tipografia Guadiana (I) [VRSA].

Tipografia Tavirense – 146.

Tipografia Tavirense de Raminhos Santos Bispo v. Tipografia *Povo Algarvio*.

Tipografia Tavirense, Lda. v. Tipografia *Povo Algarvio*.

Tipografia Tenório, Campas & C.^a, Lda. – 162.

Tipografia Tipocolor – 134.

Tipografia União – 85.

Tipografia União [Lagos] v. Tipografia da *Gazeta do Algarve*.

Tipografia Vargas, Lda. – 98.

Tipográfica do Sul – Artes Gráficas, Lda. v. Gráfica do Sul.

c) ÍNDICES DO CATÁLOGO

c.1) Índice de Tipografias

Aliança Gráfica do Sul, Lda. – 308.	Tipografia Lacobrigense (II) – 239.
Empresa Litográfica do Sul, Lda. – 323.	Tipografia Lacobrigense (III) – 240.
Tipografia <i>A Defesa do Povo</i> – 245.	Tipografia Louletana – 247.
Tipografia Artística do Algarve – 244.	Tipografia Lumen – 242.
Tipografia Burocrática – 312.	Tipografia Minerva – 277.
Tipografia Cácima – 249.	Tipografia Minerva Fareense, Lda. – 277.
Tipografia Centeno – 308.	Tipografia Minerva Olhanense – 310.
Tipografia da Editora Olhanense, Lda. – 308	Tipografia Modelo – 314.
Tipografia da <i>Gazeta do Algarve</i> – 238.	Tipografia Nova Minerva – 278.
Tipografia de Eduardo Serafim – 262.	Tipografia <i>Povo Algarvio</i> – 315.
Tipografia de Luís Mascarenhas – 268.	Tipografia Prazeres – 242.
Tipografia de <i>O Herald</i> – 267.	Tipografia Progresso – 310.
Tipografia Delta, Lda. – 247.	Tipografia Regional Editora, Lda. – 279.
Tipografia Democrática – 314.	Tipografia Socorro – 341.
Tipografia do <i>Districto de Faro</i> – 262.	Tipografia Tavirense – 321.
Tipografia do Governo Civil – 267.	Tipografia União – 279.
Tipografia Feliciano Alves – 309.	
Tipografia Ferreira – 238.	

c.2) Índice de Cronológico

1852 – 87.	1921 – 135.; 136.; 254.
1875 – 2.; 3.; 4.; 5.; 6.	1922 – 128.; 215.; 231.
1876 – 7.; 8.; 9.; 10.	1923 – 26.; 129.; .137.; 216.
1877 – 11.; 12.	1924 – 138.; 139.
1880 – 24.; 120.; 121.	1926 – 27.; 222.
1881 – 122.	1927 – 19.; 232.
1882 – 66.	1929 – 217.
1892 – 223.	[193-?] – 28.
1895 – 224.; 225.	1931 – 140.
1896 – 90.	1932 – 29.; 99.; 310.
1897 – 91.; 226.; 328.	1933 – 123.; 141.; 142.; 143.
1898 – 227.	1934 – 30.; 31.
1899 – 228.	1935 – 1.; 144.; 311.; 312.
1900 – 67.; 229.	1936 – 17.; 18.; 145.; .233.; 313.
1901 – 92.; 329.; 330.	1937 – 314.; 315.; 316.
1902 – 68.; 93.; 214.; 331.	1938 – 146.; 218.; 317.; 318.
1903 – 69.; 220.	1939 – 32.; 147.; 319.
1904 – 70.; 71.; 332.	1940 – 320.
1905 – 72.; 94.; 95.; 124.	1941 – 234.
1906 – 73.; 125.	1942 – 33.; 148.
1907 – 13.; 74.; 126.; 333.; 334.; 335.	1943 – 149.; 321.
1908 – 75.; 76.; 77.; 78.; 79.	1944 – 100.; 322.
1909 – 80.; 81.	1945 – 101.; 150.; 323.
1910 – 96.; 230.	1946 – 102.; 151.; 324.
1912 – 82.	1947 – 86.; 103.; 152.; 153.
1913 – 83.; 97.	1948 – 104.; 105.; 154.; 155.
1914 – 84.; 98.; 130.	1949 – 106.; 156.; 157.
1915 – 20.	1950 – 107.; 108.; 109.
1916 – 21.; 131.; 132.; 221.	1951 – 325.
1917 – 22.; 85.; 89.; 336.	1952 – 110.; 235.; 236.
1918 – 23.	1953 – 158.; 237.; 238.; 239.; 240.; 241.
1920 – 133.; 134.; 253.	1954 – 242.; 243.; 244.

1955 – 111.
1956 – 112.; 113.; 114.; 115.; 159.;
160.; 161.; 162.; 245.; 246.
1957 – 34.; 163.; 326.; 327.
1958 – 35.; 36.; 37.; 116.; 117.; 164.;
165.; 166.; 167.; 247.
1959 – 38.; 39.; 118.; 119.; 168.; 169.;
170.; 171.; 172.; 173.; 248.; 249.
1960 – 40.; 41.; 42.; 43.; 174.; 175.;
176.; 177.; 178.; 179.; 250.; 255.
1961 – 44.; 45.; 46.; 47.; 48.; 49.; 180.;
213.; 251.; 256.
1962 – 50.; 51.; 52.; 53.; 257.; 258.;
259.
1963 – 54.; 181.; 182.; 260.; 261.
1964 – 55.; 56.; 183.; 184.; 185.; 252.;
262.; 263.
1965 – 264.
1966 – 57.; 186.; 187.; 265.
1967 – 58.; 59.; 188.; 266.; 267.
1968 – 60.; 189.; 190.; 191.; 268.
1969 – 192.; 193.
1970 – 61.; 62.; 269.
1971 – 194.; 270.

1972 – 63.; 195.; 196.; 271.
1973 – 64.; 272.; 273.
1974 – 197.; 274.; 275.
1975 – 65.; 276.
1976 – 198.
1977 – 14.; 199.
1978 – 15.
1979 – 200.; 201.; 267.
1980 – 202.; 203.; 278.
1981 – 204.; 205.; 279.
1982 – 206.; 219.; 280.
1983 – 207.; 208.; 281.; 282.
1984 – 283.; 284.; 285.
1985 – 286.; 287.; 288.
1986 – 16.; 25.; 289.; 290.; 291.; 292.;
293.
1987 – 209.; 294.; 295.
1988 – 210.; 296.; 297.; 298.; 299.;
300.; 301.; 302.
1989 – 296.; 297.
1990 – 303.
1991 – 211.; 304.; 305.
1992 – 306.; 307.; 308.; 309.
S.d. – 88.; 127.; 212.

c.3) Índice de Onomástico de Autores

- AA.VV. – 72.; 90.; 99.; 123.; 146.;
151.; 183.; 224.; 230.; 272.; 326.
- ALEIXO, António – 55.; 107.; 149.;
150.; 154.; 189.
- ALEIXO, Arminda Martins – 190.
- ALVES, Manuel Urbano – 152.
- ANTÓNIO, António – 50.
- ARTUR, Joaquim Luís Oliva da Mata
v. ARTUR, Oliva da Mata.
- ARTUR, Oliva da Mata – 202.; 219.;
283.
- AZEVEDO, A. Luciano – 17.; 18.
- AZEVEDO, António Luciano v.
AZEVEDO, A. Luciano.
- AZEVEDO, José Francisco Teixeira de
– 228.
- AZEVEDO, Raquel Coelho – 141.;
142.; 143.; 144.; 145.
- BALSA, José Galvão – 25.
- BALTÉ, António H. – 164.
- BALTÉ, António Henrique v. BALTÈ,
António H.
- BAPTISTA, Adriano – 218.
- BAPTISTA, Adriano da Assunção v.
BAPTISTA, Adriano.
- BARALBA, Fernando – 271.
- BARROS, Frias de – 72.
- BARROS, José Ricardo Júdice Samora
v. BARROS, Samora.
- BARROS, Samora – 186.
- BASÍLIO, Domingos Guerreiro – 311.
- BELO, João Frederico Tavares – 120.;
122.
- BICA, Orlando – 61.; 63.; 64.; 65.
- BICA, Orlando João da Cruz v. BICA,
Orlando
- BOISGOBEY, Fortunato – 24.
- BRANDÃO, Fíama Hasse Pais – 38.;
44.
- BRITO, Casimiro de – 34.; 35.; 39.; 45.;
51.; 58.
- BRITO, Margarida Travassos de – 306.
- CABRITA, Maria José Ramos – 211.
- CABRITA, Sotero – 159.
- CABRITA, Sotero José Sancho v.
CABRITA, Sotero.
- CALADO, José Vieira v. CALADO,
Vieira.
- CALADO, Vieira – 14.; 15.; 16.
- CAMPINAS, A. Vicente – 57.; 101.;
235.; 237.; 242.; 245.; 248.; 250.; 313.;
314.; 317.
- CAMPINAS, António Vicente v.
CAMPINAS, A. Vicente.
- CARRAPATO, Júlio – 184.
- CARVALHO, Amadeu Ferreira de
Almeida – 160.; 181.; 187.
- CASTANHO, José Ribeiro – 228.
- CASTELA, Vítor – 102.; 118.; 158.;
289.; 296.
- CASTRO, E. M. Melo e – 40.
- CAUTELA, Afonso – 41.
- CHAGAS, Ofir – 268.

CHAVES; Luís Quirino – 24.
 CLARA, António Santa – 249.
 COELHO, José Eduardo – 213.
 CORDEIRO, Camilo – 19.
 COROA, Campos – 199.
 COROA, Emílio Campos v. COROA, Campos.
 COSTA, Augusta Gonçalves – 29.
 COSTA, Emiliano da – 46.; 103.; 104.; 106.; 108.; 110.; 163.; 168.; 246.
 COSTA, Francisco Dias da – 269.
 CRUZ, Gastão – 47.; 59.
 CRUZ, Ivo – 216.
 CUNHA, Jaime Jorge da – 127.
 CUNHA, Norberto – 174.
 CUSTÓDIO, Idália Farinho – 204.; 278.; 286.
 DAVIM, Joaquim Rodrigues – 67.; 69.; 70.; 71.; 73.; 75.; 76.; 77.; 78.; 80.; 81.; 82.; 84.; 85.; 92.; 93.; 94.; 96.; 98.; 124.; 125.; 126.; 254.; 329.; 330.; 331.; 332.; 336.
 DENIS, Júlio – 1.
 DENTINHO, José António – 206.; 217.; 222.
 DOMINGOS, Fonseca – 309.
 DOMINGOS, José Maria Fonseca v. DOMINGOS, Fonseca.
 ENCARNAÇÃO, Padre José Gomes da v. GOMES, Padre José.
 ESTELA, Hanid – 318.
 FARIAS, Francisco Martins – 203.
 FERNANDES, Padre António Domingues – 180.;
 FERNANDES, Judite da Conceição – 281.
 FERREIRA, José Mendes – 175.; 255.
 FEUILLET, Octave – 2.
 FRANCO, Carlos Augusto Lyster v. FRANCO, Lyster.
 FRANCO, Lyster – 89.; 95.
 FRANCO, Maria José – 290.
 FRANCO, Mário Augusto Barbosa Lyster v. FRANCO, Mário Lyster.
 FRANCO, Mário Lyster – 134.; 161.; 162.
 FRAZÃO, Primo Firmino do Nascimento – 223.
 GAGO, Adolfo C. – 238.; 239.
 GALHARDO, Joaquim Maria – 231.; 132.
 GOMES, Baptista – 72.
 GOMES, José Baptista Dias v. GOMES, Baptista.
 GOMES, Elviro Rocha – 111.; 112.; 165.; 169.; 170.; 171.; 176.; 177.; 178.; 191.; 192.; 193.; 194.; 196.; 256.; 257.; 258.; 259.; 260.; 262.; 263.; 264.; 265.; 266.; 273.; 274.; 280.; 282.; 284.; 291.; 292.; 294.; 297.; 298.; 301.; 302.; 303.; 304.; 305.; 307.; 308.
 GOMES, Isidoro da Silva – 195.
 GOMES, Manuel Joaquim Neto v. GOMES, Neto.
 GOMES, Maria de Deus Seruca Kruss – 201.
 GOMES, Neto – 275.
 GOMES, Padre José – 155.

- GONÇALVES, António da Silva – 166.
- GUERREIRO, Cândido – 26.; 30.; 31.; 33.; 86.; 156.; 157.; 225.; 328.
- GUERREIRO, Francisco Xavier Cândido v. GUERREIRO, Cândido.
- GUIMARÃES, José Francisco – 66.; 121.
- HONORATO, Ilídia – 60.
- HORTA, Luís M. – 268.
- HORTA, Luís Maria de Melo e v. HORTA, Luís M.
- HORTA, Maria Teresa – 42.; 48.
- IMAR, Manuela – 52.
- JORGE, Luiza Neto – 43.; 49.
- JOSÉ, Manuel v. SABINO, O Desconhecido.
- LEIRIA, Sebastião – 268.
- LENCASTRE, Hernâni de – 113.; 236.; 240.; 243.
- LEOTE, F. C. de Melo – 23.
- LEOTE, Francisco Correia de Melo v. LEOTE, F. C. de Melo.
- LOPES, Francisco Fernandes – 148.
- LOPES, Morais – 182.
- LÚCIO, João – 214.; 220.
- LUZ, Torquato da – 261.
- MACHEIRA, António – 179.
- MAGALHÃES, Joaquim – 119.
- MAGALHÃES, Joaquim Rocha Peixoto v. MAGALHÃES, Joaquim.
- MARQUES, António Teixeira – 209.; 247.
- MARQUES, Maria Feliciana Marim – 138.
- MARTINS, Abúndio – 299.
- MARTINS, Carlos – 207.
- MARTINS, Henrique – 20.
- MARTINS, João Marques – 253.
- MASCARANHAS, João Manuel de – 105.
- MATIAS, António – 198.
- MATOS, Manuel Raul de v. MATOS, Raul de.
- MATOS, Maria da Conceição Augusto – 277.
- MATOS, Raul de – 210.
- MENDES, Alda Ferreira v. RÉGIA, Vitória.
- MENESES, Ludovico Caetano de v. MENESES, Ludovico de.
- MENESES, Ludovico de – 68.
- MESQUITELA, Bernardo da Costa – 131.
- MOSCOSO, Bartolomeu Salazar – 13.; 74.; 79.; 200.; 333.; 334.; 335.
- NASCIMENTO, António do – 32.; 134.; 135.
- NEMÉSIO, Elias (v. PARDAL, Padre Manuel Francisco) – 140.
- NOBRE, Antero – 325.
- NUNES, Candeias – 56.
- OLIVEIRA, Ataíde – 91.; 226.; 227.; 229.
- OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde v. OLIVEIRA, Ataíde.
- OLÍVIO, Tito – 208.

PACHECO, Conceição – 72.

PACHECO, Joaquim da Conceição v. PACHECO, Conceição.

PALMA, Joaquim Rita da – 279.

PARDAL, P.^o – 188.; 197.

PARDAL, Padre Manuel Francisco v. NEMÉSIO, Elias / PARDAL, P.^o.

PASSOS, Bernardo de – 83.

PASSOS, Boaventura – 300.

PEREIRA, António – 312.; 316.

PEREIRA, João Lúcio Pousão v. LÚCIO, João.

PEREIRA, Luís Alberto Monteiro v. PEREIRA, Luís Monteiro.

PEREIRA, Luís Monteiro – 285.; 287.; 293.

PIRES, Isidoro Manuel v. PIRES, Isidoro.

PIRES, Isidoro – 234.; 251.; 310.

PIRES, Manuel Virgínio – 233.

QUINTINHA, Julião – 20.; 22.

RAMOS, Raul Pousão – 21.; 221.

RAMOS, Virgínia Guimarães Chaves – 252.

RAMIREZ, Lolita (v. RAMIREZ, Maria das Dores Dominguez) – 267.; 288.; 295.

RAMIREZ, Maria das Dores Dominguez (v. RAMIREZ, Lolita) – 244.

RÉGIA, Vitória – 315.; 319.; 320.; 321.; 322.; 323.; 324.; 327.

RENDÓN, Manuel – 185.

RODRIGUES, António Fernandes – 53.

RODRIGUES, José Júlio – 28.

ROSA, António Ramos – 36.; 37.

ROULET, Lionel – 148.

RUA, Zé da – 241.

S.n. – 3.; 4.; 5.; 6.; 7.; 8.; 9.; 10.; 11.; 12.; 87.; 88.; 212.

SABINO, O Desconhecido – 205.

SANCHO, José Dias – 130.; 132.; 136.; 215.

SANTOS, A. – 232.

SANTOS, António Augusto – 167.; 172.

SANTOS, António Crisóstomo dos – 228.

SANTOS, António Rodrigues dos v. SANTOS, A.

SANTOS, Maria José Franco Neves dos v. FRANCO, Maria José.

SANTOS, Rui de Avelar v. SANTOS, Rui.

SANTOS, Rui – 27.

SIDÓNIO, Augusto – 100.

SILVA, Alberto Marques da – 54.; 62.; 109.; 114.; 115.; 116.; 117.

SILVA, Rogério – 268.

SOUSA, Manuel Caetano de – 128.; 129.; 133.; 137.; 139.

STOCKLER, J. Santos – 270.; 276.

TAVARES, Silva – 153.

VALDEZ, Henrique Maria Travasso – 97.

VALE, João Serrão Sintra do – 147.

VICTORINO, José – 72.

VILHENA, Arnaldo – 173.

c.4) Índice de Onomástico de Capistas

- AGÁ, Melo – 268.
- ALEXANDRE, Luís – 194.
- ALMEIDA, Louro de – 248.
- ALMEIDA, Sidónio de – 158.; 289.
- BAPTISTA, Manuel – 36.; 40.; 42.; 44.; 45.; 47.; 48.; 49.; 59.
- BEJA, Hugo – 15.
- BRITO, João Cavaco Vicente de – 297.; 301.; 302.; 304.; 305.; 308.
- BRITO, Vicente v. BRITO, João Cavaco Vicente de.
- BUAL, Artur – 276.
- CARLOS, Alfredo – 170.
- CARNEIRO, Raul – 129.; 139.
- CARRAPATO, Júlio – 184.
- CAVALHEIROS, Isaura – 216.
- CLARA, A. Santa – 116.; 117.; 163.
- COSTA, Afonso – 309.;
- COSTA, Rodrigues da – 317.; 318.
- CUNHA, José Amado da – 102.
- D.[ourabe?] – 168.
- FIALHO, Álvaro – 39.
- FLÁVIO, Miguel – 57.
- GHIRA, Maria Margarida – 244.
- GLÓRIA, P.^e – 229.
- JOCAVIB v. BRITO, João Cavaco Vicente de.
- JORGE, Luiza Neto – 38.; 43.
- NARDO, Joaquim – 179.
- LENCASTRE, Hernâni de – 113.; 236.; 240.; 243.
- LIMA, José Casimiro – 245.; 250.
- MARINHO, Américo – 62.; 114.; 115.; 246.
- MARINHO, P.^e – 229.
- MARQUES, Bernardo – 136.; 215.
- MARTINS, Garcia – 151.
- MATIAS, António – 198.
- MATOS, Maria da Conceição Augusto – 277.
- MENDES, Alda Ferreira v. RÉGIA, Vitória.
- NOBRE, Roberto – 235.; 242.; 313.; 314.; 316.
- OLIVEIRA, Hermínio de – 54.
- OLIVEIRA, José Hermínio Beato de – 296.
- OLIVEIRA, José Maria – 286.
- OTTOLINI, Raquel R. Gameiro – 320.
- PASSOS, Boaventura – 132.
- PASSOS, Henrique – 300.
- PAVIA, Manuel Ribeiro de – 237.
- PEREIRA, Luís Alberto Monteiro v. PEREIRA, Luís Monteiro.
- PEREIRA, Luís Monteiro – 287.
- PERFEITO, José Manuel Valente – 295.
- RÉGIA, Vitória – 315.; 322.; 323.; 324.; 327.
- REIS, João – 51.
- SANTOS, António v. TÓSSAN.
- TAMEGÃO, Margarida – 270.
- TAVEIRA, Hernâni – 52.
- TÓSSAN – 46.

VALENÇA, E. – 26.

VICENTE v. BRITO, João Cavaco

Vicente de.

VIEGAS, Benjamim – 267.

XABREGAS – 173.

c.5) Índice de Títulos por Concelhos

Concelho de Faro

A Camões – poesia de J. F. Guimarães, recitada no teatro Lethes, na noite de 1º de Junho de 1880, por ocasião do tricentenário de Camões – 121.

À sombra do meu moinho – 152.

Abc divino e o sonho duma criança: verso e prosa – 141.

Adeus... (Aos amigos que por bondade promoveram em homenagem ao A. as festas de 13 e 14 de Dezembro de 1941 – Aos que com igual carinho a elas se associaram.) – 33.

Afinidades: revista de cultura luso-francesa – 148.

Alegria (A) da professora – 74.

Algarve e Alemtejo: appendice litterario – 90.

Algarve em festa: poema – 102.

Algarve Illustrado: jornal litterario – 120.

Algarve de sonho e lenda: poesia lida pelo autor nos jogos florais da emissora nacional realizados em Faro, a 7 de Agosto de 1947 – 153.

Almanach Fareense para 1881: parte litteraria – 122.

Alte: cercam Alte quatro cerros / que lhe fazem sentinela: / farrobeirão, francelheira, / falvana e rocha amarela. // (da tradição oral) / 4-X-938 – 146.

Amor e saudade: versos – 142.

Ananto: poemas de andejo & do efémero trânsito – 113.

Aos Heroes – versos recitados pelo autor na sessão solemne que a Camara de Faro realizou nos Paços do Concelho em 21 de Junho de 1908 commemorando o centenario da expulsão dos francêses do Algarve – 75.

Aos homens) de Portugal! (Versos) – 132.

Aquário (O) – 38.

Arraial: página literária mensal do Correio do Sul – 161.

Asas: poesias – 163.

Até amanhã, meu filho: contos – 179.

Auto do curandeiro – 107.

Auto da vida e da morte – 154.; 184.

Avante e Santiago: poesia recitada em Faro no acto solene da inauguração das festas comemorativas do VII centenário da conquista da cidade – 156.

Balada d'aquém e d'além fé – 118.

Bandeira (A) da República (versos) – 83.

Benfica-Sporting: farsa em um acto – 167.

Bom (O) conselheiro: versos – 144.

Breves poemas para hoje – 50.

Cadernos do meio-dia: antologia de poesia, crítica e ensaio – 36.

Cantares: livro de quadras de José Victorino, Jayme Cunha, Baptista Gomes, Frias de Barros e Conceição Pacheco, prefaciado pelo Dr. Rodrigues Davim – 72.

Cântico pagão do sol e do mar – 173.

Cânticos e toadas – 110.

Canto de Quinas – 64.

Caridade – No bodo aos pobres realizado em Faro em sábado de Alleluia – 22 de Abril de 1905 – em honra do Ex.mo conselheiro Frederico Ramirez, commemorando a seu benefica passagem pelo governo civil deste districto e promovido pelos seus amigos – 94.

Caridade – versos recitados pelo menino Rentao de Brito na festa de caridade realisada em Estoy em 1 de Maio de 1909 – A expensas do benemérito Visconde de Estoy – 80.

Carnaval (O) de el-rei Ché-ché (farpas moçambicanas) – 166.

Carta de amor – 127.

Casa do Poeta – 86.

Ceia (A) dos cábulas: paródia á ceia dos cardiaes do sr. Julio Dantas – 130.

Cidade (A) de Faro aos seus visitantes – suplemento de “O Algarve” – 96.

Com licença! Poemas Humorísticos – 192.

Como é bela a nossa vida, quando a sabemos viver! – 155.

Concerto ao ar livre – 108.

Contos e crónicas por Andofer – 180.

Contos fúnebres – 95.

Contos Infantis: collecção de pequenas narrativas tendentes a imprimir no espírito das crianças os princípios mais convenientes à sua educação religiosa e social por F. X. de Athaide Oliveira – 91.

Coplas da revista algarvia "Ora Toma, Mariquinhas" – em 2 actos e 13 quadros – 32.

Coplas da revista citadina em 2 actos e 6 quadros Ora Toma!!!... – 134.

Coplas da revista-fantasia bichas de rabiari: 2 actos e 10 quadros – 135.

Cromo-sinfonias: poema – 104.

Crueldade: drama histórico – 169.

Deixaste cair uma rosa: (poemas) – 111.

Dia (O) do pai (poemas) – 193.

Diálogo simples – 333.

Entre o som e o sul – 40.

Escandinaviana: impressões, citações e provérbios – 187.

Escassez – 59.

Espelho inicial – 42.

Essência – 65.

Estoi: ao poeta Emiliano da Costa paródia por Mário Lyster Franco – 162.

Estrela (A) da manhã: conto do mar algarvio – 131.

Ferroadas: publicação de inquérito à vida patusca do Algarve – 68.

Folares da Páscoa: poesias para crianças – 29.

Gente da serra: ensaio sobre o casamento, emoldurado em quadros rústicos – 140.

Germina para a vida – 61.

Gloria aos heroes: versos recitados pelo estudante António Victor Condeça no Teatro Circo, na recita do 1.º de Dezembro de 1914 – 84.

Grito (O) Claro – 37.

Herança: poema – 101.

Heraldo (O) – 89.

Ímpetos naturais (algures no Ribatejo há meio século) – 195.

Impressões sobre poetas – 196.

Inspiração (Uma) – 143.

Intencionais – 150.

Intervalo – 52.

Intimidade – 46.

Invocação ás senhoras de Faro na festa académica em beneficio da philantropica do lyceu de Faro em 25 d'Agosto de 1906 – 125.

Janela azul – 54.

Jardim de akadémus – onze ensaios premiados em concurso literário no liceu de Faro – 99.

Jardim de akadémus: treze ensaios premiados em concurso literário no liceu de Faro – 123.

Jogos florais da praia de Armação de Pêra em 1963 – 183.

Jornal comico do Algarve. N.º 1. Os dous pastores – drama em três actos. – Traduzido e imitado de M. Gessner por... – 87.

Jornal comico do Algarve: a roza de Tavira. Comedia em um acto. Imitação de M. de Moratin por.... A acção é em Tavira. Anno de 1840 – 88.

José: poema de Elviro Rocha Gomes – 165.

Liberdade! Poesia recitada pelo academico Raul Duarte Calazans na recita de gala do 1.º de Dezembro – 126.

Liberdade (A): recitada na noite do 1.º de Dezembro de 1908 pelo académico João Abreu da Fonseca – 334.

Leopoldo Salvaterra (comédia) – 170.

Longe (O) e perto (poemas) – 176.

Lúmen – poesia dedicada ao núcleo em Faro da Liga Nacional d'Instrução – 98.

Mães Portuguesas – Recitada pelo académico António Miguel Galvão, na récita de 1 de Dezembro de 1903 no Teatro Lethes – 69.

Mar do Sul: poemas – 158.

Meditações – 159.

Menina (A) de Águas Frias – 188.

Meu (O) arquivo – 53.

Meu coração vai falar... Versos – 114.; 115.

Meus poemas de Natal – 198.

Milagre – Á ilustre pianista Ex.ma Sr.ª D. Amélia Ferraz, homenagem das suas discípulas – 30.

Minha (A) paixão – 205.

Não vão as estrelas acordar – 202.

Nãos do Reino – versos recitados pelo académico J. Graça na festa do 1.º de Dezembro de 1906 – 73.

Nariz (O): diário II – 41.

Naus (As) da Índia – 175.

Nel, o perseguido – 194.

Noite (A) vertebrada – 43.

Nossa (A) Pátria – Recitada pelo académico Luiz Filipe d’Albuquerque Rebello na noite do 1.º de Dezembro de 1908 – 76.

Nossa (A) Pátria – Versos recitados pelo académico José de Sousa Gago na noite do 1.º de Dezembro de 1912 no teatro-circo de Faro – 82.

Ode aos artistas – 67.

Outra (A) Primavera – 63.

Pampilhos: poemas – 106.

Panorama da cidade – 174.

Pátria – (á mocidade do lyceu de Faro) – Para ser recitada pelo académico Alexandre de Figueiredo na recita gala de 1 de Dezembro de 1901 – 92.

Pinturescas: poemas – 168.

Pobrezinhos (Os) – Ás virtuosas senhoras que promoveram e realizaram o Bodo aos pobres no Casino da Praia da Rocha de Portimão – Em 18 de Setembro de 1904 – off. o Auctor – 70.

Poema sobre «A tomada de Faro aos mouros» baseado na crónica de el-rei D. Afonso III de Duarte Nunes Lião – 207.

Poemas breves – 209.

Poemas: grito d’uma alma – 201.

Poemas orientais: hai-cais japoneses – 51.

Poemas da solidão imperfeita – 34.

Poesia = cor + movimento: sonetos – 182.

Poesia: prelúdios – 105.

Poesia recitada em 1 de Janeiro de 1882 na ocasião da inauguração do busto do Dr. Constantino Cumano mandado erigir por José Maria de Assis – 66.

Poesia 61: canto adolescente – 45.

Poesia 61: morfismos – 44.

Poesia 61: a morte percutiva – 47.

Poesia 61: quarta dimensão – 49.

Poesia 61: tatuagem – 48.

Político do amor – 60.

Por Deus e pela Pátria! Recitada pelo seminarista Lapa Rocha na Academia em honra de S. S. Pio X em 16 de Novembro de 1908 no seminário de Faro – 77.

Portugal glorioso – À mocidade estudiosa de Faro – Poesia recitada pelo académico José Francisco Frias de Barros na recita de 1 de Dezembro de 1904 no Theatro 1.º de Dezembro – 71.

Proa ao vento – 57.
Produções premiadas nos II jogos florais da Primavera – 151.
Promessa (Uma) – 157.
Quando começo a cantar – 149.
Que terra é essa, o Algarve?!... – 210.
Quem canta... – 139.
Rainha Santa – 31.
Raiz do passado: poemas e versos – 190.
Ramo de flores exóticas – 171.
Rapsódia em rimas desusadas – 164.
Razões da minha razão – 197.
Recordando... Memórias e impressões – 160.; 181.
Romance do poeta Aleixo – 119.
Rosa Maria – 129.
Rosa Mística (novela) – 147.
Rosas do meu jardim: versos – 116.; 117.
Rosas do Natal – 138.
Rouxinol (O) e a rosa – 204.
Rua longa (poemas) – 112.
Salazar Moscoso: um poeta algarvio esquecido. Notas bio-bibliográficas e breve antologia – 200.
Santa Bíblia – Á mocidade do lyceu de Faro dedica o auctor – recitada pelo académico António Miguel Galvão – na recita de 1 de Dezembro de 1902 no Teatro Lethes – Faro – 93.
Sarau de gala promovido pela academia Fareense – Em comemoração da gloriosa data da

Independência de Portugal. Alvorada Gloriosa. Versos recitados pelo alumno do 5.º anno do lyceu Luiz d'Albuquerque Rebello – 81.
Saudação á Pátria: poesia de J. Rodrigues Davim á cidade de Faro. 24-6-908 – 78.
Saudades (As) do silêncio – 103.
Sem defeza!... comedia em 1 acto: propaganda da defeza nacional – 97.
Sem Deus nada somos: versos e prosa – 145.
Sem instrucção – 335.
Serenata de Mefistófeles – 136.
Sete poemas rebeldes e carta a Pablo Picasso – 35.
Silhuetas e visões: estudos e evocações – 28.
Sinfonia dolorosa – 137.
Sol do Algarve: cantigas – 100.
Sonetos proibidos e outros poemas – 208.
Sorridente (poemas humorísticos) – 191.
Spirales: poèmes – 185.
Sul (O) do meu país (sonetos) – 177.
Teatro (O) (Na reabertura do «Lethes») – 79.
Teatro: sacrificio de enfermeira – 128.
Telegramas – 39.
Tempo (O) e os sinais – 56.
Tu – 27.

Túnel: poemas imperfeitos de quem se não sabe poeta. Rasgá-los? Para quê? – 199.

Varanda dos meus sonhos: versos – 109.

Verdade (A) nos meus versos – 211.

Versos de amor e saudade – 62.

Versos (com uma apreciação do ilustre poeta Dr. Rodrigues Davim) – 133.

Versos (Os) de Francisco Martins Farias: poeta popular – 203.

Versos (Os) de José António Dentinho – 206.

Versos recitados pela Ex.ma Snr.ª D. Maria Areias na recita de caridade promovida por uma comissão de senhoras do Grémio Popular de Faro em 28 de Maio de 1917 no cine-theatro Fareense – 85.

Vietname... Em nome da liberdade – 58.

Vingança (A) d'um filho – 212.

Vilhenas: drama histórico – 172.

Vulpes fabulosa – 178.

Zagala: poemas – 184.

1.º de Dezembro – poesia recitada pelo académico J. B. Caleça. I-XII-905 – 124.

30 Sonetos – 186.

Concelho de Lagos

Aventuras d'um rapaz solteiro – 2.

Cavaleiro (O) do templo – 3.

Cegueira da ambição – 7.

Excesso d'amor maternal – 11.

Maldição (Uma) – 6.

Negociante (O) e o pescador – 4.

Nos dois mundos: novela espírita psicografada pelo médium semi-mecânico Abílio do Nascimento Quintinha – 1.

Objecto experimental – 15.

Penedo (O) do calvário – 8.

Poema para hoje – 14.

Poemas: o frio dos dias – 16.

Pomo (O) da discórdia – 12.

Por causa d'huma herança – 9.

Senhoras! – 13.

Viajante (O) – 5.

Victimas d'uma mulher – 10.

Concelho de Loulé

Homenagem aos soldados, naturaes deste concelho, mortos na grande guerra, em Africa e França – Loulé, 9 de Abril de 1923 – 26.

Rotas do sol e do mar: poemas do Algarve – 25.

Concelho de Olhão

Anno bom – 214.

Atlantide! Meu reino de outrora (humanos, farrapos em vida e na morte...) – 213.

Coplas da revista em 2 actos e 5 quadros: conversa p'ra mais um número – 218.

Diário de um pensador – 219.

Gôtas de tinta – 216.

Hora litteraria: revista quinzenal, ilustrada, de litteratura, sciencias e artes – 221.

Ídolos (Os) de barro II: Júlio Dantas – 215.

Meu (O) testamento: versos humorísticos – 217.

Meus (Os) afilhados: temporal na Fonte Santa, o passado do meu neto, versos humorísticos por José António Dentinho – 222.

Redempção (A) – 220.

Concelho de Portimão

Faúlhas – 19.

Homem (Um) aos nove anos – 17.

Mulher (A) relâmpago – 18.

Concelho de Silves

Alma Algarvia – 20.

Hora litteraria: revista quinzenal, ilustrada, de litteratura, sciencias e artes – 21.

No fim da guerra... (Um sonho) – 22.

Revolução (A) de cinco de Dezembro – 23.

Trinta anos d'aventuras – 24.

Concelho de Tavira

Algumas coplas da revista em 2 actos, um prólogo e 15 quadros ponto e vírgula – 233.

Bando precatório – a favor dos famintos de Cabo-Verde – Versos do Ex.^{mo} Sr. Dr. Rodrigues Davim, que gentilmente os ofertou e escreveu para este acto – 254.

Contos infantis: collecção de pequenas narrativas tendentes a imprimir no espírito das crianças os principios mais convenientes á sua educação religiosa e civil – 226.

Contos Tradicionaes do Algarve – 229.

Coplas da revista em 1 acto jardim da Europa á beira-mar plantado: receita para os “Padrões da Guerra” e sanatório dos Sargentos tuberculosos – 231.

Coplas do arranjo em 1 acto e 2 quadros de alguns números da revista na corda bamba de A. Santos e J. Galhardo – 232.

Ecos do coração – 234.

Em festa: numero unico para propaganda da província do Algarve, por ocasião das festas da cidade de Faro em Julho de 1910. Collaboração exclusiva de escriptores algarvios – 230.

Espumas irisadas: poesias – 240.

Fabulas de Phedro – 223.

Fronteiriços: romance – 235.

Homenagem da academia Fareense a João de Deus – 8 de Março de 1895 – 224.

Ilha (A) dos sonhos malditos? Poemas – 242.

Incidente de Repartição – 249.

Jardins suspensos: poemas – 236.

Lágrimas de luz: versos – 238.

Lágrimas: sonetos – 244.

Lisboa, Outono: apontamentos – 248.

Lyra (A): literário algarvio – 253.

Mouras (as) encantadas e os encantamentos no Algarve, com sete gravuras, uma canção para piano e algumas notas elucidativas ao texto por Francisco Xavier d' Athaide Oliveira – 227.

Poemas breves – 247.

Poemas da fonte d'Eros: líricas – 243.

Poesias Escolhidas – 246.

Pontas de fogo: gazetilhas – 241.

Prova (A) real: contos – 250.

Recantos Farenses – 245.

Reyno (O) do Algarve – 228.

Rosas Desfolhadas – 225.

Sob o império da verdade: versos – 239.

Sol-pôr – 252.

Travessia – 237.

Versos – 251.

Concelho de Vila Real de Santo António

À vista: poemas de Elviro Rocha Gomes – 304.

Aceitar (poemas) – 264.

Açucenas bravas: versos – 317.

Aquarelas: versos – 313.; 314.

Aldeia em festa – 300.

Ao príncipe azul... Cartas que o sol queimou... – 321.

Aos pés da cruz – 323.

Apontamentos de literatura Alemã – 265.

Bom tom (poemas humorísticos) – 260.

Bruxa (A) (poema humorístico) – 273.

Cântico ao poeta Algarve: poemas – 289.

Carrocel «Superstar»: poesia – 278.

Cartas de Portugal para o Algarve – 325.

Cinzas do meu pensamento – 279.

Convites: poemas de Elviro Rocha Gomes – 307.

“Descrevinhações”: as palavras... São pessoas – 299.

Desenhos de alma (poemas) – 262.

«Devaneios»: Amor e Sentimento – 255.

Do ir ao doer – 291.

Enredando enredos... (Curtas divagações sobre histórias curtas) – 280.

Entre parêntesis (versos para rapazes) – 257.

Entretanto: poemas de Elviro Rocha Gomes – 305.

Espaço de Tavira – 268.

Esperança e descrença: sonetos de Hanid : Estela – 318.

Eu de atalaia: poemas de Elviro Rocha Gomes – 303.

Expresso: poemas – 290.

Fala (A): poemas de Elviro Rocha Gomes – 284.
Flores dispersas – 281.
Flores do campo: versos – 311.
Flores do meu caminho – 267.
Goethe (contribuição para o estudo da sua personalidade e obra) – 258.
Guerreiro (O) cristão (historias em verso) – 315.
Helen Keller: poema épico – 256.
Ilusão – 297.
Instante d’eu próprio – 293.
Jardins de Outono: poemas – 270.
Jogos florais da praia de Albufeira 1956 promovidos pela comissão da “sopa dos pobres” – 326.
Jogos florais do 5.º centenário de Moncarapacho – 272.
Lápis de cor: versos – 316.
Libelinha (romance) – 259.
Minha (A) poesia – 277.
Monólogo do Patrão Joaquim Lopes – 283.
Nem Sempre... – 266.
No mundo dos lilases: breves notas de viagem à Checoslováquia, à União Soviética e à Polónia passando pelas Alemanhas – 269.
Octopa – 282.
Paz e amor – 322.
Poemas (Os) da verdade – 261.
Poemas escolhidos: antologia organizada por Hermínio de Oliveira – 296.

Poemas: escutem – 275.
Poeta (O) e a morte – 312.
Poesia mutilada – 276.
Poesias: toda uma vida – 306.
Poetas que a guerra emudeceu – 263.
Portugal maior: sonetos por Vitória Régia – 320.
Quadras com uma carta prefácio do Dr. Júlio Dantas – 310.
Quem te mandou? (Poemas humorísticos) – 292.
Realces: poemas de Elviro Rocha Gomes – 308.
Refúgio poético – 287.
Rosário de cantigas por Vitória Régia – 319.
Santas tradições – 324.
Saudade: sonetos – 288.
Serpente (A) erótica – 285.
Shalom: poemas – 295.
Silêncio: poemas de Elviro Rocha Gomes – 298.
Sombras na lama: poesia – 271.
Surpresa: poemas de Elviro Rocha Gomes – 294.
Vão os momentos voando (poemas) – 301.
Viagem (A) da parker 51 – 286.
Violino (Um) na ramada: sonetos – 309.
Voz (A) do coração: poema de Vitória Régia – 327.
Vozes: poemas de Elviro Rocha Gomes – 302.

25 (O) de Abril: poema épico de Elviro Rocha Gomes lido na sessão de canto livre organizado pelo Círculo Cultural do Algarve no S. Luís Parque em Faro, em 15/7/74 – 274.

Sem Concelho Identificado

A nossas queridas mães: as meninas do “Gymnasio Club” – 324.

Carnaval de 1904 – moiras encantadas – 327.

Creanças – ás pequeninas artistas do Gymnasio-Club de Faro na sua festa de 28 de Maio de 1902 – 326.

Festa de caridade no Cine-Teatro Fareense: 28-Fevereiro-1917 – 328.

Pétalas (a sua Magestade a Rainha) – 323.

Saudação á Amélia Lopiccolo na sua festa artística – 325.

ÍNDICE

CAPÍTULO I	
I.1 Introdução	2
CAPÍTULO II	
II.I A actividade tipográfica no Algarve durante os séculos XIX e XX	7
II.I.1 A actividade tipográfica no concelho de Lagos	8
II.I.2 A actividade tipográfica no concelho de Portimão	27
II.I.3 A actividade tipográfica no concelho de Lagoa	45
II.I.4 A actividade tipográfica no concelho de Silves	46
II.I.5 A actividade tipográfica no concelho de Loulé	56
II.I.6 A actividade tipográfica no concelho de São Brás de Alportel	67
II.I.7 A actividade tipográfica no concelho de Faro	68
II.I.8 A actividade tipográfica no concelho de Olhão	100
II.I.9 A actividade tipográfica no concelho de Tavira	136
II.I.10 A actividade tipográfica no concelho de V. R. Santo António	154
II.II Caracterização da actividade tipográfica algarvia	169
II.II.1A origem e a evolução da actividade	169
II.II.2 Os proprietários das tipografias	173
II.II.3 Os tipógrafos	174
II.II.4 O parque tipográfico	176
II.II.5 A produção tipográfica	177
CAPÍTULO III	
III.I A produção literária impressa no Algarve durante os séculos XIX e XX	178
III.I.1 Nota preliminar	179
III.I.2 Centros de produção literária	179
III.I.3 Tipologias documentais	182
III.I.4 Modos literários	183
III.I.5 A teia literária algarvia	184
CAPÍTULO IV	
IV.1 Conclusão	206
Bibliografia	210
Lista de Ilustrações	228
Lista de Quadros e Gráficos	231
ÍNDICES	233
Índice onomástico de autores	234
Índice onomástico e tipógrafos e industriais gráficos	241
Índice de tipografias	248
Catálogo	252
a. Índice de Tipografias	252
b. Índice cronológico	253

c. Índice onomástico de autores	255
d. Índice onomástico de capistas	259
e. Índice de títulos por concelho	261

APÊNDICE DOCUMENTAL

I. Catálogo da produção literária impressa no Algarve durante os séculos XIX e XX	274
I.1 Concelho de Lagos	278
I.2 Concelho de Portimão	282
I.3 Concelho de Silves	284
I.4 Concelho de Loulé	287
I.5 Concelho de Faro	289
I.6 Concelho de Olhão	348
I.7 Concelho de Tavira	352
I.8 Concelho de Vila Real de Santo António	363
I.9 Publicações sem oficina sem oficina identificada	389
II. Tipógrafos e Industriais das Artes Gráficas (registos biográficos)	392
III. Autores (registos biobibliográficos)	471